

Universidade Estadual de Campinas
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Mestrado em História

LUGAR DE MORADA COMO LUGAR DE MEMÓRIA:

a construção de uma casa museu, a Casa de Rui Barbosa - RJ

Rosaelena Scarpeline

Campinas, 31 de agosto de 2009

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO CM - UNICAMP
Bibliotecária: Eliana Barbosa S. Moreira CRB-8 nº 3767**

Sca76L Scarpeline, Rosaelena
Lugar de morada como lugar de memória: a construção de uma casa museu, a Casa de Rui Barbosa-RJ / Rosaelena Scarpeline. - - Campinas, SP : [s. n.], 2009.

Orientador: Marcos Tognon
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1.Casa Museu 2.Casa Museu Rui Barbosa 3.Barbosa, Rui – Biografia 4. Museografia. I. Tognon, Marcos. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III.Título.

Título em inglês: Place of living as place of memory: the construction of house museum, the Rui Barbosa's House - RJ

Palavras chaves em inglês
(keywords) :

1. House Museum; 2. Rui Barbosa's House Museum; 3. Rui Barbosa – Biography

Área de Concentração: Política, Memória e Cidade

Titulação: Mestre em História

Banca
examinadora:

**Marcos Tognon, Maria Stella Martins Bresciani,
Marly Rodrigues, Olga R. Moraes von Simson,
Maria Isabel Marson**

Data da defesa: 31 de agosto de 2009

Programa de Pós-Graduação: História

ROSAELENA SCARPELINE

LUGAR DE MORADA COMO LUGAR DE MEMÓRIA:

a construção de uma casa museu, a Casa de Rui Barbosa-RJ

Dissertação de Mestrado
apresentada ao Departamento de
História do Instituto de Filosofia e
Ciências Humanas – Universidade
Estadual de Campinas, realizada
sob a orientação do Prof. Dr.
Marcos Tognon

Este exemplar corresponde à redação
da Dissertação defendida e aprovada
pela Comissão Julgadora em 31 de agosto de 2009.

Banca examinadora:

Prof. Drº Marcos Tognon

Prof. Drª Maria Stella Martins Bresciani

Prof. Drª Marly Rodrigues

Prof. Drª Olga Rodrigues de Moraes von Simson (suplente)

Prof. Drª Maria Isabel Marson (suplente)

Campinas, 2009.

“O trabalho e uma boa prosa têm três degraus: um musical, em que ela é composta; um arquitetônico, em que ela é construída; e enfim, um têxtil, em que ela é tecida”¹

Obrigado por galgar esses degraus ao meu lado.

¹ Walter Benjamin, *Rua de mão única*, p. 27

RESUMO

Lugar de morada como lugar de memória: à construção de uma casa museu, a Casa de Rui Barbosa-RJ

Estudaremos a Casa Museu Rui Barbosa, situada no Rio de Janeiro, local que Rui e sua família ocuparam por 28 anos e que com sua morte em 1923, que foi vendida para governo brasileiro para ser transformado em um Museu Biblioteca. Ao ser institucionalizada como lugar de memória, deixou de ser residência de um homem público e passou a ser um bem, uma referência à sociedade e a nação. Uma casa que deve ser preservada, não por ser um exemplar arquitetônico de sua época, mas por ser um marco histórico, um monumento, local onde deve ser reverenciada a presença de seu proprietário, para que não caia no esquecimento coletivo seus feitos e saberes. Sabemos que a função principal de uma Casa Museu é, através da narrativa histórica do patrimônio material e imaterial, criar uma ambientação crível que levará o visitante a compartilhar a vivência de seu personagem símbolo, adquirindo conhecimento. Partindo desse princípio vamos delinear quais são os caminhos utilizados para nortear a montagem de uma casa museu, nos inserindo em um universo multidisciplinar em busca do embasamento necessário a sua museografia. Pois reforçando igualdades e diferenças, somos responsáveis por tecer a teia que vai reforçar a presença do personagem símbolo, na história e memória de nosso país. Personagem digno de ser destacado, homenageado, um mito a ser reverenciado.

Palavras chaves: Casa Museu; Casa Museu Rui Barbosa; Barbosa, Rui – Biografia; Museografia

ABSTRACT

Place of living as place of memory: the construction of a house museum, the Rui Barbosa's house

We will study The Rui Barbosa museum at in Rio de Janeiro. The place where Rui and his family lived for twenty eight years and after his death in 1923, was transformed into a museum by the Brazilian government. At the moment it was institutionalized as a place of memory, it ceased to be a place of residence and became a reference for society and nation.

The house should be preserved, not as an architectural example of its time, but as a historical mark, a monument, a place which should be revered for its former proprietor's presence, so it doesn't became a forgotten mark of his work and life.

We know that the main function of a museum is, through the historical narrative of the material and immaterial patrimony, to create a believable environment for the visitor to share the existence of the symbol character while acquiring knowledge. Through this principal we will demonstrate the fundamental structure of a residence museum, using a multidisciplinary strategy.

In reinforce similarities and differences, we carry responsibility to enforce the presence of the symbol character in the history and memory of our country. Rui Barbosa was a character worthy to be honored and revered.

Key-words: House Museum; Rui Barbosa's House Museum; Barbosa, Rui-Biography;

AGRADECIMENTOS

Ao fim desse trabalho de pesquisa, ao qual venho me dedicando quase que em tempo integral à três anos, tenho que começar agradecendo a Deus, pois ele me deu forças para enfrentar essa jornada tripla e não me perder no caminho.

Minha formação enquanto pesquisadora vem sendo gestada a muito tempo, posso datar como tendo dado os primeiros passos pelas mãos do Prof. Pasquale Petrone, que me encaminhou pelo mundo das ciências humanas e, me ensinou que, ser bibliotecária não é só cuidar dos livros e da Biblioteca, mas é conhecer seu acervo, pesquisar, estudar, se manter antenada, para poder assim dar informação. Ao chegar na Unicamp, pelas mãos do Prof. José Roberto do Amaral Lapa, outro mundo se descortinou e, nesse me vi envolvida pela história regional, dos memorialistas, do patrimônio edificado e móvel e, da preservação da memória. O Prof. Lapa me ensinou a ser uma pesquisadora, me incentivando e, me guiando pelo universo das pesquisas.

Não posso deixar de agradecer a Profa. Olga R.M.von Simson que, primeiro me levou para à área de educação não formal, mostrando que há muitas maneiras de aprender e principalmente de ensinar. Depois me apresentou a história oral e memória, indicando leituras, ensinado e orientando, muitas vezes me pegando pelas mãos para mostrar o caminho. Devo muito do que sou a você, obrigado por tudo.

Para esse trabalho em especial, tive o incentivo de meu mestre, amigo e parceiro, que desde o primeiro minuto me apoiou, dando idéias, indicando caminhos, trazendo livros de sua própria biblioteca. Quantas e quantas conversas, quantas orientações informais, que ensinavam mais que as próprias leituras. Com paciência, e ele precisou em alguns momentos de muita paciência, ele foi moldando a pesquisa e a pesquisadora, orientando a aluna e sendo parceiro nesse trabalho que estou findando. Obrigado Prof.

Marcos Tognon, grande mestre, nem tenho como agradecer tudo que o fez por mim.

Também preciso agradecer a família, meus filhos e minha mãe, que souberam respeitar meus silêncios e ausências. Meus filhos sempre me incentivaram a seguir em frente com os estudos. Obrigado pela confiança e presença, foi muito valiosa.

Um agradecimento especial ao “meu pessoal” da Biblioteca do Centro de Memória Unicamp, que caminharam comigo, riram e choraram ao meu lado, em especial a Eliana Barbosa S. Moreira, Elizabeth Prado Pazzini e Juliana Rached, vocês foram minha retaguarda. E aproveito para agradecer ao Prof. José Roberto Zan, que soube compreender e respeitar minhas prioridades do momento.

Meu agradecimento ao pessoal da Casa Museu Rui Barbosa, na pessoa da Jurema Seckler e Maria Aparecida Rangel, por me abriram a Casa Museu, mas principalmente, por criarem comigo laços de amizade. E a grande e generosa mestre, Rejane Mendes M. Almeida Magalhães, obrigado por me receber e me orientar, dividir seu conhecimento comigo, ao seu lado me senti pequena. A Paula e Leonardo, no setor de atendimento da Biblioteca da Fundação Casa de Rui Barbosa, que sempre me receberam com um sorriso e foram prontos para me ajudar a resolver minhas inúmeras questões.

Aos amigos e companheiros de jornada, que muito me ajudaram, a Wania L.V. Bertinato, minha consultora para “coisas” de arquitetura, que me ajudou a construir, a Luiz Flávio de Carvalho Costa, que deixou seus afazeres para sonhar comigo, enquanto fotografávamos juntos os ambientes da Casa Museu e a Maria Tereza Junqueira T. Atílio, amiga mais que paciente, leu e releu meu trabalho, tecendo comentários sobre o texto lido. Vocês nem imaginam o tamanho de minha dívida com vocês, eternamente obrigado.

Tantos amigos que seguiram comigo, apoiando e trocando idéias, dividindo sonhos e esperanças, em especial a Jussara e Cláudio Marrichi que

dividiram comigo os apuros de ser pesquisadora, a Henrique Annunciatta, Marcos Rontani, e a Fernanda Tozzo, amigos de todas as horas. A Cássia Denise Gonçalves, Marli Marcondes e Mirdza Sichmann obrigado pelo apoio e pelas conversas instigante. Aos amigos que mesmo não estando perto no dia a dia, torceram e sofreram comigo, não direi o nome de todos, para não correr o risco de esquecer ninguém.

Por fim agradeço aos todos os professores do IFCH-Unicamp da área Política, Memória e Cidade, em especial a Profa. Stella Bresciani, Prof. Edgar de Decca e Profa. Silvana Rubino, pelo muito que me ensinaram, obrigado. A Profa. Marly Rodrigues, que arrumou um tempo em sua agenda, sempre cheia, para vir até Campinas, participar da avaliação desse trabalho, obrigado pelas dicas e orientações, foram valiosas no desenrolar dessa pesquisa.

Índice

Legenda das ilustrações	XIX
Introdução	1
Capítulo 1. Casa Museu Rui Barbosa e suas questões	
1.1. Uma visita à Casa de Rui Barbosa	9
1.2. A Casa Museu e seus percursos	14
1.3. A Fundação Casa de Rui Barbosa e sua Casa Museu: patrimônio da nação	24
Capítulo 2. O homem, o mito e a casa: Rui Barbosa	
2.1. Personagem	37
2.2. Primeiros tempos: breve relato	40
2.3 Dona Maria Augusta e a construção de um lar	43
2.4. A Casa da Rua São Clemente e o exílio	52
2.5. A posse da nova casa	58
2.6. Cotidiano familiar	70
2.7. O Mito	88
Capítulo 3 - Objeto como herança cultural	
3.1. A casa, lugar de coleção	101
3.2. Rui Barbosa: o colecionador de livros	102
3.3. O jardim e as rosas de Rui	114
3.4. O objeto e a arte de colecionar	121
3.5. Colecionismo privado/domestico	132
3.6. A arte do colecionismo privado no Brasil	142

3.7. Objetos testemunha	151
3.8 A Casa Museu e o objeto testemunha	153
Capítulo 4 – Da casa morada a Casa Museu	
4.1. A casa:lugar de vida privada	159
4.2. A materialidade arquitetônica	164
4.3. Os novos equipamentos	179
4.4. A casa como lugar de representação	196
Capítulo 5. A Casa Museu Rui Barbosa	
5.1. A casa: espaço de vida cotidiana	201
5.2. Os ambientes internos e externos: enquanto morada, enquanto museu	202
Planta da implantação: 1º Pavimento e térreo.....	211
5.3. Com licença Sr. Rui: vamos transpor os portões	213
Entrada dos Arcos – Pavimento térreo	221
Recepção – Pavimento térreo	223
Planta do 1º Pavimento – Bloco Sul.....	225
Corredor principal - 1º Pav. – Bloco Sul	227
Sala de Haia - 1º Pav. – Bloco Sul	229
Banheiro - 1º Pav. – Bloco Sul	233
Sala Hábeas Corpus - 1º Pav. – Bloco Sul	237
Sala Maria Augusta - 1º Pav. – Bloco Sul	241
Sala Pró Aliados - 1º Pav. – Bloco Sul	245
Sala da Federação - 1º Pav. – Bloco Sul	251
Sala Buenos Aires - 1º Pav. – Bloco Sul	257

Sala Civista - 1º Pav. – Bloco Sul	263
Sala da Constituição - 1º Pav. – Bloco Sul	267
Sala do Casamento Civil - 1º Pav. – Bloco Sul	275
Sala do Código Civil - 1º Pav. – Bloco Sul	279
Hall para o Sótão - 1º Pav. – Bloco Sul	283
Planta sobrado – sótão.....	285
Sala Abolição – Sótão – Bloco Sul	287
Sala do Estado de Sítio – Sótão – Bloco Sul	291
Sala da Instrução Pública – Sótão – Bloco Sul	293
Planta 1º Pavimento – Bloco Norte.....	295
Sala João Barbosa - 1º Pav. – Bloco Norte	297
Sala Bahia - 1º Pav. – Bloco Norte	303
Sala Questão Religiosa - 1º Pav. – Bloco Norte	309
Copa - 1º Pav. – Bloco Norte	315
Sacada e escada de acesso ao Jardim Interno	319
Corredor de serviço - 1º Pav. – Bloco Norte	323
Banheiro - 1º Pav. – Bloco Norte	325
Sala Queda do Império - 1º Pav. – Bloco Norte	327
Cozinha - 1º Pav. – Bloco Norte	331
Planta do Térreo.....	335
Entrada de Serviço da residência – Pav. Térreo	337
Cocheira e Garagem – Pav. Térreo	339
Visitação Opcional	341

Capítulo 6. Considerações finais	345
Bibliografia	351
Anexos	375

Legendas das ilustrações:

Capítulo 1.

1. Velório de Rui Barbosa no Saguão da Biblioteca Nacional. **Revista da Semana**, Rio de Janeiro, 03.mar.1923. **Centro de Memória – Unicamp – Biblioteca**
2. Fachada a casa da Rua São Clemente em 1927. REIS, Claudia Barbosa. **Memória de um jardim**. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2007. p. 14.
3. Translado do corpo de Rui Barbosa para sua terra natal, Salvador, Bahia. MACHADO, Mário Brockmann, (Org.). **Rui Barbosa**: fotobiografia. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1999. p. 106.
4. Visita de bacharéis da Faculdade de Direito da Bahia, acompanhados do Diretor Américo Jacobina Lacombe e do zelador Antonio Joaquim da Costa, 01.ago.1949. **Fundação Casa de Rui Barbosa. Arquivo**
5. Visita de Getulio Vargas a Biblioteca da Casa de Rui Barbosa, acompanhado de Da. Maria Augusta e do Diretor Américo Jacobina Lacombe, c1938. **Fundação Casa de Rui Barbosa. Arquivo.**
6. Alunos da Escola Rui Barbosa, prestando uma homenagem ao seu patrono, 1945. **Fundação Casa de Rui Barbosa. Arquivo.**

Capítulo 2.

7. Rui Barbosa em 1918. Foto de Annunciato de Sousa. In: MACHADO, Mário Brockmann, (Org.). **Rui Barbosa**: fotobiografia. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1999. p. 69.
8. Casa onde morou Rui Barbosa em sua infância em Salvador, localizada na Rua dos Capitões. **Fundação Casa de Rui Barbosa. Arquivo**
9. Rui Barbosa em 1898. In: MACHADO, Mário Brockmann, (Org.). Op. cit.p. 31
10. Maria Augusta em 1909. In: MACHADO, Mário Brockmann, (Org.). Op. cit.p. 109.
11. Casa em que morou a família Rui Barbosa na Rua Resende, 109, no Rio de Janeiro, 1882. In: NERY, Fernando. **Rui Barbosa**: ensaio biográfico. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1955. p. 158.
12. Casa em que residiu a família Rui Barbosa na Praia do Flamengo, 14, no Rio de Janeiro. In: NERY, Fernando. Op.cit. p. 160.
13. Fachada da casa da Rua São Clemente, Rio de Janeiro, c.1895. **Fundação Casa de Rui Barbosa. Arquivo**

14. Residência da família em Londres, 17 Holland Park Gardens, 1895. .. In: NERY, Fernando. Op. cit. p. 62.
15. Rui e Maria Augusta, c.1916. In: COSTA, Antonio Joaquim. **Rui Barbosa na intimidade**. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1949. frontispício.
16. . O cortejo funerário Rui Barbosa, desfilando através de Petrópolis, ao ser translado para o Rio de Janeiro o ataúde do grande brasileiro. **Revista da Semana**, Rio de Janeiro, v.24, n.10, 03 mar.1923. **Centro de Memória Unicamp. Biblioteca**
17. Rui no jardim de sua casa, c1920. **Fundação Casa de Rui Barbosa. Arquivo**
18. Rui e Maria Augusta em um dos seus passeios matinais, c.1920. **Fundação Casa de Rui Barbosa. Arquivo**
19. Rui Barbosa, 1907. Fotografia de L. Musso, Rio de Janeiro, 1907. In: MACHADO, Mário Brockmann, (Org.). Op. cit.p.6.
20. Cadeira escada da qual Rui sofreu a queda, pertencente à Biblioteca da Casa Museu Rui Barbosa. **Fundação Casa de Rui Barbosa. Arquivo**
21. Garagem da Casa Museu Rui Barbosa, onde se vê em exposição permanente os carros. Na foto o Landau e o Cupê. Foto de Luiz Flavio de Carvalho Costa, 2009.
22. Garagem da Casa Museu Rui Barbosa, onde se vê em exposição permanente os carros. Na foto o carro Vitória e o Benz. Foto de Luiz Flavio de Carvalho Costa, 2009.
23. Filha caçula de Rui, Maria Luísa Victoria Ruy Barbosa, conhecida por Baby. . **Revista Fon-fon**, Rio de Janeiro, v. 27, n .10, 10.mar.1923. **Fundação Casa de Rui Barbosa. Biblioteca**
24. João Ruy Barbosa. **Revista Fon-fon**, Rio de Janeiro, v. 27, n .10, 10.mar.1923. **Fundação Casa de Rui Barbosa. Biblioteca**
25. Francisca Ruy Barbosa Ayrosa. **Revista Fon-fon**, Rio de Janeiro, v. 27, n .10, 10.mar.1923. **Fundação Casa de Rui Barbosa. Biblioteca**
26. Alfredo Rui Barbosa. **Revista Fon-fon**, Rio de Janeiro, v. 27, n .10, 10.mar.1923. **Fundação Casa de Rui Barbosa. Biblioteca**
27. Maria Adélia Ruy Barbosa Pereira. **Revista Fon-fon**, Rio de Janeiro, v. 27, n .10, 10.mar.1923. **Fundação Casa de Rui Barbosa. Biblioteca**
28. Antonio Batista Pereira, genro de Rui. **Revista Fon-fon**, Rio de Janeiro, v. 27, n.10, 10.mar.1923. **Fundação Casa de Rui Barbosa. Biblioteca**
29. Rui e seus 14 netos no jardim da casa da Rua São Clemente em 10 de agosto de 1918. Publicada na Revista Fon-Fon In: COSTA, Antonio Joaquim. Op. cit. p. 112.

30. Rui e Dr. Pedro Sanches de Lemos, Poços de Caldas/MG, 1910. **Museu Histórico e Geográfico de Poços de Caldas/MG**

31. Fachada da residência de Rui em Petrópolis, residência onde ele veio a falecer, 1923. **Fundação Casa de Rui Barbosa. Arquivo**

32. O Jubileu Cívico de Rui. **Revista Fon-fon**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 10, 10.mar.1923. **Fundação Casa de Rui Barbosa. Biblioteca**

33. Escultura da “Água” existente no jardim frontal da casa da Rua São Clemente. A estatua tem a estrutura de cimento e ferro, pintado em cinza. representa uma água tendo uma serpente presa entre suas garras. A cabeça da serpente está voltada para cima, de onde esguicha água. **Fundação Casa de Rui Barbosa. Arquivo**

34. Delegação Brasileira na Segunda Conferência da Paz, Haia, 1907. Vemos ao centro Rui Barbosa. In: MACHADO, Mário Brockmann, (Org.). Op. cit. p. 51.

35. Charge de Rui Barbosa “**No Theatro da Paz: apothose final**”. **O Malho**, Rio de Janeiro, 26.out.1907. **Biblioteca Nacional.**

36. . Prof. Alberto Baldissara, da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e o corpo de Rui, no momento de ser tirar molde em gesso para fazer a mascara mortuária, que hoje se encontra na Casa Museu. **Revista Fon-fon**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 10, 10.mar.1923. **Fundação Casa de Rui Barbosa. Biblioteca**

37. Missa de corpo presente realizada na Biblioteca Nacional por sua Ex. Revma. Sr. Dr. Sebastião Leme, arcebispo coadjunto do Rio de Janeiro. **Revista da Semana**, Rio de Janeiro, v.24, n.10, 03 mar.1923. **Centro de Memória Unicamp. Biblioteca**

Capítulo 3.

38. Gabinete Gótico, um dos escritórios de Rui, todas as paredes possuem estantes de livros. Foto atual de Luiz Flávio de Carvalho Costa.

39. Biblioteca de Rui Barbosa, vendo-se as famosas estantes de madeira com monograma, c1923. **Fundação Casa de Rui Barbosa. Arquivo.**

40. A grande maioria dos livros pertencentes à coleção de Rui são encadernados. Detalhe das estantes do Gabinete Gótico. Foto atual de Luiz Flávio de Carvalho Costa.

41. Jardim de hortênsias da casa de Petrópolis. **Revista da Semana**, Rio de Janeiro, v.24, n.10, 03 mar.1923. **Centro de Memória Unicamp. Biblioteca**

42. Maria Augusta, Rui e uma de suas netas, em um dos bancos do jardim lateral da residência da Rua São Clemente. **Revista Fon-Fon**, Rio de Janeiro, v.17, n. 10, 10 mar. 1923. **Fundação Casa de Rui Barbosa. Biblioteca.**

43. Kiosque de madeira onde Rui e familiares tomavam banho nos dias quentes. Foto atual de Henrique Annunciatta.

44. O Ministro da Justiça Viana do Castelo inspecionando as obras de reconstrução da ala esquerda do jardim, 1930. **Fundação Casa de Rui Barbosa. Arquivo**

45. Jardim interno da Casa Museu Rui Barbosa. Foto atual de Henrique Annunciatta.

46. Jardim frontal da Casa Museu Rui Barbosa, vendo-se a água, o lago artificial e uma das pontes. Foto atual da autora.

47. Corredor de acesso a Biblioteca, repleto de estantes de livros dos dois lados. Foto atual da autora.

48. Vão de escada de acesso ao sótão, onde em toda a extensão da parede há estantes repleta de livros. Foto atual da autora.

Capítulo 4.

49. Fachada frontal da Casa Museu Rui Barbosa. Foto atual da autora.

50. Pintura parietal, de inspiração pompeana, presente nas paredes da Sala de conversa. Foto atual da autora.

51. Clarabóia de estrutura em ferro com vidro transparente e colorido do Hall do Sótão. Foto atual da autora.

Capítulo 5

52. Rui e seu canteiro de rosas, c.1918. O fotografo da revista Fon-Fon estava oculto sob uma árvore no jardim, sem que Rui se desse conta de sua presença, essa informação consta da revista. **Revista Fon-fon**, Rio de Janeiro, 10. ago.1918. **Fundação Casa de Rui Barbosa. Biblioteca**

53. Rui em um dos seus Gabinetes, c.1910. **Fundação Casa de Rui Barbosa. Arquivo.**

54. Imagens da Biblioteca e dos Gabinetes de Rui. **Revista Paratodos**, Rio de Janeiro, v.5, n.221. **Fundação Casa de Rui Barbosa. Arquivo.**

55. Interior da residência da Rua de São Clemente. **Revista Paratodos**, Rio de Janeiro, v.5, n.221. **Fundação Casa de Rui Barbosa. Arquivo.**

56. Rui acompanhado com seus familiares, na residência de Petrópolis, datada de jan.1923. **Revista da Semana**, Rio de Janeiro, v.24, n.10, 03 mar.1923. **Centro de Memória Unicamp. Biblioteca**

57. Fachada da casa da Rua São Clemente, c.1923. **Fundação Casa de Rui Barbosa. Arquivo.**

58. Vista do jardim frontal, com a ponte e o lago artificial. Foto atual da autora.
59. Detalhe da fachada da residência da Rua São Clemente. Foto atual da autora.
60. Leão em ferro fundido que decora a escada frontal da residência. Foto atual da autora.
61. Fachada onde está incrustada na alvenaria Vila Maria Augusta. Foto atual da autora.
62. Busto de Rui Barbosa, na entrada lateral direita da residência. Foto atual da autora.
63. Escultura da águia que se encontra no jardim frontal da residência. Foto atual da autora.
64. Entrada dos Arcos, na lateral direita da residência. Foto atual da autora.
65. Porta em duas folhas de ferro ornado, entrada para a Casa Museu Rui Barbosa. Foto atual da autora.
66. Placas incrustadas na parede da entrada da CMRB. Foto atual da autora.
67. Placa incrustada na parede da entrada da CMRB, que se refere a sua inauguração. Foto atual da autora.
68. Segunda porta de entrada da CMRB, em madeira e vidro decorado. Foto atual da autora.
69. Escada de acesso ao 1º Pavimento. Foto atual da autora.
70. Painel com fotos de Rui e sua família, e algumas frases dele, localizada na sala em anexo a entrada para a CMRB. Foto atual da autora.
71. Corredor principal. Foto atual da autora.
72. Clarabóia do corredor principal. Foto atual da autora.
73. Gabinete holandês, já na casa da Rua São Clemente, c.1925. **Fundação Casa de Rui Barbosa. Arquivo.**
74. Gabinete holandês, enquanto na casa de veraneio, em Petrópolis. Na escrivaninha vemos o chapéu usado por Rui para se proteger do sol, c.1925. **Fundação Casa de Rui Barbosa. Arquivo.**
75. Sala de Haia, Foto do site de divulgação, visita a Casa Museu, da FCRB. Disponível em: **Fundação Casa de Rui Barbosa.** www.casaruibarbosa.gov.br. Acesso em 03/03/2009.
76. Estante de livros pertencente ao Gabinete holandês. Foto atual da autora.

77. Escrivadinha que pertenceu a Rui, parte do Gabinete holandês. Foto atual da autora.
78. Banheiro do casal. Foto do site de divulgação, visita a Casa Museu, da FCRB. Disponível em: **Fundação Casa de Rui Barbosa**. www.casaruibarbosa.gov.br. Acesso em 03/03/2009.
79. Pia em mármore bege com pés de ferro, ao fundo biombo em madeira e tecido para esconder a louças sanitária. Foto atual da autora.
80. Banheira de louça branca com pés de leão. Foto atual da autora.
81. Quarto do casal, c.1923. **Fundação Casa de Rui Barbosa. Arquivo.**
82. Quarto do casal. Foto atual de Luiz Flávio de Carvalho Costa.
83. Cômoda penteadeira. Foto atual da autora.
84. Genuflexório. Foto atual da autora.
85. Quarto de vestir de Da. Maria Augusta, c1923. **Fundação Casa de Rui Barbosa. Arquivo.**
86. Quarto de vestir de Da. Maria Augusta. Foto do site de divulgação, visita a Casa Museu, da FCRB. Disponível em: **Fundação Casa de Rui Barbosa**. www.casaruibarbosa.gov.br. Acesso em 03/03/2009
87. Detalhe do forro de estuque decorado. Foto atual da autora.
88. Guarda roupa com porta com espelho em cristal. Foto atual da autora.
89. Retrato de Maria Augusta, pastel, pintado por Gustave Brisgand, 1922. Foto atual da autora.
90. Sala de visitas/recepção, c1923. **Fundação Casa de Rui Barbosa. Arquivo.**
91. Sala de visitas, 1999. LAMOUNIER, Bolívar. **Rui Barbosa**; fotografias de Cristiano Mascaro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. p.8
92. Sala de visitas. Foto do site de divulgação, visita a Casa Museu, da FCRB. Disponível em: **Fundação Casa de Rui Barbosa**. www.casaruibarbosa.gov.br. Acesso em 03/03/2009
93. Cadeiras em estilo D. José I, poltronas de braço, estofadas na cor rosa. Foto atual da autora.
94. Portas de duas folhas, em madeira com bandeira em vidro colorido, de acesso as salas sociais. Foto atual da autora.
95. Sala de visitas. Foto atual de Luiz Flávio de Carvalho Costa.

96. Pintura de Cristo, emoldurada em madeira, pendurada em cima da porta de acesso a Sala de Visita, no corredor principal. Foto atual de Luiz Flávio de Carvalho Costa.
97. Salão de festas, c1923. **Fundação Casa de Rui Barbosa. Arquivo.**
98. Salão de Festas, 1999. LAMOUNIER, Bolívar. Op. cit. p. 7.
99. Salão de Festa, detalhe do forro em estuque ornado e decorado. Foto atual de Luiz Flávio de Carvalho Costa.
100. Detalhe do Salão de Festas, onde podem ser visto as esculturas em bronze e os jarrões esmaltados. Foto atual de Luiz Flávio de Carvalho Costa
101. Detalhe do Salão de Festas, mostrando o lustre adaptado para luz elétrica. Foto atual da autora.
102. Sala de Música, c1923. **Fundação Casa de Rui Barbosa. Arquivo.**
103. Sala de Música, 1999. LAMOUNIER, Bolívar. Op. cit. p.9
104. Detalhe do forro em estuque ornado e decorado. Foto atual da autora.
105. Detalhe da decoração da Sala de Música. Foto atual da autora.
106. Cadeiras dispostas ao redor do piano. Foto atual da autora.
107. Piano que pertenceu a Da. Maria Augusta. Foto atual da autora.
108. Gabinete de trabalho de Rui, conhecido como Gabinete Gótico, c1923. **Revista Paratodos**, Rio de Janeiro, v.5, n.221. **Fundação Casa de Rui Barbosa. Arquivo.**
109. Antonio Joaquim da Costa, mordomo de Rui no Gabinete Gótico, 1949. COSTA, Antonio Joaquim da. Op.cit. p. 27.
110. Gabinete Gótico. Foto do site de divulgação, visita a Casa Museu, da FCRB. Disponível em: **Fundação Casa de Rui Barbosa.** www.casaruibarbosa.gov.br. Acesso em 03/03/2009.
111. Detalhe do Gabinete Gótico dando enfoque as estantes de livro. Foto atual de Luiz Flávio de Carvalho Costa.
112. Detalhe da escrivaninha de Rui, dando enfoque ao tablado embaixo da cadeira. Foto atual da autora.
113. Salão da Biblioteca de Rui, c1923. **Fundação Casa de Rui Barbosa. Arquivo.**
114. Salão da Biblioteca de Rui. LAMOUNIER, Bolívar. Op. cit. p.13.
115. Porta de acesso a Biblioteca, pelo jardim interno. Foto atual da autora.

116. Corredor de Biblioteca, acesso através da Sala de Música, em toda a sua extensão existem estantes de livros. Foto atual da autora.
117. Salão principal da Biblioteca. Foto atual da autora.
118. Mesa em que Rui se sentava, ao lado da janela de onde se vê o jardim interno. Foto atual da autora.
119. Escrivadinha de Rui na Biblioteca. Foto atual da autora.
120. Detalhe do monograma escrutado na estante de madeira. Foto atual da autora.
121. Quarto de vestir de Rui, c.1923. **Fundação Casa de Rui Barbosa. Arquivo.**
122. Quarto de vestir de Rui. Foto do site de divulgação, visita a Casa Museu, da FCRB. Disponível em: **Fundação Casa de Rui Barbosa.** www.casaruibarbosa.gov.br. Acesso em 03/03/2009.
123. Banheiro portátil, composto de vaso sanitário e bidê, de louça branca. Foto atual da autora.
124. Estante de livros do Quarto de vestir. Foto atual da autora.
125. Cômoda penteadeira, com tampo de mármore cinza. Foto atual da autora.
126. Objetos de uso pessoal de Rui, em exposição no Quarto de Vestir. Foto atual da autora.
127. Botinas e bengala utilizada por Rui, em exposição no Quarto de Vestir. Foto atual da autora.
128. Quarto particular de Rui, conhecido como Gabinete Branco, vendo-se a escrivaninha estante, c1949. COSTA, Antonio Joaquim da. Op. cit. p.19.
129. Quarto Particular de Rui. Foto do site de divulgação, visita a Casa Museu, da FCRB. Disponível em: **Fundação Casa de Rui Barbosa.** www.casaruibarbosa.gov.br. Acesso em 03/03/2009.
130. Chaise-longue, onde Rui costumava repousar a tarde, ou quando estava adoentado. Foto atual da autora
131. Estantes de livros do Quarto Particular de Rui. Foto atual da autora.
132. Escadas de acesso ao Sótão, detalhe das pinturas parietais. Foto atual da autora.
133. Janela interna do Quarto das Netas de Rui. Foto atual da autora.
134. Clarabóia do Hall de acesso ao Sótão. Foto atual da autora.

135. Quarto do casal Batista Pereira. Foto do site de divulgação, visita a Casa Museu, da FCRB. Disponível em: **Fundação Casa de Rui Barbosa.** www.casaruibarbosa.gov.br. Acesso em 03/03/2009.

136. Guarda roupa, em madeira, com três portas, sendo a central com espelho de cristal. Esse móvel pertencia à casa de veraneio em Petrópolis. Foto atual da autora.

137. Penteadeira em madeira com espelho de cristal emoldurado e tampo de mármore cinza. Esse móvel pertencia à casa de veraneio em Petrópolis. Foto atual da autora.

138. Quarto das Netas de Rui. Foto atual da autora.

139. Cadeiras aguardando restauro. Foto atual da autora.

140. Patamar de acesso ao Hall do Sótão. Foto atual da autora.

141. Escrivania papaleira em madeira e, foto emoldurada de Rui e seus netos. Foto atual da autora.

142. Sala Íntima, c1923. **Fundação Casa de Rui Barbosa. Arquivo.**

143. Sala Íntima, 1999. LAMOUNIER, Bolívar. Op. cit. p.4.

144. Sala Íntima. Foto do site de divulgação, visita a Casa Museu, da FCRB. Disponível em: **Fundação Casa de Rui Barbosa.** www.casaruibarbosa.gov.br. Acesso em 03/03/2009.

145. Porta de acesso a Sala de Jantar, no detalhe o sofá em couro. Foto atual da autora.

146. Porta de acesso a sacada interna da residência. Foto atual da autora.

147. Sala de Jantar, c1923. **Fundação Casa de Rui Barbosa. Arquivo.**

148. Sala de Jantar, 1999. LAMOUNIER, Bolívar. Op. cit. p.15.

149. Poltrona em madeira com braços estofada de cor de rosa, pés de rodinhas. Foto atual da autora.

150. Vaso de cristal e bronze na cor verde. Foto atual da autora.

151. Sala de Jantar. Foto atual de Luiz Flávio de Carvalho Costa.

152. Sala de Almoço, c1923. **Fundação Casa de Rui Barbosa. Arquivo.**

153. Sala de Almoço, 1999. LAMOUNIER, Bolívar. Op. cit. p.16.

154. Sala de Almoço. Foto do site de divulgação, visita a Casa Museu, da FCRB. Disponível em: **Fundação Casa de Rui Barbosa.** www.casaruibarbosa.gov.br. Acesso em 03/03/2009.

155. Sala de Almoço. Foto atual da autora.
156. Copa. Foto do site de divulgação, visita a Casa Museu, da FCRB. Disponível em: **Fundação Casa de Rui Barbosa**. www.casaruibarbosa.gov.br. Acesso em 03/03/2009.
157. Mesa de refeição utilizada pelos empregados da casa. Foto atual da autora.
158. Porta de acesso a sacada interna da residência. Foto atual da autora.
159. Pia em mármore cinza, com suporte em madeira laqueada de branco, no destaque a talha de barro, que não pertencia a casa. Foto atual da autora.
160. Escada de acesso a sacada interna da residência. LAMOUNIER, Bolívar. Op. cit. p.19.
161. Detalhe da pintura parietal encontrada na sacada interna. Foto atual da autora.
162. Sacada interna da residência. Foto atual de Luiz Flávio de Carvalho Costa.
163. Fachada interna da residência. Foto atual de Luiz Flávio de Carvalho Costa.
164. Interior da sacada interna da residência. Foto atual da autora.
165. Corredor de serviço da residência. Foto atual da autora.
166. Segundo banheiro da residência, utilizado pelos filhos e empregados. Foto atual da autora.
167. Detalhe da pia de louça decorada, origem inglesa. Foto do site de divulgação, visita a Casa Museu, da FCRB. Disponível em: **Fundação Casa de Rui Barbosa**. www.casaruibarbosa.gov.br. Acesso em 03/03/2009.
168. Detalhe do mictório de louça decorada, origem inglesa. Foto atual da autora.
169. Quarto do casal na residência de Petrópolis, c1923. **Fundação Casa de Rui Barbosa. Arquivo.**
170. Quarto da Babá e dos filhos. Foto atual da autora.
171. Detalhe do Quarto da Babá e dos filhos. Foto atual da autora.
172. Penteadeira em madeira, laqueada em azul. Foto atual da autora.
173. Cozinha, 1999. LAMOUNIER, Bolívar. Op. cit. p.18.
174. Cozinha. Foto atual da autora.
175. Fogão de lenha e armário guarda-comida. Foto atual da autora.

176. Entrada dos Arcos, onde podemos ver a entrada de serviço da residência. Foto atual da autora.

177. Escada de acesso ao Corredor de Serviço, vindo do jardim interno. Foto atual da autora.

178. Fachada da Garagem da residência, onde fica a exposição permanente dos carros da família. Foto atual de Luiz Flávio de Carvalho Costa.

179. Exposição permanente de carros. Foto atual de Luiz Flávio de Carvalho Costa.

180. Jardim interno, em destaque a pérgula. Foto atual da autora.

181. Kiosque em madeira no jardim interno da residência. Foto atual da autora.

182. Entrada de Serviço da residência. Foto atual da autora.

183. Antigo escritório do genro de Rui, Batista Pereira. Foto atual da autora.

Pranchas²

Implantação: 1º Pavimento e Térreo, baseado na Planta Baixa do 1º Pavimento, 18.dez.1967. **Fundação Casa de Rui Barbosa. Arquivo**

Planta do 1º Pavimento Bloco Norte, baseado na Planta Baixa do 1º Pavimento, 18.dez.1967. **Fundação Casa de Rui Barbosa. Arquivo**

Planta do 1º Pavimento Bloco Sul, baseado na Planta Baixa do 1º Pavimento, 18.dez.1967. **Fundação Casa de Rui Barbosa. Arquivo**

Planta Porão elevado, baseado na Planta Baixa do Sub-Solo, 14.dez.1967. **Fundação Casa de Rui Barbosa. Arquivo**

Planta do Sótão, baseada na Planta Baixa do 3º Pavimento, 14.dez.1967. **Fundação Casa de Rui Barbosa. Arquivo**

Planta do Térreo, baseada na Planta Baixa do Térreo, 18.dez.1967. **Fundação Casa de Rui Barbosa. Arquivo**

² As pranchas apresentadas nas entre folhas do Capítulo 5. foram realizadas pela autora, em parceria com a arquiteta Wania L.V. Bertinato e da arquiteta Sandra T.N.Sanae.

Introdução

O Centro de Memória–Unicamp, do qual fazemos parte é uma instituição memória que realiza um trabalho voltado para a história da cidade e região. Seu trabalho interdisciplinar envolve vários setores do conhecimento como antropologia, história, geografia, arquitetura, museografia, ciência da informação, educação e cultura. Os projetos de pesquisa e institucionais, desenvolvidos nesse Centro levam-nos a traçar novos caminhos, procurando novos conhecimentos, numa busca constante a favor da preservação da memória, história e patrimônio, seja material e/ou imaterial. O trabalho com a memória é estabelecido por meio de relações com as comunidades locais que nos ajudam a desvendar as tramas e buscar vestígios da história da cidade e de seus habitantes. Construindo parcerias para a recuperação e preservação da memória local, organizando de uma forma racional a vivência coletiva e a identidade cultural, criando ou restabelecendo laços de pertencimento à cidade e às suas instituições.

Trabalhando em um projeto institucional em parceria com a Escola Profissional Don Bosco – Poços de Caldas/MG, nos anos 2003-6, onde fomos responsáveis pelo sub-projeto *“Criação de Espaços de Representação da Memória”*³, começamos a pensar em um espaço arquitetônico que fosse um “lugar de memória”, um museu, guardião dos objetos pertencentes aos fundadores da Escola e também dos objetos didáticos dos primeiros anos letivos. Esse espaço, a princípio casa-memória, foi pensado em um cenário onde a casa morada de seu fundador pudesse ser aproveitada preservando, assim os equipamentos e objetos partes de sua vivência sacerdotal e de sua vida privada.

A idéia inicial de uma exposição foi abandonada quando nos inserimos no universo da museologia, como *“uma ciência social que estuda os objetos [...] preservando a informação social, bem como à transferência de*

³ Esse sub-projeto fazia parte do projeto “Recuperação da Memória da Trajetória da Escola Profissional Don Bosco, Poços de Caldas/MG”, desenvolvido ao longo de 2003-6. Dentro do sub-projeto foi criado e estabelecido a Casa Museu Padre Carlos.

*conhecimento e emoções*⁴ pois o objeto tendo perdido suas funções originais adquirem novas funções como evidência de sua trajetória e da trajetória de seus proprietários. Os equipamentos e objetos transformaram-se em bens culturais, e os bens constituem o patrimônio de uma comunidade, cidade e/ou nação.

Chegamos, assim às Casas Museus, iniciativas para a preservação da memória individual, acervos particulares de personalidades, artistas, políticos, educadores, literatos enfim personagens que se destacam na sociedade em que vivemos e que tenham para a comunidade um papel relevante, servindo de exemplo a ser seguido, digno de fazer parte da memória social dessa comunidade.

As primeiras discussões e fundamentos históricos com os quais tomamos contato aconteceram em 2004 no “I Encontro Regional América Latina e Caribe sobre Casas Museus: A memória como patrimônio imaterial nas casas museus”, que aconteceu no Rio de Janeiro, na Fundação Casa de Rui Barbosa. Nesse encontro, estiveram representadas as diferentes tipologias de casa-museu, seus equipamentos e antigos moradores, traçando um perfil de como elas se relacionam com as comunidades que estão envolvidas e entre si. Tudo isso nos incentivou a aprofundar no tema e realizar um estudo da formação da Casa Museu no Brasil, partindo da primeira Casa Museu institucionalizada, que é a Casa Museu Rui Barbosa no Rio de Janeiro.

O objetivo desse trabalho é pensar a casa morada enquanto espaço de representação, lugar de objetos simbólicos da memória, testemunhas de afetos e acontecimentos, que servem de ponte entre o passado e o presente, o presente e o ausente, o esquecimento e memória, transformado em informação. Estudar o momento de passagem de Casa Morada para uma Casa Museu.

A referida casa, um dos primeiros casarões neoclássico do bairro do Botafogo (RJ) situa-se a Rua São Clemente, nº 134, cercada de um jardim

⁴ MENSCH, Peter van. **O objeto de estudo da Museologia**. Rio de Janeiro: UniRio, 1994. p.5

com pontes, lagos e cascatas, bem ao estilo da época em que foi construído, meado do séc. XIX. Possui, no quintal, muitas árvores frutíferas, um caramanchão em ferro, além de muitos bancos espalhados por toda a sua extensão, convite a sentar e rememorar.

Por ser a primeira casa museu instituída do Brasil, a escolhemos e nos propomos a estudar a transformação ocorrida com a passagem de casa morada, residência da família Rui Barbosa por 28 anos, para sua ambientação em casa museu, espaço re-significado que deverá dar ao visitante uma visão crível do que foi o cotidiano de sua vida privada e familiar no final do século XIX e início do séc. XX.

Ao estudar e entender a conversão da casa morada em casa museu, nos deparamos com conceitos e significados mais complexos do que estabelecem os conceitos da museologia tradicional. A casa, enquanto moradia, traz consigo uma rede de relações sociais e culturais, permeadas de afetividade, memória, gosto e conforto inserida em seus espaços. Pois o proprietário, no momento que toma posse da casa a transforma em lar, espaço privado, onde espera encontrar segurança e aconchego.

Para entender toda essa rede de significados e relações, foi necessário percorrer os caminhos da história, da história do cotidiano, da arquitetura, da memória social e cultural, da antropologia, enfocando cultura material e imaterial, e outros campos de conhecimento que, ao longo de nossa pesquisa de mestrado nos forneceram subsídios para desvendar esse grande universo em que se constitui a casa morada.

Assim, no presente volume resultado de nossa pesquisa, temos no primeiro capítulo “*A Casa Museu Rui Barbosa e suas questões*” vamos traçar um panorama da história de sua constituição, sua história institucional e a criação da Fundação Casa de Rui Barbosa, bem como seu empenho em divulgar e preservar a memória de seu patrono, Rui Barbosa.

No segundo capítulo “*O homem, o mito e a casa: Rui Barbosa*” apresentamos uma breve biografia de Rui Barbosa procurando mostrar, não o homem público: advogado, jornalista, estadista, político de grande

influência no período monárquico e republicano, mas o homem caseiro e familiar, pai de cinco filhos, avô de doze netos, marido dedicado e apaixonado pela sua querida “Cota”⁵, levantando dados de sua vida privada e cotidiana desde seu nascimento até sua morte em 01 de março de 1923, aos 73 anos de idade. Em seguida, apresentaremos sua casa, seu espaço doméstico e familiar, incluindo a paisagem que a rodeia, como o lindo jardim interno e externo, que era cuidado com as próprias mãos, pelo seu proprietário. Trataremos também do mito “Águia de Haia” e de como ele foi fabricado pelo próprio governo brasileiro. A fabricação desse mito veio corroborar a necessidade da nação em compartilhar memórias de homens símbolos⁶, através de referências que unam o sujeito à história, mesmo essa tendo sido construída para manter tradições através de narrativas que façam parte do inconsciente coletivo.

No terceiro capítulo, “*Objeto como herança cultural*”, pretendemos estudar a casa como um lugar de coleção, onde prazerosamente e carinhosamente guardamos nossas coleções, afetivas e simbólicas, sem valor no mercado econômico. Começando pelo colecionador Rui Barbosa e sua imensa biblioteca, produto de toda uma vida, que fez dela um de seus maiores legados para as gerações futuras. Sem esquecer de mencionar o colecionador de rosas, coleção essa viva que exigia de seu proprietário uma dedicação diária. Pretendemos também, entender as relações invisíveis que transformam um simples objeto (muitas vezes de uso cotidiano, comum) em objeto testemunha, parte da experiência do sujeito com e no mundo, responsável por revelar os vínculos das pessoas com os lugares, carregados de valores afetivos e subjetivos. Tentaremos analisar do que são formadas as coleções domésticas, muitas vezes sem significado para um meio social e cultural mais amplo, carregadas de emoções e lembranças individuais e/ou familiares, representativas dentro do universo da casa morada. Para tal

⁵ Cota é o apelido pelo qual Rui se dirigia a sua esposa, Maria Augusta Ruy Barbosa. BANDEIRA, Carlos Viana. . **Lado a lado com Rui**: 1876-1923. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1960. p. 195.

⁶ SALIBA, Elias Thomé. Á sombra do imortal: reflexões sobre a nação e a memória. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v.4, p.309-16, 1996. p. 311.

pretendemos traçar um panorama do nascimento do colecionismo privado/doméstico na Europa e no Brasil, colecionismo esse que se transforma em herança cultural, pois são deixados para que as próximas gerações, muitas vezes com o objetivo de perpetuar a memória de seu proprietário. Finalmente, analisaremos as relações do objeto testemunha com a Casa Museu, local eleito para homenagear uma personalidade significativa para uma comunidade, cidade ou nação, com o objetivo de criar ou reforçar um mito.

No quarto capítulo, *“Da casa morada à Casa Museu,”* procuraremos levantar as mudanças que ocorreram em sua arquitetura e nos equipamentos construtivos que a compõem, modernizando e transformando as cidades em seus aspectos construtivos, sanitaristas e higienistas, até meados do século XX. Procuramos levantar as mudanças ocorridas nos equipamentos domésticos que, entrando nas casas moradas transformaram o privado e o social, desde a água encanada, a luz a gás e posteriormente a elétrica, até a forma de ambientação, decoração e socialização tão em pauta no final do séc. XIX e início do séc. XX. Finalmente traçaremos um panorama da casa como lugar de representação, pois acreditamos que esse embasamento é necessário quando pretendemos entender e re-significar uma casa, enquanto monumento histórico, tornando-a representativa para uma comunidade, cidade ou nação, fazendo parte da memória coletiva.

Por fim no quinto capítulo, *“A Casa Museu Rui Barbosa,”* apresentaremos a Casa Museu, que foi casa morada da família de Rui Barbosa, eleita para ser representativa não só da cidade do Rio de Janeiro, onde está situada, mas também de toda a nação, pois como poderemos ver a história de seu proprietário se confunde com a história de nosso país. Apresentaremos cada cômodo utilizado pela família, enquanto casa morada, e depois enquanto casa museu. Para isso, iremos utilizar fotografias de três períodos específicos: da época em que era um lar (1921-3), de fotografias

tiradas em 1999 pelo fotógrafo Cristiano Mascaro, publicadas em um álbum⁷, e fotos atuais dos ambientes. As fotografias serão utilizadas como documentos históricos, verossímil, representação a partir do real, mesmo sabendo que “...na fotografia vemos o mundo pelo ângulo da câmera, da posição em que ela estava no momento em que o dispositivo para bater foi acionado”⁸, sem conseguir montar um todo, mostrar um ambiente vivo, carregado de afetos. Elas serão utilizadas como testemunhas, um dado do ambiente real, fotografado, talvez como parte da preservação da memória familiar, no caso das fotos antigas, feitas para serem referência imutável “documento visual da aparência do assunto selecionado no espaço e no tempo”⁹. Pretendemos ainda nesse capítulo propor um conjunto de sugestões de releitura das mensagens transmitidas nos ambientes re-significados na Casa Museu Rui Barbosa com o objetivo de homenagear seu proprietário e reforçar o mito.

A análise proposta parte do princípio de que o cenário fabricado de uma Casa Museu é passível de ser aprovado ou reprovado, pois apesar dele estar baseado na história oficial e não oficial, nos documentos, imagens, objetos e depoimentos orais, espelham uma versão escolhida pela instituição, familiares, recordadores ou comunidade, enfim, por pessoas envolvidas na montagem do cenário, interpretando um discurso pré-estabelecido, fazendo um recorte de um período histórico-social-cultural, temporal e situado.

Aprisionando um tempo, por um conjunto homogêneo de representações que unirá documento-objeto-visitante que será utilizado como ponte capaz de despertar no visitante o imaginário sócio-cultural da época ali representada. Esses cenários procuram refletir práticas sociais e culturais, crenças e ritualizações; narrativas míticas, religiosas e ideológicas de seu proprietário e familiares. Porque “...falar de identidade e memória é falar de interpretação, é considerar documento enquanto monumento, é contar com o

⁷ LAMOUNIER, Bolívar. **Rui Barbosa**; fotografias de Cristiano Mascaro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

⁸ Alan Trachtenberg apud BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: história e imagem. Bauru: Edusc, 2004. p. 149.

⁹ Kossoy, Boris. **Realidade e ficções na trama fotográfica**. Cotia, SP: Ateliê, 200. p.37.

*imaginário social...*¹⁰, e o imaginário social possui uma dupla realidade, subjetiva e objetiva, que está inserida na memória coletiva, através de imagens e representações, que se articulam entre si, produzindo o conhecimento.

A casa morada, transformada em monumento, patrimônio cultural e social, por si só não é representativa, necessitando de âncoras para falar ao visitante. Essas âncoras¹¹ selecionadas e historicamente produzidas, com significados e significantes, apoiados na história do personagem, são suportes materiais da memória, com atributos de valores trazidos do passado que, criados, recriados ou mesmo inventados no presente, procurarão reforçar o vínculo do personagem com sua comunidade, cidade e/ou nação.

Esperamos, com esse estudo, mostrar as teias que permeiam a montagem de uma Casa Museu, desde os aspectos construtivos, as mudanças de hábitos e comportamentos provenientes da modernização dos equipamentos e da busca pelo conforto e pelo belo, e a necessidade de se levar em conta à memória histórica e social misturada à tradição da comunidade a qual se espera reconhecimento e identificação.

Argumentamos que só se preserva o que se conhece, e só se conhece o que se identifica como parte da memória coletiva da comunidade. Porque *“Nos humanos construimos memórias, porém as memórias também nos constroem”*¹² e assim, usaremos a história oficial e não oficial, como um recurso para a construção de identidades e a criação de laços de pertencimento através das exposições permanentes e/ou temporárias na Casa Museu.

¹⁰ TEVES, Nilda. Imaginário social, identidade e memória. In: **LINGUAGEM, identidade e memória social**: novas fronteiras, novas articulações. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 67.

¹¹ Todo tipo de informação, seja ela material ou imaterial, utilizada para despertar ou reforçar a memória coletiva. LOVISOLO, Hugo. A memória e a formação dos homens. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p.16-28, 1989. p. 16.

¹² PEREIRO, Xerardo. Apuntes de antropologia y memoria. **O Fiadeiro: el filandor**, n.15. disponível em: www.bajoduro.org. 11p. Acesso em 25 out. 2007. p.1.

Capítulo 1. Casa Museu Rui Barbosa e suas questões

“Inicialmente podemos desenhar essas casas antigas, dar-lhes conseqüentemente uma representação que tem todas as características de uma cópia do real. Esse desenho objetivo, desligado de qualquer devaneio, é um documento rígido e estável que marca uma biografia”¹³
Bachelard

1.1. Uma visita à Casa de Rui Barbosa

Ao realizarmos nossa primeira visita à Casa Museu Rui Barbosa¹⁴, a sensação foi de encantamento. O imponente casarão em estilo neoclássico, que por si só impunha respeito e distanciamento, perdido em meio a prédios e carros no Bairro do Botafogo, no Rio de Janeiro. Cercado por um lindo jardim, com pontes, lagos, peixes, árvores frutíferas e uma pérgula coberta de trepadeiras, onde crianças brincavam e idosos descansavam à sombra das árvores, pensamos que seria muito fácil ser um “gênio” naquele local.

Afinal, tudo ali estava preparado para a meditação, o silêncio entrecortado pelo canto dos pássaros, os bancos estrategicamente colocados nas sombras das árvores. Imediatamente nos transportamos para uma belle époque, um retorno ao Rio de Janeiro antigo, principalmente depois de visitarmos o Kiosque de madeira, localizado no jardim interno e vermos a exposição de pôsteres que nos contavam do período histórico em que Rui e sua família ali moraram.

Relutamos em entrar na casa, pois nos víamos de certa maneira como intrusos, entrando sem sermos convidados. Na companhia de um guarda da Casa Museu, passamos a percorrer os ambientes, seguindo um roteiro pré-estipulado, provavelmente pelos gestores da Casa Museu. Tudo era muito limpo, arrumado, brilhante, podíamos ver ao longe um funcionário guardando

¹³BACHELLARD. **A poética do espaço**. São Paulo: Fontes, 1996. p. 64.

¹⁴Nossa primeira visita foi em 2004, por ocasião do I Encontro Regional América Latina e Caribe sobre Casas Museus.

às pressas o último escovão utilizado para dar brilho ao piso de madeiras largas, onde nossa imagem, refletida nele, tirava o encantamento da visita pois nos trazia para o tempo presente.

Sem lermos o folder que recebemos ao chegar, fizemos o percurso indicado por nosso acompanhante, que muito pouco contou sobre o homem e sua família. Alguns poucos comentários nos ambientes mais significativos, os Gabinetes de Trabalho e a grande Biblioteca, que se impunha dentro da casa vazia, ocupando todos os desvãos.

As legendas dos ambientes traziam poucas informações sobre o patrono daquela residência, e muito menos ainda sobre sua família. Os nomes das salas, remetiam a feitos desse grande brasileiro, o qual ali estava sendo cultuado. Sua casa morada, um lugar de memória, onde a morada havia sido suplantada pelo homem público, tudo ali girava em torno de seus feitos na política, advocacia, jornalismo e tantos outros trabalhos importantes que realizou esse grande brasileiro Rui Barbosa.

Chamou-nos a atenção o luxo, diríamos até a ostentação de alguns ambientes. Algumas perguntas surgiram nesse momento, perguntas que nosso guarda guia tentou de uma forma ou outra esclarecer. Por fim, achamos melhor ler o folder informativo¹⁵, afinal é isso que se espera de um visitante.

Nele encontramos um pequeno histórico da casa que nos indicava quando ela foi construída e por quem, quando Rui a adquiriu e por quanto tempo ele e sua família moraram nela. As informações sobre sua arquitetura muito pouco acrescentaram aos poucos conhecimentos que tivemos ao observá-la, o que nos trouxe a primeira das questões: Porque pouco se fala do patrimônio edificado dessa casa? Seu estilo arquitetônico, sua fachada eclética, suas clarabóias de vidro colorido, suas pinturas parietais e os belos revestimentos em papel de parede. As inovações tecnológicas da época,

¹⁵ **MUSEU Casa de Rui Barbosa.** Rio de Janeiro: Ministério da Cultura/FCRB, [200?]. Folder

principalmente a água encanada, os banheiros internos e a luz a gás e a elétrica¹⁶.

O folder nos esclarece que *“Os ambientes do Museu permanecem basicamente fieis ao original, com as pinturas, os lustres, tapetes e móveis, oferecendo ao visitante uma visão da residência à época em que era ocupada por seu ultimo proprietário, representante da classe média urbana em formação na sociedade brasileira.”*

Aqui formulamos nossa segunda questão: Como se pode afirmar que os ambientes estão “fielmente” arrumados, da mesma forma de quando a família Rui Barbosa vivia nessa casa? Todos os móveis, objetos e adornos estão aqui? Quais foram as bases que os organizadores utilizaram para a montagem dos ambientes? Onde está inserida a família do personagem? Como eram utilizados, na vida cotidiana familiar, cada um desses ambientes? Tantas salas, corredores, gabinetes, desvão, quem era a família que ali morava, havia filhos, que lugar da residência eles ocupavam? E os empregados, para se manter uma casa e um jardim tão grande deveriam ser muitos. Mas a principal pergunta que ficava era em qual espaço dessa linda residência reinava Da. Maria Augusta, esposa de Rui?

Pois sabemos que a casa enquanto lugar de memória traz consigo a capacidade de estabilizar o tempo e despertar no visitante a memória coletiva¹⁷, onde o personagem homenageado e seus familiares possam ser visto, a presença do ausente, através de ambiente crível. Assim, por essa perspectiva, mais uma vez nos perguntamos, além da Biblioteca e dos Gabinetes de Trabalho onde a presença de Rui pode ser sentida, quase como um santuário. Havia muitos outros ambientes, assim como essa família, que fazia daquele lugar um lar, tomava posse dos ambientes?

No folder há também alguma informação sobre o jardim *“O jardim da Casa de Rui Barbosa, como a maioria dos que datam do século XIX, foi*

¹⁶ Nas legendas dos banheiros e da cozinha há referencias quando aos canos de cobre, as louças e azulejos importadas.

¹⁷ OLIVEIRA, Adriana Mara Vaz de. A casa como lugar de memória: o caso da Fazenda Babilônia. *Estudos*, Goiânia, v.31, n.10, 2004. p11-33, p. 19.

influenciado por forte ecletismo e incorporou diversos elementos estrangeiros. [...] representa para as crianças que nele brincam seu primeiro contato com a memória de Rui". Ficamos pensando em como as crianças que brincavam alegremente no playground do jardim acabariam tendo contato com a memória de Rui? E eram muitas crianças que brincavam nele em todos os cinco dias que passamos pelo jardim. Fica a questão sobre qual era a estratégia que a Casa Museu estaria utilizando para que essas crianças vissem naquele espaço de brincadeiras o patrono daquela casa? Havia ainda outra questão aquele "jardim histórico"¹⁸ era representativo da época em que Rui e sua família habitavam a residência, mantinha-se tal qual seu antigo proprietário havia deixado e o que significava um jardim eclético?

Mas voltamos ao folder. Nele há um esquema dos ambientes a serem visitados, no primeiro pavimento e no sótão. Nesse esquema, cada ambiente recebe uma numeração, a legenda que o acompanha nos informa o nome atribuído a cada ambiente quando inaugurada a Casa Museu, em 1930¹⁹. Porém, não nos informa o nome tradicional pelo qual os ambientes de uma casa morada são conhecidos, assim pelo folder fica praticamente impossível recompor a casa morada de Rui Barbosa. Não seria necessário um maior esclarecimento para um visitante incauto?

Também notamos que alguns ambientes, mesmo fazendo parte do roteiro da visita, não estão pontuados no Folder recebido como banheiros e cozinhas. Por outro lado há ambientes pontuados, que não são possíveis de serem visitados, pois permanecem fechados, sendo utilizado para funções administrativas da própria Casa Museu.

Notamos também a falta do ambiente de entrada da Casa Museu, que por coincidência era a entrada utilizada no cotidiano familiar. Em nenhum momento há referência a essa entrada, porém se o espaço a ser visitado fica

¹⁸ O folder nos informa que o jardim histórico tem cerca de 9.000m².

¹⁹ Sua inauguração data de 13 de agosto de 1930, pelo Presidente Washington Luis, que também é o responsável pela denominação salas, visando assim prestar uma homenagem a Rui Barbosa, destacando sua atuação como político, advogado e também a vida familiar.

no primeiro pavimento, porque o espaço térreo de acesso a residência não é mencionado?

Esse ambiente nobre que chamaremos de Hall, lugar de entrada onde todos os visitantes, ao chegarem, são recepcionados, na porta de entrada pelo próprio Rui. Um busto dele está situado logo atrás da mesa da recepção, como é comum nas Casas Museu, um busto de seu proprietário recebendo os visitantes. Esse ambiente feito para receber, diríamos um hall de acesso à residência, possui duas portas, uma em ferro e outra em madeira e vidro, com as paredes revestidas em madeira, um belo piso hidráulico e uma escadaria, também em madeira, que dá acesso ao primeiro pavimento. Impossível ignorá-lo, impossível não se perguntar como era utilizado por Rui e sua família?

Outra questão que nos fez pensar foi porque não faz parte do Roteiro a visita à Garagem da Casa, se lá existe uma exposição permanente dos carros utilizados pela família²⁰. E todos aqueles ambientes do térreo, hoje utilizados pela área administrativa da Casa Museu, como eram utilizados na época em que foi casa morada?

E o que dizer do imponente edifício construído ao fundo do jardim da casa, que abriga hoje a Fundação Casa de Rui Barbosa, dele não encontramos nenhuma informação no folder.

Assim, com todas essas questões pontuadas e procurando entender quais são os caminhos utilizados para nortear a montagem de uma casa museu é que começamos a nos inserir no universo multidisciplinar necessário para dar o embasamento a análise da ambientação de uma Casa Museu, tomando como base de estudos a primeira Casa Museu instituída no Brasil, a Casa Museu de Rui Barbosa.

²⁰ Na garagem, antiga cocheira da residência ficam expostos os quatro carros utilizados pela família: o Landô, o Cupê, a Vitória e o Benz.

1.2. A Casa Museu e seus percursos

“Várias vezes tem-se acontecido estudar, ora sob um, ora sob outro aspecto, esta figura primacial de nossa história, única, absolutamente única entre nós pela imensa complexidade fulgurante, pela extensão sideral de sua órbita, pela irradiação astral de sua força, pelo poder estrelar de sua projeção.”

Senador João Mangabeira²¹

Rui Barbosa faleceu em 01 de março de 1923 aos 73 anos, vítima de uma paralisia bulbar²²; ele se encontrava desde janeiro em Petrópolis, em sua residência de veraneio, para onde se dirigiu em busca de uma recuperação, pois já no Rio de Janeiro, desde agosto do ano anterior, encontrava-se gravemente enfermo. Quando Rui faleceu, sua família passava por muitas dificuldades financeiras. Sua esposa via-se na difícil função de manter aquela casa grande e dispendiosa, por isso a idéia de vendê-la não lhe era estranha²³.

Com a morte dessa figura histórica, sua esposa recebeu três propostas de compra: da Embaixada da Inglaterra que queria adquirir a residência para transferir para lá a sua sede; do Jockey Clube de Buenos Aires interessado em adquirir só a Biblioteca²⁴; e a proposta do governo brasileiro que era a mais fraca financeiramente, porém trazia junto à idéia de transformá-la em uma casa onde fosse cultuada a memória de seu esposo. Foi o Senador Antônio Azeredo quem apresentou a proposta à Da. Maria Augusta, e junto com o Senador Irineu Machado foram os responsáveis por apresentar o projeto ao Poder Executivo.²⁵

²¹ Discurso feito pelo Senador João Mangabeira, orador oficial, na inauguração da Casa Museu Ruy Barbosa, em 13 de agosto de 1930. MANGABEIRA, João. Inauguração da “Casa Ruy Barbosa”, **Bahia ilustrada**, Rio de Janeiro, v.1, n.1, 1933. p. 17.

²² **RUI Barbosa**: cronologia da vida e da obra. 2.ed. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1999. p. 231.

²³ MAGALHÃES, Rejane Mendes de Almeida. Rui Barbosa na Vila Maria Augusta. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1994. p. 21

²⁴ Idem

²⁵ Projeto Antonio de Azeredo, nº 12, 1923 . Autoriza a aquisição da casa da Rua São Clemente, n.134, com o mobiliário, a biblioteca, o arquivo, os manuscritos e as obras inéditas. DO 28.jul.1923. REAL, Regina

Os filhos de Rui exerceram pressão para que fosse vendido para os dois primeiros interessados, pois o valor da venda seria o dobro que o ofertado pelo Deputado Azeredo. Porém, Da. Maria Augusta assim se manifestou: *“Não senhor. Isso vai ficar no Brasil. Comprometi-me com o Azeredo. Vai ser vendido para o Brasil e não assino a escritura que não seja para o governo brasileiro”*. E assim foi feito.²⁶ Na proposta de venda estavam incluídos não só a casa, mas todos os móveis e objetos, a biblioteca que era a menina dos olhos de Rui, os manuscritos, o arquivo e a propriedade intelectual das obras de Rui. Ela impôs uma única condição, que tudo fosse mantido e conservado na forma original, o que foi prontamente aceito pelo governo brasileiro.

O então Presidente da República, Arthur da Silva Bernardes, autorizou e liberou a verba total da transação, no valor de 2.965:000\$000rs²⁷ O crédito foi autorizado através do Decreto nº 4789, de 02.jan.1924, tendo ressaltado em parágrafo único: *“Realizada a aquisição, o Governo fundará, no edifício, e com as instalações adquiridas, um Museu-Bibliotheca,²⁸ podendo dar-lhes, não obstante, os destinos que julgar mais adequado ao culto pela memória do grande cidadão.”*²⁹ Existe também a recomendação de que fosse dado o nome de Da. Maria Augusta a uma seção de sua biblioteca.³⁰ Porém, o dinheiro não foi liberado nessa data.

A liberação da verba para aquisição foi autorizado apenas em outubro, do mesmo ano, ao então Ministro da Justiça Senador João Luis Alves, através do Decreto nº 16.651, de 13.out.1924, publicado no DO 26.out.1924. Porém o referido Senador sendo inimigo político de Rui, sem o conhecimento

Monteiro. **Casa de Rui Barbosa**: resumo histórico de suas atividades. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1957. p. 8

²⁶ Entrevista com Dr. Américo Jacobina Lacombe. Realizada em 21 de abril de 1976. **Fundação Casa de Rui Barbosa. Arquivo**

²⁷ Magalhães, Rejane M. Moreira de Almeida. OP. cit. p. 21.

²⁸ Grifo nosso.

²⁹ **Decreto nº 4789**, de 02.jan.1924. Publicado no DO. 05.jan.1924.

³⁰ Art. 5º Na fundação de qualquer natureza que se fizer em virtude dessa lei, haverá, na bibliotheca, constituída pela livraria que pertenceu ao senador Ruy Barbosa, uma secção especial, composta de toas as obras d'elle adquiridas pela União, e a essa secção será dada a denominação “Secção D. Maria Augusta” em honra a veneranda viúva do immortal. **Decreto nº 4789**, de 02.jan.1924. Publicado no DO. 05.jan.1924

do Presidente da República, adquiriu somente a casa, a biblioteca e as estantes dos livros, os manuscritos, arquivos e a propriedade intelectual. O restante do mobiliário e os pertences de Rui não foram adquiridos, obrigando a família a organizar um Leilão, em 1924, para a venda do restante de móveis e objetos.³¹

Pelo que pudemos ver, no momento de sua aquisição o governo brasileiro já tinha a expectativa de criar uma ambientação que pudesse trazer à memória dos visitantes o personagem, que aquela casa seria um “lugar de memória” responsável por cultivar e divulgar os feitos desse que era considerado um herói nacional.

Rui, ao falecer, foi enterrado com honras de chefe de estado³², já era considerado um “mito” a ser cultuado. Antes mesmo ele já havia sido consagrado como “gênio”, um verdadeiro “semi-deus”³³, pelo povo e em especial pelo governo brasileiro, quando foi comemorado seu Jubileu Cívico, aos 69 anos em agosto de 1918. Foi o primeiro personagem vivo a ser consagrado de maneira tão grandiosa, numa cerimônia de imortalização onde até um busto seu em pedra e bronze foi inaugurado, no saguão da Biblioteca Nacional.³⁴

³¹ Não foi possível encontrar nos documentos do Arquivo da Fundação Casa de Rui Barbosa, documentos referentes a esse Leilão, nem a data que ele se realizou.

³² Todo seu funeral foi pago pelo governo brasileiro, perfazendo um total de 76:676\$500, pagos através do **Decreto nº 4797**, de 08.jan.1924.

³³ GONÇALVES, João Felipe. **Enterrando Rui Barbosa**: um estudo de caso da construção fúnebre de heróis nacionais na Primeira República. (texto) 34p. p.1. Disponível em: **Fundação Casa de Rui Barbosa**. www.casaruibarbosa.gov.br. Acesso em 03/03/2009.

³⁴ Rui foi considerado nessa ocasião como sendo um dos homens mais importantes da nação, o ápice da cultura brasileira, o homem que elevou a nação ao nível daquelas então chamadas de nações adiantadas. GONÇALVES, João Felipe. Op. cit. p.1



Fig. 1. Velório de Rui no saguão da Biblioteca Nacional, RJ. 1923.

Seus funerais deram-se de forma grandiosa (fig. 1), de modo a afirmar sua imortalidade, pois sua inteligência associava-se a uma inteligência imortal. Foi nesse ambiente de comoção de toda uma nação, quando chegavam de todos os cantos, mesmo os mais remotos de nosso país, manifestações de condolências e notícias de homenagens póstuma, que o governo brasileiro apresenta, apenas alguns meses depois de sua morte, a proposta da compra de sua casa e de todos os seus pertences, materiais e intelectuais.

Quando o novo Presidente da República, Washington Luís³⁵, tomou conhecimento que não havia sido adquirido todos os pertences de Rui Barbosa durante o governo anterior, recomenda a criação de um Projeto³⁶ que proceda a aquisição do que ainda estiver disponível. Pelo Decreto nº

³⁵ Segundo a pesquisadora da FCRB Claudia Barbosa Reis “Washington Luís fazia parte do grupo de correligionários e admirados de Rui [...] foi ele o promotor da transformação da casa onde Rui viveu seus últimos 28 anos, em acervo cultural da nação”. Texto de circulação interna da Fundação casa de Rui Barbosa. Apud. ALBERNAZ, Maria Beatriz. **Historiografia das atividades educativas do Museu Casa de Rui Barbosa**, 1930-2005. Trabalho de conclusão de Pesquisa. Rio de Janeiro: FCRB-FAPERJ, 2006-8, p.23

³⁶ **Projeto nº221**, de set.1928, publicado no DO 15.set.1928, que autoriza a despendar a quantia de 350:000\$00 para a aquisição de mobiliário que pertenceu a Rui Barbosa. REAL, Regina Monteiro. **Casa de Rui Barbosa: resumo histórico de suas atividades**. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1957. p. 8.

5.566, de 05.nov.1928, foi liberado o crédito para ser adquirido os móveis que ainda estivessem de posse da família, porém muita coisa já havia sido vendida a particulares e outras instituições. O então diretor da Casa de Rui Barbosa, Américo Jacobina Lacombe, consegue adquirir algumas peças, entre elas a cama do casal da residência de Petrópolis e as cadeiras de couro que pertenciam a Biblioteca.³⁷

Na escritura de venda da casa da Rua São Clemente para o governo federal, datada do ano de 1940, consta:

Escritura datada de 20/02/1940 - Venda da Casa da Rua São Clemente à Fazenda Federal em 08 jan. 1925.

Em nome da viúva Maria Augusta Rui Barbosa, que reside na Rua Hilário Gouvêa, 85 – RJ.

[...] a casa em que residia o Senador Rui Barbosa, com mobiliário, bibliotheca, manuscripto e archivo, bem como a propriedade intelectual das obras d'aquelle brasileiro”p. 2 [...] afim de fundar no referido edifício e com as instalações adquirirem um Museu Bibliotheca”.

[...] Foi nomeada uma comissão para examinar, catalogar e classificar as obras existentes na casa (p.3)

[...] área aproximada 8.966m² – terreno em forma de polygono irregular de sete lados (p.4)

“que os movéis adquiridos, existentes nos gabinetes annexos a Bibliotheca no Salão da Bibliotheca no Gabinete Gothico, no quarto de vestir, no Gabinete Branco, no Gabinete do pavimento terreo, estão descriptos e avaliados no documento de folhas 1-3” (p.5)³⁸

³⁷ MAGALHÃES, Rejane Mendes de Almeida. Op. cit., p. 21

³⁸ **Escritura datada de 20/02/1940** - Venda da Casa da Rua São Clemente à Fazenda Federal em 08 jan. 1925. Arquivo da Fundação Casa de Rui Barbosa, as páginas estão citadas entre parênteses



Fig. 2. Fachada da residência, 1927

Ao analisarmos a escritura podemos notar que, além dos móveis da Biblioteca, os dos Gabinetes utilizados por Rui para trabalhar e o quarto de vestir também foram adquiridos.

Durante alguns anos, a casa ficou fechada e estudou-se a possibilidade de ser instalado nela uma escola³⁹. O Museu Ruy Barbosa (fig.2) foi criado através do Decreto nº 17.758, de 04.abr.1927, *“Considerando a conveniência de manter bem vivo o culto à memória dos grandes cidadãos que por seus serviços se impuzeram à gratidão da Pátria [...] Resolve, na conformidade da autorização expressa no paragrafo único do art. 1º do Decreto Legislativo nº 4.789, de 02.já.1924, criar o Museu Ruy Barbosa, e expedir para o mesmo, o Regulamento que com este baixa...”*⁴⁰

Podemos notar mais uma vez a preocupação do governo brasileiro em manter viva a memória de Ruy, preservando sua casa e seus pertences, através da criação do Museu. Pensando na construção simbólica da nação, cultuando os heróis da Primeira República, consagrando seu personagem,

³⁹MAGALHÃES, Rejane Mendes de Almeida. Op. cit. 21

⁴⁰Decreto nº 17.758, de 04.abr.1927. DO 21 abr.1927.

pois sendo os museus *“lugares privilegiados de construção de memórias, são também palco apropriado para a invenção e a teatralização de tradições”*⁴¹, seria o espaço correto onde o mito deveria se manter vivo e reverenciado através de uma linguagem crível, para servir de exemplo as futuras gerações.

Vale lembrar que foi na década de 20 do século passado, que a nossa nação passou a tomar consciência da preservação do patrimônio nacional, seja ele arquitetônico ou cultural. Foi um período de uma grande efervescência política e cultural, tendo seu auge a Semana de Arte Moderna 1922, em São Paulo e a Exposição Internacional, no Rio de Janeiro. Na área de museus foram criados nessa década cinco museus: em Juiz de Fora o Museu Mariano Procópio em 1921; no Rio de Janeiro o Museu Histórico Nacional em 1922; em Itu/SP o Museu Republicano de Itu em 1923; em Recife o Museu do Estado de Pernambuco⁴² em 1929 e como vimos o Museu Ruy Barbosa em 1927.

Nesse mesmo ano, 1927, o Deputado Sá Filho apresenta um projeto propondo a criação de um Museu Biblioteca sob a denominação de Casa de Rui Barbosa, o qual é aprovado através do Decreto nº 5.429, de 09.jan.1928.⁴³ O objetivo desse Museu Biblioteca era *“conservar, quanto possível, a feição que a residência da família apresentou nos últimos tempos de sua vida.”*⁴⁴

A partir de maio de 1929, o Decreto nº 18.767 apresenta o Regulamento da Casa de Ruy Barbosa, é criado oficialmente um horário para a visitação, *“A Casa conservar-se-à aberta á visita pública, ás quintas-feiras e aos domingos, das 11 às 17 horas.”*, sendo que o expediente de seus funcionários acontecia de terças aos domingos, a partir das 11hs. Nesse

⁴¹ CHAGAS, Mário de Souza. **Há uma gota de sangue em cada Museu**: a ótica museológica de Mário de Andrade. Chapecó: Argos, 2006. p.119.

⁴² CHAGAS, Mário de Souza. 2006. Op. cit. p. 84.

⁴³ Art. 1º Fica creado um Museu-Bibliotheca, sob a denominação de Casa de Ruy Barbosa, que funcionará no prédio, adquirido pelo Governo, onde residio o grande brasileiro [...] o Governo mandará organizar o catalogo da bibliotheca e do museu, bem como classificar as obras publicadas ou inéditas de Ruy Barbosa. [...] bem como o crédito necessário ás obras urgentes do edificio... **Decreto nº 5.429**, de 09.jan.1928, DO 13 jun.1928

⁴⁴ REAL, Regina Monteiro. Op. cit. p. 13.

mesmo Decreto, ficam estipulados os objetivos da Casa, *“tem por fim conservar não só a bibliotheca e o archivo de Ruy Barbosa, adquiridos pelo Estado, mas também, quaesquer objectos que hajam pertencido ao grande estadista da República, ou se relacionem com sua vida e sejam doados”*.⁴⁵

Há a preocupação de se tentar adquirir, principalmente através de doações objetos que pertenceram ao personagem ou à sua família, para ir, pouco a pouco, completando a coleção museológica existente⁴⁶.

Em 1927, a Prefeitura do Rio de Janeiro, tendo como Prefeito Antonio Prado, visando melhorar a circulação urbana no bairro do Botafogo, autorizou a abertura de uma rua de ligação entre a Rua São Clemente e a Rua Assunção⁴⁷. Para tanto, foi necessário destruir parte do jardim lateral esquerdo da casa de Ruy Barbosa, derrubando as árvores, grande parte do canteiro de rosas e a área que unia os lagos do jardim frontal com o do entorno do kiosque⁴⁸.

Em 1930, antes da inauguração da Casa Museu, o Presidente da República Washington Luis determinou ao Prefeito que a rua fosse fechada e que o jardim refeito. Porém não foi possível restabelecer o aspecto de quando a família habitava a casa.⁴⁹ Para refazer o jardim foi contratado o engenheiro Vittorio Miglietta que tinha que adaptar o jardim para função de jardim público, sendo esse trabalho acompanhado de perto pelo então Ministro da Justiça Viana do Castelo⁵⁰.

Durante os preparativos para a inauguração da Casa Museu, Da. Maria Augusta acompanhou de perto a arrumação da casa, *“la todas as manhãs, assistir aos preparativos para a inauguração do Museu. É um prazer doce e amargo ao mesmo tempo. A impressão que domina é que os dias que*

⁴⁵ **Decreto nº 18.767**, de 27.maio.1929.

⁴⁶ Segundo depoimento de Rejane M. Moreira de Almeida Magalhães, o primeiro diretor da Casa Américo Jacobina Lacombe, durante todo a sua gestão não poupou esforços para conseguir reunir objetos que pertenceram a Rui e sua família, é graças a esse esforço que a Casa Museu é hoje um ambiente representativo. Entrevista com Rejane M. Moreira de Almeida Magalhães, realizada em 01.jul.2009.

⁴⁷ A destruição do jardim foi documentada pela Revista Ilustração Brasileira, de 1927. Apud REIS, Claudia Barbosa. **Memória de um jardim**. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2007. p. 24.

⁴⁸ Fundação Casa de Rui Barbosa. www.casaruibarbosa.gov.br. Acesso em 03/03/2009

⁴⁹ MAGALHÃES, Rejane Mendes de Almeida. Op. cit., p. 21

⁵⁰ REIS, Claudia Barbosa. 2007. Op. cit. p. 35

*passaram vão voltar novamente. Tudo aquilo parece que é para recebê-lo de volta. Infelizmente partiu para nunca mais voltar.*⁵¹

A 13 ago. 1930 foi inaugurada a Casa de Rui Barbosa pelo Presidente Washington Luís tendo ao seu lado a viúva Maria Augusta Ruy Barbosa, e como orador oficial, discursou o Senador João Mangabeira:

*“Foi essa crença nas forças eternas, foi essa fé na supremacia das forças moraes, que te levou, grande morto, a trabalhar mais do que os outros. Não trabalhaste em vão! Esta casa, testemunha muda de teus trabalhos, de tuas vigillas e de teus sacrifícios, a nação transformou-a num templo, santificando-o para o culto da democracia e da lei. De ora avante, será aqui que virão pedir inspirações, beber ensinamentos, reaccender a chamma da fé bruxoleante, os amigos do direito, os defensores da liberdade, os devotos da lei, os sacerdotes da justiça! Nesta casa se revirá todos os dias tua Pátria, orgulhosa do monumento que, à tua própria gloria, fundaste com as tuas mãos.”*⁵²

Por ocasião da inauguração, notamos que mais uma vez o governo brasileiro afirma sua preocupação em reverenciar o mito, o homem sábio, culto, digno de admiração, que se espera seja seguido, que se espera que se torne homem símbolo para as gerações futuras de nossa nação. Sua casa, segundo nossa percepção, passou a ser um monumento, com valores atribuídos e solidificados através dos discursos, um local onde parte da história de nossa nação foi escrita, não um monumento arquitetônico, mas um monumento histórico capaz de fundamentar e reforçar os sentimentos de pertencimento à nação.⁵³

A preocupação dos organizadores, desde o nascimento desse Museu Biblioteca, em 1924, foi em manter na memória coletiva seu proprietário e sua família, um trabalho de coleta e interpretação de fatos que se quer salvaguardar do esquecimento, usando como suporte os bens materiais, pois

⁵¹ Ruy Barbosa intimo. **Bahia Ilustrada**, Rio de Janeiro, v.1, n.1, 1933. p.16

⁵² MAGABEIRA, João. Discurso de inauguração da Casa de Rui Barbosa. **Bahia ilustrada**, Rio de Janeiro, v.1,n.1. 1933.. p. 18

⁵³ POLLACK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.2, n.3, 1989, p.3-15. p. 3

segundo Pollak, “*Além da uma produção de discursos organizados em torno de acontecimentos e de grandes personagens, os rastros desse trabalho de enquadramento são os objetos materiais.*”⁵⁴

A Casa Museu Rui Barbosa foi montada aos moldes de Casa de Carlyle em Londres⁵⁵, Casa Balzac e Victor Hugo⁵⁶ em Paris, e da Casa de Carducci em Bolonha⁵⁷. Cada uma das dependências da Casa Museu recebeu, quando inaugurada, um nome que lembrasse a atuação de Rui na política⁵⁸, no Direito⁵⁹ e na vida familiar⁶⁰, procurando assim reforçar a atuação do homem público, elevando também sua vida privada, visando reforçar o mito.

Da. Maria Augusta visitava com freqüência a Casa Museu e indagava pelas “*menores cousas da sua casa*”, porém nunca entrou em um dos cômodos: o quarto de dormir, pois esse lhe despertava muita dor e saudades.⁶¹

O velório de Maria Augusta, aos 92 anos em 1948, realizou-se na Biblioteca da Casa Museu, sendo enterrada junto ao marido no Mausoléu da família, no Cemitério São João Batista. Isto nos faz lembrar do matrimônio de 47 anos, ao lado de Rui.⁶²

Porém, não ficaram juntos por muito tempo, pois o corpo de Rui foi transferido em 1949, seguindo para sua cidade natal, Salvador, por navio (fig.3). O translado fez parte das comemorações do centenário de seu

⁵⁴ POLLACK, Michael. Op. cit. p. 10.

⁵⁵ Aberta a visitação em 1895.

⁵⁶ A Casa de Balzac foi aberta em visitação em 1910 e a de Victor Hugo em 1903.

⁵⁷ A Casa de Carducci foi aberta ao público em 1921. Essas informações constam da obra que foi editada em comemoração do cinquentenário de inauguração da Casa de Rui Barbosa, não encontramos documentos comprobatórios sobre isso. FUNDAÇÃO Casa de Rui Barbosa. **Rui, sua casa e seus livros**. Rio de Janeiro: FCRB, 1980. p. 178.

⁵⁸ Sala da Abolição, Buenos Aires, Civilista, Constituição, Estado de Sítio, Federação, Haia, Instrução Pública, Pró-Aliados, Queda do Império, Questão Religiosa.

⁵⁹ Sala do Casamento Civil, Código Civil, Dreyfus, Hábeas-Corpus

⁶⁰ Sala Bahia, João Barbosa, Maria Augusta

⁶¹ VIANA FILHO, Luiz. **A vida de Ruy Barbosa**. 2. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1952. p. 434

⁶² BANDEIRA, Carlos Viana. **Lado a lado com Rui: 1876-1923**. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1960 p. 142.

nascimento. Hoje encontra-se em uma cripta no Fórum Rui Barbosa, na Praça D. Pedro II, no Largo do Campo da Pólvora em Salvador.⁶³

Por ocasião desse translado, o então Ministro Clemente Mariani, que presidiu a solenidades, solicitou ao Cardeal D. Jaime de Barros Câmara, que rezasse uma missa de corpo presente para Rui. A missa foi realizada na Casa de Rui Barbosa, no Salão de Festas.⁶⁴

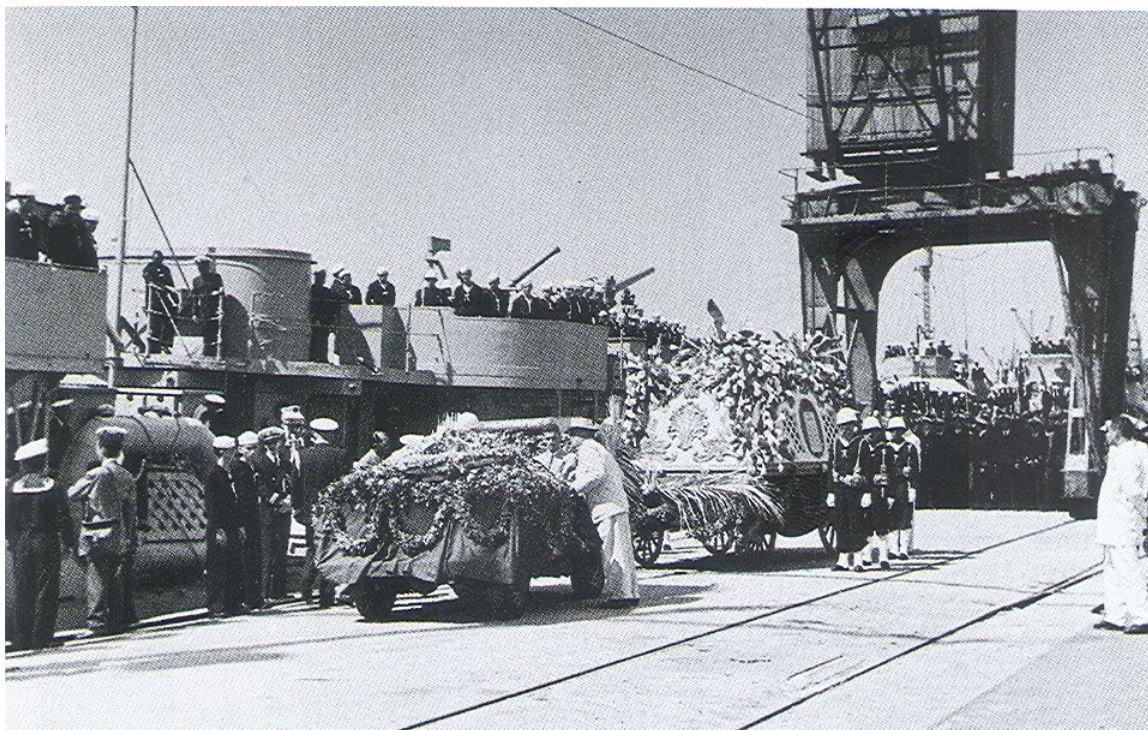


Fig. 3 Translado do corpo de Rui para sua terra natal, 1949

1.3. A Fundação Casa de Rui Barbosa e sua Casa Museu: patrimônio da nação

Encontramos assim no alvorecer de uma nova década, 1930, a Casa de Rui Barbosa devidamente instalada, com objetivos definidos e pronta para ser visitada. Para receber os visitantes, tínhamos a figura de Antonio Joaquim

⁶³ MACHADO, Mario Brockmann, org. Rui Barbosa: fotobiografia. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1999. p. 107.

⁶⁴ FUNDAÇÃO Casa de Rui Barbosa. 1980. Op. cit. p. IX

da Costa (fig.4), antigo mordomo da família, que passa a integrar a equipe de funcionários do Museu Bibliotheca, passando a auxiliar e orientar as visitas.⁶⁵

Pelos antigos livros de registro podemos verificar que as visitas eram muitas, não só de autoridades e políticos, mas também de alunos e pesquisadores em busca do acervo da Biblioteca, tanto que no Relatório do ano de 1932-3, há um pedido do Diretor da Casa para a criação de um espaço anexo ao Museu Bibliotheca para se tornar Sala de Leitura.⁶⁶

Essa década é marcada por um novo panorama cultural brasileiro, onde a partir da Revolução de 30 o Estado, fortalecido e ampliado, passa a se preocupar com a organização da cultura do país.



Fig. 4. Visita de alunos da Faculdade de Direito da Bahia, 1949.

As primeiras ações, no que tange ao patrimônio e aos museus, acontecem a partir do decreto que vem criar o Curso de Museus em 1932, a eleger Ouro Preto à categoria de monumento nacional dando início na cidade das obras de restauro em 1933, e de organizar o serviço de proteção dos monumentos nacionais, com sede no Museu Histórico Nacional.

⁶⁵ Função que desempenha até 1949. ALBERNAZ, Maria Beatriz. Op. cit. p.23

⁶⁶ Idem. p. 25.

Em 1934⁶⁷, o Museu Histórico Nacional fica encarregado de criar um catálogo de objetos históricos e artísticos de nosso país. Tal percurso culmina com a criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional em 1937⁶⁸ e do Decreto Lei nº 25, do mesmo ano, que vem organizar a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional.

Essas ações são fundamentais para a preservação do patrimônio no Brasil e para solidificar a idéia de memória ligada à identidade nacional, à construção da memória coletiva. Sem esquecer o papel fundamental da educação, com a democratização da educação, a educação para o povo, que servirá para divulgar o culto à memória nacional, o reforço necessário na busca para a criação de laços de pertencimento.

Sabemos que ainda na década de 1920 muito se fez em nosso país no sentido de se preservar o patrimônio. Esforços esses que estavam voltados principalmente para instituir normatizações jurídicas sobre o patrimônio artístico e arquitetônico, a preservação como forma de comemoração e recuperação do passado histórico. Vamos citar alguns desses esforços: o Projeto de Alberto Childe de 1920, de Luis Cedro em 1923, de Augusto Lima em 1924, de Jair Lins em 1925, Francisco Calmon em 1927 e de José Wanderley de Araújo Pinho em 1930.⁶⁹

Após ser criado o SPHAN, a partir de 1938, iniciam-se os primeiros tombamentos, elegendo os bens que passaram a ser destaque em nosso país como patrimônio nacional, pois segundo Rubino, *“todo tombamento é uma construção de significados, de história, de mito, de passado”*.⁷⁰

Assim, encontramos o tombamento da Casa de Rui Barbosa e do seu jardim⁷¹ entre os primeiros bens tombados, junto com a Casa de Gregório de Matos, em Salvador; a Casa de José Bonifácio, na Ilha de Paquetá/RJ; a

⁶⁷ CHAGAS, Mario de Souza. Op. cit. p. 86

⁶⁸ Lei nº 378, de 13.jan.1973.

⁶⁹ Para saber mais: RUBINO, Silvana. **As fachadas da história**: os antecedentes, a criação e os trabalhos do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional: 1937-1968. (Dissertação de Mestrado) IFCH-Unicamp, 1991.

⁷⁰ RUBINO, Silvana. Op. cit. p.

⁷¹ REIS, Claudia Barbosa. 2007. Op. cit. p.43

Casa da Marquesa de Santos e a Casa de Banhos de D.João VI no Rio de Janeiro⁷².

Dentro do novo panorama reinante nessa década de 1930, através do Decreto nº 24.688, de 12.jul.1934, o governo brasileiro propõe a reorganização dos serviços da Casa de Rui Barbosa, começando pelos objetivos, *“considerando a necessidade de imprimir maior eficiência à organização da Casa de Rui Barbosa, que tem por objetivo a conservação da biblioteca, do arquivo, a publicação das obras do grande brasileiro e a realização de cursos e conferências.”*⁷³ O horário de funcionamento para visitação permanece o mesmo, quinta e domingo das 11 às 17hs., porém fica *“diariamente franqueados, para consulta dos livros e documentos, a Biblioteca e o Arquivo.”* Notamos aqui a preocupação em atender um público pesquisador não só visitante ao Museu, mas também em promover cursos e conferências, abrindo assim o leque para a educação.

É despendido um grande esforço para difundir a figura de Rui enquanto herói nacional, através de um projeto de fortalecimento e festejos de efemérides, de vultos da história do Brasil. Portanto, faz parte desse esforço a atribuição do governo para que o pessoal da Casa de Rui promovesse a divulgação do personagem, também através de cursos, conferências e exposições.⁷⁴

⁷² RUBINO, Silvana. Op. cit. p. 119

⁷³ **Decreto nº 24.688**, de 12.jul.1934, DO. 14 jun.1934.

⁷⁴ Entrevista com Lia Calabre, responsável pelo Setor de Políticas Culturais da FCRB, Apud. ALBERNAZ, Maria Beatriz. Op.cit..p. 16



Fig.5. Visita de Getulio Vargas a Biblioteca de Rui Barbosa, 1938

O Ministro Gustavo Capanema, em 1937, direciona verbas para iniciar a publicação das obras completas de Rui e para obras de conservação e restauração da Casa de Rui.⁷⁵ Também coloca a Casa de Rui Barbosa como sendo uma instituição de educação extra-escolar, juntamente com a Bibliotheca Nacional, o Museu Histórico Nacional e o Museu Nacional de Belas Artes.

Foi feito um novo Regimento para a Casa de Rui Barbosa, no ano de 1946, onde seus objetivos continuam *inalterados* “*tem por finalidade cultuar a memória de Rui Barbosa...*”, porém dá uma nova distribuição a seu quadro de funcionários, criando duas grandes “turmas”⁷⁶, a Turma do Museu e Divulgação (T.M.D.) e a Turma de Administração. Quanto à competência, para nós, a de maior importância é a T.M.D., pois a ela ficou a incumbência de “*catalogar, classificar, acondicionar e conservar os livros, documentos,*

⁷⁵ Através da Lei nº 378, de 13 jan.1937, é destinado o valor de 450:000\$00, destinada a realização dos serviços designados acima. **Lei nº 378, de 13 jan.1937.**

⁷⁶ Está designado no Decreto nº 22.168, de 25 nov.1946, como Turma. **Decreto nº 22.168.** DO. 27.nov.1946.

*móveis e outros objetos, permitir a leitura e consulta, publicar documentos e obras e também realizar pesquisas, estudos e divulgações sobre a pessoa, a vida e a obra de Rui Barbosa.*⁷⁷

A preocupação com a conservação já se faz presente, pois estabelece alguns critérios para a utilização não só dos documentos e livros, mas também para a conservação da casa, “*Não deverá ter qualquer utilização os móveis e as alfaías que pertenceram a Rui Barbosa e guarnecem a Casa*” e também “*Para qualquer reparo nos imóveis e objetos, quaisquer da CRB deverá ouvir a Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.*”⁷⁸ Há um pedido especial para que essa informação seja repassada aos funcionários, consulentes e visitantes, e que haja servidores “*suficientemente instruídos a respeito das obras e objetos que pertenceram a Rui Barbosa.*”⁷⁹

Podemos notar que já em 1946, havia por parte da Direção da Casa de Rui Barbosa a preocupação com a conservação e divulgação do patrimônio, como o bom atendimento aos pesquisadores e visitantes e à formação de seu pessoal. Mostrando que estavam em sintonia com as recomendações para os museus da época, que estipulavam que o museu deveria ter em suas entranhas um fundo educacional e social e pregavam a democratização do acesso às coleções e as reproduções técnicas das obras.⁸⁰

Na década de 1940 muitas escolas primárias (fig. 6) e secundárias visitaram a Casa de Rui Barbosa, mas, de modo geral, com o objetivo de prestar uma homenagem ao seu personagem, onde era destacada a figura do herói nacional e colocada flores em seu busto.⁸¹

⁷⁷ Decreto nº 22.168. DO. 27.nov.1946.

⁷⁸ Decreto nº 22.168. DO. 27.nov.1946.

⁷⁹ Idem

⁸⁰ CHAGAS, Mario de Souza. Op. cit. p. 96.

⁸¹ ALBERNAZ, Maria Beatriz. Op. cit. p.21



Fig. 6. Alunos da Escola Rui Barbosa, 1945

Em 1952 o Ministro Simões Filho visando dinamizar os estudos sobre Rui, cria na Casa, o Centro de Pesquisa, com o objetivo de realizar “*seus estudos e trabalhos no domínio do direito e da filosofia, e terá por campo de pesquisa a biblioteca e os arquivos da aludida Casa de Rui Barbosa*”,⁸² e também com o compromisso de divulgar todos os trabalhos oriundos dessas pesquisas.

A consolidação como Casa Museu começa a partir da contratação da conservadora Regina Monteiro Real, em 1955, que era do Museu de Belas Artes. Ela inicia um trabalho para reorganizar os espaços da Casa em termos museológicos⁸³, passando a dar mais atenção as questões próprias do Museu e a repensar sua relação com a educação, buscando novos focos, não só o escolar. Com o objetivo de se estudar os autores que fazem parte da Biblioteca da Casa, são organizadas algumas exposições enfocando outros temas: Exposição Camoniana em 1955, Homenagem a Menéndez Pelayo em 1956, e uma exposição que reuniu Rui e Machado de Assis em 1958.⁸⁴

Regina Leal tem a preocupação em humanizar o “mito”, procurando mostrar o homem e sua família, apresentando a Casa como “O ninho da

⁸² Decreto nº 30.643, de 20 mar.1952. DO. 22.mar.1952

⁸³ ALBERNAZ, Maria Beatriz. Op. cit. p.12

⁸⁴ Idem. p. 33

água”⁸⁵ onde ressalta o grande poder de oratória de Rui política, diplomática, jurídica, acadêmica e jornalística. Ela foi a responsável pela montagem da Exposição Comemorativa do Cinquentenário da Conferência de Paz em Haia em 1957.

Foi com o empenho do Ministro Raimundo Moniz Aragão⁸⁶ que a Lei nº 4.943, de 06.abr.1966, transformou a Casa de Rui Barbosa em Fundação Casa de Rui Barbosa “*instituição cultural destinada à pesquisa e à divulgação científica própria e autonomia administrativa, técnica e financeira.*”⁸⁷ Entre as suas funções, pré-determinadas, estava estipulado que a mesma deverá “*cultuar, adequadamente, a 5 de novembro de cada ano, o Dia de Rui Barbosa*”. O estatuto da Fundação é aprovado através Decreto 59.643, de 02.dez.1966.

A partir da criação da Fundação, a divisão administrativa da Casa de Rui Barbosa foi alterada, através do Projeto de Regulamento Interno da FCRB, assinado pelo seu Diretor Antonio Jacobina Lacombe⁸⁸, datado de 23 abr. 1966. Sua nova estrutura organizacional fica definida como: Presidente; Conselho Consultivo; Diretoria Executiva; Centro de Pesquisa; Divisão Administrativa e uma Divisão Técnica. Vamos encontrar dentro da Divisão Técnica: Museu⁸⁹; Seção de Documentação e a Seção Biblioteca

Em 19.maio.1977, é aprovado, um novo Regimento interno da FCRB, criando-se, uma nova estrutura administrativa, composta de: Presidente, Conselho Consultivo, Conselho Fiscal, Diretoria Executiva. Fazia

⁸⁵ REAL, Regina Monteiro. O ninho da água. **Revista Natal**, 17.out.1955. p. 11

⁸⁶ FUNDAÇÃO Casa de Rui Barbosa. 1980. Op. cit. p. X

⁸⁷ A fundação passa a ser dirigida por um Presidente com mandato de seis anos, nomeado pelo Presidente da Republica, e será composta de 12 membros. **Lei nº 4.943**, de 06.abr.1966

⁸⁸ A gestão de Antonio Jacobina Lacombe durou 54 anos, ele freqüentava a casa de Rui quando criança. Sua família sempre foi muito amiga da família de Rui. **Fundação Casa de Rui Barbosa. Arquivo.**

⁸⁹ Compete ao Museu

1. Da aquisição, classificação catalogação, conservação e exposição de móveis, quadros, peças, veículos e outros objetos que pertenceram a Rui Barbosa e família, seguindo as normas de processamento técnicos de museologia.
2. Do inventario, registro e tombamento o acervo
3. Da pesquisa do edifício e suas dependências
4. Da divulgação do acervo do Museu, vida e da obra de RB.
5. Incorporação de objetos históricos e artísticos relacionados a Rui, sua família, sua vida, suas residências. In: FUNDAÇÃO Casa de Rui Barbosa. Regulamento interno, 1966

parte da Diretoria Executiva: Assessoria, Centro de Pesquisa, Museu⁹⁰, Centro de Documentação, Arquivo e Museu de literatura, e a Divisão administrativa.

Nesse ano, visando a não duplicação de serviços, através de uma Ordem de Serviço, foi criada de uma nova distribuição de incumbência, por ordem do Presidente da Casa⁹¹. Através dessa ordem, o trabalho de realização de eventos na Casa Museu ficava a cargo da Assessoria de Assuntos Culturais e à Direção da Casa Museu caberia o papel de supervisionar a arrumação dos ambientes e de cuidar da salvaguarda dos móveis e objetos.

Acreditamos que, com essa posição, houve um grande afastamento de ambos os setores, que deveriam estar integrados e direcionados para a divulgação dos acervos. Pois as ações culturais, desenvolvidas na Assessoria, tem como mote o patrimônio existente na Casa Museu. Ressaltamos também a importante relação que ambos os setores devem manter com os outros setores da Fundação, principalmente a Seção de Documentação e o Centro de Pesquisa.

Em depoimento, a Diretora da Casa Museu, Jurema Seckler⁹², que atuava já nessa época na instituição, conta-nos que a Casa Museu sempre foi muito bem relacionada com os outros setores da Fundação, e com instituições afins, primando por ser um ambiente de sólido e em sintonia com a intelectualidade local.

⁹⁰ Ao Museu compete:

1. Adquirir, classificar, catalogar, conservar e expor móveis, quadros, peças, veículos e outros objetos que pertenceram a Rui Barbosa e família, seguindo as normas de processamento técnicos de museologia.
2. Inventariar, registrar e tomar o acervo.
3. Elaborar catálogos, guias, prospectos e outros documentos semelhantes como instrumento de divulgação
4. Pesquisar métodos, processos e técnicas de conservação e restauração de peças, quadros, móveis e objetos artísticos ou cultural, promover a restauração quando necessário.
5. Promover e realizar pesquisas sobre a casa e demais dependências
6. Prestar assistência técnica a instituições congêneres. In. FUNDAÇÃO Casa de Rui Barbosa. Regulamento interno, 1977.

⁹¹ ALBERNAZ, Maria Beatriz. Op. cit. p.71

⁹² Entrevista concedida a autora em fevereiro 2008.

Na década de 1980, houve uma grande mudança na área educacional, atingindo os Museus. De modo geral, foi a entrada dos arte-educadores no cenário brasileiro, pregando ações mais concretas na cultura e na educação. Assim os museus passaram a pensar seu patrimônio artisticamente, deixando de vê-los apenas como uma contemplação passiva, para dar as exposições um caráter reflexivo, tornando-se mais dinâmicos.

Na Casa Museu Rui Barbosa essa ação trouxe a vizinhança⁹³ para dentro da casa, principalmente para seus jardins. Nos jardins, a educação tornou-se uma prática do cotidiano. A equipe de profissionais do Museu⁹⁴ passará a trabalhar com a vizinhança, procurando uma integração que traga cada vez mais público para suas dependências.

Abrindo-se para a comunidade do entorno, recebeu e acatou uma série de sugestões e assim foram promovidos cursos, palestras, atividades educativas e recreativas, exposições, shows musicais e atividades artísticas⁹⁵. Muitas dessas atividades foram desenvolvidas gratuitamente por membros da comunidade.

Dessa forma, a Casa Museu Rui Barbosa agregou a seu perfil aquele de ser também uma instituição cultural, atingindo um dos seus objetivos principais, que é ter o reconhecimento da comunidade na qual está inserida, para assim manter-se viva e preservada enquanto lugar de memória.

Em busca de fazer, com que a figura de Rui Barbosa, figurasse no imaginário dessa nova geração, foram criadas várias atividades educacionais, onde imperava uma linguagem mais simples e cativante como gincanas, história em quadrinhos, quebra cabeças, concursos, etc. Tendo uma repercussão muito boa no bairro do Botafogo e nas escolas do Rio de Janeiro como um todo. Podemos considerar que a década de 80 foi uma década de ouro para a Casa Museu Rui Barbosa, quando seu trabalho foi

⁹³ Consideramos vizinhanças todo o Bairro do Botafogo, onde está instalada a Casa Museu.

⁹⁴ Projeto A Casa de Rui Barbosa: um trabalho de integração, 1985. Apud. ALBERNAZ, Maria Beatriz. Op. cit. p.82.

⁹⁵ Para saber mais sobre as atividades promovidas ao longo de 1930-2005 da Casa Museu, ler o trabalho de ALBERNAZ, Maria Beatriz. Op. cit

reconhecido e conquistou toda uma nova geração de admiradores para seu personagem, promovendo e divulgando seus feitos e saberes.

Em janeiro de 1983, houve uma nova reestruturação na Fundação, alterando seu Regimento Interno, pouco pudemos ver de mudanças em seu caráter administrativo, porém foram alteradas as competências na Casa Museu.⁹⁶

A década de 1990, não trouxe bons ventos para a cultura de nosso país, muitas instituições foram extintas e outras foram reformuladas⁹⁷. Felizmente, a Fundação Casa de Rui Barbosa manteve-se ligada à Secretária de Cultura e depois ao novo Ministério da Cultura. Porém, como todas as instituições culturais, nossa Casa Museu foi atingida pelo corte de verbas, e teve que procurar outras formas de conseguir verbas para manter os serviços terceirizados e preservar o seu patrimônio com eficiência.

A Fundação manteve como diretriz, nesse período, *“a garantia de acesso e de utilização pelo público, bem como a adequada segurança dos acervos, do museu, dos jardins e demais espaços culturais”*.⁹⁸ Passando a reunir esforços para organizar eventos históricos, de interesse para o grande

⁹⁶ Ao Museu compete:

1. Adquirir, classificar, catalogar, conservar e expor móveis, quadros, peças, veículos e outros objetos que pertenceram a Rui Barbosa e família, seguindo as normas de processamento técnicos de museologia.
2. Inventariar, registrar e tomar o acervo.
3. Elaborar catálogos, guias, prospectos e outros documentos semelhantes como instrumento de divulgação
4. Cuidar do asseio, da conservação e do reparo das dependências e das instalações da Casa Rui Barbosa
5. Observar periodicamente o funcionamento das instalações elétricas, hidráulicas, telefônicas, de extintores de incêndio e aparelhos correlatos da CRB, comunicar ao Diretor da Divisão Administrativa os defeitos e as providências adotadas..
6. Promover e realizar pesquisas sobre a casa e demais dependências
7. Prestar assistência técnica a instituições congêneres. In: FUNDAÇÃO Casa de Rui Barbosa. Regulamento interno, 1983

⁹⁷ No governo Collor e Itamar. Franco CALABRE, Lia. Política cultural no Brasil: um histórico. Trabalho apresentado no I ENECULT, Salvador, Bahia, 2005. Disponível em www.cult.ufba.br/enecult2005/liacalabre.pdf. Acesso em mar.2008.

⁹⁸ ALBERNAZ, Maria Beatriz. Op. cit. p.152

público, de organizar exposições temporárias e as visitas a Casa Museu. Em 1993 um novo Estatuto entra em vigor.⁹⁹

De 1991 a 1996, o Museu ficou fechado para reformas, só retomando suas atividades em 1997, agora sob o comando de Magaly Cabral, que estabeleceu novas metas com atividades recreativas para o público infanto-juvenil e para a terceira idade. Produziu um vídeo institucional “Casa de Rui Barbosa” e promoveu a inauguração do site institucional, na internet, com o objetivo de divulgar seu patrimônio e sua agenda de programação cultural.¹⁰⁰

A chegada da nova era encontra novamente a Casa Museu em obras de restauração, com algumas salas fechadas para visitação.

A nova Política Cultural dos Museus, que começa a vigorar a partir de 2003 trouxe à Fundação um novo Estatuto, através do Decreto nº4.812, de 19.ago.2003, onde sua finalidade fica definida como “*o desenvolvimento da cultura, por meio da pesquisa, do ensino, da preservação e da difusão*”. A missão da Fundação que desde sua origem, ainda como Museu Biblioteca girou em torno do acervo Rui Barbosa e de sua Casa foi alterada, girando agora em torno da cultura de um modo geral. Em 07.abr.2004, através do Decreto 5.039, um novo Estatuto é sancionado.

Atualmente, disponível em seu site, consta como missão da Fundação, “*promover a preservação e a pesquisa da memória e da produção literária e humanística, bem como congregar iniciativas de reflexão e debate acerca da cultura brasileira. Desta forma a instituição pode contribuir para o conhecimento de diversidade cultural e para o fortalecimento da cidadania, assegurando a implementação das demais políticas do Ministério de Cultura.*”

⁹⁹ Não tivemos acesso a Estatuto de 1993 na íntegra, apenas nos foi passado às competências da Casa Museu:

1. manter-se aberto à visitação pública, inclusive seus acervos bibliográfico e arquivístico
2. promover a publicação científica, artística e literária, assim como estudos, conferências, cursos, reuniões ou prêmios que visem a divulgação da cultura e da pesquisa
3. colaborar com instituições nacionais e estrangeiras no âmbito de sua finalidade, e – quando solicitada – com o Governo da União ou dos Estados, podendo mediante convênio ou acordo incumbir-se da prestação de serviços pertinentes às suas atividades
4. cultivar a cada 5 de novembro a data natalícia de RB, o Dia da Cultura e da Ciência. In FUNDAÇÃO Casa de Rui Barbosa. Regulamento interno, 1993.

¹⁰⁰ ALBERNAZ, Maria Beatriz. Op. cit. p. 155

Consta também que no Estatuto que está em vigor tem como Órgãos específicos e singulares o Centro de Pesquisa e o Centro de Memória e Informação.¹⁰¹ Podemos notar que pelo novo estatuto não há mais enfoque para a educação, e isso não fez com que as atividades de arte-educação perdessem o ritmo, muito se fez e se faz nessa área, visando sempre trazer as novas gerações para dentro dos espaços da Casa Museu, seja interno ou externo.

Foi criada uma nova estratégia que implica em novas linguagens de difusão e aproximação com os visitantes e também humanizar e, em alguns momentos, romantizar o homem mito. Teatralização nos ambientes, música no jardim, versos, brincadeiras, jogos de caráter educacional e comunicativo foram implantados com o objetivo de trazer público ao museu, sem esquecer o lado histórico do personagem e sem perder de vista a preservação do patrimônio.¹⁰²

¹⁰¹ Fazem parte do Centro de Memória e Informação: Divisão Museu Casa de Rui Barbosa; Divisão de Arquivo-Museu de Literatura Brasileira; Serviço de Biblioteca; Serviço de Preservação e o Serviço de Arquivo Histórico e Institucional. Disponíveis em Fundação Casa de Rui Barbosa. www.casaruibarbosa.gov.br. Acesso em 03/03/2009

¹⁰² Para se saber mais sobre as diversas atividades educativas que acontecem organizadas pela Casa Museu, consulte os Relatórios da Fundação. Disponíveis em Fundação Casa de Rui Barbosa. www.casaruibarbosa.gov.br. Acesso em 03/03/2009

Capítulo 2. O homem, o mito e a casa: Rui Barbosa

“Caso [...] houvessem de condensar numa síntese o meu curriculum vitae [...] tudo teria, talvez, resumido dizer: Estremeceu a pátria, viveu no trabalho, e não perdeu o ideal”¹⁰³

Rui Barbosa

2.1. O personagem

Falar de Rui Barbosa, advogado, político, jornalista, que teve sua vida pública estudada e esmiuçada por diversos autores, uns contra outros, a favor de suas posições e decisões, seria uma tarefa muito árdua e, de certa

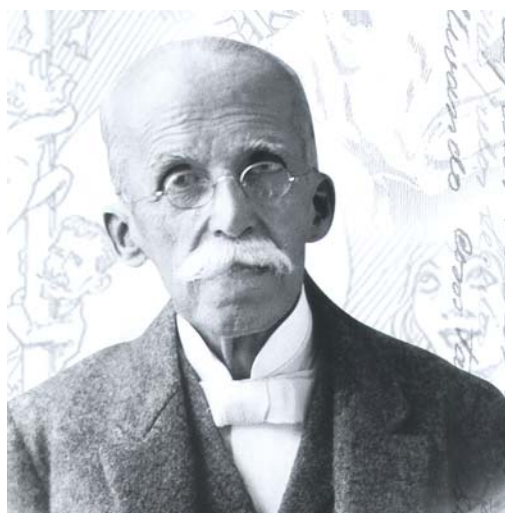


Fig.7. Rui Barbosa, 1918

forma repetitiva¹⁰⁴. Falar do homem influente, que se destacou por defender causas como o fim da escravidão, o fim da monarquia, a liberdade religiosa, a educação, a liberdade da imprensa, em defesa dos exilados políticos e, estando ele mesmo exilado, continuou colaborando para as questões políticas em nosso país, não é nosso objetivo. Porém temos que levantar e pontuar

¹⁰³ Discurso de Rui Barbosa no Colégio Anchieta, em 1903. **OBRAS completas de Rui Barbosa**. Rio de Janeiro: MEC, 1942-1983. v.30, t.1, p. 357.

¹⁰⁴ Algumas das obras biográficas sobre Rui Barbosa utilizada nessa pesquisa:

BANDEIRA, Carlos Viana. **Lado a lado com Rui: 1876-1923**. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1960.

COSTA, Antonio Joaquim. **Rui Barbosa na intimidade**. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1949.

FREIRE, Laudelino. **Rui: subsídios para o estudo de sua vida e obra**. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1958

RUI sua casa e seus livros: edição comemorativa do cinquentenário de inauguração da Casa de Rui Barbosa, 1930-1908. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1980.

MACHADO, Mário Brockmann, (Org.). **Rui Barbosa**: fotobiografia. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1999.

MAGALHÃES, Rejane Mendes de Almeida. **Rui Barbosa na Vila Maria Augusta**. Rio de Janeiro: FCRB, 1994.

MAGALHÃES JUNIOR. **Rui, o homem e o mito**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

MANGABEIRA, João. **Ruy: o estadista da republica**. São Paulo: Martins Fontes, 1960.

NERY, Fernando. **Rui Barbosa**: ensaio biográfico. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1955

RUI Barbosa: cronologia da vida e da obra. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: FCBR, 1999.

toda essa trajetória pois ela foi responsável pela criação do mito: “A águia de Haia”(fig.7) e, conseqüentemente, da casa “monumento”em sua memória.

Nosso maior interesse é no homem, em sua vida privada e familiar, filho dedicado, marido atencioso, pai carinhoso, que mesmo tendo aberto sua casa para inúmeras reuniões políticas, para incontáveis homens públicos em busca de orientação ou apenas atrás de explicações, procurou manter um cotidiano familiar pontuado de hábitos metódicos, onde havia espaço para a esposa, os filhos, suas leituras e suas amadas roseiras. Homem de saúde frágil que, ao sair em defesa de causas polêmicas, se enredando em longas discussões e discursos calorosos, ficava exaurido a ponto de, a conselho médico, muitas vezes ser obrigado a deixar sua casa e partir para descansos forçados em Friburgo, Petrópolis, Campinas (na Fazenda Rio das Pedras) e em Poços de Caldas¹⁰⁵. Esses embates políticos às vezes se davam dentro de sua própria casa morada tendo assim sua vida privada e familiar sido invadida muitas vezes pela vida pública.

Rui durante toda a sua vida sofreu de enxaquecas, tentou vários tratamentos, como homeopatia, terapia das águas e até hipnose, porém a cada crise, era obrigado a se recolher em quarto escuro afastando-se de seu cotidiano¹⁰⁶. Foi pai de cinco filhos e doze netos aos quais dedicou carinho e atenção, principalmente quando se tratava da educação. Aos filhos os melhores professores e escolas, aos netos brincadeiras e leituras de livros infantis, especialmente os de “contos da carochinha”.

Não pretendemos entrar no mérito de sua performance política, temos consciência que, muitas vezes, seu mundo particular sofreu os abalos de sua vida política e pública, levando toda a família a se esconder em casa de amigos, a necessitar da Guarda Armada para garantir sua segurança, nas vezes em que foi ameaçado de morte ou mesmo a partir às pressas para se refugiar em outros países.

¹⁰⁵ MAGALHÃES, Rejane Mendes de Almeida. **Rui Barbosa na Vila Maria Augusta**. Rio de Janeiro: FCRB, 1994. p. 44.

¹⁰⁶ Iremos tomar a liberdade de daqui para frente nos referir ao nosso personagem apenas pelo primeiro nome.

Porém não discutiremos nesse trabalho o efervescente mundo político de nosso país no qual ele teve papel fundamental: o fim da escravidão, a passagem da monarquia à república, a Revolta da Armada, a participação na primeira Guerra Mundial, a reforma eleitoral, a Campanha Civista, a primeira Guerra Mundial e tantos outros acontecimentos sociais e econômicos que marcaram profundamente a sociedade de sua época. Sem entrar no mérito de seus inúmeros cargos políticos e públicos, de jornalista condecorado e quatro vezes candidato a presidente da república.

Apresentaremos seu cotidiano, da infância em Salvador ao casamento com Maria Augusta Ferreira Bandeira, em 23 de novembro de 1877¹⁰⁷, passando assim a constituir com ela uma família, um lar, em uma casa alugada, localizada em cima de uma Farmácia, na Rua da Piedade em Salvador.¹⁰⁸

Vamos retratar esse passado, a partir de um tempo classificado e ordenado, procurando marcar os períodos com acontecimentos importantes não só para o personagem, mas para a história familiar, sabendo que *“transmitir uma história, sobretudo familiar, é transmitir uma mensagem referida, ao mesmo tempo, à individualidade da memória afetiva de cada família e a memória da sociedade mais ampla...”*¹⁰⁹ para tanto, iremos consultar documentos impressos, manuscritos e depoimentos de familiares e antigos empregados da casa.

¹⁰⁷ **RUI Barbosa:** cronologia da vida e da obra. 2.ed. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1999. p.46.

¹⁰⁸ BANDEIRA, Carlos Viana. **Lado a lado com Rui:** 1876-1923. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1960. p. 8.

¹⁰⁹ Halbwachs, apud BARROS, Myriam Moraes Lins de. Memória e família. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.2, n.3, p.29-42, 1989. p. 33

2.2. Os primeiros tempos: breve relato

“...consagrei a minha existência, desde os primeiros passos, a certo número de verdades e deveres, e tenho sido fiel a esses deveres e a essas verdades”
*Rui Barbosa*¹¹⁰

Fig.8. Residência da infância em Salvador



Rui nasceu em Salvador, na Rua dos Capitães (fig.8) em 05 de novembro de 1849, filho do Dr. João José Barbosa de Oliveira, médico de idéias liberalistas e de Da. Maria Adélia Barbosa de Almeida, que fabricava doces caseiros para ajudar nas despesas da casa, tinha uma irmã caçula, Brites. Seu pai, pessoalmente, cuidou da educação dos filhos. Ele pretendia fazer do filho um grande orador, para isso desde os cinco anos de idade, quando aprendeu a ler com o Prof. Antonio Gentil Ibirapitinga¹¹¹, dava a ele

textos clássicos para ler e decorar. Aos 12 anos Rui ingressou em um colégio particular “Ginásio Bahiano”, em Salvador. Ele era um menino triste, tímido, esquivo, muito quieto e extremamente pálido, não tinha muitos amigos e, no recreio, *“preferia ler ou sonhar sentado numa pedra”*.¹¹²

Aos 15 anos, foi considerado pelos professores apto a dar aulas de filosofia racional e moral, pois tinha uma eloquência muito grande e uma bagagem filosófica que o destacava entre os alunos. Como não tinha idade ainda para ingressar no curso superior de Direito, passou a estudar alemão e inglês, para aprimorar-se em línguas.

¹¹⁰ MEIRELES, Cecília. **Rui**: pequena história de uma grande vida. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1949. p. 27

¹¹¹ VIANA FILHO, Luiz. **A vida de Ruy Barbosa**. São Paulo: Nacional, 1952. p. 16

¹¹² Idem. p.19

Em 1866, com 16 anos, ingressa na Faculdade de Direito de Recife, cursando lá até o segundo ano, quando sofreu uma *congestão cerebral*¹¹³ de tanto estudar, tendo assim que se afastar deixando de fazer as provas finais: *“tudo flutuava em derredor de mim”*, explicou Rui mais tarde¹¹⁴. Também nesse ano, ele ficou órfão de mãe, que faleceu repentinamente aos 49 anos de idade. Estando ele em Recife, não pode acompanhar os seus momentos de agonia, assim se manifestando mais tarde: *“A imagem querida de minha mãe desapareceu um dia de cima da terra sem que eu pudesse abraçá-la, sem que tivesse a amarga ventura de fechar-lhe os olhos, nem colher-lhe dos lábios as últimas perolas de sua alma. Então achei os livros mudos, a razão muda, e a filosofia estéril. Chorei e abracei-me à cruz. Foi a fé que me salvou”*¹¹⁵

Assim, muito abalado e constrangido por receber um “R”¹¹⁶ como nota final em uma das disciplinas, Rui decide, juntamente com seu pai, afastar-se de Recife, pedindo transferência para a Faculdade de Direito de São Paulo, indo morar em uma república na Ladeira da Constituição, nº 24, hoje Rua Florêncio de Abreu.

Em São Paulo, passou a colaborar com os jornais: *“A independência”*, *“O Ipiranga”* e é eleito redator-chefe do jornal acadêmico *“Imprensa Acadêmica da Faculdade de Direito.”* Pelas mãos de Joaquim Nabuco começou a freqüentar a Loja América, loja maçônica¹¹⁷ onde colaborou assiduamente, sendo logo ordenado Grã-mestre por Saldanha Marinho. Também é colaborador no Colégio Ateneu Paulista e em 1869, auxilia no lançamento do jornal *“Radical Paulistano”*. Durante sua juventude, usou dois pseudônimos: *Um baiano* e *Gaspar* para escrever artigos nos jornais paulistas.

¹¹³ Congestão cerebral: afluência anormal dos sangue aos vasos do cérebro, causada por emoções forte e violentas ou por stress. **Dicionário médico para o público.** <http://www.hcnet.usp.br/dicionario/index.htm>. Acesso em 03.fev.2009. **RUI Barbosa.** Op. cit. p.28.

¹¹⁴ Rui falando sobre esse fase em 1886. VIANA FILHO, Luiz. Op. cit. p.38.

¹¹⁵ Discurso de Rui Barbosa: Fé, esperança e caminho. VIANA FILHO, Luiz. Op. cit. p.45

¹¹⁶ **RUI Barbosa.** Op. cit. p. 28

¹¹⁷ **RUI Barbosa.** Op. cit. p.30

Adoeceu novamente em 1870, ficando por ordens médicas, *"proibido de ler e de fazer qualquer esforço de memória"*¹¹⁸, não conseguindo, defender sua tese na Faculdade de Direito. Por isso recebeu apenas o título de bacharel. Retornou a Salvador, pois necessitava de cuidados médicos e familiares. Seu pai, neste período, passava por sérias dificuldades financeiras, pois, com a morte da esposa, que mantinha a casa com a venda de doces, ele ficou sem renda fixa, precisando da ajuda de amigos para viver e manter o filho estudando em São Paulo. Assim, quando retornou para casa doente, foi encontrar seu pai morando em Plataforma¹¹⁹, um povoado próximo a Salvador, pois ele havia perdido a casa da capital.

Mesmo não estando completamente curado começou a trabalhar no escritório forense, em Salvador, de propriedade do Conselheiro Dantas¹²⁰ e de Pedro Leão Veloso, para ajudar o pai a saldar as dívidas e a se manter. Também passou a colaborar com a política baiana ingressando no Partido Liberal Baiano. Colaborou como voluntário no jornal *"Diário da Bahia"* escrevendo diversos artigos de cunho social e político. Por ser um trabalhador esforçado e incansável, o Conselheiro Dantas, então diretor do jornal, quando em férias, passou a Rui a direção do jornal, atividade na qual foi muito bem sucedido: *"Limito-me a dizer que fui bem inspirado quando escolhi o teu lugar: estamos todos muito satisfeitos"*.¹²¹

Porém, tanto trabalho acabou agravando sua doença, sendo diagnosticado como *"acometido de uma doença fatal"*. O Conselheiro Dantas, estando com seu filho Rodolfo Epifânio de Sousa Dantas¹²², também doente, resolve financiar a viagem de Rui e os envia para uma estação de águas sulfóreas para tratamento. Depois de quatro meses, os médicos não

¹¹⁸ RUI Barbosa. Op. cit. p.35

¹¹⁹ VIANA FILHO, Luiz. Op. cit. p.47

¹²⁰ Conselheiro Dantas, Manoel Pinto de Sousa Dantas. RUI Barbosa. Op. cit. p.261.

¹²¹ Carta de Manuel Dantas a Rui, datada de 04 de dezembro de 1872. VIANA FILHO, Luiz. Op. cit. p57

¹²² Rodolfo Dantas foi grande amigo de Rui a vida toda, estiveram sempre muito próximos, mesmo depois de ambos estarem casados.

encontrando nenhuma melhora, recomendam que ele volte ao seu país e que permaneça em repouso.¹²³

Chegando a Salvador foi examinado pelo médico Dr. Pedro Alvarenga, clinico lisboense em passagem pela Bahia, que dá o “*diagnóstico de anemia cerebral*”¹²⁴ e *subnutrição*”.¹²⁵ A recomendação do médico é que ele se alimente muito bem, e faça uma pausa em seus estudos e escritos.

Com o falecimento de seu pai, aos 56 anos de idade, de inflamação intestinal, em janeiro de 1874, ele recebe como herança seis escravos, alguns móveis e uma dívida de 12:000\$000 (doze contos de reis), a qual assume como sua e passa a saldá-la mensalmente¹²⁶. Sua irmã Brites passou então a morar com uma tia.

Rui apaixona-se e fica noivo de Maria Rosa da Cruz, filha do Tenente Coronel da Guarda Nacional Justiniano Anselmo da Cruz. O casamento não se realizou pois a noiva veio a falecer em dezembro de 1875, tísica. Após a morte da noiva e com a saúde novamente debilitada ele se afastou das questões públicas e políticas e foi ao Recôncavo baiano para tratamento.

2.3. Dona Maria Augusta e a construção de um lar

“...o meu orgulho, a minha estrela, o meu anjo, aquela por quem vivo ainda; porque hoje não trabalho, não luto, não aspiro nada senão com ela, por ela e para ela...” Rui Barbosa¹²⁷

Rui (fig.9) conheceu Maria Augusta Viana Bandeira (fig.10) pelas mãos do Conselheiro Salustiano Ferreira Souto em fevereiro de 1876 em um sarao. Moça bonita, de porte altivo, filha do funcionário público Alfredo Ferreira

¹²³ Ele foi se tratar na França, estação de águas de Enghiens-les-bains. VIANA FILHO, Luiz. Op. cit. p54

¹²⁴ Anemia cerebral: causa demências e perda de memória. **Dicionário médico para o público.**

<http://www.hcnet.usp.br/dicionario/index.htm>. Acesso em 03.fev.2009

¹²⁵ RUI Barbosa. Op. cit. p 38.

¹²⁶ Idem. p. 42

¹²⁷ MEIRELLES, Cecília. Op. cit. p. 49

Bandeira, de família tradicional baiana¹²⁸. Apaixonou-se por ela de imediato e, para conquistá-la, sabendo que ela gostava muito de carnaval, foi a uma brincadeira de entrudo vestindo a farda de Chefe de Polícia, que pertencia ao Conselheiro Dantas, e passando por sua casa deixa para ela, sob a mesa da sala, as laranjinhas de cheiro¹²⁹ indispensáveis aos jogos carnavalescos.

Fig. 9. Rui, 1898.



Fig. 10. Maria Augusta, 1909.



Sua irmã Brites casou-se com João Januário da Silva Lopes, em 22 de abril. Para realizar o casamento, Rui faz um empréstimo de 800\$000réis (oitocentos reis) com o Conselheiro Dantas¹³⁰.

Em maio, desse mesmo ano, por vontade de Maria Augusta, ele transferiu-se de Salvador para o Rio de Janeiro para tentar “*abrir caminho na vida*”,¹³¹ indo morar, a princípio, em uma Pensão de Suíços, no Catete e depois na casa do Conselheiro Albino José Barbosa de Oliveira, passando a advogar no escritório do Visconde de Sousa Carvalho¹³². Do Rio, escreve longas cartas de amor para sua noiva, hoje reunidas no livro *Cartas à noiva*¹³³.

¹²⁸ REIS, Claudia Barbosa. **Indumentária**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1999. p. 9

¹²⁹ Laranjinhas de cheiro: pequenas bolas de cera que se quebravam espalhando água perfumada, eram utilizadas no carnaval, o costume era se jogar um no outro ou atirar nos passantes da janela. BARBOSA, Francisco de Assis. **Retratos de família**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1954. p. 45

¹³⁰ VIANA FILHO, Luiz.. Op. cit. p.70

¹³¹ RUI Barbosa. Op. cit. p.45

¹³² Visconde de Sousa Carvalho: Antonio Alves de Sousa Carvalho. Idem. p.45

¹³³ BARBOSA, Rui. **Cartas à noiva**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa/Civilização Brasileira, 1982.

Voltou a Salvador para se casar, no mesmo ano em que conheceu Maria Augusta, em 23 de novembro. O casamento realizou-se na residência dos pais da noiva, e foi patrocinado pelo Conselheiro Souto. A lua de mel foi passada a bordo do vapor Valparaíso, a caminho do Rio de Janeiro. Dali, seguiram os recém casados até Nova Friburgo. Porém, durante a viagem, Rui adoeceu de tifo e ficou dois meses entre a vida e a morte.¹³⁴

Seu retorno à Bahia tornou-se urgente pois deu-se o falecimento de seu sogro Alfredo de Ferreira Bandeira, logo no início do ano de 1877, deixando a família em sérias dificuldades financeiras. Rui levou para morar consigo sua sogra e o caçula de seus cunhados, Carlos Viana Bandeira, então com 9 anos.¹³⁵

Nesse período, ele trabalhou na direção do jornal “*Diário da Bahia*” e também exerceu o cargo de secretário da Santa Casa de Misericórdia da Bahia, antes ocupado por seu pai. Em setembro de 1877 decidiu demitir-se do cargo de secretário e abrir seu próprio escritório de advocacia. Recebeu homenagens, através do General Osório¹³⁶, em nome da Comissão Permanente do Partido Liberal, pelo trabalho que vinha desempenhando na política, através de seus artigos.

No ano seguinte, em 13 de janeiro de 1878, foi eleito deputado para a Assembléia Legislativa Provincial, com 1071 votos. No mesmo ano, em 02 de junho, nasceu à primeira filha do casal, Maria Adélia. Em dezembro, Rui mudou-se, com a família, para o Rio de Janeiro, por conta de contatos políticos, passando a colaborar com o jornal liberal “*A Reforma*”.

No Rio, alugaram uma casa na Rua Direita da Piedade, no Largo do Valdetaro, em frente ao Palácio de Nova Friburgo¹³⁷. Essa residência

¹³⁴ RUI Barbosa. Op. cit. p.46

¹³⁵ BANDEIRA, Carlos Viana. Op. cit. p.8

¹³⁶ General Osório, Manuel Luís Osório, Marquês do Erval. RUI Barbosa. Op. cit. p. 48

¹³⁷ O Palácio Nova Friburgo é atualmente conhecido como Palácio do Catete. BANDEIRA, Carlos Viana. Op. cit. p. 8

pertencia ao Conselheiro Pinto Lima¹³⁸ e nela nasce o segundo filho de Rui, Alfredo Rui, em 10 de junho de 1879.

Em outubro desse mesmo ano, ele decidiu voltar para a Bahia com a família. Assim enviou sua sogra, Maria Luísa, seu cunhado Carlito¹³⁹, o bebê Alfredo Rui e sua babá, logo no início do mês de setembro. Ele, sua esposa, a filha Maria Adélia e duas serviçais seguiram no fim do mesmo mês¹⁴⁰. Ao chegarem, alugam uma residência ampla na Estrada da Vitória nº 224. A casa tinha bastante terreno e um ajardinado na frente e nos fundos.

O terreno ajardinado fez com que Rui passasse a sonhar em iniciar ali um canteiro para cultivar rosas. Porém, advertido por seu cunhado que ali havia uma grande quantidade de formigas, assim se pronunciou: “*se a formiga não fosse o flagelo das plantas, eu teria aqui um canteiro de rosas*”.¹⁴¹

Rui não se afastou da Corte por muito tempo, em junho de 1880, estando em visita ao Rio de Janeiro acompanhado de sua esposa, ficaram hospedados na residência de Antonio Araújo Ferreira Jacobina, na Rua dos Inválidos, quando deu-se o nascimento de sua terceira filha Francisca¹⁴².

Neste período, fez parte da Comissão de Instrução Pública da Câmara dos Deputados e, usando o pseudônimo de *Espectador*, escreve colunas para o “*Jornal do Comércio*”. A família aguarda até outubro para retornar a Salvador pois havendo terminado seu mandato como deputado geral, ele precisava reabrir seu escritório de advocacia.

Em Salvador foi nomeado membro do Conselho Supervisor do Ensino Provincial da Bahia, passando também a trabalhar ativamente em sua campanha para um novo mandato de Deputado Geral. Em 04 de dezembro de 1881, foi eleito por 444 votos. Diante disso, retornou ao Rio com a esposa

¹³⁸ Conselheiro Pinto Lima, Francisco Xavier Pinto Lima, Barão de Pinto Lima. **RUI Barbosa**. Op. cit. p.51

¹³⁹ O cunhado de Rui era tratado em família pelo apelido de Carlito, todas as cartas de Rui endereçada a ele seguem com esse tratamento. Assim Carlito é o apelido carinho de Carlos Viana Bandeira, que viveu servindo Rui durante toda a sua vida.

¹⁴⁰ **RUI Barbosa**. Op. cit. p. 53

¹⁴¹ BANDEIRA, Carlos Viana. Op. cit. p. 11

¹⁴² Francisca Ruy Barbosa. Idem. p. 15

e as duas filhas, Maria Adélia e Francisca, a bordo do vapor *Olbers*, deixando em Salvador, aos cuidados da sogra e do cunhado, Ruizinho¹⁴³, então com dois anos, abrigados em uma nova casa de aluguel na Barra.¹⁴⁴

Fig. 11. Residência da Rua Resende, 1882.



No Rio ele alugou uma casa muito próxima à família Jacobina, seus amigos de longa data, na Rua Resende, 109 (fig.11), e em março de 1881, mandou vir da Bahia o restante da família. Trouxe na mudança apenas seus livros, seus papéis e objetos de trabalho. O mobiliário e os utensílios foram colocados na mão do leiloeiro Rodrigo Gesteira.¹⁴⁵

Essa casa possuía um jardim, o que o deixou muito satisfeito pois logo começou a plantar seu canteiro de rosas, indo adquirir suas mudas na Floricultura Fonseca, na Rua Riachuelo, localizada em frente ao Plano Inclinado da Paula Matos, em Santa Teresa. Fazendo grande amizade com seu proprietário, o Fonseca, com o qual tinha longas conversas, nas manhãs de sábado, quando trocavam informações sobre os diversos tipos de rosa e os cuidados necessários para mantê-las fortes e floridas. Chegou a cultivar mais de uma centena de mudas, levava sempre consigo seu cunhado Carlito para ajuda-lo nos cuidados com o jardim. Nesse jardim, haviam também algumas árvores frutíferas¹⁴⁶.

Junto com Rodolfo de Sousa Dantas, amigo de longa data, e Sancho de Barros Pimentel, abriu no Rio, um escritório de advocacia à Rua Riachuelo 84.¹⁴⁷ Seguiu tendo uma participação política muito ativa, através do

¹⁴³ O segundo filho de Rui, Alfredo Rui Barbosa, era tratado em família como Ruizinho.

¹⁴⁴ BANDEIRA, Carlos Viana. Op. cit. p.12

¹⁴⁵ BANDEIRA, Carlos Viana. Op. cit. p. 12

¹⁴⁶ Seu cunhado Carlito descreve “dois frondosos pessegueiros salta caroços” que existia no jardim, dos quais eles colhiam saborosos frutos. Idem. p. 13

¹⁴⁷ RUI Barbosa. Op. cit. p.59

jornalismo, adotando dois novos pseudônimos: *Swift* e *Salisbury*¹⁴⁸, para continuar escrevendo para o “*Jornal do Comércio*”.

Rui tornou-se “*um pacato pai de família*” pois, aproveitando um período de calma na política, pode vivenciar melhor a vida cotidiana familiar. O casal abria sua casa a um número restrito de amigos, principalmente no aniversário de ambos ou para comemorar o aniversário de casamento. Nestas ocasiões, ofereciam pequenos jantares, onde se bebia vinho e champanhe.¹⁴⁹ A casa era toda enfeitada de flores, compradas por Rui na Floricultura *Palais Royal* e também flores colhidas de seu jardim.

A sala de jantar era ampla, e seu mobiliário era todo de carvalho, a grande mesa, estava “*sempre coberta com uma grande toalha européia ou ocidental, de caprichosas fantasias e franjas, que era diariamente enfeitada com uma jarra de flores colhidas do jardim ou de uma planta vistosa*”.¹⁵⁰ Os utensílios, louças e cristais, foram adquiridos por Rui na Casa Milliet na Rua dos Ouveiros.¹⁵¹ A casa era iluminada por bicos de gás

Em março de 1884, a família mudou-se para uma ampla casa assobradada, com portas e janelas na rua, localizada na Praia do Flamengo, nº 14, propriedade de Bandeira de Melo, alugada por 225\$000 (duzentos e vinte e cinco mil reis). Eles moram nessa casa por dez anos e dali se mudam para sua propriedade na Rua São Clemente.¹⁵²

Os motivos para a mudança foram: a casa da Rua do Resende costumava alagar no período das chuvas; Da. Maria Augusta queria comprar um piano, para exercitar seus dotes musicais e nesta casa não havia espaço para isso; ela, que gostava muito da praia, queria ficar mais perto do mar, para poder ir aos finais de tarde passear com os filhos à beira mar; e também

¹⁴⁸ Os artigos escritos sob esse pseudônimo podem ser lidos na obra: BARBOSA, Rui. **Traços para a história da oposição**: férias política. Rio de Janeiro: Tip. Nacional, 1884. RUI Barbosa. Op. cit. p.60.

¹⁴⁹ VIANA FILHO, Luiz. Op. cit. p.132

¹⁵⁰ Carlito descreve as reuniões animadas da família junto a família dos Jacobina, de Rodolfo Dantas e da família do Conselheiro Albino. BANDEIRA, Carlos Viana. Op. cit. p.15

¹⁵¹ Idem. p. 16

¹⁵² RUI Barbosa. Op. cit. p.61

a proximidade com o Palácio Nova Friburgo, para onde Rui se dirigia, muito amiúde, para visitar Rodolfo¹⁵³, seu grande amigo.

Fig. 12. Residência da Praia do Flamengo, 1884.



Rui mandou vir, para a nova casa (fig.12) seu canteiro de rosas. As mudas foram trazidas e replantadas no espaço do coradouro¹⁵⁴ e no chiqueiro, pois como ele estava muito envolvido com a política nesta época, não pode ele mesmo, transplantar suas rosas.¹⁵⁵ Porém, levantava-se muito cedo, apenas para poder dedicar a elas um tempo *“com paciência e gosto de um colecionador”*.¹⁵⁶

Por indicação de Lafayette Rodrigues Pereira, como recompensa dos serviços à instrução pública, recebeu, em 31 de maio de 1884, o título de Conselheiro. Abolicionista e político liberal Rui centrava seus discursos, cada vez mais severos, em prol da abolição dos escravos, sendo acusado de comunista, incendiário e portador de bandeira vermelha.¹⁵⁷

Chegou a ser indicado para assumir a pasta da Agricultura porém o convite não chegou a ser concretizado. Especulou-se que foi devido a Rui possuir muitas dívidas no mercado financeiro. Nesse mesmo ano, perdeu a eleição para Deputado Geral pela Bahia. Assim estando desanimado e muito cansado, parte com a família, em 24 de dezembro, para Nova Friburgo, a convite de Rodolfo Dantas, para uma estação de veraneio de dois meses *“...hás de vir, haja o que houver. [...] traga apenas alguma roupa de cama e mesa, talheres, cálices e panelas. [...] Tem estado delicioso o tempo.”*¹⁵⁸

¹⁵³ Rodolfo Dantas, filho do Conselheiro Dantas. VIANA FILHO, Luiz. Op. cit. p.135.

¹⁵⁴ Coradouro: local onde se põem a roupa para corar. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda.

Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. São Paulo: Nova Fronteira, 1995. p. 178.

¹⁵⁵ BANDEIRA, Carlos Viana. Op. cit. p 19

¹⁵⁶ VIANA FILHO, Luiz. Op. cit. p.141

¹⁵⁷ RUI Barbosa. Op. cit. p. 63

¹⁵⁸ Carta de Rodolfo Dantas a Rui datada de 13 de dezembro de 1884. VIANA FILHO, Luiz. Op. cit. p.158

Ao retornar ao Rio, escondido sob novos pseudônimos, *Lincoln e Grey*, retornou sua cruzada contra a escravidão no “*Jornal do Comércio*”. Neste período, Rui sofreu uma grande pressão da Igreja, principalmente em seu Estado natal, na Bahia, perdendo novamente a eleição para deputado geral. Portanto, nesse o ano de 1886, devotou-se inteiramente ao foro, à tribuna popular e ao jornalismo.¹⁵⁹

Financeiramente, a família vai prosperando, o escritório de advocacia ia muito bem, possibilitando saldar as dívidas e equilibrar as finanças. Ele então passou a freqüentar leilões e adquirir objetos para sua casa, louças, cristais e objetos de adorno. Adquiriu também o piano, com o qual presenteou sua esposa. Sua esposa pode passar a freqüentar a Casa de D. Luizinha Langgaard, modista muito famosa no período, no Rio de Janeiro.¹⁶⁰

Em 1889 ele assumiu como redator chefe, posto importante do jornal “*Diário de Notícias*” e principiou uma boa fase como jornalista, escrevendo grandes artigos, como a série sob o título “*A queda do Império*”. Esses artigos foram reunidos e publicados em livro.¹⁶¹ Através do jornal fez intensa campanha pedindo o fim do Império, conseguindo assim muitos inimigos políticos.

Com a proclamação da República, Rui recebeu duas pastas no novo governo, o da Fazenda e o da Justiça, cargo que ocupou interinamente. Assim, a partir de 15 de novembro de 1889, ele voltou ao cenário político, trabalhando intensamente nas duas pastas.

Em 14 de janeiro de 1890, nasceu o quarto filho de Rui, João.¹⁶² Neste mesmo ano, em 06 de maio, ele recebeu uma carta de Deodoro da Fonseca transferindo a ele a chefia do governo, a qual Rui recusa. Ele convenceu Deodoro a continuar ocupando o cargo da Fazenda e o da Justiça. Em carta a Latino Coelho, ele lamentou estar sobrecarregado de funções, não tendo

¹⁵⁹ RUI Barbosa. Op. cit. p.67

¹⁶⁰ VIANA FILHO, Luiz. Op. cit. p.148

¹⁶¹ O livro citado: BARBOSA, Rui. **Queda do Império**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1947. 2.v..

¹⁶² João Rui Barbosa. BANDEIRA, Carlos Viana. Op. cit. p.337

tempo para se dedicar à vida em família *“lamento não dispor de cinco minutos para conversar com Maria Augusta e nossos filhos”*¹⁶³

Durante todo esse ano político, inúmeras vezes Rui tentou deixar o governo, porém todos os seus pedidos foram negados. Em 14 de dezembro, ele tomou uma decisão, que lhe pesou negativamente em toda a sua história, *“manda queimar todos os papéis, livros de matrícula e documentos fiscais relativos à escravidão existentes nas repartições do Ministério da Fazenda”*.¹⁶⁴

No ano seguinte, em 21 de janeiro de 1891, finalmente, Deodoro aceitou a demissão de Rui do ministério. Continuando como senador da república, ele passou a trabalhar intensamente no Projeto de Regimento Interno do Senado, discursando várias vezes sobre o tema. Diante desse quadro de intenso trabalho, adoeceu novamente em julho de 1891, sendo chamado para tratá-lo o Dr. João Paulo de Carvalho que atestou que ele estava *“sofrendo de uma neurastenia de forma cerebral, determinada pelo continuo exagerado trabalho intelectual”* e aconselhou *“um tratamento enérgico e metódico, não só terapêutico, como principalmente higiênico, tendo por base o maior repouso possível da inteligência...”*¹⁶⁵

No início de 1892, quem agora estava muito adoentada era Maria Augusta, necessitando, por recomendação médica, sair do Rio e se dirigir para uma estação de águas. Seguem então para Caxambu em busca de melhoras.

Ao retornar, continuou ativamente na vida política e, por conta de seus discursos inflamados, seus artigos e sua posição política, recebeu várias ameaças de morte. Isso não o assustou e fez com que se dedicasse mais intensamente à defesa de suas posições, sendo reeleito senador pela Bahia em 27 de junho de 1892.

Graças ao empenho de sua esposa ele, juntamente com Joaquim Lúcio de Albuquerque Melo e Tobias Monteiro, em 21 de maio 1893, comprou

¹⁶³ Carta a Latino Coelho datada de 23 de fevereiro de 1890. VIANA FILHO, Luiz. Op. cit p.226.

¹⁶⁴ RUI Barbosa. Op. cit.p.90

¹⁶⁵ VIANA FILHO, Luiz. Op. cit. p.240

o “*Jornal do Brasil*”. Escreveu ele ao amigo Tobias Monteiro: “*Maria Augusta, a revolucionária [...] insiste em que eu me aventure a estoutra circunavegação, mais perigosa do que a primeira [...] Levarei mais este empurrão da onda, que me leva...não sei para onde. A minha boa amiga de tantos dias de provação vê aí o rumo abençoado; ela quer esse sacrifício...vagarei com ela.*”¹⁶⁶ Com a compra do jornal, Rui tornou-se Diretor de Redação do mesmo, cargo que ocupou por pouco tempo.

Em 31 de junho deste mesmo ano, ele entrou no Supremo Tribunal Federal com um pedido de *habeas corpus* em favor dos presos políticos civis que estavam a bordo do navio brasileiro *Júpiter*, quando este foi aprisionado por questões políticas. Apesar de seus esforços, a soltura dos prisioneiros foi negada e ele saiu em defesa deles através de vários artigos para o jornal. Esse acontecimento foi o estopim para a Revolta da Armada da Baía da Guanabara, comandada pelo Almirante Custódio José de Melo. Rui foi considerado injustamente o mentor da mesma, provocando a ira do governo brasileiro e tornando-se uma pessoa não grata¹⁶⁷, tendo assim que deixar sua casa e seu país em busca de exílio nos países vizinhos e depois na Europa.

2.4. A casa da Rua São Clemente e o exílio

“...todos os sentimentos grandes são benignos, e residem originariamente no amor”
Rui Barbosa¹⁶⁸

A casa da Rua São Clemente, n.º 134, atual Casa Museu Rui Barbosa, foi construída por Bernardo Casimiro de Freitas, Barão da Lagoa, em 1850¹⁶⁹, a maneira neoclássica¹⁷⁰, estilo Grandjean de Montigny¹⁷¹, muito em voga na

¹⁶⁶ Carta de Rui a Tobias Monteiro acertando a compra do *Jornal do Brasil*, data de 07 de março de 1892. **Fundação Casa de Rui Barbosa. Arquivo.**

¹⁶⁷ RUI Barbosa. . Op. cit. 106

¹⁶⁸ MEIRELLES, Cecília. Op. cit. p. 33

¹⁶⁹ A data de 1850 se encontra no frontão triangular com decorações em baixo relevo da Casa Museu

¹⁷⁰ O estilo neoclássico na arquitetura trouxe o uso de calhas e condutores pluviais, tubulações de água para o interior da residência, vidros planos, balcões de ferro fundido, lampiões de mecha circular para os

época, no Rio de Janeiro. A casa foi construída na parte frontal e central do terreno. Esse terreno fazia parte da Fazenda do Padre Clemente Martins de Mattos durante o século XVII. Ela é considerada a construção mais antiga do bairro do Botafogo. O Barão da Lagoa foi quem idealizou a configuração do jardim frontal que a casa tem até hoje, *“um jardim de desenho romântico, que se prolonga pelas alamedas laterais”*¹⁷².

O Barão vendeu a propriedade em 10 de janeiro de 1879, para o Comendador Albino de Oliveira Guimarães, comerciante português. Na escritura consta:

“A casa compõe-se de dois corpos ligados entre si por uma saleta e uma sala em forma de passadiço, tendo estas, saleta e sala, dez janelas de peitoril com portadas de cantarias de volta perfeita.

O corpo da frente está retirado da rua, é assobradado e tem telhados de platibanda, no centro da fachada, tem um segundo pavimento, sendo esta, no primeiro pavimento, de nove janelas e portas com portadas de cantaria de volta perfeita e, no segundo, de três janelas de sacadas e também com portadas de cantaria de volta perfeita; este corpo tem oito janelas de peitoril com portadas de cantaria de verga direita, de cada lado, tendo outras janelas e portas nos fundos do primeiros e segundo pavimentos.

*O corpo dos fundos é levantado em sobrado, e tanto este como o da frente, são construídos de pedra e cal e dividido em salas, quartos, corredores e outras acomodações. Os tetos são de estuque e forros de pinhos. Independente dos dois corpos da casa existe telheiros, banheiros e galinheiro. (...) O terreno consta de jardim, horta e pomar, grande parreiral sobre vergalhões de barrões de ferro, vasos, figuras, bancos de jardim etc”.*¹⁷³

interiores, jardins laterais e frontal. PESAVENTO, Sandra J. O espetáculo da rua: memória do mundo. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1996.

¹⁷¹ Auguste Victor Grand Jean de Montigny, arquiteto que chegou ao Brasil junto com a Missão Francesa em 1816. REIS, Cláudia Barbosa. **Memória de um jardim**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2007.p. 17

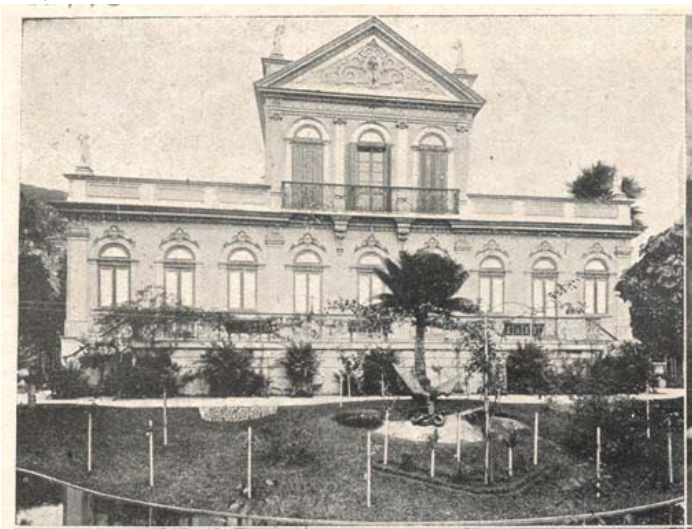
¹⁷² REIS, Cláudia Barbosa. 2007. Op. cit. p. 17

¹⁷³ A transcrição da escritura original, encontra-se disponível no: Fundação Casa de Rui Barbosa. www.casaruibarbosa.gov.br. Acesso em 03/03/2009.

Ela passou por reformas em 1880, depois da aquisição do Comendador Albino. Há depoimentos afirmando que *“foi o falecido Albino quem lhe deu a aparência que tinha quando Rui a comprou.”*¹⁷⁴ Foi o próprio Comendador Albino que adquiriu a estatua de água com a serpente e a dos leões para os jardins frontais

Em 23 de fevereiro de 1886, o Comendador Albino, de mudança para Portugal, põe a casa à venda, por procuração, transferindo-se imediatamente para o exterior. Ela só é vendida quatro anos depois para John Roscoe Allen, também comerciante, ligado ao ramo alfandegário, por 100.000\$000rs (cem contos de réis). Foi John Roscoe que a vendeu a Rui Barbosa em 1893.

Fig. 13. Residência da Rua São Clemente, c1895



Rui adquiriu a casa da Rua São Clemente, nº 134 (fig.13) por sugestão de Antonio Mártires Marinhos, em 23 maio 1893, por 130.000\$000rs. (cento e trinta contos de réis).¹⁷⁵ Comprou-a em parcelas, através de hipoteca.

“Escritura de dívida com obrigações e hypoteca que fazem John Roscoe Allen e sua mulher a Cia. Mercantil e Hypothecaria datada de 24 out. 1842

Terreno e casa em construção em pedra e cal, telheiro, banheiro e galinheiro.

Na frente possui gradil de ferro sobre sapatas de cantaria e dois portões de ferro com quatro pilastras, mede o terreno 49 metros e 60cm. – todo murado, na Rua d’Assumpção com a qual confronta tem um portão.

¹⁷⁴ Depoimento de Luísa Mandes de Oliveira a Rejane M.de A. Magalhães. MAGALHÃES, Rejane Mendes de Almeida. 1994. Op. cit. p.15

¹⁷⁵ . RUI Barbosa. Op. cit. p. 105

O prédio é composto de dois corpos ligados por uma saleta e uma sala em forma de passadiço, tendo está saleta e sala de janellas de peitoril com sapatas de cantaria de volta perfeita.

O corpo da frente está retirado da rua, é assobradado com telhados de platibanda no centro do puchado, tem um segundo pavimento, tendo o primeiro pavimento nove janellas e portas com portada de cantaria de volta perfeita, e em segundo três janellas de saccada, também com volta perfeita e portadas de cantaria, e oito janellas de peitoril com portadas de cantaria de vesga direita de cada lado, tendo outras portas e janellas no fundo do primeiro e segundo pavimento. Diversos cômodos independentes de dois ditos corpos.”¹⁷⁶

A princípio, ele não gostou da idéia de adquirir uma casa tão grande e vistosa, mesmo sabendo do preço vantajoso e de quanto sua esposa queria ter a sua própria casa. Temia a “*maledicência de pessoas invejosas*” que poderiam acusá-lo de buscar, nos cofres públicos, o dinheiro para adquiri-la. Porém, diante do encantamento e insistência de Maria Augusta, ele não teve como recuar, “*Maria Augusta estava encantada. Ela sempre sonhara como uma casa assim. E à medida que passeava entra as alamedas, fantasiava projetos de remodelação...*”¹⁷⁷

Para abrigar sua família, Rui e Maria Augusta acreditaram que a casa necessitava de pequenos ajustes. Assim, para *realizar “um plano de adaptações e reformas”*, contrataram uma firma de construção, *José, Antonio Jannuzzi & Irmão*, que começaram as obras de imediato. Maria Augusta ia, ela própria, supervisionar os trabalhos.¹⁷⁸

A casa já contava com uma modernização, possuía água encanada quente e fria. Não há registro sobre qual foram os melhoramentos que Rui encomendou ao construtor, o que se sabe é que foi colocada, na fachada sul

¹⁷⁶ Escritura original da venda da casa da Rua São Clemente de John Rocoe e sua esposa para Rui Barbosa. *Escritura de dívida com obrigações e hypoteca que fazem John Roscoe Allen e sua mulher a Cia. Mercantil e Hypothecaria datada de 24 out. 1842* (documento original). Fundação Casa de Rui Barbosa. Arquivo.

¹⁷⁷ VIANA FILHO, Luiz. Op. cit. p.262

¹⁷⁸ Idem. p.261

da construção, lado direito, o nome de *Vila Maria Augusta*, uma homenagem à sua esposa, e uma escada de ferro com dez degraus na lateral da casa.¹⁷⁹

Em 06 de setembro deste mesmo ano, quando começou a Revolta da Armada na Baía da Guanabara, Ruí, considerado mentor intelectual do movimento, recebeu, através de uma Comissão de Oficiais do Exército e da Marinha, o aviso de que sua prisão seria eminente.

Reunindo-se com seus familiares, traçou um plano de fuga, decidiu enviar a esposa e os filhos para casa de Jacobina, onde deveriam ficar escondidos. Mandou buscar suas filhas que estavam no Colégio interno e as levarem até a mãe, onde ficaram na expectativa dos acontecimentos.

Fechou sua residência no Flamengo, pedindo a seu cunhado Carlito que tomasse conta dela e dos pertences familiares. Pediu asilo político ao Chile, ficou escondido por dois dias na embaixada chilena, antes de sair do país.¹⁸⁰

Conseguiu embarcar em 13 de setembro de 1893, disfarçado de turista em direção a Buenos Aires. De lá, tentou, sem sucesso, se defender enviando cartas aos jornais argentinos e brasileiros porém, todos seus esforços se mostram inúteis. Resolveu retornar ao Brasil, pretendendo desembarcar em Salvador, onde espera esclarecer sua posição porém, ao chegar no Rio de Janeiro, ouve boatos de que sua vida corria perigo, que havia peões aguardando para assassiná-lo assim que chegasse na Bahia.¹⁸¹

Pediu então, para a família encontrá-lo a bordo do vapor *Galícia*, no Rio de Janeiro, em alto mar, retornando a Buenos Aires em 06 de outubro desse mesmo ano. De lá, Maria Augusta, preocupada com sua casa, escreve ao irmão Carlito para que ele “*não se descuide de cuidar dela, pois foi necessário sair às pressas e a casa está fechada e abandonada*”¹⁸². Infelizmente, ele não pode atender ao seu pedido pois havia

¹⁷⁹ BANDEIRA, Carlos Viana. Op. cit. p.180

¹⁸⁰ BANDEIRA, Carlos Viana. Op. cit. p. 42

¹⁸¹ **RUI Barbosa**. Op. cit., p.110

¹⁸² BANDEIRA, Carlos Viana. Op. cit. p. 45

sido preso, tendo sido considerado preso político, por não revelar o paradeiro de seu cunhado Rui.

Fig. 14. Residência de Rui na Inglaterra, 1895.



Ficam residindo em Buenos Aires até 20 de março de 1894, quando partem, pelo *Vapor Ligúria*, em direção a Lisboa. Residem em Lisboa até 27 de junho, quando, por questões políticas, foram obrigado a deixar a cidade, partindo com a família para a Inglaterra, onde residiram até o retorno ao Brasil em 12 julho de 1895.¹⁸³

Na Inglaterra passou por três diferentes casas, fixando residência em 17 Holland Park Gardens, West Kensington (fig.14), em 20 de Julho de 1894. Escreve de lá à Jacobina sobre a casa recém alugada: “...uma excelente casa, perfeitamente mobiliada e guarnecida de tudo, com todos os requisitos do conforto inglês”

A casa tinha uma criada e uma cozinheira, ele comenta que há por parte dos criados, “...um espírito de exactidão e disciplina muito grande. A regularidade perfeita e a precisão silenciosa da acção dos creados em sua tarefa quotidiana dá ao regimen das casas a apparencia de um mecanismo de relojoaria. [...] sem que os donos da casa encontrem a menor ocasião de exercer a sua actoridade”¹⁸⁴.

Em 12 de novembro desse mesmo ano, nasceu a última filha do casal Maria Luísa Vitória, chamada em família por Baby.¹⁸⁵

¹⁸³ RUI Barbosa. Op. cit., p. 113

¹⁸⁴ BARBOSA, Rui. **Mocidade e exílio**. São Paulo: Nacional, 1940. p.234-5.

¹⁸⁵ A última filha chama-se Maria Luísa Vitória Ruy Barbosa, carinhosamente conhecida como Baby. RUI Barbosa. Op. cit., p.114.

Da Inglaterra, Rui continuou colaborando com o “*Jornal do Comercio*” enviando seus artigos através de Tobias Monteiro, então diretor do jornal.

2. 5. A posse da nova casa

“Por que só há uma gloria verdadeiramente digna de nome: é a de ser bom; essa não conhece a soberba nem a fatuidade”

Rui Barbosa¹⁸⁶

A casa da Rua São Clemente, como já dissemos, foi adquirida através de hipoteca e, ao ser exilado Rui tinha algumas parcelas em aberto, segundo depoimento de Américo Jacobina Lacombe, seu avô, Antonio d'Araújo Ferreira Jacobina¹⁸⁷ *“organizou a caixinha para salvar a casa da Rua São Clemente. Os amigos de Rui se cotizaram para pagar as prestações, quando voltou Rui pagou aos amigos”*.¹⁸⁸

Nas primeiras cartas de Jacobina a Rui, ainda no ano de 1893 ele solicitou autorização para o pagamento do construtor Jannuzzi, no valor de dez contos de réis, alegando que a obra contratada não poderia ser interrompida devido *“o estado adeantado em que se achava”*¹⁸⁹

Também pedia a ele que ficasse calmo, pois estava providenciando o pagamento das parcelas em aberto da hipoteca da casa. Nesta carta, fez um relato de prestação de contas, onde esclareceu que está pagando também os empregados que tomavam conta das casas do Flamengo e da São Clemente, Antonio e Luis.¹⁹⁰

Como a família partiu às pressas, não houve tempo de se levar muitas coisas. Assim há várias cartas de Rui, endereçadas a Jacobina e a seu

¹⁸⁶ MEIRELLES, Cecília. Op. Cit. p. 17

¹⁸⁷ O advogado e amigo de longa data Antonio d'Araújo Ferreira Jacobina foi encarregado por Rui para tratar das questões financeiras em pendência no Rio de Janeiro. Tomaremos a liberdade de chamá-lo apenas de Jacobina.

¹⁸⁸ MAGALHÃES, Rejane Mendes de Almeida. 1994. Op. cit. p. 18

¹⁸⁹ **Coleção de cartas de Antonio de Araújo Ferreira Jacobina.** Original data de 19 out. 1893. Fundação Casa de Rui Barbosa. Arquivo.

¹⁹⁰ **Coleção de cartas de Antonio de Araújo Ferreira Jacobina.** Original datado de 07 nov. 1893. Fundação Casa de Rui Barbosa. Arquivo.

cunhado Carlito, pedindo que se enviasse roupas para a família, partituras musicais de Maria Augusta e das filhas e alguns de seus amados livros.¹⁹¹

Com relação às obras que estavam sendo feitas na casa da Rua São Clemente, Jacobina se mostrava preocupado pois acreditava que elas estavam indo muito devagar. Recomendou a Rui que indicasse uma pessoa para supervisioná-las. Assim, Rui indicou seu cunhado Carlito e o primo Bijuca.¹⁹² Inclusive, solicitou a ambos que passassem a residir na nova casa.¹⁹³

Mesmo em Lisboa, a efervescências dos acontecimentos políticos continuavam a atormentá-lo e também a preocupação com a nova casa, enviou carta ao amigo Jacobina, em 18 abril 1894, perguntando sobre a possibilidade de se entregar à casa do Flamengo, para cortar as despesas com o aluguel e de transportar seus pertences e de seus familiares para a nova casa, *“mas, nessa hypothese, quem tomará sobre si a tremenda massada de transportar a minha bibliotheca, acomoda-la methodicamente, na outra casa, etc.”*¹⁹⁴

Bijuca e Carlito fizeram a mudança dos pertences de Rui e sua família, da casa do Flamengo para a nova casa. Eles receberam a ajuda de mais três amigos Alfredo, Lenita e o marido desta. Em carta de 01 de agosto de 1894, Jacobina comunicou a Rui que a mudança havia sido feita e esclareceu que foi necessária uma licença policial, para que a mudança pudesse ser realizada.¹⁹⁵

Bijuca resolveu continuar morando na casa assim, poderia cuidar melhor das obras encomendadas por Rui e sua esposa ao empreiteiro.¹⁹⁶ Também para cuidar dos livros da biblioteca que, estando encaixotados,

¹⁹¹ Carta datada de 03 dez. 1893 Jacobina comunica Rui que foi necessário comprar uma grande mala para o envio de seus pertences. **Coleção de cartas de Antonio de Araújo Ferreira Jacobina.** Original datado de 03 dez.. 1893. Fundação Casa de Rui Barbosa. Arquivo.

¹⁹² Bijuca Dr João Luiz Viana, primo de Maria Augusta, tratado em família pelo apelido. BANDEIRA, Carlos Viana. Op. cit. p.150

¹⁹³ Carlito impossibilitado de ir por problemas familiares solicita a Bijuca que se mude para lá. Idem. p.168

¹⁹⁴ BARBOSA, Rui. Op. cit, 1940.p. 224.

¹⁹⁵ **Coleção de cartas de Antonio de Araújo Ferreira Jacobina.** Original datado de 01 ago. 1894. Fundação Casa de Rui Barbosa. Arquivo.

¹⁹⁶ MAGALHÃES, Rejane Mendes de Almeida. 1994. Op. cit. p. 18

eram uma preocupação constante de Rui, como podemos ver na carta de 20 agosto 1894, para Carlito: *“Não sei se terão feito a mudança. Tenham, ou não, recomendo-lhe com encarecimento particular os meus livros, entre os quaes lhes peço ande por naphatalina em grande quantidade. De outro modo não vale contra traças”*¹⁹⁷

Diante da preocupação de Rui, Jacobina, em carta de 14 de setembro, procurou tranquilizá-lo informando que: *“ tudo correu bem, graças ao Bijuca, Carlito, ao Alfredo, a Lenita e seu esposo [...] O Bijuca está morando na São Clemente já adquiriu os ingredientes para os bichos dos livros, irá cuidar deles”*¹⁹⁸

Solicitou, também, autorização para diminuir o pessoal empregado na casa da São Clemente e no jornal, a fim de baratear os custos.

Em carta resposta de Rui a Jacobina, ele mostrava-se muito preocupado com a questão do pagamento do construtor que fazia a reforma em sua nova casa, chegando a questionar os valores cobrados por ele, pedindo a Jacobina que interferisse em seu benefício. Agradeceu aos amigos e familiares que fizeram a mudança, mas continuava preocupado com sua biblioteca: *“O que eu desejaria era saber particularmente, é como se houverssem os meus livros, e como atravessaram elles essa prova. São amigos fieis, aves raras. Tenho por elles, pois sempre o mesmo interesse [...] Sua preservação me é cara.”*¹⁹⁹

Com a chegada próxima de mais um filho, Rui solicitou ao amigo que fosse à casa da São Clemente buscar roupinhas para o futuro bebê e mais alguns pertences, como podemos ver em carta datada de 23 set. 1894 de Jacobina para ele: *“As encomendas para o futuro nenê embarcam amanhã em um caixotinho encapado [...] também no pacote dos retratos a corrente de Chiquinha e Dedeli, e os relógios. Não vão os livros.”*

¹⁹⁷ BARBOSA, Rui, 1940. Op. cit. .p.236.

¹⁹⁸ **Coleção de cartas de Antonio de Araújo Ferreira Jacobina.** Original datado de 14 set. 1894. Fundação Casa de Rui Barbosa. Arquivo.

¹⁹⁹ BARBOSA, Rui. 1940. Op. cit.,p.239-40

E continua mais adiante: *“Chiquinha²⁰⁰ foi escolher com Heleninha as roupinhas em São Clemente e tiveram uma recepção esplendida por Bijuca. Vou-lhe enviar as dimensões da salas a forrar de papel para v. escolher aí, pois lucrará muito na qualidade e no preço. Talvez valesse a pena comprar as cortinas quando viesse.”²⁰¹*

Rui foi aconselhado pelo amigo Jacobina, a comprar na Inglaterra móveis, tapetes para a nova casa, pois seriam mais baratos e de melhor qualidade.²⁰²

Na correspondência de 10 de outubro, Jacobina mais uma vez tranqüilizou Rui quanto aos seus livros, sua preocupação constante em todas as correspondências trocadas com ele Jacobina, Bijuca e Carlito:

Elogiou a dedicação de Bijuca a Rui e à família, dizendo: *“Bijuca é muito dedicado a você e a sua família [...] cuida de seus livros, tendo posto o ingrediente preciso para sua conservação. Mora em S.Clemente para vigiar as suas cousas. Assim fossem todos os seus amigos. Os livros solicitados seguiram num próximo navio”²⁰³*

Preocupado com a segurança de seus livros queridos e de sua casa e pertences como um todo, ele escreveu ao cunhado Carlito, solicitando que ele estudasse a possibilidade de se fazer um seguro residencial: *“Peço-te que tomes sob teu especial cuidado a casa da S. Clemente, e não deixes deteriorar-se, que veles pelos meus livros, prodigalizando-lhes a naftalina, para preservar, e que te entendes com J (Bijuca) sobre a conveniência de segurar o prédio e os móveis...”²⁰⁴*

Nesta mesma carta, Rui insistiu com a segurança da casa: *“Escuso recomendar-te a minha casa. Já estará segura? Devo sê-lo pelo preço que*

²⁰⁰ Chiquinha: Francisca Viana Bandeira esposa de Alfredo, irmão de D. Maria Augusta. BANDEIRA, Carlos Viana. Op. cit. p.336.

²⁰¹ **Coleção de cartas de Antonio de Araújo Ferreira Jacobina.** Original datado de 23 set. 1894. Fundação Casa de Rui Barbosa. Arquivo.

²⁰² MAGALHÃES, Rejane Mendes de Almeida. Op. cit. p.18

²⁰³ **Coleção de cartas de Antonio de Araújo Ferreira Jacobina.** Original datado de 10 out. 1894. Fundação Casa de Rui Barbosa. Arquivo.

²⁰⁴ Carta de Rui a Carlito, Teddington 17 de setembro de 1994. BANDEIRA, Carlos Viana. Op. cit. p.175.

*me terá custado com as obras, mais o valor dos livros e móveis. Estes estão já seguros, e parece-me que devem continuar na mesma companhia.*²⁰⁵

Diante da insistência de Jacobina para que móveis, cortinas e tapetes sejam adquiridas em Londres, Rui enviou duas correspondências, solicitando as medidas da casa:

Datada de 10 jan. 1895: *“me envie as medidas das treis salas da frente, da casa da Rua S. Clemente, para que possa comprar papel de paredes para elas”*²⁰⁶

Datada 29 jan. 1895. Londres : *“Em todo caso, peço-lhe que mande a planta da área e paredes do salão da biblioteca, com as dimensões precisas de tudo, afim de que eu possa mandar fazer aqui um jogo completo de estantes para a minha livralhada, que vai crescendo, si as traças ahi não tiverem desfalcado. (naphatalina e mais naphatalina é o que lhe peço, recomende ao Bijuca e ao Carlito)”*²⁰⁷.

Bijuca e Carlito ausentaram-se da casa da São Clemente por um tempo prolongado, logo no início de 1895, pois foram à Bahia resolver pendências familiares e tratar de negócios, A casa ficou apenas na mão dos empregados Antonio e Luis.

Jacobina conseguiu se acertar com o construtor Jannuzzi, quanto ao pagamento devido: *“acertei com o negócio Jannuzzi pagando-lhe quarenta contos a vista e quinze contos quando acabar a obra. [...] A sua casa vai em paz e paga em dia a sua gente por intermédio do Bijuca. Anda a despesa lá por cerca de 345 contos por mês”*.²⁰⁸

Em resposta ao pedido do tamanho das salas, para que fosse adquirido em Londres o papel de parede, Jacobina respondeu: *“A medida das*

²⁰⁵ BANDEIRA, Carlos Viana. Op. cit. p. 175

²⁰⁶ BARBOSA, Rui. 1940. Op. cit. p.279.

²⁰⁷ Idem. p.294

²⁰⁸ Quando Rui foi exilado não havia sido feito um contrato por escrito com o empreiteiro Jannuzzi, os acordos até aquele momento tinham sido combinados verbalmente. Com Rui no exílio, Jannuzzi começou a cobrar o pagamento de Carlito e de Jacobina. Inicialmente cobrando pela obra 70 contos de réis. **Coleção de cartas de Antonio de Araújo Ferreira Jacobina.** Original datado de 16 jan. 1895 Fundação Casa de Rui Barbosa. Arquivo.

*salas para o papel não pode ir visto que o Jannuzzi se obriga a pô-lo e o serviço progride para ver se a coisa está pronta para o receber em abril”.*²⁰⁹

Nesta mesma correspondência, em um “*post scriptum*”, há menção de que seguirão junto modelos de papéis para Rui escolher porém, não há registros posteriores de que isso foi feito.

No mesmo mês, Jacobina retomou o assunto com Rui, sobre a impossibilidade de se comprar o papel em Londres e sobre a aquisição das estantes da biblioteca: *“Já lhe disse nas minhas anteriores que a medida das paredes de papel não poderão ir porque tendo entrado a compra e colocação deles no ajuste feito com o arquiteto, pensei em evitar despesas duplicada. Mandarei as medidas da Biblioteca e julgo boa a sua idéia. Entretanto lhe lembro duas coisas: 1. que sejam feitas em corpos que se possam separar para o caso de mudança possível, ainda que pouco provável, contudo mais fácil para venda, em caso de precisão. 2. que sejam de madeira maciça e não folheada, para evitar o bicho, que tudo estraga no nosso país”*²¹⁰

Já em correspondência com seu cunhado Carlito, de 06 março 1895, ele solicita: *“Estamos contentes com as notícias, que me dás, sobre as obras da casa. Peço-te que me envie as medidas das portas e janelas dos principais aposentos, com o número especificado delas e a altura dos tetos, porque Cota”²¹¹ deseja comprar aqui as cortinas. Fizestes muito bem em hospedar-se ali. A casa é tua, como dos meus filhos...”*²¹²

Carlito relatou que as medidas foram enviadas e que todas as cortinas vieram de Londres, ao gosto de Cota. Também nos esclareceu que, nesse período, moravam na casa ele e sua família, Bijuca e o cozinheiro Sérgio com sua esposa.

Jacobina, preocupado com a compra das estantes, voltou a fazer várias recomendações a Rui: *“Envio-lhe o plano e secção de sua biblioteca*

²⁰⁹ **Coleção de cartas de Antonio de Araújo Ferreira Jacobina.** Original datado de 09 fev. 1895
Fundação Casa de Rui Barbosa. Arquivo.

²¹⁰ **Coleção de cartas de Antonio de Araújo Ferreira Jacobina.** Original datado de 27 fev. 1895
Fundação Casa de Rui Barbosa. Arquivo.

²¹¹ Cota é o apelido carinhoso com o qual Rui chama sua esposa. BANDEIRA, Carlos Viana. Op. cit. p.195

²¹² Carta data enviada de Londres, em 06 de março de 1895, ao seu cunhado Carlito. Idem. p.193.

para mandar fazer as estantes. Devo lembrar-lhe que não devem elas ser folheadas e sim de madeira maciça para evitar que as estraga em pouco tempo, como está o seu grande armário e os meus, que não são feitos para aqui, aonde a madeira sendo barata, elas são sempre maciças. Também julgo não devem ser em corpos grandes porque assim não se pode mudar e às vezes as causas se impõem. Deverão ser corpos transportáveis. [...] envio amostras dos papéis da sua casa, os melhores do Rio; nas costas os locais a que pertencem. Vão as medidas para os tapetes das salas e corredores, larguras e alturas das janelas para as cortinas, que aí serão mais baratas caso queira comprar, ainda que as despesas é tanto que não sei se deve fazê-la pois lhe dará um grande desfalque. Quero ver se lhe posso mandar uma conta para ver o estado de suas contas. Desejo bem a sua volta para que cuide do que é seu”²¹³

Novamente se tratou do envio das amostras de papéis de parede, mas não foi possível encontrar registro, se foi mesmo Rui que o escolheu. Encontramos em correspondência datada de 18 de março de 1895, que: *“A casa de São Clemente está quase pronta de papéis e tudo. Como ele se obrigara a pôs os papéis e os que puser são de primeira ordem na terra, julguei bom não ter duplicado mandando-os vir. Bijuca ficou de lhe enviar as medidas das paredes da biblioteca e gabinete para as estantes.”²¹⁴*

Torna-se interessante salientar que, em carta ao seu cunhado Carlito, datada de 20 abril 1895, Rui fala *“recebi as amostras de papéis da casa de S.Clemente. Podes dizer ao Carlos [...] assegurando-lhe que escreverei pelo primeiro pacote”²¹⁵* Porém, nessa data, a casa já estava praticamente pronta, com os papéis de parede colocados.

Em correspondência anterior, seu cunhado Carlito sugeriu que se usasse *“a grande área da chácara da S. Clemente”* para a criação de vacas

²¹³ **Coleção de cartas de Antonio de Araújo Ferreira Jacobina.** Original datado de 14 mar. 1895 Fundação Casa de Rui Barbosa. Arquivo.

²¹⁴ **Coleção de cartas de Antonio de Araújo Ferreira Jacobina.** Original datado de 18 mar. 1895 Fundação Casa de Rui Barbosa. Arquivo.

²¹⁵ Pacote: embarcação ligeira, para transmissão de ordens e correspondência. Carta ao seu cunhado Carlito, datada de 20 de abril de 1895. BANDEIRA, Carlos Viana. Op. cit. p. 195

leiteiras, porém Rui não autorizou, alegando que para isso necessitariam de pessoas entendidas e também de vacas leiteiras.²¹⁶

Rui também passou orientações quanto ao plantio de flores no jardim: *“Manda-me plantar em S.Clemente, especialmente junto a parede da casa, na parte onde se acha a sala de jantar, jasmineiros e roseiras – trepadeiras (sobretudo Marechal Niel e Captain Christy Trepadeira) de modo que subam para o terraço. Devendo-se comprar para isso os maiores pés que se encontrarem. É recomendação de Cota.”*²¹⁷

E por fim encontramos o comunicado, datada desse mesmo mês de março, dia 27, que a casa estava pronta: *“A sua casa, como avisei, está pronta e pago os últimos 15 contos que lhe deviam. Chegou Carlito [...] ainda não fui ver a casa, que Casus²¹⁸ e os rapazes (seus) me dizem estar bonita.”*²¹⁹

A partir de maio, desse mesmo ano, eles começaram a receber correspondência dos amigos aconselhando-os a retornar. Eles informavam que o perigo já havia passado: *“Não vejo perigo em voltares, todos que se envolveram na revolução aqui estão de volta”*²²⁰

Assim incentivado pelos amigos decidem retornar ao Brasil em 29 de julho de 1895, indo direto para a casa da Rua São Clemente. Encontraram a nova casa preparada para recebê-los, graças ao empenho de seus parentes e amigos que, recebendo por carta as instruções de seus proprietários, foram cuidando da reforma, do jardim e dos pertences da família. Há depoimentos de D.Maria Augusta que dizia *“ter encontrado o pente e a escova já na penteadeira.”*²²¹

Ao tomar posse da casa, a família inseriu nela os objetos adquiridos nas diversas viagens realizadas no exterior: um quadro adquirido em Madri, a

²¹⁶ BANDEIRA, Carlos Viana. Op. cit. p. 197

²¹⁷ Idem. p.195

²¹⁸ Casus ou Casusa: um dos irmãos de Maria Augusta. BANDEIRA, Carlos Viana. Op. cit. p. 184

²¹⁹ **Coleção de cartas de Antonio de Araújo Ferreira Jacobina.** Original datado de 27 mar. 1895 Fundação Casa de Rui Barbosa. Arquivo.

²²⁰ VIANA FILHO, Luiz. Op. cit. p.283

²²¹ **RUI sua casa e seus livros:** edição comemorativa do cinquentenário de inauguração da Casa de Rui Barbosa, 1930-1908. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1980. p. VIII.

mobília da sala de jantar e a porcelana trazida da Inglaterra, lustres e azulejos holandês, tapetes e sofás vindos da Argentina e muitos livros que o acompanharam e que foram adquiridos nas viagens.²²²

Pretendiam começar lá uma nova vida “*não de fausto, mas de distinção, que o meio e as relações lhe impunham, quando não a própria posição de Rui no cenário nacional*”. Ele pretendia, agora, “*cuidar a inteira vontade dos livros e das rosas*”²²³

Ele e sua esposa (fig.15) moraram na casa da Rua São Clemente por 28 anos. Nela criaram os filhos e depois os netos, dentro de uma harmoniosa convivência familiar. Mesmo tendo sido sua casa, por inúmeras vezes, invadida pelo aspecto político e público de seu proprietário, procuraram manter uma rotina familiar bastante metódica e saudável, principalmente na velhice. Nesta rotina, estava incluída: horários fixos de refeições, principalmente a matinal, passeios pelo jardim onde o casal se perdia em

Fig. 15. Rui e Maria Augusta, 1916



longas conversas e/ou leituras protegidos pelo caramanchão ou à sombra das árvores, à medida do possível, almoço em família e deliciosos jantares em companhia dos filhos, parentes e amigos próximos.

A casa, como podemos observar por fotografias de seu interior, feitas na época que a família residia nela, não destoava de nenhum palacete de sua época, possuindo todos os adornos e utensílios em voga no período. Também podemos constatar que ele

²²² MAGALHÃES, Rejane Mendes de Almeida. 1994. Op. cit. p.19

²²³ BANDEIRA, Carlos Viana. Op. cit. p.61

e sua esposa estavam em sintonia com a modernidade²²⁴, adquirindo equipamentos e fazendo pequenas reformas em busca de um maior conforto.

Nela aconteceram grandes festas e jantares elegantes, sendo citada como *“um dos salões de maior prestígio social do Rio de Janeiro”*, pelas revistas *Fon-Fon e Paratodos*, *“...a casa de S. Clemente, onde Maria Augusta (fig. 9), como grande dama, recebe os seus convidados, surgira entre os falados salões da cidade”*²²⁵

Seus saraos eram concorridíssimos, não só como acontecimento sócio-cultural, mas também como lugar político, onde ocorriam reuniões importantes para a definição dos rumos de nosso país.

Rui foi muito criticado e pesou sobre ele várias denúncias sobre seu enriquecimento, pois vindo de família muito pobre, tanto ele como sua esposa Maria Augusta, pairava no ar a suspeita de enriquecimento ilícito, de desvio de dinheiro público. Sua casa era chamada de *“Palácio do Ministro”*, e pairava sobre ela algumas lendas, envolvendo um grande número de serviçais, inúmeras baixelas de prata, incontáveis objetos em cristais importados, até que havia na propriedade um pequeno trem que era utilizado pela família para percorrer o jardim e o pomar da propriedade.²²⁶

Rui, questionado por seus pares, teve que responder incontáveis vezes em tribuna sobre a procedência de seus bens. Ele sempre encarou essa situação como a *“ira dos invejosos”*, *“...os móveis de minha casa, ao serviço do meu refeitório, aos trajes de minha família, às alfaias de minha mulher, a tudo se estendeu a conta, o peso, a medida iníqua da crítica armada com os olhos da inveja ...”*²²⁷

Em agosto de 1922 Rui adoece, com edema pulmonar, ficando vários dias entre a vida e a morte. Mesmo tendo uma melhora significativa, porém

²²⁴ Entendemos por modernidade: uma organização econômica, social e cultural, provinda da chegada de implementação de técnicas e tecnologias sob novos valores, transformando as formas de relacionamento humano, produtivo e artístico.

²²⁵ VIANA FILHO, Luiz. Op. cit. p.294.

²²⁶ Idem. p.295

²²⁷ Resposta de Rui a César Zama em Tribuna do Senado, em 14 de outubro de 1896. Ibidem. Op. cit. p. 296

alguns sintomas permaneceram irreversíveis, *“os médicos proibiram-lhe qualquer leitura pois ele se sente muito fraco. O menor esforço fatiga-o”*²²⁸

Porém, estando convalescente, não se recusou em receber em sua residência duas delegações estrangeiras, a do Secretário do Estado norte-americano Charles Hughes e do Presidente de Portugal Antonio José de Almeida, de quem recebeu a Grã Cruz de São Tiago.

Buscando melhorar sua saúde, os médicos recomendam que se afaste do Rio eles decidem então, seguir para a residência de Petrópolis. Antes, porém Maria Augusta posa para o pintor francês Gustave Brisgand, que lhe pintou um retrato em pastel em tamanho natural. Esse retrato foi presente de Marcel Bouilloux Laffont ao casal.²²⁹

Mesmo estando em Petrópolis, muito adoentado, as questões políticas não o deixavam em paz. Em 27 de fevereiro de 1923, reuniu-se em sua casa uma delegação de políticos baianos que buscam dele a indicação de um nome para concorrer a governador do Estado da Bahia. Durante a reunião, ele recebe uma carta de Aureliano Leal, que muito o aborreceu, passando a tecer um longo e veemente discurso.

Às 23hs., após um longo dia de reuniões, começa a passar mal e é examinado pelo Dr. Edgar Correia de Lemos, que acha seu estado gravíssimo. Os médicos do Rio são chamados, porém nada mais puderam fazer. Em 01 de março de 1923, veio a falecer de paralisia bulbar, causada por toxemia.²³⁰

O Prof. Paes Leme foi quem preparou seu corpo, a fim de conservá-lo, injetando na femural uma solução de formol. Ele foi transportado de Petrópolis ao Rio por um trem especial e o velório deu-se na Biblioteca Nacional. No dia 04 de março, foi realizado o sepultamento no Cemitério de

²²⁸ VIANA FILHO, Luiz. Op. cit. p. 431

²²⁹ Marcel B. Laffont, banqueiro francês que pagou ao pinto 25 contos de réis. BANDEIRA, Carlos Viana. Op. cit. p. 128

²³⁰ Toxemia: intoxicação resultante da ação de produtos bacterianos difundidos pela corrente circulatória. RUI Barbosa. Op. cit., p.231

São João Batista, no Rio de Janeiro. Posteriormente, em 1925, seu corpo foi transferido para o Mausoléu da família, no mesmo cemitério.²³¹

Sua máscara mortuária, feita, a princípio em gesso, sendo posteriormente fundida em bronze, foi modelada por Alberto Baldissara, em 03 de março de 1923. Hoje ela se encontra na sala principal da Biblioteca da Casa Museu.²³² Seu funeral foi realizado no saguão principal da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, por sugestão do médico, escritor e educador Afrânio Peixoto²³³.



Fig. 16. Translado do corpo de Rui em Petrópolis, 1923.

Seu corpo embalsamado seguiu de Petrópolis (fig. 16) para o Rio em um combóio pela Estrada de Ferro, e foi recebido por grandes manifestações no Rio de Janeiro. Estavam presentes a alta cúpula do governo, membros da elite nacional, membros do corpo diplomata estrangeiro e uma grande massa de populares. O coche fúnebre seguiu pelas ruas sempre acompanhado de

²³¹ NERY, Fernando. **Ruy Barbosa**: ensaio bio-bibliográfico. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1932. p. 180.

²³² Idem. p. 180.

²³³ GONÇALVES, João Felipe. **Enterrando Rui Barbosa**: um estudo de caso da construção fúnebre de heróis nacionais na Primeira Republica. 34p. Texto. Disponível em Fundação Casa de Rui Barbosa. www.casaruibarbosa.gov.br. Acesso em 03/03/2009. p. 3

populares e ao som de bandas militares. Podemos dizer que seu velório foi um grande acontecimento, transformou a cidade, que se vestiu de negro, com faixas e bandeiras, para homenagear o “*venerando extinto*”.²³⁴

2.6. Cotidiano familiar

“Hoje, voltando os olhos ao caminho que tenho percorrido, e aos quarenta e três anos de comunhão com a companheira de minha existência, vejo que ela constitui a parte melhor do meu coração e me tem dado a melhor parte de sua vida” Rui Barbosa²³⁵

Fig. 17. Rui no jardim da residência de São Clemente, c.1920



Rui era um homem metódico e de hábitos simples, media 1.58m e pesava 48 quilos, não usava jóia a não ser um relógio de bolso e a aliança de casamento, o anel de grau só ostentava em ocasiões solenes, suas abotoaduras eram em ouro. Levantava muito cedo, no verão às 4hs. e no inverno as 5hs, lavava-se no quarto de vestir, colocava um robe de chambre sob o pijama listado (fig.17) no verão e de flanela no inverno e se recolhia à biblioteca para ler os jornais do dia. Lia e anotava com lápis vermelho o que lhe era

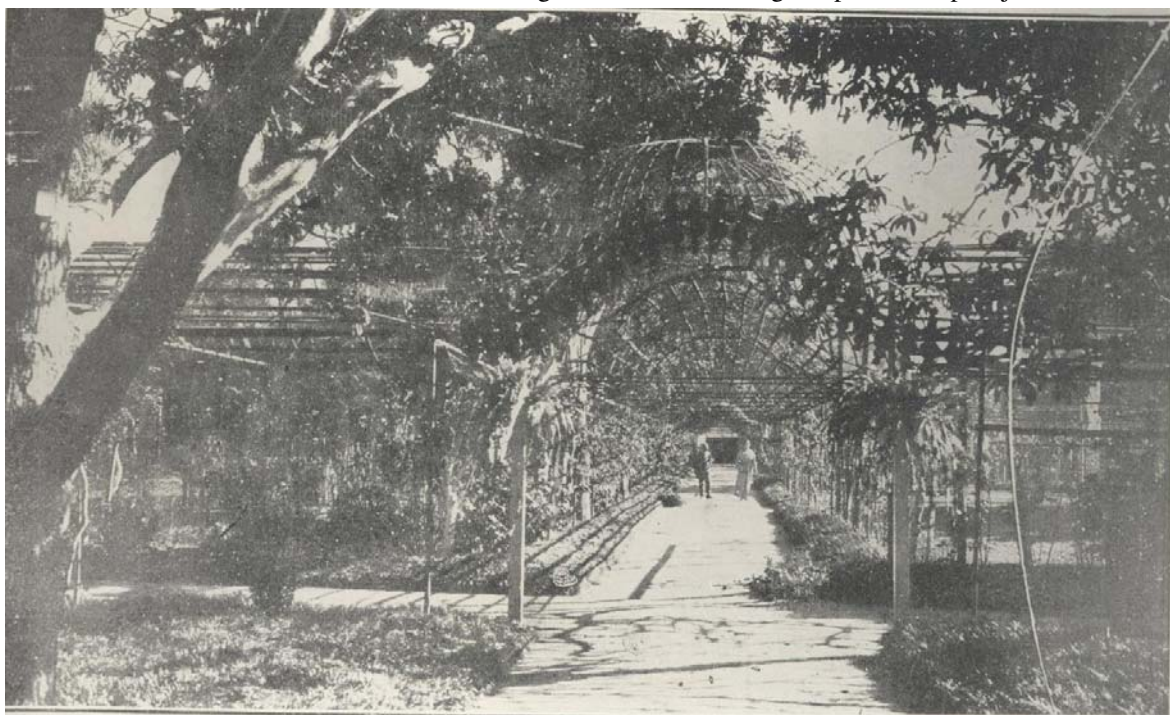
²³⁴ GONÇALVES, João Felipe. Op.cit. p. 5

²³⁵ Discurso proferido por Rui Barbosa então em Campanha na Bahia, 1919. **OBRAS completas de Rui Barbosa**. Rio de Janeiro: MEC, 1942-1983. v.46. t.3, p. 273.

de maior interesse, permanecendo lendo até a chegada de seu barbeiro, que vinha diariamente, por volta da 6:15hs. Seu barbeiro era Bittencourt, português, espírita, entendido em homeopatia que medicava Rui em suas crises de enxaqueca²³⁶.

Após fazer a barba Rui, tomava banho e, ainda vestindo o pijama e o robe, esperava a esposa para o café às 7hs. Raramente tomava café por causa de seus problemas de saúde, em geral chá com pãozinho provença torrado com manteiga.²³⁷ Quando mudou-se para a nova casa entre os hábitos matinais estava incluído um banho frio no quiosque do jardim e uma corrida pelas suas alamedas, fazendo exercícios. Seguia para isso as instruções contidas no método “Kneip”.²³⁸

Fig. 18. Rui e Maria Augusta passeando pelo jardim, c1920.



Nas manhãs de sol, após o café da manhã passeava no jardim (fig.18), acompanhado de Maria Augusta por uma hora. Esse era o momento no qual ele inspecionava diariamente seu canteiro de rosas, as vezes permaneciam

²³⁶ BANDEIRA, Carlos Viana. Op. cit. p.65

²³⁷ MAGALHÃES, Rejane Mendes de Almeida.1994. Op. cit. p. 37

²³⁸ Método Kneip são exercícios, muito em voga no fim do séc. XIX que utilizavam da água fria para revigorar as energias. BARBOSA, Francisco de Assis. Op. cit.. p. 44

sentados em um dos bancos do jardim, trocando confidências²³⁹. Após o passeio com a esposa, recolhia-se ao Gabinete de Estudo, Gabinete Gótico, para estudar ou dar pareceres em processo sob sua alçada.

As 11:30hs, trocava de roupa e, pontualmente às 12hs, almoçava ao lado da família e, às vezes, com alguns amigos que apareciam para uma prosa rápida, na sala de almoço. O almoço era servido à francesa Maria Augusta sentava-se à cabeceira da mesa tendo Rui ao seu lado direito, os filhos só lhe fizeram companhia à mesa quando adultos.

A comida era feita em fogão de lenha, “*de cobre muito brilhante*.”²⁴⁰ em geral comidas simples: canja, galinha ensopada com batatas, frango ao molho pardo, arroz na manteiga, embora gostasse muito da comida baiana, por conta dos problemas de saúde pouco a degustava²⁴¹. Mesmo quando não tinham convidados, fazia questão de ter a mesa ornamentada com flores frescas. Sua cozinha era abastecida com gelo, eles possuíam uma conta mensal com a Fabrica de Gelos, na casa havia depósitos para armazenar o gelo.²⁴²

Quando tinha compromissos pela manhã, fazia suas refeições na Confeitaria Pascoal, sua predileta, acompanhado por amigos.²⁴³

Para sair de casa, ele utilizava ternos ou fraques (fig.19) feitos por encomenda na *Alfaiataria Brandão & Cia*²⁴⁴. Possuía vários em tons e tecidos diferentes, todos em tons sóbrios, cinzento escuro ou brim, a gravata branca ou preta, de cetim e gorgorão, borboleta ou laço. Suas camisas eram adquiridas na *Camisaria Mme.Coulon*²⁴⁵, usava os clássicos punhos e colarinhos postiços e ligeiramente engomados, botões de ouro no peito da

²³⁹ PEREIRA, Edgard Baptista. **A casa de São Clemente**. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1949.p.25

²⁴⁰ MAGALHÃES, Rejane Mendes de Almeida. Op. Cit., p 53

²⁴¹ Quando estava com enxaqueca apenas tomava chá com torradas. COSTA, Antonio Joaquim. **Rui Barbosa na intimidade**. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1949. p. 44

²⁴² BANDEIRA, Carlos Viana. Op. cit. p. 297

²⁴³ Idem. p. 72

²⁴⁴ A Alfaiataria Bandão, ficava na Av. Central, nº102. REIS, Cláudia Barbosa. 1999. Op. cit. p. 26

²⁴⁵ As camisas também eram feitas por encomenda a Camisaria Mme Coulon ficava na Sete de Setembro nº 99, ou encomendava camisas de confecções francesas. Idem. p.19

camisa e nas abotoaduras, acompanhados de coletes, todos de tecidos claros. Os coletes eram adquiridos na *Casa Rauner* ou na *Alfaiataria Valle*²⁴⁶.



Fig. 19. Rui, 1907.

Chapéu de feltro cinzento tipo Borsalino, em ocasiões solenes usava cartola. Para sair sempre mantinha a cabeça coberta, como era de praxe aos homens de sua época. Usava suspensórios, nos pés meias importadas de algodão, borzeguim pretas ou marrons de elástico da Sapataria Clark²⁴⁷. Nunca saía sem seu relógio de ouro, da marca Patek Philipe, que tinha ao fundo um retrato de Maria Augusta²⁴⁸ o qual ia pendurado no bolso do colete. Conforme o tempo, optava por bengala, guarda sol ou chuva. Pelo que consta, Rui não gostava de andar com bengala, embora ela fizesse parte do

traje masculino, sempre que podia, ele as evitava. Carregava uma pasta quando a situação exigia que levasse consigo papéis e documentos, não saía sem um livro, pois tinha o hábito de ler no bonde, na carruagem e mais tarde no carro.²⁴⁹

Para ficar em casa quando não estava de pijamas, ele optava por trajes informais. No verão, por calças e paletó de linho branco ou de tecido leve, nesse caso em tons escuro. No inverno, por causa de sua saúde sempre frágil utilizava calças e paletó em lã.²⁵⁰

²⁴⁶ A Casa Rauner localizava-se na Rua do Ouvido, nº 37, era uma das mais elegantes da cidade, era freqüentada por toda elite do Império, já a Alfaiataria Valle, pertencente a A.V.Magalhães, ficava na Rua do Ouvido, nº 125^A. REIS, Cláudia Barbosa. 1999. Op. cit. p.23.

²⁴⁷ Borzeguim: calçado masculino que cobria o pé e o tornozelo. A Sapataria Clark ficava na Rua Sete de Setembro, nº 235. Idem. p.33

²⁴⁸ O referido relógio se encontra em poder de seu neto João Valentim Rui Barbosa. Ibidem.. p.24

²⁴⁹ BANDEIRA, Carlos Viana. Op. cit. p 23

²⁵⁰ Idem. p 23

Das roupas de Maria Augusta pouco se sabe, a não ser o destaque para sua altivez e elegância nata. Quando a situação financeira estava em baixa, ela própria tecia seus vestidos; quando a situação permitia, mandava vir da Europa seus trajes, chapéus e adornos, ou mandava fazê-los na Casa de D. Luízinha Langgaard, modista famosa do Rio de Janeiro. Costumava usar chapéus, leques e jóias, adornos no cabelo, que sempre manteve seguindo a moda do período.

Rui, às 13hs, tomava o carro, dirigido por seu motorista Luciano²⁵¹, e dirigia-se, quando tinha compromissos oficiais, às Sessões do Senado, ao Tribunal de Justiça. Nos outros dias, ia ao cinema para assistir uma sessão ou para garimpar as livrarias, em busca de mais um livro para sua coleção.

Suas livrarias prediletas eram Livraria Laemmert, Livraria Garnier, Livraria Briguet e alguns sebos. Quando em passagem pelas livrarias, voltava com os braços carregados de livros. Maria Augusta, ao vê-lo chegar, do alto da escada sorria Rui logo se justificava: *“Perdoa, minha filha. Já é uma verdadeira mania”*. E ela, beijando-o com ternura respondia: *Não há de que perdoar. É sua ferramenta de trabalho.*²⁵²

Quando idoso ou quando estava veraneando em Friburgo ou Petrópolis, as grandes livrarias enviavam para a residência, onde Rui se encontrava, todos os livros recém chegados em sua área de interesse, para que ele pudesse escolher. Mantinha com as livrarias uma conta corrente, que era paga mensalmente.²⁵³

Rui adorava cinema. Nos dias em que se dedicava ao lazer, ia ao cinema, freqüentava o Cine Central, Cine-Palais e o Cine Parisiense, que não lhe cobravam ingresso. No Cine Odeon e no Cine Ideal possuía uma cadeira especialmente reservada para ele. Nas conversas com familiares e amigos, após o jantar ele costumava comentar a fita que assistiu a tarde.

²⁵¹ Luciano Carneiro, foi motorista de Rui desde que ele ganhou seu primeiro veículo. BANDEIRA, Carlos Viana. Op. cit.64

²⁵² Depoimento do mordomo da casa. PEREIRA, Edgard Baptista. Op.cit. .p. 29

²⁵³ BANDEIRA, Carlos Viana. Op. cit. p.23

Após ter sofrido o acidente, em 15 de novembro de 1915, quando caiu da cadeira escada (fig.20)²⁵⁴ ao subir para pegar um livro na estante de sua biblioteca quebrando a tíbia da perna esquerda, deixou de ir ao cinema um dos seus passatempos prediletos.²⁵⁵

Fig. 20. Cadeira escada



Procurava retornar à residência sempre volta das 16hs, para tomar o chá da tarde ao lado de Maria Augusta. Quando a encontrava com visitas, tomava seu chá recolhido à Biblioteca, onde permanecia estudando até a hora do jantar, às 19hs. Às vezes, quando estava com a saúde debilitada ou muito cansado, repousava numa chaise-longue em seu quarto, sempre com um livro nas mãos.²⁵⁶

O jantar transcorria em ambiente alegre e descontraído rodeado de familiares e amigos, era servido sempre na sala de almoço. A grande sala de jantar só se abria em ocasiões festivas, como era costume na época.²⁵⁷

Após o jantar, dirigia-se a Sala de Estar, onde permaneciam a conversar. Em algumas noites quentes de verão, costumava caminhar na praia acompanhando Maria Augusta que adorava o mar.

Rui, quando se sentia cansado, costumava “*sair de fininho*”, sem se despedir dos familiares ou amigos, hábito que eles aprenderam a respeitar e desculpar. Ele se dirigia novamente à biblioteca ou ao seu Gabinete de trabalho, onde permanecia até as 22:30hs.²⁵⁸

²⁵⁴ A cadeira escada foi feita especialmente para ele, ela é de carvalho e veio da Bahia, se encontra hoje no mesmo lugar que sempre ocupou, a Biblioteca da Casa Museu.

²⁵⁵ COSTA, Antonio Joaquim da. Op. cit. p. 30.

²⁵⁶ PEREIRA, Edgard Baptista. Op. cit..p. 31

²⁵⁷ Idem. p.42

²⁵⁸ MAGALHÃES, Rejane Mendes de Almeida. 1994. Op. cit., p. 38

Detestava falar ao telefone, por isso, sempre que podia, evitava atendê-lo e raramente ligava para alguém a não ser em caso de emergência. Preferia se comunicar por meio de bilhetes e missivas.

Possuía quatro carros, nenhum adquirido por ele, o Landau ou Landô (fig.21), foi oferecido a ele por um grupo de amigos, Carlos de Aguiar, Fernandes Barroso e seu cunhado Carlito. Puxado por quatro animais ele rodava sobre quatro rodas, tinha molas flexíveis, capota de arriar e seus bancos eram de couro. No carnaval, a família de

Rui utilizava-o para participar do corso que acontecia no bairro do Botafogo.²⁵⁹

Maria Augusta tinha o Cupê (fig.21), presenteado a ela por seu irmão



Fig. 22. O Vitória e o Benz, 2009.

Fig.21. O Landau e o Cupê, 2009.

Carlito “*com todos os arreios da parelha*”, puxado por dois animais, com capota, tinha lugar para duas pessoas, era forrado de cetim cor de pérola, possuía vidro móvel, e a família utilizava-o para ir ao teatro²⁶⁰.

²⁵⁹ Segundo depoimento de Rubem Pereira Braga, sobrinho de um vizinho de Rui Artur Antunes Pereira para o Projeto Memória de Rui em 13 de agosto de 1986. O landau pode ser visto na Garagem do Museu Casa de Rui Barbosa. REIS, Claudia Barbosa. **Viaturas**. Rio de Janeiro: Ed. Casa de Rui Barbosa, 2005. p. 24.

²⁶⁰ Idem. p. 24.

O terceiro carro era um Vitória (fig.22)²⁶¹, carro inglês, puxado por dois animais²⁶², com quatro rodas encapadas de borracha, banco sob a capota, utilizado por Rui quase que diariamente. É desse carro que ele se servia para ir ao centro da cidade do Rio de Janeiro, a negócios ou a lazer.

Em 1915, quando Rui ganhou de Joaquim Pereira Teixeira, o Benz importado (fig.22), era considerado status social. Fabricado em 1913, inteiramente preto, forrado em tecido creme, possuía em cada porta o monograma de Rui, provavelmente colocado ali por Teixeira, como uma forma de homenageá-lo.²⁶³ Nesse momento seu cocheiro Luciano tirou carteira de motorista e passou a dirigir o carro. Porém, Rui preferia ainda as carruagens e só passou a fazer uso regular dele após quebrar a tíbia.

Maria Augusta e Baby (fig. 23) tinham uma criação de pintinhos da raça Leghorne e gansos no fundo do quintal, mas Rui raramente chegava perto deles, pois não gostava de *“galináceos e palmípedes, quero-os a distância”*²⁶⁴.



Fig. 23. Baby, 1923.



Fig. 24. João, 1923.

A família possuía três cães, dois mastins, que faziam a vigilância da casa e eram soltos a noite pelos jardineiros, e uma collie que pertencia à filha Baby. Os cães só podiam ser soltos após a chegada de João (fig. 24) que

²⁶¹ REIS, Claudia Barbosa. 2005. Op. cit. p. 25

²⁶² Os animais pertencentes a família de Rui ficavam soltos em um picadeiro no fundo da casa. Idem, p.26.

²⁶³ Os carros vitória e Benz podem ser visto na garagem do Museu Casa de Rui Barbosa. Ibidem.Op. cit. p.37

²⁶⁴ BANDEIRA, Carlos Viana. Op. cit. p.144

morava em um dormitório que ficava a rés-do-chão. Aposento separado da casa, pois João sendo o caçula dos homens, buscava de maior privacidade e liberdade. Deu-lhe o nome de Chateau Misère.²⁶⁵

Para alegrar Maria Augusta, Rui mandou construir uma estufa que ficava ao fundo, ao lado da bomba d'água, feita de vidro fosco. Lá, sua esposa cultivava avencas, samambaias e orquídeas, que faziam parte da decoração da casa, quanto viçosas. Essa estufa foi desmontada quando a casa foi vendida para o governo federal e dada de presente para uma amiga de Maria Augusta.²⁶⁶

Rui era muito ciumento de sua bela esposa, costumava observar atentamente seus trajes e, dependendo das fendas e decotes, alegava uma enxaqueca repentina para não sair de casa e não aborrecê-la criticando-a.²⁶⁷

Era um pai afetuoso, e cuidou pessoalmente da educação de seus filhos, encaminhando-os aos melhores professores e escolas da época. Os mais velhos, Maria Adélia e Ruizinho, estudaram com o Prof. Kopke. Quando chegou a vez de Francisca Ruy optou em colocar as duas meninas na escola feminina de Eleonor Leslie Hentz²⁶⁸, que ficava na Rua Conde do Bonfim. Elas ficaram em regime de semi internato, vindo para casa aos fins de semana, Ruizinho foi enviado para estudar na Suíça, João estudou no Colégio Anchieta, em Friburgo, em regime de internato, Baby, a caçula, freqüentou um colégio católico.²⁶⁹

Sua terceira filha, Francisca Ruy (fig.25) casou-se na Igreja do Botafogo, em 01 de setembro de 1900, com Raul Airosa. A recepção do casamento deu-se na residência da São Clemente, tendo sido todos os salões decorados com flores e as alamedas do jardim iluminadas.²⁷⁰ Seu filho mais velho, Alfredo Ruy (fig. 26), seguiu a carreira do pai, tornou-se advogado,

²⁶⁵ REIS, Cláudia Barbosa. 2007. Op. cit. p. 27

²⁶⁶ Idem. p.28

²⁶⁷ Depoimento da filha Maria Luísa Vitória Rui Barbosa Guerra em 10 abr. 1974, transcrito In: MAGALHÃES, Rejane Mendes de Almeida. 1994. Op. cit.p. 175

²⁶⁸ O curso da Profa. Eleonor Leslie Hentz se transformou no Colégio Progresso. BANDEIRA, Carlos Viana. Op. cit. p.30

²⁶⁹ Idem. p. 30

²⁷⁰ RUI Barbosa. Op. cit.p.136

deputado pelo Governo da Bahia e capitão de mar e guerra. Casou-se com Marina Braga.²⁷¹ O filho João casou-se com Helena Valentim.²⁷²



Fig. 25. Francisca, 1923.



Fig. 26. Alfredo Ruy, 1923.

Sua primeira filha Maria Adélia (fig. 27), eterna companheira dos pais, casou-se com Antonio Batista Pereira (fig. 28) no salão principal da Biblioteca, onde foi armado um grande altar.²⁷³ Depois de casada, continuou morando com os pais na casa da São Clemente. Assim Rui pode gozar da presença constante de quatro de seus netos.



Fig. 27. Maria Adélia, 1923.



Fig. 28. Batista Pereira, 1923.

²⁷¹ **RUI Barbosa.** Op. cit.p.199

²⁷² **RUI, sua casa e seus livros.** Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1980. p. 172.

²⁷³ O casamento foi realizado em 15 de julho de 1908. **RUI Barbosa.** Op. cit.p. 164.

om os netos era muito bondoso, adorava ler para eles historia de “carochinha”²⁷⁴, gostava de ficar observando-os brincar, só se zangava quando eles desarrumavam sua Biblioteca ou o Gabinete de trabalho. Nas férias escolares, todos seus doze netos (fig.29), dirigiam-se à casa de seus avós para temporadas. Lá eles brincavam soltos pelos jardins e alamedas, no verão tomando banho no kiosque do jardim.

Fig.29. Rui e seus netos, 1918



Rui e a esposa gostavam muito de música, possuíam um piano de meia cauda Bechstein, o qual ele adquiriu em um leilão²⁷⁵. Maria Augusta, aos domingos, antes do almoço tocava “Home, sweet home”, segundo depoimento de sua filha caçula Baby, em 10 abr. 1975.²⁷⁶

A Sala de Música de sua residência era muito movimentada. Por lá passaram algumas personalidades de destaque cultural e social na época. Eles gostavam muito de reunir os familiares e amigos nesses saraos literários e musicais. Tinham preferência por música erudita. Em seus salões, passaram Giuseppe Soldi, Bebê Lima Castro, Laura Pimentel, Alice Ortigão,

²⁷⁴ MAGALHÃES, Rejane Mendes de Almeida . 1994. Op. cit, p. 127

²⁷⁵ No fim do séc. XIX e início do séc. XX era muito comum haver grandes leilões de móveis e objetos. Esses leilões eram muito concorridos pela elite da época.

²⁷⁶ MAGALHÃES, Rejane Mendes de Almeida . 1994. Op. cit, p. 173

Germana Barbosa, Judite Imbassaí de Melo, Guimar Novaes, Cláudia Muzzio, Antonieta Rudge, Catulo da Paixão Cearense entre outros.²⁷⁷ *“Era cada vez maior o prestígio social de Maria Augusta. Nos salões ela dominava[...] altaneira e bela, ao lado do marido tímido...”*²⁷⁸

Também recebiam muitas figuras políticas e militares e delegações estrangeiras em visita a nosso país e essas recepções eram em grande estilo. Nessas ocasiões, os jardins eram iluminados, sua iluminação era a gás acetileno.²⁷⁹ Para a recepção oferecida a Rui quando retornou da Conferência de Haia, em 1907, foi instalada uma iluminação elétrica provisória no jardim.²⁸⁰ O salão de recepção, por sua vez, recebeu a iluminação elétrica definitiva, disposta nas sancas decoradas.²⁸¹

Em dias de festa, ele pessoalmente tratava da decoração da casa e da arrumação dos jardins. Os gramados eram podados formando um lindo tapete verde, mandava iluminar todas as árvores, proporcionando aos convidados uma recepção bonita e agradável. O ambiente era alegre e descontraído, havia música, danças clássicas e declamações. Nessas ocasiões, Maria Augusta fazia questão de mostrar sua grande coleção de louças, cristais e as pratarias, não fugindo do costume de se apresentar aos convidados sempre o melhor da casa.

Segundo Maria Augusta, em depoimento registrado em 13 ago. 1930, era Rui que se encarregava sempre de decorar a casa. A ele cabia a escolha e a compra de móveis e objetos: *“A casa merecia-lhe um carinho especial. Era ele que escolhia as alfaias”*²⁸², *os móveis, os cristais, os quadros, enfim todos os adornos, ela era a responsável por colocá-los nos ambientes. Apesar de ser uma pessoa muito ocupada e dedicada aos assuntos de*

²⁷⁷ MAGALHÃES, Rejane Mendes de Almeida . 1994. Op. cit. p. 173

²⁷⁸ VIANA FILHO, Luiz. Op. cit. p. 311

²⁷⁹ REIS, Cláudia Barbosa. 2007. Op. cit. p.28

²⁸⁰ A iluminação provisória ao jardim foi presente do então presidente da Light and Power Company Limited, Antonio MacKenzie. Idem. p.28

²⁸¹ REIS, Claudia Barbosa, 2005. Op. cit. p. 51.

²⁸² Alfaías: utensílios de casa ou pessoal. SÉGUIER, Jayme de. **Diccionario práctico ilustrado**. Porto: Liv. Chardron, 1931. p. 37

*políticas e jurídicos, não se ausentava da educação dos filhos e dos deveres domésticos.*²⁸³

A casa era decorada ao estilo das “*residências aristocráticas do Rio de Janeiro da época*”²⁸⁴, como podemos ver pelas fotos internas, especialmente dos salões e reportagens publicadas na revista “*Fon-Fon*”, “*Paratodos*” e “*Revista da Semana*” em 1923, ela possuía muitos objetos decorativos importados, muito em gosto no início do séc. XX.

Como vimos, Rui era responsável pela aquisição dos móveis, assim sua casa guarda o gosto e o estilo próprio de seus proprietários, que ao tomar posse da casa, mesmo seguindo os modismos da época, incluíram nela suas necessidades pessoais e sua busca pelo conforto.

Alguns móveis foram trazidos da Europa quando retornou do exílio, outros adquiridos na *Casa Leandro Martins* que fabricava e vendia mobiliário finos, adquiria os objetos decorativos e utilitários no *Mappin & Webb*, *Casa Milliet* e *Loja da América e China*.²⁸⁵

Suas netas, Lucila e Stela, lembram-se que o avô era um colecionador de estatuetas em miniatura. Recordam-se, principalmente, de “*um bando de músicos de velho Saxe, adquiridas por ele em um antiquário em Paris*”, e uma “*orquestra de anjinhos e bailarinas*” as quais ele próprio arrumava. Segundo elas, todos os objetos eram adquiridos como presente para sua avó e eles eram espalhados pela casa: “*tudo se arranjava, conforme o gosto pessoal de Rui e Da. Maria Augusta*”.²⁸⁶

Maria Augusta, em entrevista após o falecimento de seu esposo, relata: “*...comprando ora aqui, ora ali, ele reuniu uma coleção enorme de*

²⁸³ REIS, Claudia Barbosa. **Álbum de objetos decorativos**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1997. p. 10

²⁸⁴ Idem. p. 8

²⁸⁵ No acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa, Arquivo Histórico, há registro de entrevista feitas na década de 70 e 80, do século passado, com familiares e frequentadores da casa morada. REIS, Claudia Barbosa. 1997. Op. cit. p.11

²⁸⁶ Depoimento de Lucila e Stela Batista Pereira ao Projeto Memória de Rui, em 22 de agosto de 1995. Idem. p. 10.

*objetos, que ao sairmos da casa de Botafogo, foi repartida consideravelmente*²⁸⁷

Para manter a casa, precisavam de muitos criados: um para cuidar da cocheira, o motorista, governanta e/ou mordomo, cozinheira, arrumadeira, jardineiros, e secretário. Quando as crianças eram pequenas, também tinham babás.²⁸⁸

Costumava cuidar bem da conservação da casa, fazendo pequenos reparos e mantendo a pintura em excelente estado. Adotava as modernizações em pauta do período, o banheiro recebeu uma pavimentação de chumbo para vedação, realizada pelo mestre de obras Pimentel e mais tarde foi colocado um chuveiro²⁸⁹. Na reforma de 1895²⁹⁰, a casa recebeu iluminação de gás acetileno, possuía telefone, fogão a gás, geladeira, toalheiro térmico, enfim, uma casa moderna.

Os paralelepípedos da entrada dos jardins frontais foram retirados e foi aplicada uma pavimentação de asfalto, realizado com desconto pela empresa Neuchatel Asphalte Company que a título de divulgação do novo produto, fez um acordo com o cunhado de Rui, Carlito que foi quem pagou o serviço, ele pagava para retirar o piso antigo e eles aplicavam o asfalto de graça.²⁹¹

Como já falamos, Rui sempre teve uma saúde frágil. Sofria de uma enxaqueca eterna, o que lhe obrigava, muitas vezes, a se afastar de seus afazeres e se trancar no quarto escuro buscando o silêncio completo. Para os enjôos da enxaqueca, bebia uma formula de nome Coca e Cola.²⁹² Durante sua vida, fez vários tratamentos com águas, em estações de águas no Brasil e no estrangeiro. Para se fortalecer, pois sempre foi considerado abaixo do peso e, portanto, propenso a pegar doenças, tomava o vinho Quinado de

²⁸⁷ Depoimento de Maria Augusta Rui Barbosa e entrevista a revista *Bahia Ilustrada*, v.1, n. 1, nov. 1933.

²⁸⁸ BANDEIRA, Carlos Viana. Op. cit. p. 62

²⁸⁹ Idem, p. 224

²⁹⁰ Sabemos que essa foi um dos arranjos feitos pela família antes de se mudarem para a casa. REIS, Claudia Barbosa, 2005. Op. cit. p.19.

²⁹¹ O trabalho de retirada dos paralelepípedos e a aplicação do asfalto foi feita a preço de custo, 3:877\$620 réis. BANDEIRA, Carlos Viana. Op. cit. p. 259

²⁹² Os médicos diagnosticaram que sua enxaqueca era de fundo nervoso, como nestas ocasiões ele vomitava muito, a recomendação era que se bebe-se Coca-e Cola, formula do Dr. Francisco de Castro e Cola teno. BANDEIRA, Carlos Viana. Op. cit. p.274.

Fig. 30. Rui e o Dr. Pedro Sanches de Lemos, 1910



Murtinho²⁹⁴ e, mesmo estando em Petrópolis, enviava ao seu cunhado a lista de medicamentos necessária, para que ele providenciasse a compra e enviasse para ele no primeiro trem, fazendo o pagamento mensal da farmácia. Sua esposa também se utilizava da medicina alternativa e costumava banhar-se com um concentrado especial vendido em garrafões, próprio para doença de senhoras, chamado de “Água do mar”.

Leitor assíduo de jornais e revistas de cunho científico, costumava, quando de temporadas fora do Rio solicitar que fosse enviados para ele os números recém chegados: “*Peço-lhe ir ao Moura, da loja de jornais e revistas, a Rua da Quitanda, recomenda-lhe que me envie aqio o Times, o Nation, a Review of Review e o American Review of Review*”²⁹⁵

²⁹³ Dr. Álvaro Alvim aplicava esses banhos de estufa como um método novo e revolucionário, único no Brasil, Rui se tratou com ele por bastante tempo. BANDEIRA, Carlos Viana. Op. cit. p.246, 273-4.

²⁹⁴ O medico homeopata Dr. Joaquim Murtinho possuía sua própria farmácia de manipulação. Idem. p. 317

²⁹⁵ Carta datada de 11 de Janeiro de 1911, a seu cunhado Carlito, Rui estava passando uma temporada na Fazenda Rio das Pedras, em Campinas-SP. Ibidem. p.278

Silva Araújo, e bebia umas pílulas, preparadas por sua sogra de carne crua envolvidas em canela. Quando em Poços de Caldas, tratava-se com o Dr. Modesto Guimarães, com o Dr. Pedro Sanches de Lemos (fig. 30), e fez um longo tratamento à base de banhos “*banhos de estufa*”, aplicado pelo Dr. Álvaro Alvim.²⁹³

Tentou métodos alternativos como a hipnose e era adepto de remédios homeopáticos, trazendo sempre à mão uma caixinha abastecida com esses medicamentos. Comprava seus medicamentos na Farmácia do

A leitura de lazer fazia parte também das atividades de Rui. Ele lia romances policiais e de capa e espada e era leitor assíduo da revista “*Tico-tico*”.²⁹⁶

No início do séc. XX, a família passou por várias dificuldades financeiras, muitas vezes tendo que recorrer a empréstimo de amigos para saldar suas contas. Houve ocasiões em que Maria Augusta, sem o conhecimento do marido, penhorou suas jóias para poder saldar as despesas da casa.²⁹⁷

Quando estavam com as finanças equilibradas, Rui mandava vir da Europa “artigos de senhoras”, trajes e adornos, perfumes e fazendas de tecido, para agradar sua esposa e filhas. Também fazia encomendas de caixas de vinhos franceses, brancos e tintos, e garrafas de champanhe. Rui não bebia a não ser em solenidades, porém mantinha um estoque para poder oferecer aos muitos convidados.

Em certa ocasião, num momento de crise financeira procurava comprador para uma dessas encomendas que estavam esperando a retirada na alfândega. Ofereceu para a *Confeitaria Pascoal* e para a *Casa Viúva Henry*, casas tradicionais de artigos alimentícios com os quais ele mantinha uma conta mensal.²⁹⁸

Costumava passar seus verões em Friburgo, em residências alugadas ou emprestada por amigos. Porém, quando no verão de 1897, por questões políticas, sua casa foi atacada havendo necessidade de, para se garantir a segurança sua e da família, contar com a Guarda das Forças Armadas²⁹⁹. Ele passou a dirigir-se a outras cidades no período de veraneio Nova Friburgo, Praia de São Domingos em Niterói, São Paulo e Campinas hospedando-se na Fazenda Rio das Pedras. Até que adquiriu em 13 de

²⁹⁶ MAGALHÃES, Rejane Mendes de Almeida. 1994. Op. cit., p. 57

²⁹⁷ Carlito nos relata que quando Rui soube, pois foi necessário dar recursos para saldar o penhor e retirar as jóias, ficou profundamente chocado. BANDEIRA, Carlos Viana. Op. cit. p. 311

²⁹⁸ Em carta datada de 01 de janeiro de 1911 a seu cunhado Carlito, da Fazenda Rio das Pedras, Campinas-SP, ele solicita que ele se empenhe na venda de 24 caixas de vinho branco e tinto e 04 caixas de champanhe, recém chegados da Europa. Idem. p. 284

²⁹⁹ Ibidem. p.203.

outubro de 1913, uma casa em Petrópolis na Av. Ipiranga nº405 (fig.31), casa grande, assobradada rodeada de jardins, por 60 contos de reis³⁰⁰.

Fig. 31. Casa de veraneio em Petrópolis, 1923.



Em suas ausências prolongadas, a casa da São Clemente ficava aos cuidados dos jardineiros, homens de confiança dele, Luis e Antonio.³⁰¹

Em agosto de 1918, Rui recebeu grandes homenagens, no Rio de Janeiro e em Salvador, em comemoração ao seu Jubileu Cívico, cinquentenário de seu primeiro discurso público. Entre as comemorações ele foi agraciado com o que talvez seja a maior homenagem que um homem público recebeu em vida: foi inaugurado, no hall da Biblioteca Nacional um busto seu em bronze, esculpido por Pinto de Couto. Rui a princípio muito relutou em receber essa homenagem, pois tinha uma opinião contrária a perpetuação de sua imagem em uma *escultura* “*Essa petrificação ou mineralização de um vulto humano não me fala à alma. Um homem em metal*

³⁰⁰ A casa foi adquirida por 60.000\$000 sessenta contos de réis, em 13 de outubro de 1913. MAGALHÃES, Rejane Mendes de Almeida. 1994. Op. Cit., p. 21

³⁰¹ BANDEIRA, Carlos Viana. Op. cit. p.239

*e pedra me parece duas vezes morto [...] a mim se me afigura uma espécie de consagração do esquecimento*³⁰²

Dentro das homenagens recebidas, aconteceram uma Missa Campal em São Cristóvão, várias conferências, banquetes e o recebimento das insígnias da Cruz de Ouro, pela Academia de Ciências de Lisboa; da Ordem da Coroa da Bélgica e da de Grande Oficial da Legião de Honra da França.³⁰³

No início de 1920, a quarta campanha presidencial que lhe consumiu todos seus fundos de reserva, deixando ainda acumulada várias dívidas na Bahia, Rui³⁰⁴ conta em reabrir seu escritório de advocacia e retirar de lá os fundos necessários para mais uma vez quitar suas contas.

Pudemos acompanhar vestígios da vida cotidiana que acontecia entre os muros da casa São Clemente, momentos de grandes dificuldades, quando Rui adoentado ou atormentado politicamente, teve que recorrer a empréstimo bancários e de amigos para manter as despesas da casa. Como também acompanhamos o glamour de uma época de luzes, pequenos luxos e grandes prazeres, como os saraus culturais que tanto alegravam o casal.

Sendo Rui um homem metódico, havia em sua residência vários cadernos de anotações com a descrição ano a ano das despesas mensais. Também havia arquivado as notas fiscais de compra de tudo que adquiriu a vida toda. Pena que parte desse arquivo foi queimado por familiares após sua morte.³⁰⁵

Talvez fosse possível, através desses arquivos retrair a procedência de cada um dos móveis e objetos existente na casa morada, buscando um panorama do que foi adquirido por gosto ou prazer, e do que foi recebido de presente. Também poderíamos, quem sabe, confirmar algumas informações das quais só encontramos indícios, como a que ele teria em seus guardados todos os tickets de passagens feitas por ele e a família, todas as entradas de peças e concertos de teatro assistidas por eles, coleção afetiva. Pois

³⁰² REIS, Cláudia Barbosa. Homenagens. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2000. p. 16.

³⁰³ RUI BARBOSA: cronologia da vida e da obra. Op. cit. p. 210.

³⁰⁴ Carta ao filho Alfredo Rui, datada de 05 de abril de 1920, na qual relata suas dificuldades financeiras. VIANA FILHO, Luiz. Op. cit. p.418

³⁰⁵ BANDEIRA, Carlos Viana. Op. cit. p.22

segundo relato de sua esposa além de colecionador livros e mudas de rosas ele também era um colecionador de objetos decorativos, “...as *pequeninas peças, as estatuetas, as miniaturas, eram sua paixão e seu culto.*”³⁰⁶

Permeando por esses caminhos encontrados, traçados em 28 anos de vivência em uma moradia, descortinados através de leituras e depoimentos colhidos ao longo dos anos por diversos autores, entre eles, familiares que ficaram “ombro a ombro” com Rui, empregados que, de boa vontade, descreveram o seu dia a dia familiar e biógrafos que se enredaram nos documentos e depoimentos, empenhando-se em elucidar quem era o homem, buscando reforçar o mito e apagar as críticas, tentaremos montar um panorama, buscando comparar os cenários da Casa Museu com a Casa morada, do tempo atual e do tempo passado, porém despertado através da memória visual do visitante que procura seguir os rumos através das narrativas encontradas, dando veracidade à biografia de seu proprietário ali homenageado.

2.7. O Mito

*“Vi todas as nações reunidas e aprendi a não me envergonhar da minha. Medindo de perto os grandes e os fortes, achei-os menores e mais fracos do que a justiça e o direito”*³⁰⁷ *Rui Barbosa*

Rui Barbosa muito produziu em sua vida. Sua produção intelectual é muito grande, suas obras completas encontram-se em 137 tomos editados, e há muito ainda a ser feito. Talvez houvesse por parte do autor uma preocupação em se perpetuar através de seus escritos, pois toda a sua produção estava devidamente organizada quando ele morreu. Talvez fosse só uma característica de sua personalidade, sempre tão metódica. O que se

³⁰⁶ Entrevista de Da. Maria Augusta. In: Ruy na intimidade. *Bahia Ilustrada*, Rio de Janeiro, v.I,n.1, 1933. p.17

³⁰⁷ MACHADO, Mário Brockmann, (Org.). **Rui Barbosa**: fotobiografia. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1999. p. 53.

sabe é que bem pouco trabalho tiveram os incansáveis profissionais que cuidam de seu acervo no Arquivo Histórico da Casa de Rui Barbosa, tudo estava devidamente anotado e identificado.

Ele sempre utilizou a palavra como arma, polêmico e vibrante escrevia para convencer, persuadir e seus longos discursos sempre foram motivo de sarcasmos, por seus opositores, e de elogios por seus seguidores. Seus feitos são divulgados e repetidos em todos os setores da cultura brasileira, não como o melhor entre os melhores, mas como o mais influente homem público de seu tempo.



Fig. 32. Discurso em cerimônia de seu Jubileu, ago. 1918.

Jornalista, jurista, homem público, diplomata, advogado de grandes causas e dos pobres, visto seus inúmeros pareceres encontrados nos arquivos com a inscrição grátis³⁰⁸. Foi transformado, ainda em vida, como símbolo de nossa pátria, herói nacional. O coroamento desse feito foi quando, em 1918, recebeu grandes homenagens em comemoração ao seu Jubileu Cívico (fig.32) muitas das quais eram geralmente consagradas a heróis mortos. Mesmo a inauguração de seu busto, no saguão da Biblioteca Nacional, já deu idéia de importância de seu papel para a cultura de nosso

³⁰⁸ Em entrevista com Rejane M. Moreira de A. Magalhães ela afirma que no Arquivo da Fundação Casa Rui Barbosa podem ser encontrada grande quantidade de pareceres jurídicos, feitos por ele gratuitamente. **Entrevista com Rejane M. Moreira de Almeida Magalhães, 01.jul.1009.**

país, pois nada mais justo do que ele ser eternizado, mesmo que em vida, dentro do ambiente conhecido como “o depositório do saber nacional”.³⁰⁹

Rui foi presidente da Academia Brasileira de Letras e do Instituto dos Advogados do Brasil, dois cargos de muito respeito em nosso país. Mesmo sendo um eterno candidato derrotado a Presidente do Brasil, em todas as manifestações populares era aclamado pelo povo, como um gênio, um guardião da justiça e liberdade.³¹⁰

Foi, sem dúvida, um grande político, participou de todas as grandes questões de nosso país e com elas contribuiu de forma contundente: a Campanha Abolicionista, a Defesa da Federação, a fundação da República sendo considerado um dos seus alicerces, a Campanha Civilista, etc. Era considerado um líder entre os jovens, que dele sempre se acercaram e em nome dele fundaram Grêmios e Associações, onde discutiam suas idéias de democracia e liberdade para todos, amparando-se nos seus sólidos princípios éticos.³¹¹

Ainda na Câmara do Império teve a participação em dois grandes feitos: encarregado do projeto de reforma eleitoral foi autor da Lei do Censo, primeira tentativa de democratização do voto, e como relator da Comissão de Instrução Pública na Câmara de Deputados, onde defendeu idéias de liberdade de ensino, de alfabetização das massas, e ensino nas universidades, tornando as instituições mais completas. Queria a educação do corpo e do espírito, seu lema era “*Educação é preparação para vida completa e vida completa exige educação integral*”. Esses pareceres levaram D. Pedro II a lhe outorgar o título de Conselheiro, pelo qual foi reconhecido e chamado pela vida toda.³¹²

³⁰⁹ GONÇALVES, João Felipe. Op. cit. p. 3

³¹⁰ MAGALHÃES, Rejane M. Moreira de Almeida. **Trajetória política e jurídica de Rui Barbosa.** Palestra proferida no Grande Oriente do Estado do Rio de Janeiro, 29.out.1999. Disponível em: Fundação Casa de Rui Barbosa. www.casaruibarbosa.gov.br. Acesso em 03/03/2009

³¹¹ BARBOSA, Alfredo Ruy. Recordando Ruy. Rio de Janeiro, **Jornal do Brasil**, 23.set.2004.

³¹² MAGALHÃES, Rejane M. Moreira de Almeida. 1999. Op.cit. p. 10.

Republicano de última hora³¹³, com seus artigos publicados no jornal Diário de Notícias do Rio de Janeiro, do qual era redator-chefe, conhecidos como Queda do Império, muito contribuiu para a instalação do regime republicano em nosso país, sendo de imediato convidado a participar do mesmo como Ministro da Fazenda, com a responsabilidade de estruturá-lo e dar a ele um caráter jurídico. Acreditava que *“A Republica não é uma serie de formulas, mas um conjunto de instituições, cuja realidade se afirma pela sua sinceridade no respeito às leis e na obediência à justiça”*.³¹⁴

Foi autor do Decreto nº 1, que trata do Regime Federativo³¹⁵, com o nome de Estados Unidos do Brasil e do Decreto nº 119-A, que estabeleceu a separação entre a Igreja e o Estado, e consagrou a liberdade de cultos. Contribuiu na elaboração da 1ª Constituição da Republica, de 24 de fevereiro de 1891, principalmente no que tange ao controle da constitucionalidade das leis e dos atos do Poder Público pelo Judiciário e foi responsável pela introdução do Tribunal de Contas no sistema brasileiro. Foi Presidente da Comissão especial de revisão do Código Civil no Senado, ao qual muito contribuiu. Por suas lutas e ideais foi considerado o *“Guardião da Constituição”*.³¹⁶

Vamos ao mito, a “Águia de Haia”, título que recebeu da imprensa após sua atuação na Segunda Conferência Internacional da Paz, realizada em Haia, Holanda, na qual foi sim, brilhante. Chegou à Europa como um ilustre desconhecido, um homem de pequena estatura, tímido e reservado e a imprensa chegou a chamá-lo de *“um caboclo franzino e até feio”*.³¹⁷ E voltou ovacionado, pelo governo, pela imprensa e pelo povo.

³¹³ MAGALHÃES, Rejane M. Moreira de Almeida. 1999. Op.cit. 10

³¹⁴ Idem. p.11

³¹⁵ Ibidem

³¹⁶ Idem

³¹⁷ MAGALHÃES JUNIOR, R. **Rui, o homem e o mito**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. p. 301.

Esse título foi imediatamente ligado à águia que há decorando o jardim frontal de sua residência, uma águia de concreto que traz entre suas garras uma cobra de boca aberta, de onde jorra um pequeno jato de água. Essa águia (fig.33) sempre esteve lá e foi motivo de encantamento de Maria Augusta, quando fez seu primeiro passeio pelo jardim, antes mesmo de adquirir a casa.



Fig. 33. Escultura da Água no jardim da residência

Mas vamos à história: o primeiro nome a ser lembrado pelo Barão do Rio Branco para ser o representante do Brasil na Conferência de Paz foi Joaquim Nabuco, homem inteligente culto, bem nascido, possuía uma presença marcante, uma elegância nata, falava muitas línguas, e já tinha sido embaixador dos Estados Unidos. Ele era a preferência do governo brasileiro para ocupar o cargo de embaixador na Segunda Conferência de Paz em Haia porém, a mídia, por meio de Manuel de Oliveira Lima e, com o apoio de Edmundo Bittencourt do jornal “Correio da Manhã”, desde 1906, apontava

Rui como o indicado para representar o Brasil, pois sendo ele um homem lutador, vindo das camadas mais pobres, era simples, inteligente, culto, eloquente e desempenharia melhor o papel de representante brasileiro.

A solução encontrada pelo governo, para não ir contra uma decisão popular era indicar Nabuco como um dos delegados a acompanhar Rui, como segundo homem do governo. O que foi recusado por Nabuco, pois alegou ser impossível ter dois homens fortes representando o país, que haveria conflito de interesses.

Rui, nesse período, ocupava o cargo de vice-presidente do Senado e estava passando uma temporada em Petrópolis em fevereiro de 1907, quando recebeu o convite, encaminhado pelo Barão do Rio Branco, para chefiar a Delegação Brasileira na Segunda Conferência de Paz, em Haia. Estariam lá representadas 47 nações e as reuniões realizaram-se em um longo período, que vai de junho até outubro de 1907.

O Barão do Rio Branco, então Ministro das Relações Exteriores, foi a Petrópolis pessoalmente e em nome do Presidente Afonso Pena fez o convite. Rui acreditava que não tinha mais saúde para empreender tão longa viagem e que não possuía mais capacidade intelectual e política para desempenhar tão importante papel. Depois de 47 dias analisando o convite, e diante da insistência do governo brasileiro, através do Barão do Rio Branco e da interferência de vários amigos em comum, ele finalmente aceitou a incumbência. Assim, passou a ser preparado para as reuniões, a pedido do Barão do Rio Branco, por Joaquim Nabuco³¹⁸, que teve a tarefa de lhe descrever detalhadamente todos os membros das outras delegações com quem iria se defrontar.

Em 01 de maio de 1907, ele é nomeado Embaixador Extraordinário e Plenipotenciário do Brasil (fig.34) devendo, junto a outros nomes de destaque representar o Brasil na Conferência. Parte para a Europa, acompanhado da

³¹⁸ No Arquivo da Fundação Casa de Rui Barbosa estão depositados os cadernos com as recomendações de Nabuco a Rui. Ele trata não só do pensamento político de cada um dos representantes, mas também dá a Rui dicas de como deveria se apresentar e comportar em cada seção. **Entrevista com Rejane M. Moreira de Almeida Magalhães, em 01.07.2009.**

esposa e duas de suas filhas, desembarcando em Lisboa, fazendo a rota para Haia via Paris, onde deixa a família para uns dias de descanso, seguindo sozinho com a delegação para a abertura do evento que acontece em 15 de junho de 1907.³¹⁹



Fig. 35. Delegação Brasileira na II Conferência de Paz, Haia, 1907

Rui estava muito inquieto e inseguro quanto à sua capacidade de cumprir a missão que lhe tinha sido confiada e assim escreve: “...*Sinto-me cada vez mais pequeno e incapaz, diante da ocasião e da tarefa. Deus se compadeça de mim.*”³²⁰

A missão dessa Conferência era resolver amistosamente os litígios entre as nações e atenuar os efeitos da guerra sobre os combatentes e aqueles que foram afetados indiretamente por ela. Rui, logo ao chegar, foi indicado pelo Presidente da Assembléia, o delegado russo Alexandre Ivanovitch como Presidente de Honra da Primeira Comissão, representando assim os delegados estrangeiros.

³¹⁹ RUI Barbosa: cronologia da vida e da obra. Op. cit. p. 157.

³²⁰ Carta endereçada a seu cunhado Carlos Bandeira de Haia, datada de 16 jun. 1907. VIANNA FILHO, Luiz. Op. cit. p.335.

Dali em diante ele se sobressai, participa de todas as comissões, direta ou indiretamente, através de membros de sua delegação, fiscalizando ao final do dia cada fala, cada escrito de todos os membros.

*“Entre os membros da Conferência não tardou muito que se envanescessem às dúvidas sobre a qualidade e o calibre do representante do Brasil. Desde as primeiras assentadas, tomou parte o Dr. Barbosa em todos os mais relevantes debates, com uma compostura, uma calma e uma impertubabilidade, que, a principio, o tornaram objecto de zombaria e, ao depois, de desgosto. Tinham vindo a sentir que o Dr. Barbosa era um combatente de primeira ordem...”*³²¹

Rui se pronunciou em 40 reuniões de discussão, sobre os mais diferentes temas, em todas se fez ouvir com respeito, pois tinha uma erudição capaz de encantar a todos, discursava em inglês, francês e algumas poucas falas em alemão, falava pelo nosso país e em nome de outras nações.³²²

Todos os seus feitos eram comunicados por telegrama ao Brasil, pelo próprio Rui ou por membros de nossa Delegação. O Barão do Rio Branco fiscalizava pessoalmente os serviços telegráficos e empenhava-se junto à imprensa para que fossem ressaltadas diariamente as vitórias e feitos de nossos representantes, destacando a figura de Rui Barbosa.

Foi o próprio Barão que, em telegrama para Joaquim Nabuco, sugere o novo apelido para Rui *“Já tivemos ministérios águias, poderíamos ter ali uma delegação de águias, se você quisesse...”*³²³ O cognome, segundo o próprio Barão significava um homem de visão apurada, de um vasto conhecimento, um suporte para a república. Assim, mesmo antes de embarcar para a Europa, ele já era apresentado pela imprensa, em charge da Revista Malho em 11.mai.1907, como uma águia em viagem.³²⁴

³²¹ STEAD, W. O Brasil em Haia. Apud MAGALHÃES JUNIOR, R Op. cit. p.9

³²² Rui fez parte da Sub-Comissão Comitê dês Sept, que englobava Estados Unidos, França, Alemanha, Rússia, Áustria, Itália e Brasil, e algumas de suas falas foram pronunciada em nome da Comissão. NERY, Fernando. Op. cit. p. 123.

³²³ LINS, Álvaro. Rio Branco, v.2, p. 554. Apud MAGALHÃES JUNIOR, R. Op. cit. p. 311.

³²⁴ . Fundação Casa de Rui Barbosa. www.casaruibarbosa.gov.br. Acesso em 03/03/2009

Podemos considerar o Barão do Rio Branco responsável por alicerçar o mito “Águia de Haia” junto à imprensa (fig.35). Ele não poupava gastos com publicidade e também não poupava palavras elogiosas a Rui, mostrando-o como grande articulador, uma mente sábia, sagaz e brilhante *“um líder entre os homens públicos”*

Fig. 35. Charge de Rui, 1907



*“Graças a Rui Barbosa, defensor do direito, o Brasil saiu engrandecido, ante o mundo, da Segunda Conferência de Paz [...] universalmente conhecido e honrado, evoca ao mesmo tempo as mais puras glórias de sua pátria e uma devoção incansável a todas as nobres causas.”*³²⁵

Ao chegar ao Brasil, em dezembro do mesmo ano, desembarcou primeiro na Bahia, onde recebeu muitas homenagens. Entre elas, um bronze feito por Eugene

Marionton, Devoir Civique. No Rio de Janeiro a recepção foi organizada pelo governo, o congresso, os estados e a imprensa, todos orquestrados pelo Barão do Rio Branco. *“Seria na verdade, já transmutado em “Águia de Haia” que Rui Barbosa regressaria ao Brasil”*.³²⁶

A cidade foi toda enfeitada de grinaldas verdes, penduradas nos postes de iluminação, de lá também pendiam bandeiras e flâmulas, quarenta

³²⁵ Palavras de exaltação de André Weiss da Universidade de Paris, quando da passagem de Rui por Paris de volta de Haia. MANGABEIRA, João. **Ruy: o estadista da república**. São Paulo: Martins Fontes, 1960.p. 102.

³²⁶ MAGALHÃES JUNIOR, R. Op. cit. p.311.

bandas tocavam marchas e hinos patrióticos ao longo do caminho, entre o porto e o Palácio do Catete, onde lhe aguardava o Presidente Afonso Pena.

Durante todo o trajeto, ele foi aclamado pela multidão, que lhe atiravam flores e o aplaudiam. Muitas vezes o cortejo teve que parar para que ele recebesse a aclamação do público.

Recebe, ao chegar, do Presidente da nação, as medalhas cunhadas para premiar seus atos durante a Conferência. Feitas em bronze e prata, de um lado vê-se o perfil de Rui e no reverso está gravado “*O Governo dos Estados Unidos do Brasil, em nome da Nação ao Senador Rui Barbosa, Embaixador Extraordinário e Plenipotenciário do Brasil na Segunda Conferência Internacional da Paz. Haya, 16.6 - 18.10.1907.*”³²⁷

Assim, o homenzinho franzino e tímido cresceu diante da nação, o esforço de toda uma vida foi finalmente reconhecido, Rui chega ao máximo da glória de um homem público, foi transformado em mito aliado ao processo de construção da identidade e da nacionalidade. Também recebeu o reconhecimento internacional, o que lhe trouxe mais prestígio diante da nação. E foi assim, reconhecidamente, transformado em mito, referenciado como “apostolo”, “super-homem”, “gênio da raça” e tantos outros cognomes que ao falecer passou a integrar o patamar dos imortais, herói nacional, um semi-deus.³²⁸

A comoção pública diante de sua morte foi muito grande e repercutiu em todo território nacional e no estrangeiro. Houve manifestações dos governos da França, Bélgica, Argentina, Chile, Holanda, Portugal, Estado Unidos, etc. Na Polônia foi feito cinco minutos de silêncio em sua homenagem, nas escolas públicas. Consta do Arquivo da Fundação Casa de

³²⁷ As moedas foram cunhadas pelos gravadores Elm e Agry, Rue Castiglione, 14, Paris. REIS, Claudia Barbosa. Op. cit. .p. 15.

³²⁸ Há uma infinidade de codinomes pelos quais Rui é aclamado depois de sua morte, ela foi cantada em prosa e em verso, nos incontáveis discursos políticos, nos artigos de jornais e revistas em todo o território nacional, ouve missas em sua homenagem até em cidades do interior pouco conhecida, e naquele ano inúmeras crianças foram batizadas com seu nome. GONÇALVES, João Felipe. Op. cit. p.1-2

Rui Barbosa 1351 missivas à sua esposa e filhos, com condolências pela sua morte.³²⁹

A cerimônia para seu sepultamento começou em Petrópolis, quando foi designado um comboio mortuário para transporte de seu corpo e um vagão foi especialmente transformado em câmara ardente. A Biblioteca Nacional (fig.37), local onde foi velado no Rio de Janeiro, cobriu-se de preto: do teto desciam longas tiras de veludo negro, as paredes foram cobertas de pano preto com as iniciais RB bordadas em prata, os lustres foram coberto de crepe negra, até seu busto, no alto da escadaria estava coberto de crepe negra e sua base estava envolta na bandeira brasileira.³³⁰

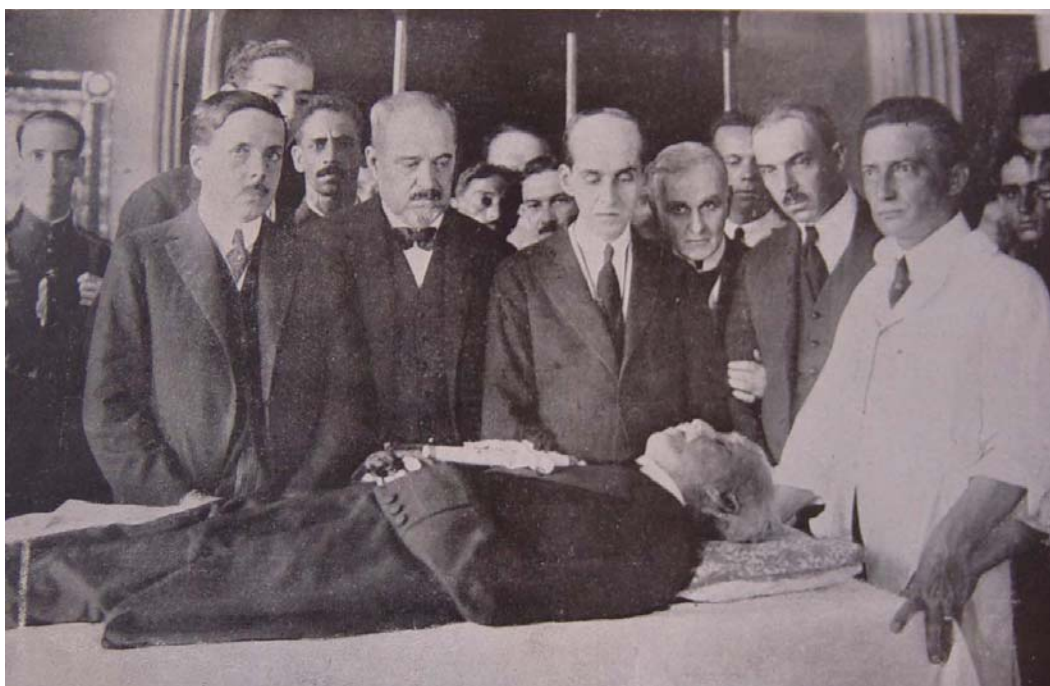


Fig.36. Corpo de Rui, disposto de modo a tirar o molde para a máscara mortuária, 1923.

Nesse cenário, devidamente arrumado, Rui foi velado (fig.36) por dois dias com honras de chefe de estado, o tempo todo guardado pela guarda de honra e por uma dupla de senadores, que se revezavam. O mito estava sendo referenciado e legitimado pela nação. O povo foi convidado a entrar nesse deslumbrante pelas portas laterais da Biblioteca Nacional percorrendo

³²⁹ GONÇALVES, João Felipe. Op. cit. p. 9.

³³⁰ Idem. p. 5

o caminho, incansavelmente, na sua grande maioria em prantos, alguns o aclamavam e outros apenas respeitosamente o velavam.

Podemos analisar que esse espetáculo foi montado para consagrar o mito, arquiteto da república, homem culto, polivalente, à frente de seu tempo, disposto a defender as causas perdidas. Assim Rui foi referendado, pelo governo brasileiro, responsável pelos preparativos de seu velório, um velório para ser visto, um espetáculo onde predominava a presença da alta cúpula do governo de nosso país, grandioso como merecia o “*venerando extinto*”³³¹. O povo acumulava-se nas ruas, nas janelas, nas calçadas e nas árvores. Onde passou o cortejo, havia manifestações ao som de bandas militares que tocavam marchas fúnebres e em frente à sua casa, na Rua São Clemente, o cortejo fez uma parada silenciosa, talvez para que ele se despedisse de suas rosas.



Fig. 37. Missa de corpo presente realizada na Biblioteca Nacional, 1923.

³³¹ Segundo João Felipe Gonçalves que estudou os discursos, notas de jornais e revistas, reportagens póstumas sobre o falecimento de Rui, em nenhum local se referiam a ele como “o corpo” e sim com o imortal, um semi-deus, um excelso defunto. GONÇALVES, João Felipe. Op. cit. p.9

As manchetes dos jornais do dia 02 de março anunciavam: “*Apagou-se o sol*” Gazeta de notícias; “*O Eclipse de um gênio*” Rio Jornal; “*A morte do maior gênio da raça*” A Pátria; “*A grande catástrofe*” A Notícia. Para citar só os jornais do Rio de Janeiro.³³² Com esse ritual encenado, buscando a construção de mais um símbolo para a pátria, um herói que merece ser cultuado, um exemplo de vida a ser seguido é que o governo brasileiro adquiriu sua casa, seus livros e seus escritos, para servirem de lugar de memória da nação, transformando o homem em personagem imortal da história brasileira.

Assim como defensor do direito, da justiça, da liberdade civil e da igualdade, protetor dos fracos e oprimidos, escritor e orador, jornalista da república, ministro, diplomata, educador, assim se destacando em todas essas facetas, passa a ser lembrado e pela memória coletiva de nosso país. Passou a ser denominação de faculdades, escolas, instituições culturais, municípios, vilas, bairros, praças, ruas, avenidas e tantas e tantas outras homenagens que recebeu que fica difícil pontuar todas. E sua casa morada deverá permanecer preservada, o local onde viveu deverá ser cultuado, mantendo-se na íntegra para perpetuar a imagem desse personagem, consagrado pela história, valorizando não só o político, o jornalista, o educador, o jurista, mas também o homem simples, de família, personagem digno de ser destacado, homenageado, de fazer parte do patrimônio de nosso país. Um mito a ser reverenciado.

³³² GONÇALVES, João Felipe. Op. cit. p. 16.

Capítulo 3 - Objeto como herança cultural

“Os objetos que compõem uma casa são fragmentos, indícios de um quadro pessoal e social e através deles é possível vislumbrar um tempo, um sentido, uma experiência que adquire significado histórico”

Adriana Oliveira³³³

3.1. A casa, lugar de coleção

Sabemos que o interior da casa, nos parâmetros de nossa cultura ocidental, é composto de objetos e pessoas, os quais estão ligados por teias invisíveis de afeto e tradição. Essas teias são responsáveis pela formação do signo familiar que nos acompanharam por toda vida, impregnando nossas lembranças.

Em uma Casa Museu, eleita para homenagear seu proprietário, encontraremos várias coleções, pequenas e/ou grandes, formadas no decorrer de toda uma existência, objetos signos, sem preço no mercado econômico. Seu valor monetário, seja ele qual for, está acrescido de uma carga de afetividade e representatividade que os tornam únicos. Esses objetos se perpetuam, sobreviveram a seu proprietário, são herança cultural de uma comunidade, cidade ou nação.

Na Casa Museu Rui Barbosa, encontramos uma grande coleção de livros, resultado de toda uma vida de “garimpagem” por livrarias, sebos e leilões. Essa coleção, que pertencia a Rui Barbosa, é hoje a principal herança cultural deixada para todos os que por ventura necessitarem dela. Hoje se encontram disponíveis para consulta, diferente do tempo em que estava na mão de seu proprietário, ciumento de sua coleção, e inimigo de emprestar qualquer um de seus livros.

Rui também possuía uma grande coleção de mudas de rosas, mais de 300 espécies, plantadas em um grande canteiro, cultivado por ele próprio, ao lado de sua residência. Dessa coleção, ele mantinha um registro, cada pé era

³³³ OLIVEIRA, Adriana Mara Vaz. **Uma ponte para o mundo goiano do século XIX**: um estudo da casa meia pontense. Goiânia: Agência Goiânia de Cultura, 2001. p. 13

anotado em seu caderninho para ser estudada a melhor forma de cultivá-la. Coleção viva, que exigia de seu colecionador uma dedicação quase religiosa, todos os fins de semanas eram reservados a elas. Infelizmente, essa coleção não chegou até os nossos dias, pois foi ceifada por mãos que não tinham com elas nenhuma relação afetiva. Dela só temos fotos e relatos de quanto eram especiais para seu proprietário.

Partindo desse colecionador específico, vamos estudar a importância do objeto colecionado, lembrando que para um colecionador doméstico o objeto não precisa possuir valor monetário, pois ele não tem nenhum interesse em recolocá-lo no mercado.

Vamos estudar o objeto testemunha, coleções pequenas ou grandes, carregadas de afetividade, que deixaram de fazer parte da história pessoal de seu proprietário para ser um bem cultural de uma comunidade, cidade ou nação. Pois como afirma Hartog³³⁴, hoje há um interesse maior em se autenticar esses “patrimônios menores”, “história-memória”, instituídas por ações de comunidades regionais ou coletividades, preocupadas em preservar o patrimônio local, próximo, o qual reconhecem e está associado ao seu território e ao seu tempo social, passível de ser conservado e repassado para as próximas gerações. “...o presente inquieto, em busca de raízes, obcecado com a memória”³³⁵

3.2. Rui Barbosa: o colecionador de livros

“Eu sinto em mim uma paixão entusiástica pelo estudo...”

*Rui Barbosa*³³⁶

Rui sempre foi um colecionador de livros, embora não gostasse de ser chamado por colecionador³³⁷. Quando transferiu-se de Recife para a

³³⁴ HARTOG, François. Tempo e patrimônio. In: **Varia Historia**, Belo Horizonte, v. 22, n.36, jul.-dez. 2006, p. 270.

³³⁵ Idem

³³⁶ MEIRELES, Cecília. **Rui**: pequena história de uma grande vida. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1949. p. 22.

Faculdade de Direito São Francisco, em São Paulo, trouxe com ele várias caixas de livros, deixando impressionados seus amigos de república. Porém, pelos relatos de amigos e familiares, sua coleção passou a ganhar porte após a mudança para a residência da Rua São Clemente, segundo Homero Pires: *"Rui amou os livros, amou-os como se deve amar as coisas digna de amor. [...] a casa verdadeira cidade de livros"*.³³⁸ Realmente uma cidade, em quase todos os cômodos de sua casa há livros, são três os seus Gabinetes (fig.38), em todos há uma grande quantidade de livros, além de corredores tomados de estantes carregadas de livros a grandiosidade de sua Biblioteca impressiona a todos que a visitam.



Fig.38. Estantes de livros que se encontram no Gabinete Gótico, 2009.

³³⁷ PIRES, Homero. Rui Barbosa e os livros. In: FUNDAÇÃO Casa de Rui Barbosa. Setor de Biblioteca. 1980. **Catálogo da Biblioteca de Rui Barbosa**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2007. p. 28

³³⁸ PIRES. Homero. **Rui Barbosa e os livros**. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1949.p. 34

Desde a infância, ele teve familiaridade com os livros. Seu pai João José Barbosa de Oliveira, homem de grande cultura, costumava prover o filho, desde os cinco anos, quando aprendeu a ler, de obras clássicas e filosóficas: *“preparava-o para ser um erudito e um orador, e a cada instante chamava-o para ler e decorar longos trechos. Fazia-o subir numa alta mala, ensinando-lhe a posição em que deveriam ficar as mãos do orador, obrigando-o a declamar em voz forte”*³³⁹.

Rui, em discurso no Senado Federal em 13 de outubro de 1896, data a sua biblioteca como tendo vinte e cinco anos: *“...Até minha biblioteca, lenta estratificação de vinte e cinco anos de amor das letras, entrou a ser contada, avaliada e apontada como expressão de minha opulência”*³⁴⁰

Sua biblioteca tinha uma arrumação que só fazia sentido ao seu proprietário, característica principal de um colecionador. Sendo de caráter geral, com especialização em obras jurídicas, seu tema recorrente, devido à sua formação. Encontramos nela um acervo bastante heterogêneo, com obras sobre política, história, memórias, correspondências, biografias, literatura, ciência, obras clássicas, humanidades, e muitos outros temas que despertaram sua curiosidade. Seu conhecimento era amplo e variado, há depoimentos relatando que ele sabia receitas culinárias e como tirar manchas de tecidos e de madeira, demonstrando seu vasto e variado interesse³⁴¹. Muitas dessas obras eram consideradas raras, quando foram adquiridas por Rui, em sebos ou leilões.

Há um acervo menos significativo, em termos de quantidade, mantido com grande empenho por seu proprietário, que versa sobre homeopatia, medicina, oceanografia, levitação, aparições materializadas de vivos e mortos e fenômenos psíquicos. Ele dizia para os amigos mais íntimos: *“Quanta coisa estudo, e que se não sabe, e de que talvez não me utilize nunca na vida.”*³⁴²

³³⁹ VIANA FILHO, Luiz. **A vida de Ruy Barbosa**. 2. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1952. p. 17

³⁴⁰ Resposta de Rui a César Zama, em 13 de outubro de 1896, datando-a no ano de 1871. Idem. p. 296

³⁴¹ NERY, Fernando. **Ruy Barbosa: ensaio bio-bibliográfico**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1932. p. 185

³⁴² PIRES, Homero. 1949. Op. cit. p. 49

Não possuía um catálogo sistematizado de sua biblioteca, a arrumação seguia sua própria lógica e interesse, que com uma memória visual e espacial profundamente desenvolvida sabia dizer exatamente onde encontrar um exemplar, quando dele necessitava: *“já não havia colocação conveniente para eles nas estantes, com duas ou três ordens de volumes, e ainda com muitos outros deitados em pilhas sobre a cabeça dos que ficavam em pé.[...] Mudava-os continuamente de situação, o que fazia por suas mãos, a fim de arejá-los O seu catálogo era sua memória...[...] Ruí dizia: Quando precisar de catálogo, não precisarei mais de livros.”*³⁴³

Estando ele fora do Rio, levava consigo sempre um número razoável de livros, porém, quando necessitava de algum, escrevia a seu cunhado, Carlito, solicitando que o mesmo lhe fosse enviado: *“...vai a minha livraria, e, na maior das duas estantes q. ficam aos lados da porta do meu gabinete, divisão do centro, corpo inferior, segunda prateleira, contando do chão, encontrarás deitados um sobre o outro, dois livros com o título: RIBAS: Direito civil. Por favor me envie eles.”*³⁴⁴

Não tinha o hábito de fazer fichamento dos livros lidos, embora aja em sua biblioteca dezesseis volumes encadernados de papel almaço: *“nos quais sem muita ordem e unidade, organizou uns ensaios de bibliografia, escrevendo no alto das páginas os assuntos, e indicando a seguir os lugares em que estavam eles, estudados em livros e revistas.”*³⁴⁵

Seus livros possuem anotações à margem, em traços em vermelho ou azul, presume-se que para destacar uma palavra, uma idéia ou um argumento para acrescentar em algum trabalho em andamento, ou simplesmente para não perder o conhecimento. Há, porém algumas bastante curiosas, como destaca Maria Virginia Pinheiro, em uma enciclopédia de conhecimentos médicos da época, onde está grifado: *“peytos duros, et*

³⁴³ PIRES, Homero. 1949. Op. cit. p. 37

³⁴⁴ Estando Rui em Friburgo, veraneando faz o pedido por carta datada de 23 de janeiro de 1897. BANDEIRA, Carlos Viana. **Lado a lado com Rui**: 1876-1923. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1960. p.201

³⁴⁵ PIRES, Homero, 1949. Op. cit.p. 58.

encaroçados com muyto leite, se dezinham, et descoalham” ³⁴⁶ Levando-se a crer que era uma leitura com a qual pretendia orientar sua esposa, no nascimento de um de seus filhos.

Freqüentador assíduo das Livraria Brigueit, Lammert, Garnier, Quaresma e Francisco Alves, no Rio de Janeiro, tinha o privilégio de, quando estava passando temporadas em sua residência em Petrópolis, receber semanalmente das livrarias pacotes contendo os últimos lançamentos, para que procedesse sua escolha³⁴⁷. Também tinha o hábito de percorrer alguns sebos ou freqüentar leilões em busca de livros raros.

Fig. 39. Biblioteca de Rui, c.1923



Encontramos, em sua biblioteca etiquetas de outras livrarias: Livraria Coelho, Livraria Azevedo do Rio de Janeiro e de Portugal, a Livraria Antonio Felix de Oliveira Ramos e do alfarrabista João Pereira da Silva, com os quais

³⁴⁶PINHEIRO, Maria Virginia. Rui, para sempre e em todo lugar. In: FUNDAÇÃO Casa de Rui Barbosa. **Catálogo da Biblioteca Rui Barbosa**. Rio de Janeiro: FCRB, 2007. p. 20

³⁴⁷PIRES, Homero. 1949. Op. cit. p. 36

acreditamos Rui mantinha relações para encomendar livros.³⁴⁸ Sempre que percorria as livrarias voltava acompanhado de um empregado, que o ajudava a carregar os volumes adquiridos no dia, algumas vezes, tinha que se explicar a Maria Augusta: “- *Perdoa. Já é uma verdadeira mania*”³⁴⁹

Teve preferência por estantes de madeira trabalhada, fechadas com portas envidraçadas, visando à preservação de seus amados livros, mantendo-os protegido de insetos e de poeira. As da Sala da Biblioteca(fig.39) foram feitas por encomenda em 1898, por um marceneiro da Rua dos Inválidos no Rio de Janeiro. Adquiridas pelo valor de 500\$00 reis.³⁵⁰, foram pagas em parcelas, pois ele não dispunha da quantia em sua totalidade.

Rui solicitou que fosse incrustado na madeira, na cabeceira da principal delas, seu monograma, costume muito em pauta na época. Isso foi motivo de vários comentários maldosos, pois diziam que “*RB*” significava República Brasileira e, portanto, elas faziam parte do patrimônio nacional e que a verba para sua aquisição havia sido desviada, por ele, dos cofres públicos.³⁵¹

José do Patrocínio, em abril de 1892 havia afirmado que Rui gastava abundantemente com livros, levantando suspeitas quanto à procedência da verba para esse fim: “*Pode-se dizer, sem medo de caluniar que o Sr. Rui Barbosa vive para o dinheiro. A sua inteligência não passa de uma cortesã, que se arrebrica e engalana para atrair freguesia. S. Excia. dá renda às livrarias, como as sacerdotisas do pecado, às modistas e aos joalheiros.*”³⁵²

A mobília para seu Gabinete de Trabalho da sua casa de veraneio em Petrópolis, também em madeira, foi adquirida por ele na Europa, quando foi a Conferência em Haia, na Holanda.

³⁴⁸ Levantamento realizado por Maria Virginia Pinheiro, especialista em obras raras da Biblioteca Nacional. PINHEIRO, Maria Virginia. Rui para sempre e em todo lugar. In: FUNDAÇÃO Casa de Rui Barbosa, 2007. Op. cit. p. 22

³⁴⁹ PIRES, Homero. 1949. Op. cit. p. 37

³⁵⁰ COSTA, Antonio Joaquim. **Rui Barbosa na intimidade**. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1949. p.26.

³⁵¹ Em várias ocasiões Rui foi inquirido sobre a aquisição das estantes para sua biblioteca. LACOMBE, Américo Jacobina. **A sombra de Rui Barbosa**. São Paulo: Ed. Nacional; Brasília: INL, 1978. p. 162

³⁵² PIRES, Homero. 1949. Op. cit. p.30

Seus livros recebiam toda a atenção desde o momento de chegada à Biblioteca: *“...desde que davam entrada no velho solar da S.Clemente, os livros passavam a ter um contato direto com o seu senhor. A começar pelo desempacotamento ou desencaixotamento, a seguir pela abertura lenta e atenta das páginas, e as marcações dos trechos de interesse pessoal, seguindo-se o preparo e as recomendações aos encadernadores, até a colocação nas prateleiras, tudo feito pelo dono.”*³⁵³

Destacamos mais uma característica de colecionar, pois ele, só ele pode identificar as relações de seu novo objeto de coleção com a coleção já existente. No momento em que são anexados à coleção, ele passa a ter uma “aura” que o distingue dos demais, travando com seu proprietário relações de afeto e de significados. Por isso o ciúme, o cuidado em não deixá-los na mão de outras pessoas: *“Não admitia que ninguém o substituísse. Mario de Lima Barbosa, que tão delicadamente o acompanhou, não conseguia mais do que auxiliá-lo, trazendo os livros até o lugar em que, algumas vezes de joelho, o Conselheiro arrumava e acariciava seus volumes.”*³⁵⁴



Fig.40. A maioria dos livros de sua Biblioteca são encadernados, 2009.

Não gostava de deixar os livros sem capa dura (fig.40), preferia, sempre que possível, mandar encaderná-los por intermédio da Livraria Briguiet, que enviava-os a Paris para que fossem encadernados. Mesmo arcando com as

³⁵³ LACOMBE, Américo Jacobina.1978. Op. cit. p. 142.

³⁵⁴ Idem

despesas do envio, era compensador, pois a qualidade da encadernação era muito superior à nossa e também o valor da encadernação era muito baixo. Sendo bastante exigente, enviava por escrito suas encomendas e pedia que fossem mantidas as margens e a folha de rosto: “...com lombada de vitela amarela, com os títulos sobressaindo num pequeno pedaço de couro encarnado.”³⁵⁵

Em depoimento, Américo Jacobina Lacombe dizia que Rui era um amante dos livros, pois “conheci-lhes o tom, a cor da capa, a macieza do papel, o cheiro e a consistência”³⁵⁶. Após a guerra, tornou-se muito dispendioso e demorado enviar a Paris os livros para que fossem encadernados, assim Rui resolveu criar em sua residência uma oficina de encadernação.³⁵⁷

Sempre teve muita preocupação com a conservação de seu acervo. Quando no exílio, recomendava, em quase todas as cartas, que se tomassem muito cuidado com seus livros, colocando naftalina escamada para manter as traças longe deles. “Peço-te [...] que veles pelos meus livros, prodigalizando-lhes naftalina para os preservar”³⁵⁸

Ao adquirir um livro usado, mesmo sendo uma obra rara e sem qualquer sinal de infestação, ele não o guardava de imediato junto à sua biblioteca, colocava-o em observação, durante aproximadamente 15 dias, para verificar possível contaminação. Após esse período, o volume era escovado nas entre folhas e limpo a capa com um pano muito limpo, só aí se juntava aos outras na estante,³⁵⁹ “se o livro comprado num alfarrabista”³⁶⁰ revelava provas de contágio, era neste caso fechado, pelo espaço de quinze dias, dentro de uma caixa de flandres com naftalina...³⁶¹

³⁵⁵ Depoimento do Sr. Luís Lader. In: PIRES, Homero. Rui Barbosa e os livros. In: **RUI sua casa e seus livros**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1980.p.79

³⁵⁶ LACOMBE, Américo Jacobina.Op. cit. p. 142

³⁵⁷ PIRES, Homero.1980 Op. cit, p. 82

³⁵⁸ Carta a Carlito, datada de 17 de setembro de 1894. BANDEIRA, Carlos Viana. Op. cit. p. 175

³⁵⁹ PIRES, Homero. 1980.Op. cit. p.83

³⁶⁰ Alfarrabista – vendedor e/ou colecionador de livros antigos ou velhos.

³⁶¹ PIRES, Homero. 1980. Op. cit. p.83

Mesmo sendo suas estantes fechadas, Rui fazia questão de manter seus livros limpos, a limpeza era constante, livro por livro era retirado, examinado para verificar possível infestação, limpo com pano e pincel, sobre o dorso e a folha de guarda. Tinha horror que seus livros sofressem algum tipo de infestação de insetos nocivos, assim, colocava nas estante, por trás dos livros, naftalinas escamadas e distribuídas em caixas de fósforo.³⁶²

Quando, em suas inspeções periódicas, encontrava uma obra infestada por cupim, ele próprio passava a dedicar a ela todos os cuidados adotados na época para eliminar o intruso: *“era imediatamente mergulhado em querosene branco, de qualidade superior, de mistura com porções de creosoto mineral”³⁶³, essência de cravo e essência de alfazema. Após, o livro vai para o estágio da lata, onde permanecia entre naftalina oito ou quinze dias. E secava sobre uma mesa ou prateleira de estante aberta, ou ao sol.”³⁶⁴*

Não freqüentava bibliotecas públicas e não tinha o hábito de pedir livros emprestados, também não gostava de emprestar seus livros. Quando era obrigado a emprestá-los, recomendava que fossem tratados como crianças, que deveria só pegar neles só com as mãos limpas, que não deviam ser abertos demasiadamente, que não deviam ser deixados cair e que ao virar as páginas, deveriam ser feitas com muito cuidado³⁶⁵.

Ao notar o interesse de um visitante por algum livro em especial de sua biblioteca, logo à saída deste, mudava-o de lugar, para não correr o risco de ter que emprestá-lo. Era muito ciumento com seus livros. Segundo Capistrano de Abreu: *“Durante o governo provisório emprestou-me um todo encapado, o que me obrigou a comprar tela inglesa para reencapá-lo. Hoje não me empresta mais.”³⁶⁶*

Era um leitor contumaz, tinha o hábito de ler até os dicionários. Os dicionários que se encontram em sua biblioteca estão todos anotados,

³⁶² PIRES, Homero. 1980. Op. cit. p 84.

³⁶³ Fração da destilação do alcatrão.

³⁶⁴ PIRES, Homero. 1949. Op. cit. p.92.

³⁶⁵ MAGALHÃES, Rejane Mendes de Almeida. Op. cit. p. 77

³⁶⁶ Depoimento de Capistrano de Abreu. VIANA FILHO, Luiz. Op. cit. p. 411

*“página por página ia anotando-o, acrescentado-lhe novos vocábulos, novas locuções e aceções novas as já contempladas”.*³⁶⁷

Possuía diversas edições de uma mesma obra, a fim de comparação, principalmente os clássicos portugueses, lidos, relidos e anotados. Questionado certa vez sobre se havia lido todos os trinta mil volumes de sua biblioteca, Rui respondeu: *“...Trinta mil volumes, é claro, não podem ser lidos por um homem.[...] Escusado é dizer que em uma biblioteca bem organizada, são numerosos os chamados livros de consulta, não destinados à leitura, do começo ao fim. As várias edições de uma obra servem para comparações, e não para estudo acurado, salvo em casos excepcionais.”*³⁶⁸

Rui não gostava de ser chamado de bibliófilo, considerando-se um bibliognosta³⁶⁹, pois conhecia o valor de seus livros. Vivia rodeado deles, tratava-os com respeito e carinho, cuidava de sua conservação e preservação, sabia diferenciar e valorizar o papel, os tipos, as encadernações. Conhecia as diversas edições, tinha-os por gosto, por arte, pela ciência e pelo conhecimento neles contidos: *“...ele timbrava em não possuir livros, senão para o trabalho e para leitura, nunca para completar coleções, ou pelo prazer de encher estantes”.*³⁷⁰

Sempre que enfrentava uma crise pessoal ou política ele se entregava em leituras, estudando cada vez mais, procurando novos assuntos com os quais se interessar. Assim, estudou grego e adquiriu livros nessa língua, astronomia, equitação, botânica e medicina. Recebia com frequência novos lançamentos sobre finanças, política e direito, aos quais dava prioridade na leitura. Fazia leituras leves, de lazer, gostava de Camilo Castelo Branco, e de D. Quixote de Cervantes do qual possuía várias edições. Lia romances policiais, em especial as histórias de detetive, aparecendo como destaque em

³⁶⁷ PIRES, Homero. 1980. Op. cit..66

³⁶⁸ Idem. p. 68

³⁶⁹ Bibliófilo: aquele que acumula livros sem nenhuma escolha, um amador sem discernimento.

Bibliognosta: Pessoa que conhece a fundo a história dos livros, seus títulos, datas e lugares de edições.

PIRES, Homero.1949. Op. cit, p.91

³⁷⁰ LACOMBE, Américo Jacobina. Op. cit. p. 139

sua coleção o autor Arthur Conan Doyle, de onde acredita-se tirava histórias para os netos.

Sabemos que a base de uma coleção é ser deixada para as próximas gerações, assim a Biblioteca de Rui ficou para a nação, perpetuando através dela o seu proprietário. Essa coleção não foi recebida por herança cultural, foi construída por ele durante toda a sua vida, porém não podemos deixar de ressaltar o importante papel de seu pai para a construção de seu gosto de leituras clássicas e, quando faleceu deixou, para seu filho *“duas estante com 240 volumes de livros diversos”*³⁷¹ como consta no testamento.

Também podemos constatar em sua biblioteca muitos livros com dedicatória, o que indica que recebia de amigos, parentes e admiradores, livros de presente, inclusões afetivas dentro de um mundo tão selecionado: *“...alguns dos quais às vezes o brindavam com verdadeiras preciosidades, edições raras ou de arte”*.³⁷²

Vale lembrar que para o colecionador o objeto faltante, nesse caso o livro, de sua coleção é sempre o próximo a ser adquirido. Rui, comprador feroz, passou toda a sua vida garimpando, nas livrarias e sebos não só da cidade do Rio de Janeiro, mas também em suas inúmeras viagens ao exterior, o próximo livro. Reunindo e conservando os livros de sua propriedade ele montou um grandioso acervo, utilizado para seu conhecimento e deleite. Hoje diversos estudiosos se debruçam sob esse acervo, buscando subsídios que mostre indícios de como foi montada procurando desvendar qual o significado e a lógica de sua arrumação.

Em sua Biblioteca, encontramos uma coleção de catálogos de leilões, mais uma vez confirmando seu interesse em adquirir livros raros e/ou valiosos e também objetos para sua residência.

O colecionador viaja em sua coleção, pois cada objeto o remete a alguém ou a algum lugar. Assim, para corroborar essa teoria, encontramos no acervo uma grande coleção de livros e guias de viagens. Joaquim Nabuco

³⁷¹ PIRES, Homero. 1980. Op. cit 15

³⁷² PIRES, Homero, 1949. Op. cit. p. 22

chegou a afirmar que esses livros faziam parte da “*estante de cabeceira*” de Rui.

Esses guias, muito em voga no século XIX, traziam muitas informações para os viajantes em passagem pelo exterior, *BaedeKers* e *Bacon's pocket Atlas*.³⁷³ Acreditamos que com eles, muitas vezes ele se deixou levar e traçou planos de viagem para si e sua esposa. Algumas dessas foram realizadas, outras ficaram só nos planos, como a última sonhada por ele em 1921, quando pretendia ir com a esposa para uma temporada na França³⁷⁴.

Hoje, sua biblioteca, toda ela catalogada, mantém-se na íntegra, como a deixada por seu proprietário, podendo ser consultada por todos os interessados³⁷⁵.

Segundo Homero Pires, nela hoje só encontramos um espaço vazio, o deixado por seu proprietário: “*Os livros de Rui Barbosa, ei-los aí estão. Não dispersou a sua biblioteca. Os seus formidáveis instrumentos de trabalho aqui se guardam zelosa, mas silenciosamente. [...] Dessas páginas quietas e mudas não repontaram mais os exemplos de sabedoria, que elas nos costumavam comunicar, ao toque mágico do seu encantador. [...] A Casa, bem vedes, é a mesma. Os livros são os mesmo. Só lhes falta Rui Barbosa.*”³⁷⁶

³⁷³ FERREIRA, Tânia Maria T. B. C. A Biblioteca de Rui Barbosa no Palácio dos Livros. In: FUNDAÇÃO Casa de Rui Barbosa. 2007. Op. cit. p.43

³⁷⁴ Rui, já com a situação financeira equilibrada, adquire francos para uma viagem a Paris, chegando inclusive a reservar um camarote, porém devido ao agravamento de seus problemas de saúde não conseguiu realizar esse sonho. **RUI Barbosa**: cronologia da vida e da obra. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: FCBR, 1999.. p. 221.

³⁷⁵ A Biblioteca está aberta a consulta através do catálogo impresso e on-line, os interessados deverão com um dia de antecedência enviar um e-mail para Fundação, setor de atendimento ao usuário, apontando qual a obra que gostaria de consultar. No dia e hora agendada a referida obra estará a disposição na Sala de Consulta da Fundação.

³⁷⁶ PIRES, Homero. 1980. Op. cit. p 93.

3.3. O jardim e as rosas de Rui

“Árvores há, de boa semente, boa terra e bons ares, que se criaram para encantar os olhos com a formosura da sua grandeza e proteger as criaturas com o benefício do seu abrigo”

Rui Barbosa³⁷⁷

Como já falamos anteriormente, Rui sempre quis ter um grande jardim. Na casa da Rua Resende, chegou a plantá-lo e, na mudança para a casa do Flamengo suas já famosas mudas de rosa foram transplantadas e mudaram-se novamente, para a casa da Rua São Clemente, seguindo seu colecionador.³⁷⁸ Também em sua residência em Petrópolis, ele mantinha um belo jardim florido, que deixava aos cuidados do jardineiro na sua ausência, não sem deixar por escrito uma lista de recomendações.

Fig.41. Jardim hortênsias da residência de Petrópolis, 1923



Rui tinha um cuidado especial pelos seus jardins, da casa do Botafogo e da casa de Petrópolis, no qual mantinha um canteiro de hortênsias (fig.41). Porém, seu preferido, e o qual cuidava com mais freqüência, era o da casa do Botafogo.

Costumava todas os dias pela manhã, após tomar o café ao lado de sua esposa, passear por suas alamedas, demorando-se no seu precioso canteiro de rosas, aos quais cuidava pessoalmente. Tinha aproximadamente 300 mudas de diferentes espécies.

³⁷⁷ MELO, J. Soares. **História da Oração aos moços**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1974. p. 15.

³⁷⁸ REIS, Claudia Barbosa. **Memória de um jardim**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2007. p. 32.

As rosas chegaram ao nosso país no século XIX, vindas com outras plantas importadas da França³⁷⁹. Havia, principalmente na corte, floriculturas especializadas em importar essas novas espécies: rosas, camélias, magnólias, jasmim, lírios, narcisos e outras. Essas flores, diferentes e exóticas, mudaram os nossos jardins, foram tão bem recebidas pela população mais abastada que passaram a ser exibidas na maior parte deles.

Não podemos nos esquecer de que o colecionismo de espécie em nosso país é um produto do século XIX, chegou junto com a família real que trouxeram em suas bagagens novas espécies de plantas. Assim, colecionar espécies se tornou uma febre, principalmente no Rio de Janeiro, onde os novos costumes instalaram-se primeiro.

O grande sonho de Rui eram as roseiras. Desde que se casou com Maria Augusta pensou em plantar um canteiro de rosas, ainda em Salvador, quando alugou a casa da Estrada da Vitória, ficou muito entusiasmado com o terreno ajardinado, porém logo desistiu, pois lá havia muitas formigas, que certamente iriam atacar essa flor tão delicada.

Pelo que conseguimos levantar sua coleção começa na casa da Rua Resende. Para adquirir as mudas ele dirigia-se todos os sábados pela manhã à Floricultura Fonseca, na Rua Riachuelo, em frente ao Plano Inclinado da Rua Paula Matos, onde encomendava terra e adquiria novas mudas. Em longas conversas com o proprietário, Sr. Fonseca, trocava idéias sobre a melhor maneira de fazer o plantio e a manutenção de suas plantas. Passava a manhã toda lá e, ao retornar, vinha acompanhado de um funcionário da floricultura, que lhe trazia as mudas recém adquiridas em um carrinho de mão.³⁸⁰

Domingo era o dia reservado para cuidar de seu canteiro de rosas e do jardim, sempre em companhia de seu cunhado Carlito. Passavam o dia a revolver a terra, adubar os canteiros e a plantar as novas mudas. Rui dizia

³⁷⁹ FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mucambos**: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento urbano. São Paulo: Global, 2004. p. 255.

³⁸⁰ BANDEIRA, Carlos Viana. Op. cit. p.13

que “*não compreendia a vida sem flores*”.³⁸¹ Usando um podão ele cortava hastes secas e ajeitava os galhos, à medida que elas iam crescendo. Suas netas, filhas do casal Batista Pereira, lembram-se de seu avô, já bem velhinho, percorrendo o jardim e examinando cada rosa, sempre com Maria Augusta ao lado³⁸². Era comum vê-los sentados em um banco do jardim(fig.42) entretidos em longas conversas, às vezes acompanhados por uma delas.

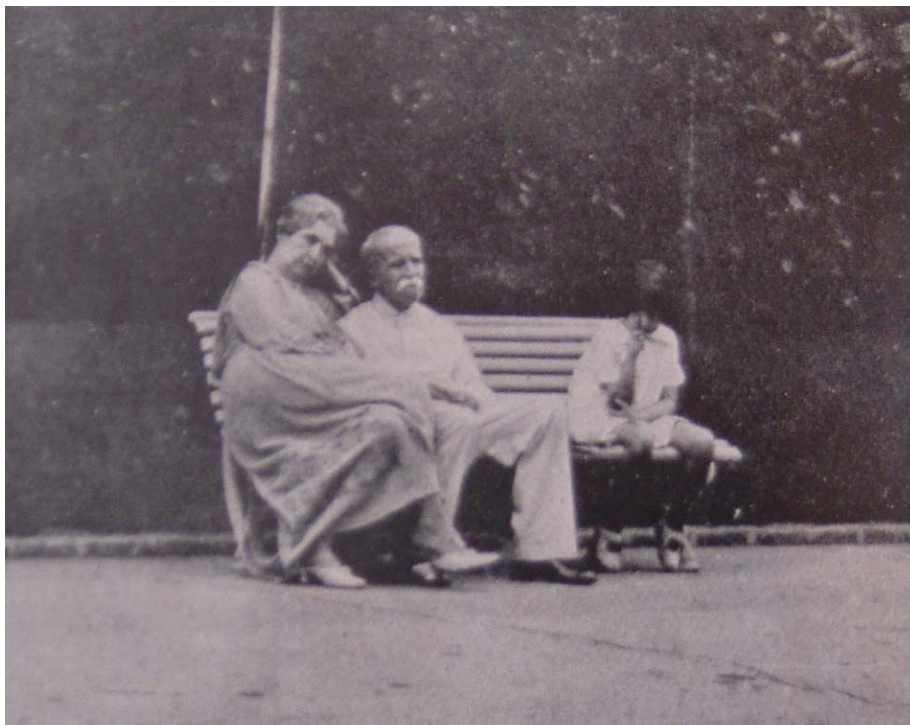


Fig.42. Rui e Maria Augusta, no jardim da residência da Rua São Clemente, c1922

Possuía um diário onde anotava o nome das culturas e tudo sobre a manutenção de uma espécie específica “*para catalogá-las e posteriormente tentar enxertos*”. Também registrava “*os exemplares raros com que enriquecia a coleção*”.³⁸³

³⁸¹ BANDEIRA, Carlos Viana. Op. cit. p 13

³⁸² Depoimentos de suas netas, filha do casal Maria Adélia e Batista Pereira para o Projeto Memória de Rui. REIS, Claudia Barbosa, 2007. Op. cit. p. 34.

³⁸³ Idem

“E colocava no pé de cada planta uma tabuinha, que pintava de branco e onde, a tinta ainda fresca, inscrevia a lápis o título da variedade num processo que resiste muito ao tempo”³⁸⁴.

Em bem pouco tempo, seu jardim dava-lhe lindas flores e ele ficava muito envaidecido quando as pessoas apreciavam e admiravam sua dedicação a elas. Quando se mudou para a casa do Flamengo, Rui contratou alguns jardineiros para transplantar suas mudas de rosas, pois, estando ele muito envolvido no trabalho, não podia pessoalmente cuidar delas.

Mesmo tendo sido transportadas elas pouco sentiram e logo estavam a florir novamente, deixando-o muito feliz: *“Ele estava embevecido com aquele “home”, mas o seu maior encanto era o jardim. Aos poucos, com paciência e gosto de um colecionador, Rui foi enchendo-o de roseiras. As primeiras horas da manhã, ele consumia nessa ocupação nova, tão suave e tão bela, entre o perfume das flores, cada uma diferente da outra, e que colhia carinhosamente para levá-las a sua adorada Maria Augusta...”³⁸⁵*

Quando o casal, visitou a casa da São Clemente, com o objetivo de comprá-la, o que mais chamou a atenção foi o belo jardim. Ela já possuía um grande jardim montado, o pomar e a horta formada, além do belo parreiral sobre os vergalhões de ferro³⁸⁶.

Maria Augusta ficou encantada com o desenho romântico do jardim, suas alamedas laterais, também as pontes sobre os lagos artificiais, mas o que mais a encantou foi à água, logo na entrada da casa: *“...agradou-a mirar-se nas águas dum pequeno lago artificial à cuja borda, decorando-o, uma águia esmagava sob as garras a serpente vencida. Aquilo ficava bem na casa de Rui...”³⁸⁷*

³⁸⁴ Ibidem, p. 13

³⁸⁵ VIANA FILHO, Luiz. Op. cit. p. 141

³⁸⁶ MAGALHÃES, Rejane Mendes de Almeida. **Rui Barbosa na Vila Maria Augusta**. Rio de Janeiro: FCRB, 1994. p.67

³⁸⁷ VIANA FILHO, Luiz. Op. cit. p. 261.

Todos os elementos presentes no jardim fazem com que os estudiosos suponham que ele é obra de Auguste François Marie Glaziou³⁸⁸, na parte frontal. O lago alongado, em formato de rio, as pontes que imitam troncos cruzados, as pedras em rocalhas e a especificidade da vegetação trazem um estilo próprio desse paisagista.

Ao adquirirem a propriedade, Rui logo passou a preocupar-se com seu novo jardim. Da Inglaterra enviava ao cunhado Carlito instruções de como e onde deveriam ser plantadas as mais diversas espécies de flores e árvores frutíferas que ele estava acrescentando ao belo jardim. Seu canteiro de rosas da Rua Flamengo foi transportado por jardineiros contratados para a nova casa.

Rui, aos poucos foi enriquecendo mais esse espaço, trazendo as flores de sua preferência, as rosas. *“A compra de roseiras tornou-se para ele uma despesa normal. E no seu “caixa”, pontualmente, consignava o preço pago pelos exemplares raros com que enriquecia a coleção.”*³⁸⁹

No jardim havia caramanchões, portais em metal, pontes sobre lagos

Fig.43. Kiosque do jardim interno, 2009.



artificiais, arranjos de pedras, árvores frutíferas e não frutíferas, um kiosque, uma estufa onde Maria Augusta cultivava avencas, samambaias e orquídeas e também uma pequena horta, cuidada por seus netos.

A memória de seus filhos e netos, quando por ocasião dos depoimentos para o

³⁸⁸ Graziou, engenheiro e paisagista francês, coordenou a Diretoria de Parques e Jardins da Casa Imperial de 1869 a 1897, foi responsável pela criação de importantes praças e jardins públicos e privados. REIS, Cláudia Barbosa. 2007. Op. cit. p. 17

³⁸⁹ VIANA FILHO, Luiz. Op. cit. p. 141

Projeto Memória de Rui³⁹⁰, sempre se voltava para o jardim, local onde eles passavam grande parte do dia nos verões, envoltos em brincadeiras e passeios pelos lagos artificiais de barquinho, os banhos no Kiosque (fig.43) nas tardes de verão. Há uma constante em seus depoimentos: o cuidado e carinho com que Rui cuidava de suas rosas, mesmo tendo, em Petrópolis, um lindo jardim e seu belo canteiro de hortênsias, sua preferência, segundo depoimentos dos familiares, era o jardim da casa da Rua São Clemente.³⁹¹

Quando a casa foi adquirida pelo governo federal houve a destruição da lateral esquerda do jardim, em especial o canteiro de rosas. O objetivo era abrir uma rua de ligação entre a Rua São Clemente e a Rua Assunção. Esse projeto foi feito pela Prefeitura do Rio de Janeiro. A intervenção foi sanada quando Washington Luís tomou posse como Presidente da República, em 1926.

Fig.44. Obras para restauração do jardim lateral



Em 1930, quando estava para ser inaugurada a Casa Museu, o jardim passou por uma grande restauração, em parte para torná-lo um jardim público e em parte para reconstruir o que havia sido destruído, sendo o engenheiro responsável por essa obra Vittorio Miglietta. Esse trabalho de reconstrução levou cerca de 25 dias e foi acompanhado pelo então Ministro da Justiça Viana do Castelo (fig.44). Foram replantadas mais de 2000 plantas, algumas ruas foram reconstruídas em pedra ou saibro,

³⁹⁰ O Projeto Memória de Rui é desenvolvido pela Fundação Casa de Rui Barbosa, e tem por objetivo recolher depoimentos de parentes, amigos e frequentadores da Casa de Rui Barbosa.

³⁹¹ REIS, Claudia Barbosa, 2007. Op. cit. p. 45.

pontes e dois lagos com cascatas, também foi reforçada a iluminação, justificada pelo “*caráter público que o jardim passava a ter.*”³⁹²

Segundo a atual Diretora da Casa Museu, Jurema Seckler³⁹³, durante o ano de 2007 o jardim sofreu uma poda de árvores, visando uma melhoria quanto à iluminação solar ao redor do edifício, e o replantio de algumas mudas de espécies que faziam parte do jardim no período em que Rui habitava a casa.



Foi realizado um trabalho “arqueológico” por parte de uma equipe de paisagistas, com o objetivo de se levantar todas as plantas que haviam sido anteriormente plantadas nos jardins(fig.45).

Fig. 45. Jardim interno da Casa Rui Barbosa, 2009



Fig.46. Jardim frontal da Casa de Rui Barbosa, 2009.

³⁹² REIS, Claudia Barbosa, 2007. Op. cit. p. 39.

³⁹³ Entrevista concedida a autora em fevereiro/2008.

Hoje, o jardim pode ser admirado e aproveitado por qualquer interessado, é ponto de encontro de babás e crianças em busca de um espaço seguro e privilegiado para as manhãs quentes de sol do Rio de Janeiro. Por senhoras e senhores de terceira idade que aproveitam as sombras das árvores, para quem sabe trocar lembranças e recordações de outros tempos, despertados não só pelo ambiente que os envolve, mas também pelo canto dos inúmeros pássaros a brincar nas árvores e pelo perfume das flores em exuberância. No lago frontal(fig.46), peixes nadam em quantidade, trazendo a visita das elegantes garças.

Podemos constatar que o jardim sobreviveu ao seu colecionador, perpetuando assim a sua memória no cotidiano coletivo de uma comunidade, bairro e da cidade como o Jardim de Rui Barbosa.

3.4. O objeto e a arte de colecionar

“Colecionar é criar permanência, é um instrumento de sobrevivência no além tumulo. “ *Philipp Blon*³⁹⁴

O homem, desde tempos remotos, reúne e conserva objetos ao seu redor como forma de conhecimento, domínio ou para deleite próprio, estabelecendo com eles uma relação íntima, carregada de simbolismo e afeto. Para Bordieu, os objetos são formas simbólicas, instrumentos de conhecimento e construção de mundo.³⁹⁵ Assim, o estudo do objeto fornecerá informações que contribuirão não só para o entendimento da sociedade em que ele está inserido, mas também trará uma compreensão maior sobre as tradições e gostos que nortearam a vivência dos personagens que os possuíram e sua vida cotidiana, em determinado espaço e tempo.

³⁹⁴ BLON, Philipp. **Ter e manter: uma história íntima de colecionadores e coleções**. Rio de Janeiro: Record, 2003. p. 217.

³⁹⁵ BORDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1998. p. 8

Sabendo que os objetos se relacionam entre si, formando tipologias, e que se relacionam com o homem em seu ambiente, de maneira útil ou fútil formando cenários, procuraremos estabelecer esses relacionamentos e entender essa ambientação para desta forma, reconstruir um panorama do passado que, apoiado na história, fornecerá subsídios para a montagem de um cenário verossímil, passível de ser compreendido no tempo presente levando a novos conhecimentos.

Segundo Adriane Camargo, o homem sem os objetos perde o status de humano, pois a ligação homem-objeto confunde-se delimitando valores sócio-comportamentais e denunciando modos de vida e crenças, permitindo assim o estudo e a reconstrução de perfis, tradições e culturas.³⁹⁶ Desta forma, é possível afirmar que o objeto faz parte da existência do homem, estabelecendo sentidos, valores e símbolos, possuindo uma dimensão ética-estética, pois o objeto contém em si o gesto de quem o criou, confeccionou e operou. Sua simbologia reflete seu uso, atribuições e comunicação com o sujeito, estabelecendo relações com a experiência cultural de determinadas comunidades ou regiões.³⁹⁷

Um objeto sempre remete a alguém ou a algum lugar, sendo entendido aqui em um sentido amplo, como uma construção, um fragmento da natureza, uma obra de arte, um documento, um equipamento doméstico, etc. Mesmo pequenos objetos, sem valor econômico, possuem uma “aura”³⁹⁸ complexa de afetividade e simbolismo, sendo capazes de trazer à memória lembranças de situações carregadas de emoções e sutilezas, estabelecendo vínculos com pessoas ou lugares, que lutam contra o esquecimento.³⁹⁹

³⁹⁶ CAMARGO, Adriane et al. **A psicologia dos objetos do dia a dia**. Disponível em: <www.deps.ufs.br>. Acesso em: 22 maio 2006. p.2

³⁹⁷ SILVEIRA, Flavio L.A da; LIMA FILHO, M.F. Por uma antropologia do objeto documental: entre a alma nas coisas e a coisificação do objeto. In: **Horizonte Antropológico**, Porto alegre, v.11, n.23, jan./jun. 2005. p.2

³⁹⁸ Segundo Pomian todo objeto contém em si uma aura que remete a um fato ou acontecimento anterior, e o colecionador ao tocá-lo tem um encontro com o passado, sente o despertar a memória afetiva. POMIAN, K. Coleção. In: **ENCICLOPÉDIA Einaudi**. Lisboa, Imprensa Nacional, 1984. v.1

³⁹⁹ SILVEIRA, Flavio L.A da; LIMA FILHO, M.F. Op. cit. p. 3

Assim, o objeto como parte da experiência do sujeito com o mundo, revela os vínculos das pessoas com os lugares, circula por imagens existentes no sub-consciente no sentido do corpo social.⁴⁰⁰ Ao vê-los estas memórias são despertadas, trazidas para o presente, re-situadas no tempo atual, criando laços com a memória coletiva e fortalecendo vínculos com seus lugares de pertença.

Em uma casa, encontramos dois tipos de coleções: individuais quando só tem sentido para seu proprietário, ou familiares quando possuem significados compartilhados com os membros da família. Os objetos dessas coleções adquirem uma “aura” singular, são únicos, carregam em si memórias e histórias que esperam para serem atualizadas. São objetos atemporais, testemunhas.⁴⁰¹

Podemos dizer que os objetos e as imagens mentais que trazem consigo fazem parte de um sistema cultural, tornando-se um documento que nos leva a um complexo processo comunicativo de caráter subjetivo e objetivo. Enquanto subjetivo, ele é responsável por detonar as memórias, estimulando as reflexões; quando objetivo, traz as características de sua forma, construção e funcionalidade, ambos produzindo conhecimento.⁴⁰²

Quando colecionados, as qualidades e funcionalidades do objeto são superadas pelas sensações que ele desperta no colecionador, assim a estética de uma coleção é produzida através das relações de afetos, percepções e vivências que o transpassam.⁴⁰³ Deste modo colecionar é um ato cultural que poderá ser decifrado por um observador no futuro, desde que seja recriado, mesmo que em parte, o contexto da elaboração da coleção por seu colecionador.⁴⁰⁴ Porque a coleção reflete o momento cultural, social e

⁴⁰⁰ Idem, p. 4

⁴⁰¹ OLIVEIRA, Andréia M., et. al., As coleções como duração: o colecionador coleciona o quê? In: **Episteme**, Porto Alegre, n. 20, jan./jun. 2005. p.114

⁴⁰² SILVEIRA, Flavio L.A da; LIMA FILHO, M.F Op.cit. p. 6

⁴⁰³ OLIVEIRA, Andréia M.et. al., Op. cit. p.117

⁴⁰⁴ MENDONZA, Celina A.L. Por que hacemos colecciones? **Episteme**, Porto Alegre, n. 20, jan./jun., p. 217-28, 2005. p. 220

temporal de onde e quando foi composta, há inserida nela uma memória coletiva.

O objeto colecionado, separado de suas funções originais, passa a ter uma íntima relação com o colecionador, uma relação histórica criada pelo próprio colecionador, com conexões intrínsecas, entre a coisa e a pessoa, relações invisíveis que são despertadas pela memória afetiva.⁴⁰⁵ O colecionador mergulha no caos de sua coleção e ali reúne e recria o tempo e os afetos, tornando-se outro em si mesmo, absorvendo as memórias despertadas pelos objetos. Ele, através do objeto, atualiza suas lembranças, trazendo o passado para o presente.⁴⁰⁶

Sabemos que a memória necessita de âncoras, que permitam a reavaliação da relação passado e presente, neste caso o objeto leva seu proprietário a viajar por lugares afetivos, míticos, históricos, religiosos, etc e o ajudam a criar referências reforçando sua identidade,. *“...utilizamos da língua e de outros sistemas de significação socialmente construídos para elaborar os significados, as representações que dão sentido à nossa existência.”*⁴⁰⁷ Para o colecionador, sua linguagem reflete o visível e o invisível, o conhecimento, a afetividade e a ação refletida por ele. Assim, o objeto passa a ser simbólico, liga o símbolo (significante) ao significado (representação), conferindo-o uma dupla realidade, real e imaginária.

Segundo Pomian, podemos nos deparar com uma gama imensa de objetos dentro das coleções particulares e de instituições, objetos muitas vezes inusitados, fascinantes, cuja única função é se oferecer ao olhar do espectador.⁴⁰⁸ O colecionador arruma sua coleção de objetos para que ela esteja presente na sua ausência, que ela simbolize sua personalidade, sua cultura, seu conhecimento, seu bom gosto e suas crenças. Esses objetos

⁴⁰⁵ PERRONE, Cláudia. M; ENGELMAN, Selda. O colecionador de memórias. In: **Episteme**, Porto Alegre, n. 20, jan./jun. 2005. p.83

⁴⁰⁶ OLIVEIRA, Andréia M., et.al.. Op.cit. p.117

⁴⁰⁷ **LINGUAGEM, identidade e memória social**: novas fronteiras, novas articulações. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 8.

⁴⁰⁸ POMIAN, K. Op. cit. p. 51

coleccionados servião de pontos de ligação entre mundos, indivíduos e tempos diferentes, serão transformados em bens culturais..

*“Cada coleção é um teatro de memória, uma dramatização e uma mise-en-scène de passados pessoais e coletivos, de uma infância lembrada e da lembrança após a morte. Ela garante a presença dessas lembranças por meio dos objetos que as evocam.”*⁴⁰⁹

Colecionar implica ordem, sistematização, conservação. Objetos, tirados de sua função, salvo de dispersões, ganham status de especiais, de testemunhas, agregam sentimentos secretos da pessoa que o selecionou e acumulou, memória de encontros, acasos e descobertas. A coleção pode ser também, um diário de viagens, sentimentos, estados da alma, da necessidade de pontuar o curso de nossa própria existência.⁴¹⁰ Podemos dizer que a arte de colecionar é uma arte-cartográfica que repousa sobre coisas salvas do esquecimento e lugares de passagem.

Colecionar é diferente de acumular, pois a coleção exige afeto, significado. Colecionam-se objetos idênticos, do mesmo uso, iguais ou essencialmente diferentes entre si, objetos testemunhas, heranças familiares. Os objetos colecionados conversam entre si, exemplos do que foram um dia, possuem significado enquanto história pessoal, cultural e/ou social. Preservados, tem seu valor real desprezado, o que lhes confere encanto é o fato de possuí-los e só disponibilizá-los aos olhos dos estranhos em ocasiões especiais.

Somos todos colecionadores. Colecionamos pequenas afirmações de nossos mundos pessoais, lembranças afetivas de vitórias ou derrotas, sonhos ou passagem de vida, objetos que são símbolos individualizados de gostos e personalidade, crenças ou preferências políticas, esportivas ou artísticas, com os quais mantemos laços afetivos. Objetos, muitas vezes, de gosto duvidoso que trazemos ou recebemos como recordação de viagem, e muitas outras coisas que ficam ali presentes, longe ou perto dos olhos,

⁴⁰⁹ BLON, Phillipp. Op.cit., p.219

⁴¹⁰ CLARA, Isabel Santa. Coleções. In: **Episteme**, Porto Alegre, n. 20, jan./jun. 2005, p.171.

aguardando para servirem em algum momento de suporte para nossa memória individual.

Essas coleções, muitas vezes formadas ao acaso, apaixonam e se tornam grandes coleções representativas. Citando José Mindlin⁴¹¹ *“um dia plantei uma sementinha em forma de livro, dez anos após eu tinha uma árvore frondosa, passaram mais 20 anos, hoje possuo uma grande floresta”*⁴¹². Sua coleção começou pequena, em 1948 fazia parte da sala de estar, hoje ela ocupa uma grande área que, segundo seu colecionador continua insuficiente para abrigá-la. Ele reconhece sua obsessão pelos livros *“Vejo a biblioteca como parte de minha vida, sinto alegria no meio dos livros, tenho o prazer das surpresas quando dou com algum livro esquecido, posso passar horas folheando-o...”*⁴¹³. Mindlin se diz um *“louco manso”*, apaixonado por seus objetos colecionados.

Citamos também Robert Opie, um dos grandes colecionadores ingleses da atualidade, que admite que começou sua coleção por acaso e se viu totalmente inserido nela: *“De repente olhei para o pacote e pensei “Se jogar isto fora, nunca mais o verei, e, no entanto existe aí todo um tesouro de história. Veio-me à súbita percepção de que aquilo era algo que eu deveria guardar, e pensei no enorme pedaço de história social que eu ia jogar fora...”*⁴¹⁴ Hoje, possui em sua casa em Ealing, Londres e em um Museu em Gloucester, uma coleção de embalagens de alimentos e coisas efêmeras relacionados com o uso doméstico que ultrapassam a 500 mil itens. Fragmentos de um tempo social, seu acervo é procurado para ambientação de filmes e peças de teatro de época.

Sendo a coleção uma obra inacabada e inacabável, o colecionador sempre está em busca de algo novo ou inusitado que lhe complete a coleção.

⁴¹¹ José Mindlin é considerado o maior bibliófilo de nosso país, sua Biblioteca é a maior biblioteca particular de manuscritos, livros e periódicos raros..

⁴¹² KASSAB, Álvaro. Aos 93, José Mindlin celebra a “loucura Mansa” da leitura. In: **Jornal da Unicamp**, v.23, n. 371, 10-6 set. 2007. p.6

⁴¹³ MINDLIN, José. **Memórias esparsas de uma biblioteca**/ entrevista a Cleber Teixeira e Dorothée de Buchard. São Paulo: Imprensa Oficial, 2004. p. 97

⁴¹⁴ Este trecho foi reproduzido por Philipp Blon e faz parte da entrevista com Robert Opie, em Elsner e Cardinal “Unless you do these crazy things”. BLON, Philipp. Op. cit. p. 188.

Quando convidado a falar de sua coleção, o colecionador sempre o faz destacando o objeto faltante *“O objeto mais importante de uma coleção é o objeto seguinte. Enquanto as mãos seguram uma coisa, e enquanto a mente ainda determina seu lugar na ordem de nossos haveres, o olho faminto já está adiante”*.⁴¹⁵

Os objetos, que guardamos/ajuntamos ou colecionamos, possuem funções diversas, podemos pontuar alguns

- Objetos rituais – que nos acompanham sempre, carregamos sem nos dar conta de sua existência, objetos de devoção;
- Objetos testemunhas – que têm função de despertar em nós emoções de fatos vividos, nos trazem recordações de lugares visitados, fronteiras afetivas;
- Objetos acumulados – que fazem parte de uma coleção, que ganhamos ou acumulamos, como uma espécie de jogo ou um hobby.

Como dissemos o colecionador doméstico/amador não tem objetivos econômicos e não busca lucro, não se interessa pelo valor intrínseco do objeto a ser colecionado, pois não pretende recolocá-lo no mercado. Como um fiel guardador ele será o transmissor dos códigos e tradições inseridos nela para as gerações futuras, pois esses objetos permaneceram estabilizados e preservados, como um tesouro pessoal.⁴¹⁶

Para Benjamim o “flâneur e o colecionador” possuem um olhar de fascinação pelo mundo e, através desse olhar, multiplicam a experiência do mundo. Um objeto, em suas mãos é mágico, ele vê através dele.⁴¹⁷ A coleção mostra muito da personalidade de seu colecionador, sua casa, seu tesouro, tesouro doméstico, sempre à mão, parte de sua intimidade.

Os objetos, testemunhas no presente, do passado que se quer recordar, servem de apoio físico para detonar a memória afetiva de quem o

⁴¹⁵ PERRONE, Cláudia M; ENGELMAMN, Selda, op. cit. p.85

⁴¹⁶ ANCIÃES, Alfredo R.. Quando objectos de coleção falam das (tele)comunicações. In: **Episteme**, Porto Alegre, n. 20, jan./jun. 2005 , p.129

⁴¹⁷ PERRONE, Cláudia. M.; ENGELMAN, Selda. op. cit., p. 85

colecciona. Ele espera que a coleção o perpetue enquanto memória coletiva, mas seu significado exato, sua representatividade, poucos se preocupam em registrá-la ou especificá-la, deixam que a história a decifre.⁴¹⁸

O colecionador rompe com o objeto enquanto mercadoria e o coloca em uma ordem íntima, afetiva, criada por ele próprio. Segundo Benjamim, ele ordena seus objetos criando um mundo e uma linguagem própria: *“Para o colecionador o mundo está presente e, de fato, ordenado em cada um de seus objetos. Ordenado, sem dúvida, seguindo uma configuração surpreendente e, de fato, ininteligível para o profano. Este último é o ordenamento e a esquematização das coisas comumente aceitas, mais ou menos como a ordem em um glossário fraseológico. Tudo isto, os dados objetivos e tudo o demais, se converte, para o colecionar autêntico (...) em uma enciclopédia mágica, em um ordenamento do mundo cujo esboço é o destino de seu objeto”*.⁴¹⁹ O objeto passa a ser memória quando para de refletir só a matéria física “da coisa”, e passa a ser matéria fluída e afetiva, parte da coleção.

O perfil dos colecionadores do século XX, traçado por Bjarne Rogan, mostra que as mulheres colecionam itens com valores morais e estéticos, objetos afetivos, enquanto os homens colecionam itens com valores artísticos, científicos e econômicos.⁴²⁰ Já Susan Pearce, em seus estudos sobre colecionadores, levanta que as grandes coleções foram feitas, em sua maioria, por homens. Embora os homens não se intitulem como colecionadores, ela acredita que isso acontece porque colecionar é uma tarefa solitária e incansável, o que é mais atraente ao mundo masculino, que ao feminino.⁴²¹

⁴¹⁸ MENDONZA, Celina A L. op. cit., p.219

⁴¹⁹ BENJAMIN, Walter. Paris capital do séc. XIX: lê livre dès passages.. Apud: PERRONE, Cláudia. M.; ENGELMAN, Selda. Op. cit., p.87

⁴²⁰ Esse estudo reflete a análise de coleções do século XX, disponíveis em associações de colecionadores da Europa, sendo realizado a partir dos inventários das mesmas. ROGAN, B. Collectionner: mode masculin et mode féminin. Citado por COSTA, Paulo F. **A coleção Ema Gordon Klabin: uma contribuição ao estudo do colecionismo privado de arte em São Paulo.** (Dissertação-Mestrado) ECA-USP, São Paulo, 2005.

⁴²¹ Susan M. Pearce em sua obra “Museums, objects and collectors” apresenta um estudo estatístico, aplicado na Europa, que aponta que 51% dos colecionadores são homens, porém poucos se apresentam como tal. BLON, Philipp. Op. cit. p. 196.

Podemos destacar quatro tipos de colecionadores:⁴²²

- Antiquários – pessoas ou entidades que colecionam objetos para venda ou troca, tem algum conhecimento sobre sua coleção, porém, seu principal objetivo é econômico. Produzem catálogos, fazem divulgação de seus objetos e organizam leilões. Para eles o objeto é apenas mercadoria, não há qualquer valor afetivo;
- Guardadores – pessoas que, sem possuir o espírito do colecionismo, guardam objetos que adquiriram, ganharam ou herdaram apenas por gostar da peça ou com fins de preservação do patrimônio. Para eles o valor econômico conta, mas não é o único envolvido. Há também a memória afetiva e a preocupação com a herança cultural;
- Colecionador amador – pessoas que colecionam objetos testemunhas de um fato, época ou local. Preservam, organizam e valorizam seus objetos, sem o compromisso com sua divulgação. A herança cultural da coleção será repassada aos familiares ou a instituições de confiança, desde que haja o compromisso de manter a integridade e a arrumação feita por seu proprietário;
- Colecionadores institucionais – são instituições que tem sob sua guarda objetos que receberam por doação ou compra. Têm como responsabilidade cuidar do patrimônio e transmitir os conhecimentos inseridos na coleção, documentando, descrevendo e divulgando, através de catálogos e exposições.

A primeira coleção que se tem notícia foi encontrada por escavadores, arqueólogos, na Gruta de Hyène, em Arcy-sur-cure. Foram encontradas pedras, conchas e ossos de diversos formatos, obedecendo a um “critério”. Provavelmente foram colecionados por algum homem preocupado em deixar para a geração futura sua forma de utilizar os objetos e assim garantir o registro de sua trajetória.⁴²³

⁴²² ANCIÃES, Alfredo R. Op. cit., p. 130

⁴²³ SANTOS, Fausto Henrique dos. **Metodologia aplicada a Museus**. São Paulo: Makenzi, 2000. p. 18

A partir do séc. XIV, possuir uma coleção era sinônimo de posse-poder-riqueza; as coleções se acumulavam nas igrejas e nos tesouros dos príncipes e eram abertas à visita apenas em alguns dias no ano. Símbolo de poder e superioridade, seus detentores usavam-nas como um instrumento de dominação.⁴²⁴

Esse fato nos lembra a criação de algumas coleções particulares nos dias atuais, que refletem os conhecimentos científicos, históricos e artísticos de seus colecionadores, mas também evidenciam suas riquezas. Muitas vezes, essas coleções são alimentadas na clandestinidade “...*ladrões profissionais de antiguidade, os quais abastecem um mercado milionário mantido por colecionadores, dispostos a pagar fortunas por peças raras, mesmo que jamais possam exibi-las publicamente*”⁴²⁵. Essas coleções não são colocadas à disposição do grande público, muitas vezes permanecem fechadas, sendo admiradas apenas por seu colecionador e convidados. Algumas peças poderão ser emprestadas para compor exposições temáticas num curto período de tempo, porém a maior parte do tempo permanecem trancadas, tesouros desconhecidos do mundo cultural.

Quando a coleção é composta de objetos de grande valor histórico-artístico-cultural, aliada ao valor econômico, com a morte de seu proprietário passa a ser muito disputada por seus herdeiros e raramente permanece intocada. A não ser, quando seu proprietário, zeloso de sua coleção, deixa registrado seu destino, transformando sua casa em museu ou doando seu acervo para uma instituição idônea, que será responsável por sua gestão e conservação.

Já as coleções mais modestas, de pouco valor econômico, coleções de lembranças, de objetos testemunhas permeadas de valores afetivos,

⁴²⁴ Segundo Pomian, a aristocracia do período, a partir da segunda metade do século XIV, diante da expansão do pensamento humanista e da descoberta de novos conhecimentos, passaram a contratar artistas e estudiosos para desenvolver trabalhos artísticos e pesquisas de caráter científico sobre temas específicos, escolhidos por eles. Com isso pretendiam controlar aqueles que produziam arte e conhecimento, adquirindo suas obras e espécies, formando assim suas coleções de arte e naturalistas.. POMIAN, K. Op. cit. p. 79

⁴²⁵ AZEVEDO, Ana Lúcia. O genocídio cultural do Iraque: saques levaram parte da história da humanidade. **O Globo**, Rio de Janeiro, 19.abr.2003. p. 21.

correm o risco de desaparecer pois, com a ausência de seu proprietário, acabam sendo um peso para a família.

Colecionar é, portanto criar um mundo paralelo, composto de memórias, lembranças e afetividades. O mundo da coleção é dominado pela ordem, classificação e afeição. Nesse mundo, o colecionador transita solitário, como senhor absoluto de seus domínios, num espaço dominado pela memória e imaginação. Os objetos colecionados adquirem um novo status, uma nova vida, passam a ser relíquias, objetos simbólicos, testemunhas, mortos para o mundo cotidiano, vivos na memória afetiva de seu colecionador.

“A sobrevivência do objeto, é a garantia de preservação da memória. O homem percebeu que, por meio do objeto, ele pode estabelecer uma linguagem composta de signos e símbolos”⁴²⁶, preservando através dele sua própria memória, que será representativa pelo conjunto de conhecimento que carrega e que será capaz de ser transmitida através das gerações, transformando-se, assim, em herança cultural.

Essa herança cultural pode ou não se transformar em patrimônio a partir da morte de seu colecionador, pois não está isenta de receber novos usos e significados. Ao herdá-la, seu novo proprietário, seja particular ou institucional, irá interpretá-la a partir do presente e para o futuro, podendo dar a ela novos sentidos e significados, passando a valorizá-la através de novos olhares, podendo inclusive descaracterizá-la e incorporá-la a outros bens culturais e patrimoniais.

Em uma casa museu, o objeto, seja colecionado ou parte da vida cotidiana, será visto como unidade de informação, passará por uma organização baseada não em seu suporte, pois cada unidade ganhará o status de objeto testemunha, aos seus atributos físicos serão acrescidos valor, dignidade e respeito, serão vistos como representantes de uma época e da história de vida de seu proprietário.

⁴²⁶ SANTOS, Fausto Henrique dos, Op. cit. p. 17.

Assim, é necessário tomar cuidado no momento de selecionar e atribuir valores aos objetos encontrados, traçando um perfil de seu proprietário, da sua vida familiar, social, política e cultural baseado não só na história oficial, mas na história oral, documentos primários, depoimentos de amigos, familiares, empregados, etc, *porque “...enquanto criadores de uma legitimidade patrimonial selectiva, os especialistas certificam o valor dos elementos culturais dignos de serem patrimonializados e o reconhecem como bem...”*⁴²⁷ E desde que reconhecidos como bem, passaram a integrar o patrimônio a ser preservado e divulgado.

A história pessoal, transportada e transformada em informação, traçará percursos para a legitimação da história do personagem homenageado, mas também será parte da história local, regional ou nacional. Nossa tarefa será contextualizar o objeto e colocá-lo em uma ordem histórica, social e cultural visível e compreensível, proporcionando ao visitante da Casa Museu um simulacro⁴²⁸ do real. Segundo Baudrillard *“o real é produzido a partir de células miniaturizadas, de matrizes e de memórias, de modelos de comando [...] não é uma imitação, nem dobragem, trata-se de uma substituição no real dos signos do real.”*⁴²⁹

⁴²⁷ PEREIRO, Xerardo. Patrimônio cultural: o casamento entre patrimônio e cultura. **Actas do I Congresso Internacional de Etnografia**, Póvoa do Varzim, 20-1 maio.2005, p.23-41. p. 28.

⁴²⁸ Entendemos por simulacro um imaginário da representação, o espelho do ser e da aparência, do real e do seu concreto. BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e simulações**. Lisboa: Relógio d'Água, 1991. p.8

⁴²⁹ Idem, p.8

3.5. Coleccionismo privado/doméstico

“Ele me mostrou a casa. Havia livros ao redor da cama, livros em prateleiras em cima da cama, livros junto à banheira, livros nos degraus da escada, livros encostados nas paredes, e ocupavam cada centímetro livre no assoalho. Livros em seu estúdio, que também abrigava um tesouro especial, seu violino, que ele não tocava a anos [...] O único cômodo não atingido por essa proliferação de livros era a cozinha, lugar desolado...”⁴³⁰

Philipp Blon

Uma dos primeiros registros de coleção privada de que se tem notícia foi registrada pela princesa Bel Chalti Nannar, seis séculos antes de Cristo. Ela documentou a coleção pertencente a seu pai, na cidade de Caldéia.⁴³¹ Após esse período só encontramos documentada a importante coleção de numismática pertencente ao Imperador Augusto que foi registrada por Suetônio, no séc.I da era cristã⁴³². Sabemos que Tutankamon colecionava cerâmicas finas, o faraó Amenhotep III colecionava esmaltes azuis e santuários.⁴³³ Porém, muitas outras coleções devem ter existido, pois como vimos, colecionar faz parte da natureza humana.

A Igreja Católica estimulava o colecionismo entre os cristãos de imagens, objetos, obras de arte que glorificassem a Deus e aos Santos e das relíquias de santos e mártires religiosos. Suas vestes, objetos, partes do corpo e ossos eram disputados por um número infinito de colecionadores, tendo um alto valor no mercado⁴³⁴. Esses objetos de fé possuem uma aura divina que os mantém vivos na mente dos crentes e dos devotos.

⁴³⁰ Descrição da casa de Wolf Stein, colecionador de livros de Amsterdã, Alemanha. BLOM, Philipp. Op. cit. p.23

⁴³¹ GUARNIERI, Waldisa R. Museu, museologia, museólogos e formação. In: **Revista Museu**, v. 1, n. 1, p.7-11, 1989. p. 7.

⁴³² CARLAN, Claudio Umpierre. Os museus e o patrimônio histórico: uma relação complexa. **História**, Franca, v. 27, n. 2, p. 1-7, 2008. p. 2

⁴³³ BLON, Philipp, p. 33

⁴³⁴ Pomian nos conta que devido ao grande número de relíquias que circulavam por toda Europa foi necessário a Igreja Católica elaborar catálogos das mesmas, pois elas deveriam permanecer fechadas em igrejas, santuário e abadias e só saiam de lá em caso de roubo ou oferenda a algum personagem poderoso, assim as inúmeras outras peças que circulavam no mercado, eram falsas. Pomian, K. Op. cit. p. 60.

Representam um ser ausente, como um símbolo que emana sua presença, ponte entre o mundo visível e o invisível, passaporte para um mundo melhor. O colecionador vê no objeto a promessa de um mundo utópico “matéria morta e promessa de vida”.⁴³⁵ Também podemos dizer que eles possuíam uma função didática, pois ajudaram a propagar o cristianismo e fixar seus dogmas.

Um dos primeiros exemplos do culto de uma relíquia pelos cristãos surge no ano de 156, em Smyrna, na Turquia, com a relíquia de São Policarpo, que foi queimado na fogueira. Seus discípulos recuperaram seus ossos calcinados e os veneraram como símbolo sagrado. A essa relíquia foram atribuídos vários milagres, o que tornou sua representação cada vez mais comum entre os cristãos.⁴³⁶

Carlos Magno, no séc.VIII, criou uma lei que visava “*preservar, recolher, recuperar todos os objetos que haviam pertencido à cultura romana*”⁴³⁷, criando assim uma grande coleção. Essa coleção pertence hoje ao Museu do Vaticano. Uma outra grande coleção de numismática foi reunida por Francesco Petrarca, no séc. XIV. Ele tinha como objetivo “*conhecer a história da civilização através das moedas*”⁴³⁸ essa coleção privada é considerada, na atualidade, como a primeira coleção monetária da península itálica. Ele também colecionava manuscritos latinos antigos, cuja coleção se encontra disponível no núcleo da Biblioteca Marciana em Veneza.

Durante toda a Idade Média, a Igreja e as famílias aristocráticas acumularam relíquias, objetos artísticos, obras de arte e de luxo, jóias e objetos curiosos ou lendários. Essas coleções domésticas, tesouros que só podiam ser observados por seus proprietários, familiares ou visitantes ilustres, eram guardadas no “studiolo”, estúdio especialmente construído para abrigar seus objetos. O primeiro “studiolo” de que se tem registro, apareceu em 1335 e pertencia a Oliviero Forza, ficava em Treviso. Os homens

⁴³⁵ , MAUSS, Marcel. **Esboço de uma teoria geral da magia**. Lisboa: Ed. 70, 2000., p.77.

⁴³⁶ POMIAN, K., Op. cit. p.60

⁴³⁷ CARLAN, Claudio Umpierre. Op. Cit. p. 2.

⁴³⁸ CARLAN, Claudio Umpierre. Op. Cit. p. 2.

abastados do séc. XIV cultivavam a paixão pelo objeto colecionado, onde colecionar era ao mesmo tempo diversão e obsessão.⁴³⁹

Também como parte do colecionismo privado estão os gabinetes de curiosidade, também conhecidos como câmara das maravilhas, muito comum no século XV e XVII. Essas grandes coleções acumuladas pela aristocracia, eram mantidas fechadas dentro dos palácios e consideradas símbolos de poder econômico, social e político.

Podemos classificar essas primeiras coleções como:

- Exótica ou naturalista - minerais, animais e plantas.
- Variedade de gêneros – obras de arte, objetos, documentos, indumentárias, livros, objetos curiosos, armas, relíquias, etc.

Nas coleções naturalistas, compostas de animais, plantas e minerais, encontramos diferentes formas de se colecionar. As plantas transportadas de uma região ou país ao outro eram cultivadas em grandes estufas, mantidas vivas a qualquer custo. Já as espécies animais, como objeto de coleção, tinham que necessariamente estarem mortos e terem passado pelo processo de secagem e/ou empalhamento. Mortos para o mundo, eles serão colocados em um ambiente artificial e transformados em objetos representativos de sua espécie.

Ulisse Aldrovandi, homem simples, camponês, começou uma coleção doméstica ao acaso no ano de 1572, perto de Bolonha, quando encontrou, matou e preservou, empalhando, o que supostamente era um filhote de dragão, expondo-o em sua casa para visita pública. Essa exposição causou um reboliço muito grande em toda Itália e para lá acorreram estudiosos, cardeais e bispos. Devido ao grande sucesso, ele resolveu manter um registro dessas visitas, selecionadas por estudiosos, nobres, arcebispos e homens famosos. As mulheres que a visitavam não podiam ser registradas, pois eram consideradas de uma classe intelectual inferior.⁴⁴⁰

⁴³⁹BLON, Philipp, Op. cit, p. 33

⁴⁴⁰O livro de registro de Aldrovandi encontra-se na Bibliotheca Universitaria de Bolonha, nele está registrado a presença dos seguintes visitantes para sua exposição do filhote de dragão, 907 estudiosos, sendo: 118 nobres, 25 homens famosos e apenas 1 mulher Caterina Sforza, que visitou a exposição

Aldrovandi então, passou a estudar a espécie encontrada e escreveu sobre ela um tratado de Dracologia.⁴⁴¹

Considerado o pioneiro na arte de colecionar espécies de natureza científica, no século XVI, Aldrovandi saiu em busca de novas espécies para juntá-las ao filhote de dragão. Em 1595 sua coleção contava com cerca de 18 mil espécimes. Parte dessa coleção pode ser vista nos dias atuais no Museo di Storia Nazionale, no Palazzo Poggia em Bolonha.⁴⁴²

Pioneiro na prática do colecionismo institucional e de preservação encontramos Nicolau V, em Roma no séc. XV, que proibiu a moagem das peças decorativas dos antigos templos, capitéis, colunas, placa de pisos e paredes, para uso em novas construções e instituiu um inventário de toda obra de arte de seu país, passando a preservá-las.⁴⁴³ Ele acreditava que a literatura, as edificações e as artes gregas e romanas eram uma fonte inestimável de conhecimento. Para preservar esse conhecimento, enviou emissários em busca de manuscritos raros por toda a Europa, dando início a coleção da Biblioteca do Vaticano “...no interesse comum dos letrados uma biblioteca de todos os livros, em latim e grego.”⁴⁴⁴

Piero de Médici, grande colecionar aristocrata, e seus descendentes Francesco e Lorenzo, no decorrer do século XV, mantinham em seu “studiolo” um patrimônio valioso composto de obras de arte magníficas, objetos antigos, pedras preciosas, além de uma coleção de objetos estranhos e curiosos, que era mantida apenas pelo culto ao prazer, ao belo e pela fé. Fechada, ela ficava exposta apenas ao olhar de seus proprietários e convidados. Francesco mandou construir um “studiolo” e, para melhor ambientá-lo chamou Vasari para decorá-lo. Vasari confeccionou, a seu

acompanhada de uma comitiva de 50 damas, que não foram registradas no livro por serem consideradas de inteligência inferior. BLON, Phillip, p. 31

⁴⁴¹ Aldrovandi, Ulisse. *Serpentum et draconum historiae*, de sete volumes. Escrito a partir dos estudos desenvolvidos com o suposto filhote de dragão, encontrado e morto por ele, em uma pequena estrada que o levaria a Bolonha. BLON, Phillip. Op. cit., p.26.

⁴⁴² BLON, Philipp, Op. cit., p. 30-1

⁴⁴³ DUFF, E. **Santos e pecadores**: história dos papas. São Paulo: Cosac & Naify, 1988. p. 137.

⁴⁴⁴ DUFF, E. Op.cit. p. 137.

pedido, painéis que representavam os doze meses do ano e os doze livros mais significativos existentes em sua biblioteca.

Conhecido como “O magnífico”, Lorenzo de Medici bancou toda uma nova geração de artistas, adquirindo suas obras para sua coleção particular. Parte da coleção dos Medicis pode ser vista no Pallazzo Médici-Riccardi, em Firenze.⁴⁴⁵ A outra parte foi doada por Anna Maria Luisa de Médici, em 1743, ao estado da Toscana, com duas recomendações: que a referida coleção não poderia ser transferida para outro local, devendo manter sua integridade e que a ela fosse dado total acesso a todas as pessoas interessadas.⁴⁴⁶

Estudiosos acreditam que a atividade colecionadora ganhou força a partir do século XVI, por conta da mentalidade humanista que vinha crescendo, aliada às grandes navegações, à descoberta de novas terras e à expansão do conhecimento. Para se dar credibilidade ao que se descobria em terras distantes, era necessário trazer amostras das espécies que dariam veracidade aos escritos. Assim, as coleções de tesouros pertencentes à Igreja e à aristocracia cederam lugar para as coleções de natureza naturalista ou exótica. Pessoas com poucos recursos intelectuais e financeiros passaram a colecionar objetos específicos, em busca de conhecimento ou reconhecimento por parte de sua comunidade.

Esses novos colecionadores, ávidos de conhecimentos, passaram a adquirir todas as espécies naturais disponíveis no mercado, fazendo de suas residências uma “enciclopédia da natureza”. As coleções passaram a ser um mecanismo de comunicação entre a unidade e o universo, procurando com elas representar o mundo como ele se apresentava naquele momento histórico. Possuir uma coleção era uma forma de se perpetuar para o futuro, pois ela ficaria e levaria o conhecimento acumulado às novas gerações.

Na segunda metade do século XVI, a febre do colecionismo toma conta de toda Europa. Os colecionadores trocavam correspondência entre si regularmente, compartilhando o conhecimento. Em suas cartas, teciam

⁴⁴⁵ COSTA, Paulo F. Op. cit, 34

⁴⁴⁶ POMIAN, K. Op. cit. 82.

comentários sobre suas coleções, seus objetivos e o arranjo que adotavam para ordená-las e a melhor forma de preservá-las. Hubert Goltzius, colecionador holandês, visitou 968 coleções particulares, mantidas nas residências de seus colecionadores, entre 1556-1560, na Alemanha, Áustria, Suíça, França e Itália⁴⁴⁷.

Até a Igreja se rende à nova abordagem da natureza. O jesuíta Athanasius Kircher acumula uma grande coleção naturalista, tendo como sede o Vaticano, sua residência. Ela era composta de espécies de animais, plantas, e exemplares da natureza humana, que eram dissecados em sessões especiais, onde se estudava a anatomia humana, além de uma coleção de trajes exóticos, vindo de terras distantes.⁴⁴⁸

Algumas instituições, como universidades, também passaram a montar suas coleções de natureza científica, objetos exóticos ou estranhos muito em pauta no período, objetos raros, preciosos ou desconhecidos.

Na Holanda, considerado um país de grandes colecionadores, no início do séc. XVII, as casas transformaram-se em pequenos museus particulares. Comprar e exibir objetos aos visitantes era uma forma de status, de refinamento e bom gosto. Móveis e tapetes finos, porcelanas, pinturas e objetos de arte, enfim, a coleção espalhou-se toda casa em armários, gavetas ou cômodos inteiros. Pequenos objetos eram guardadas nos famosos “armário de curiosidades”, construídos em mogno. Eles eram repletos de porcelana oriental, armas, moedas, objetos interessantes e exóticos, pequenos microcosmo do mundo conhecido.⁴⁴⁹ Até nas casas de bonecas havia “armário de curiosidades”, com minúsculos entalhes e réplicas de objetos. Colecionar tornou-se uma atividade muito prazerosa, a qual se dedicavam pessoas de todos os níveis sociais.

Em Amsterdã, entre 1600 a 1740, foram catalogadas cerca de 100 coleções particulares. As mais exóticas e famosas eram a de Bernadus Paludonus, Nicolaes Witsen e Frederik Ruysch. Essas coleções recebiam

⁴⁴⁷ BLON Philipp, Op. cit. p. 36

⁴⁴⁸ Idem, p. 39

⁴⁴⁹ BLON Philipp, Op. cit., p. 41

objetos através de mercadores especializados, que vendiam todo tipo de artefato estrangeiro, trazidos pelos marinheiros em seus baús. A coleção de Bernadus Paladanus continha espécies naturais de todas as partes do mundo conhecido, além de armas, porcelanas, artigos japoneses, artefatos da África, Egito e Américas do Norte e do Sul.⁴⁵⁰

Na Espanha, a mais rica coleção do século XVI pertencia a Filipe II, que, para melhor abrigá-la, mandou construir vários pavilhões em seus palácios. A variedade de sua coleção impressionava a todos que a visitavam, pois possuía espécies animais, móveis, pinturas e esculturas, indumentária, utensílios de diversas partes do mundo, objetos exóticos, relicários e relíquias de Santos católicos. Em 1598, um inventário em sua coleção contabilizou sete mil itens, entre as quais obras de Ticiano, Frederigo Zuccaro, Jan Gossaert, Rogier van der Weyden e seu favorito Hieronymous Bosh.⁴⁵¹

Em Viena, Fernando II, especializou-se em colecionar armaduras e armas usadas por personagens ilustres, parte de sua coleção pode ainda hoje ser visitada no Castelo de Ambras⁴⁵².

Em Praga, o imperador Rodolfo II dedicou-se inteiramente a aumentar a coleção recebida como herança cultural da família Habsburgo. Em seu Castelo do Morro Hradcany, abrigava uma coleção dividida por temas: natureza, antiguidade e religião. Nos “armários das maravilhas”, ficavam as coleções de espécies e riquezas naturais vindas de toda parte do mundo. Esses guarda-louças, fechados com portas, eram ricamente decorados, possuíam gavetas e pequenos compartimentos feitos especialmente para acondicionar a coleção, nas paredes animais empalhados, armaduras e armas, livros e partituras, trajes e indumentárias, plantas e objetos exóticos. Na “câmara de artifício”, eram guardadas as moedas, pedras preciosas e antiguidades de pequenas proporções. Na “câmara dos milagres” relicários e artefatos ligados a Igreja Católica. Em 1598, ele construiu duas grandes galerias ao lado de seu castelo para melhor abrigar suas novas coleções,

⁴⁵⁰ Idem, p. 41

⁴⁵¹ Para se conhecer mais leia: Disposição para melancolia. In: ⁴⁵¹ BLON Philipp, op. cit. p. 43-65.

⁴⁵² Idem, p. 42

Galeria Imperial e Kuntskammer⁴⁵³. Esse acervo chegou a ter 3000 telas entre pinturas desenhos, gravuras além de esculturas⁴⁵⁴. Sua coleção era considerada uma mistura de grandeza, luxo e bom gosto, mas infelizmente, ela foi toda dispersada não sendo mais possível admirá-la em todo seu esplendor.

A coleção, reunida por Rodolfo, possui os traços filosóficos e naturalistas da sua época, pois através dos objetos ele procurava construir linhas múltiplas que abrangessem os novos conhecimentos e descobertas do mundo medieval. Uma coleção de maravilhas, que ultrapassa o observar na privacidade, mas possui também, inserida, a busca de significado e conhecimento, um microcosmo do mundo. Parte de sua coleção está exposta no Museu de História da Arte e no Museu de História Natural em Viena.⁴⁵⁵

Não poderemos deixar de citar John Tradescant, O Velho (c1570-1638), jardineiro do Duque de Buckingham, colecionador, a princípio de plantas trazidas de suas muitas viagens a trabalho pela Europa e aos novos continentes, em busca de novas espécies para o jardim do Duque. Sua coleção, diferente do que vimos até o momento, era viva e mantida em jardins e estufas. As mudas saídas de lá foram responsáveis por abastecer todos os jardins da Inglaterra. Porém, a febre do colecionismo fez com que ele, com o passar do tempo, encantado com as maravilhas que via em suas muitas viagens, passasse a colecionar lembranças: objetos exóticos de terras distantes, trajes e indumentária. Parte de sua coleção foi doada a Universidade de Oxford e pode ser vista no Ashmolean Museum.⁴⁵⁶ Lá também se encontra a coleção de Elias Ashmole doada, em 1675, a Universidade de Oxford e aberta a visitação pública em 1683, considerado o primeiro Museu Institucional da Europa.⁴⁵⁷

⁴⁵³JANEIRA, Ana Luísa. Primórdio do colecionismo moderno em espaços de produção do saber e do gosto. **Memorandum**, v.10, p.65-70, 2001. p. 68.

⁴⁵⁴BLON Philipp, op. cit., p. 50

⁴⁵⁵Idem. p. 132.

⁴⁵⁶BLON, Philipp. Op cit. p. 76

⁴⁵⁷POMIAN.K. Op. cit., p.82

E ainda lembramos Charles Wilson Peale (1741-1827), retratista, apaixonado pelos heróis americanos. Ele deu início à sua coleção com os quadros que ele próprio pintava, sendo esta acrescida posteriormente de outros objetos de arte e espécies naturais, para abrigar sua coleção ele construiu um edifício. Ela era composta de pinturas e esculturas, animais empalhados, petrificações do corpo humano, insetos, pedras e conchas e uma pequena biblioteca. Seu acervo contava com aproximadamente, cem mil objetos.⁴⁵⁸ Ele é considerado o fundador do primeiro Museu da América, pois preocupando-se com o destino de sua coleção, criou em vida, um Museu aberto à visitação pública. No Museu, recebendo os visitantes logo na entrada, há uma figura de cera de seu proprietário. Segundo Phillip Blon *“Estabelecer a permanência e assim privar a morte de seu triunfo, por meio de retratos, do embalsamento, da erudição e de sua presença num museu, planejado para sobreviver a ele, era sua maior preocupação”*⁴⁵⁹

Arthur Gilbert, colecionador americano de objetos de prata, ouro e obras de arte, doou sua coleção ao Somerset House em Londres, pois não encontrou nos Estados Unidos nenhuma instituição que atendesse suas exigências, no momento de expor seus objetos. Ele, que possui escritório em Beverly Hills, onde trabalha, e de onde construiu toda sua fortuna, exigiu que, para melhor ambientar sua coleção, fosse feita uma réplica de seu escritório, com as paredes cor de rosa, móveis Luis XV e fotos de família espalhadas. Exigiu também, que fosse feita uma réplica, em cera, dele mesmo sentado em sua escrivaninha, atendendo ao telefone, vestindo shorts e camisa colorida.⁴⁶⁰

Portanto, podemos concluir que no ato de colecionar, o colecionador procura perpetuar-se, mesmo que inconscientemente, através dos seus tesouros pessoais ou artísticos. Na impossibilidade de ser enterrado junto à sua coleção, procura de alguma forma estar presente em pinturas, escultura ou mesmo em réplicas em cera, perpetuando assim sua presença.

⁴⁵⁸ BLON, Philipp. Op cit. p. 111

⁴⁵⁹ Idem., p. 115

⁴⁶⁰ BLON, Philipp. Op cit. p. 256

Respeitando o objeto enquanto patrimônio, herança social, testemunha de uma trajetória, cultura ou sociedade procura, através dele, também se perpetuar.

Vimos que muitas dessas coleções particulares, domésticas, deram início aos museus que conhecemos hoje. Pelo agregamento a coleções institucionais existentes ou elas mesmas se transformando em Museus, que levam o nome de seu colecionador. Não pretendemos fazer aqui uma genealogia dos Museus, apenas citamos alguns exemplos, dentro de um grande número de colecionadores domésticos que foram perpetuados através de suas coleções.

3.6. A arte do colecionismo privado no Brasil

“Há muito tempo, porém, algumas pessoas [...] dedicaram grande interesse às antiguidades. Alguns, como simples amadores, curiosos pelos objetos históricos e artísticos, outros, como simples juntadores de coisas antigas e interessantes, eles muito fizeram para que não se extrviassem preciosidades.”

José Wash Rodrigues⁴⁶¹

O colecionismo no Brasil é um tema que passou, recentemente, a fazer parte dos estudos acadêmicos. Nos estudos encontrados, há sempre a preocupação com o colecionador de objetos de arte e muito pouco foi encontrado sobre o perfil do colecionador de objeto testemunhas, coleções afetivas, de objetos simples, tesouros do cotidiano: caixas, canecas, colares, selos, postais, objetos decorativos, objetos descartáveis e outras tantas coisas que fica difícil de se relacionar. Essas peças, encontradas em Casas Museus, ao nosso ver são mais significativas no momento de se compreender os hábitos cotidianos, as tradições, os costumes, as crenças, enfim a história sócio-cultural.

⁴⁶¹ RODRIGUES, José Wash. **Móvies antigos em Minas Gerais.** In: Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rio de Janeiro, n.7, 1943. p. 79-96.p. 87.

O colecionismo em nosso país começou com a religiosidade vinda com os primeiros catequizadores, que enfatizavam a Igreja Católica e seus objetos rituais e relíquias. Não temos conhecimentos se nos primeiros séculos de nosso país havia a preocupação em se colecionar. Para tal, demandaria ser estudado o cotidiano desses primeiros habitantes em busca de vestígios de coleções domésticas, dos ajuntadores/guardadores que certamente havia.

Com a chegada da família Real ao Brasil, no ano de 1808, e seus muitos baús de objetos de arte, adorno, livros e documentos, mobiliário, equipamentos domésticos refinados, é que o colecionismo doméstico ganhou força. As famílias mais abastadas, na Corte e nas cidades maiores, mais próximas à Corte, passaram a formar pequenas coleções de objetos de arte ou de luxo, móveis e objetos decorativos, louças e cristais, importados da Europa. Apareceram as primeiras salas de visitas, adornadas com o que havia de mais moderno e chique na Europa, arrumadas para serem vistas e admiradas pelos visitantes, sendo isso uma característica do colecionador.

A própria família real, durante todo o período imperial empenhou-se em formar uma grande coleção composta dos mais diversos tipos de objetos, dentro das categorias, muito conhecidas em seu país de origem: naturalista, objetos exóticos, de arte, mobiliário, livros, documentos, postais e mais tarde, fotografias.⁴⁶² Dom Pedro II era um grande colecionador de fotografias e de instrumentos científicos. As coleções, formadas pela família real, deram origem a vários museus que conhecemos: Museu Imperial, Museu Nacional e Biblioteca Nacional.

Após a proclamação da República, começaram a surgir outros tipos de coleções, agora em busca das raízes brasileiras. Isso fez com que nossos colecionadores voltassem seus olhos aos objetos e documentos relativos à nossa história, pinturas e esculturas representativas de fatos ou personagens

⁴⁶² Para dar início a coleção do Museu Real D. João VI doou parte de sua coleção particular: objetos de arte, gravuras, artefatos minerais, vegetais, animais empalhados e artefatos indígenas. Assim as moldes do mundo europeu estava criado em 1808 um “gabinete de curiosidade”. SCHWARCZ, Lilia Moritz. **A longa viagem da Biblioteca dos Reis: do terremoto de Lisboa à Independência do Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 2002. p. 257.

que não deveriam ser esquecidos. Esses amadores, muitas vezes apenas curiosos ajuntaram objetos artísticos e históricos, os quais dentro de suas coleções foram eleitos como especiais, representativos de um fato, época, evento ou simplesmente como objeto afetivo, testemunha.

No século XIX, encontramos grandes colecionadores como Carlos Costa Pinto, residente na Bahia que colecionava objetos do período imperial, objetos em ouro e prata, porcelanas, mobiliário e objetos relativos à história de sua região. A coleção pertencente a Carlos Costa Pinto pode ser vista no Museu que leva seu nome na Bahia.⁴⁶³

E Alfredo Ferreira Lage, residente em Juiz de Fora-MG, filho de Mariano Procópio⁴⁶⁴, foi um incansável colecionador, desde sua juventude adquiria objetos em leilões no Brasil e no exterior, além de ter incorporado doações importantes como do Duque de Caxias, Afonso Arinos, Rodolfo Bernardelli e Amélia Machado Cavalcanti de Albuquerque. Seu acervo é composto de arte, arte sacra, armas e indumentária, mobiliário, numismática, jóias, medalhas e objetos utilitários. Preocupado com a preservação de sua coleção, ele transformou em vida sua casa em museu, doando o prédio e o acervo a cidade de Juiz de fora em fevereiro de 1936. Colocou como condição única a proibição de que não fosse retirado do Museu qualquer peça da coleção e também de que deveriam ser mantidos as denominações das salas por ele designadas. Essa coleção pode ser vista no Museu Mariano Procópio, nome dado por ele para homenagear seu pai.⁴⁶⁵

Em Minas Gerais, destacamos mais alguns colecionadores como Vicente Torres, de Diamantina-MG, colecionador aficionado, em cuja residência havia grande quantidade de objetos dos mais variados estilos: armas, móveis, gravuras, utensílios domésticos, pinturas, como dois quadros de Laport, posteriormente doados ao Museu Paulista, objetos musicais

⁴⁶³ COSTA, Paulo F. Op. cit, 30

⁴⁶⁴ Mariano Procópio, seu pai, engenheiro responsável pela construção da Estrada União e Indústria que liga Juiz de Fora a Petrópolis, foi ele o responsável pela construção de um dos prédios o de está abrigado o museu que leva seu novo na Villa Ferreira Lage. O Museu Mariano Procópio foi fundado em 1915. Idem, p. 30

⁴⁶⁵ COSTA, Paulo F. Op. cit.p.30

africanos e uma coleção considerada única de “burusquês”⁴⁶⁶, guias de mineração e cédulas antigas.

Paulino Batista dos Santos, de Mariana-MG, colecionador de objetos militares tinha sua casa repleta de: armas, dragonas, chapas, emblemas, estribos e objetos do cotidiano militar. Sua coleção de armas antigas foi doada ao Museu Histórico Nacional.⁴⁶⁷

Padre Lucindo de Sousa Coutinho, em Santa Bárbara-MG⁴⁶⁸, notável colecionador doméstico, conhecido em toda redondeza, recebia em sua residência objetos doados por amigos e vizinhos. Objetos muitas vezes recebidos por herança de gerações anteriores, mas que não tinham utilidade ou significado ao seu proprietário. Assim, Padre Lucindo tinha de tudo: móveis, objetos de decoração, objetos religiosos, objetos utilitários, máquinas de costuras e de beneficiamento de alimentos, trajes, adornos, etc. Sua residência foi transformada em Casa de Cultura de Santa Bárbara, porém não foi possível localizar o destino de seus objetos após sua morte.

Podemos citar também Francisco Franco, de Itaúna-MG que colecionava empapelado antigo em “estilo império”, formando painéis por toda a sua residência, além de armas e objetos da Imperial Guarda de Honra. Seu acervo de armas e objetos foi doado ao Museu Histórico Nacional. Dolabela, em Santa Luzia do Rio das Velhas-MG, possuía uma coleção de armas, objetos e lembranças da revolução de 1842 e Pedro Massena, de Barbacena-MG, com uma grande coleção de numismática, sendo reconhecida em seu tempo como a melhor coleção que o Brasil possuía.⁴⁶⁹

Em São Paulo, temos notícia da coleção reunida pelo Coronel Sertório, em sua residência, localizada no Largo Municipal. Sua coleção, catalogada pelo botânico Alberto Loefgren, encontrava-se espalhada por todos os ambientes da casa. Ela foi constituída aos moldes das coleções européias e

⁴⁶⁶ Papel moeda emitido por negociantes de Diamantina, MG. RODRIGUES, José Wash. 1943. Op. cit., p. 88.

⁴⁶⁷ Idem. p. 87.

⁴⁶⁸ Ibidem, p. 87

⁴⁶⁹ Muitas dessas coleções não nos foi possível localizar o destino após a morte de seu proprietário, seria necessária uma pesquisa maior nos grandes museus institucionais. RODRIGUES, José Wash. 1943. Op. cit. p. 88.

possuía animais embalsamados, espécies vegetais, minerais, esqueletos humanos, moedas, armas, mobiliário, objetos feitos por índios, quadros, gravuras e litografias, além de uma coleção dos primeiros jornais brasileiros. A coleção foi vendida, em 1890, para o Conselheiro Francisco de Paula Mayrinque, que posteriormente a doou ao Estado. Ela, atualmente encontra-se no Museu Paulista.⁴⁷⁰

O engenheiro Tommaso Bezzi, morador do Rio de Janeiro e São Paulo, é descrito como um *“coleccionador apaixonado de obras de arte, objetos antigos, produtos de artesanato local e minerais, ...coleções preciosas bem ordenadas e catalogadas”*⁴⁷¹. Sua coleção foi deixada como herança cultural para os filhos, então residentes no Rio de Janeiro.

Como mecenas das artes e grande colecionadora, não só de obras de arte, mas também de objetos de decoração chineses, japoneses e indianos, mobiliário estilo Luis XV, minerais de formas raras e peças exóticas, temos Dona Veridiana V. da Silva Prado. Sua coleção ficava exposta em todos os ambientes de sua casa, na Vila Maria, em São Paulo.⁴⁷² Ao falecer em 1910, deixou sua coleção como herança cultural a seus familiares. Em seu inventário pode-se verificar o grande número de equipamentos que sua casa possuía: objetos de tradição rural, objetos em prata, espelhos venezianos, cristais importados, diversas peças em marfim. Alguns equipamentos muito modernos para a época: máquina de fazer gelo, sorveteira, máquina de passar roupa. Na coleção de arte, possui inúmeros quadros a óleo de artistas nacionais.

A preferência de nossos colecionadores, das primeiras décadas do século XX, estava pautada no gosto cultural europeu de antes da revolução industrial.⁴⁷³ Assim, vamos encontrar dois tipos de colecionadores diferenciados: os voltados para as “coisas de nosso país”, principalmente a

⁴⁷⁰ RIBEIRO, Maria Izabel M.R.B. **O museu doméstico**: São Paulo, 1890-1920. (Dissertação-Mestrado) ECA-USP, 1992. p. 150.

⁴⁷¹ Idem. p.152

⁴⁷² HOMEM, , Maria Cecília Naclério. **O palacete paulistano e outras formas urbanas de morar da elite cafeeira**. São Paulo: Martins Fontes, 1996. p.109.

⁴⁷³ MICELI, Sergio. **Nacional estrangeiro**: história social e cultural do modernismo artístico em São Paulo. São Paulo: Cia. Das letras, 2003. p. 19

arte barroca, a arte moderna e documentos do período colonial e imperial, e os colecionadores abastados que continuavam trazendo objetos de arte e de luxo vindos da Europa.

Ephim Mindlin destacou-se como um colecionador muito cuidadoso para a época, possuía em sua residência, em São Paulo, um laboratório onde estudava cada obra de arte adquirida, para detectar sua idade e sua autenticidade. Seu interesse maior eram as pinturas das escolas flamengas e holandesas, sendo que a arte brasileira se fazia representar, porém em menor número. Quando faleceu, em 1941, a família resolveu vender sua coleção, que foi posta em leilão no Rio de Janeiro. Nesse momento, foi organizado um elaborado catálogo dos objetos de sua coleção e, entre eles, encontramos além das pinturas, porcelanas chinesas e japonesas da Companhia das Índias e da Boêmia do século XVIII e XIX, objetos em prata, mobiliário em estilo D. José I, Queen Anne e coloniais, estatuetas e relógios antigos.⁴⁷⁴

O segundo mecenas e colecionador de destaque é José de Freitas Valle que exerceu grande influência tanto no mundo das artes como na política, em São Paulo, no período de 1890 a 1920. Sua casa, a Vila Kyrial, era ponto de encontro de artistas, políticos e pessoas ilustres de sua época. Construiu um anexo à sua residência, decorado com afrescos alegóricos alusivos a atividades artísticas para abrigar sua galeria. Porém, logo o local se tornou pequeno pois abrigava apenas 120 obras⁴⁷⁵. Ele possuía um grande número de obras de gosto eclético, adquirida ou recebida de presente dos amigos. Nesta galeria, havia um retrato de corpo inteiro de seu proprietário, pintado por Pablo Salinas⁴⁷⁶, colocado estrategicamente de forma a receber os visitantes. O restante de sua coleção estava espalhada por toda a residência: vestibulo, *fumoir*, sala de visitas, sala de jantar, biblioteca, dormitório e banheiro.

⁴⁷⁴ RIBEIRO, Maria Izabel M.R.B. Op. Cit. p.. 161.

⁴⁷⁵ MICELI, Sergio. Op. cit, p. 67

⁴⁷⁶ Idem. p. 69.

Em seu inventário, constam 342 pinturas, óleos, pasteis e aquarelas, uma biblioteca de cinco mil volumes, especializada em literatura. As revistas de época falam de uma coleção de peças arqueológicas, doada por ele ao Museu Paulista. Também relatam uma coleção de esculturas em cerâmica, mármore e bronze, herança cultural materna, de quem herdou também a arte do colecionismo e uma coleção de jóias egípcias da época ptolomica. Parte de sua coleção foi doada, por ele, à Pinacoteca do Estado e o restante foi vendida pela família em leilão, em 1961. Sua biblioteca foi adquirida pela Academia Paulista de Letras⁴⁷⁷. Sua eclética coleção pode ser considerada de arte e afetiva, pois a mistura de gosto fica clara nos presentes recebidos e preservados.

A coleção de Joaquim Silveira Cintra incluía pinturas, imagens sacras, objetos litúrgicos, objetos decorativos como medalhões e medalhas com alegorias, jóias, esculturas em marfim, comendas e placas comemorativas relativas ao período imperial brasileiro, além de alguns objetos raros e exóticos, como o pente da Marquesa de Santos e lava do Vesúvio.⁴⁷⁸ Silveira Cintra foi um colecionador preocupado com a perpetuação de sua coleção, doando-a em testamento para a Pinacoteca do Estado de São Paulo, uma instituição respeitada, que não iria deixá-la desaparecer.

A coleção, como herança cultural, pode ser observada na coleção dos Irmãos Macedo Soares, José Cássio e José Carlos. Suas coleções eram compostas de objetos herdados de seus familiares, principalmente objetos devocionais, pinturas feitas por membros da família e de autores paulistas, litografias aquareladas, caricaturas e esculturas. José Carlos também era bibliófilo e colecionava obras especializadas em arte.⁴⁷⁹ A coleção dos irmãos Macedo Soares foi deixada para seus inúmeros descendentes diretos e indiretos, permanecendo assim o status de herança cultural.

⁴⁷⁷ RIBEIRO, Maria Izabel M.R.B. Op. cit. p.. 190

⁴⁷⁸ RIBEIRO, Maria Izabel M.R.B. Op. cit p..194

⁴⁷⁹ Idem. p 209.

Não podemos esquecer Olívia Guedes Penteado, sempre lembrada por sua grande coleção de arte moderna, que se iniciou em 1923⁴⁸⁰. Ela mandou reformar a estrebria de sua residência e transformou-a em uma Galeria Modernista, com decoração assinada por Lasar Segall, local que se tornou o predileto de artistas e intelectuais de todo país que a visitavam constantemente. Porém sua coleção não era só modernista, possuía também um sem número de objetos espalhados pela casa: estatuetas, bustos, esculturas e telas de autores clássicos resultado de suas inúmeras viagens a Paris, móveis ingleses do século XV e no estilo Luis XV, tapeçarias d'Aubusson, espelhos venezianos, porcelanas dinamarquesas e porcelanas chinesas, utensílios e adornos em prata e cristal e medalhões em bronze.⁴⁸¹ Pelas fotografias de época podemos perceber que a residência de Dona Olívia era atulhada de objetos, arrumados de uma maneira que seguia o gosto de sua proprietária e os costumes da época.

Podemos citar outros tantos colecionadores domésticos: José Manuel de Azevedo Marques, colecionador de arte, principalmente paisagens urbanas, marinhas, exóticas orientais e românticas, sua coleção contava com 130 obras⁴⁸² e encontravam-se disposta em sua residência, na Avenida Paulista em São Paulo. Mario de Andrade, colecionador de arte sacra e de livros; João Maurício Sampaio Vianna, colecionador de arte de artistas brasileiros; Ramos de Azevedo, que possuía uma coleção enciclopédica de arte.⁴⁸³, que deixou para seu neto Ernesto de Castro, que vagorosamente se desfez dela. Os colecionadores de arte Francisco Matarazzo Sobrinho; Assis Chateaubriand, Ema e Eva Klabin, Paulo da Silva Prado, Castro Maya, Silvério Ceghia, José e Paulina Nemirovsky, Adolfo Augusto Pinto, Maria Luisa e Oscar Americano e tantos outros, que deram lugar ao nascimento de importantes museus paulistas.

⁴⁸⁰ MICELI, Sergio., p. 75.

⁴⁸¹ COSTA, Paulo de Freitas. Op. cit. p. 108.

⁴⁸² MICELI, Sergio., p. 73

⁴⁸³ Ramos de Azevedo era um assíduo freqüentador de exposições de arte, em sua coleção possuía obras de artistas brasileiros, obras de viajantes, obras de autores italianos, francesas e espanholas. RIBEIRO, Maria Izabel M.R.B. Op.cit, p. 225

As coleções do início do século XIX seguem os moldes da “coleção de maravilhas” da Europa. Já as coleções formadas nas últimas décadas do século XIX e início do século XX, por colecionadores abastados e urbanos, tinham a preocupação em absorver, através dos objetos que as compunham, a cultura européia e assim, tornar o ambiente doméstico adequado aos padrões ditados pela modernidade da época. No período de transição da elite cafeeira para a nova elite, desta feita industrial, período que antecede a década de 20 do século passado, e ao movimento modernista no Brasil, quando há uma grande preocupação com as origens e a legitimação de nosso povo, os colecionadores domésticos passam a se interessar por objetos e documentos do período colonial e imperial, arte sacra, pintura e artesanato da terra.

Poucas dessas coleções permanecem mantidas na sua integridade, algumas foram leiloadas pelo próprio proprietário por razões diversas, outras por ocasião da morte de seu colecionador foram deixadas como herança cultural a seus descendentes e assim, desmembradas. Encontramos em instituições públicas parte de algumas dessas coleções, outras foram doadas na íntegra citamos como exemplo a Coleção Chateaubriand, que se encontra no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro; a Coleção Nemirovsky, a José de Freitas Valle e de Joaquim Silveira Cintra na Pinacoteca do Estado de São Paulo.

Sabemos que a imprensa, no início do século XX foi a grande responsável pelo aprimoramento dos gostos e costumes com relação à arte e cultura, dando destaque para exposições de arte, eventos culturais e leilões de arte. Não só enfatizavam os artistas envolvidos, elogiando os trabalhos apresentados, mas relatando o público ilustre culto e seletivo de presentes. Os leilões eram muito concorridos, além de obras de arte, oferecia-se “soberbos utensílios e finos ornamentos”⁴⁸⁴, em alguns até era oferecido um “delicioso lunch”⁴⁸⁵ para atrair mais público. As peças a serem leiloadas

⁴⁸⁴ Anuncio de leilão publicada no **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 24 jun.1903.

⁴⁸⁵ Idem

vinham de diversas fontes: mudança para o interior, viagens a Europa, dificuldades financeiras, falecimento do proprietário, troca de mobiliário, etc, nos anúncios há sempre a chamada para grandes oportunidades, objetos únicos e simbólicos. Nos catálogos de leilão, há uma gama muito grande de objetos disponíveis, de xícaras de chá a lustres ingleses, de mobiliário a enxoval fino de linho europeu. Alguns ofereciam *objetos “para uma residência modesta”* outros para *“primus inter pars”*.⁴⁸⁶

Nosso interesse maior são as coleções que continuam ambientadas na casa morada de seu colecionador, que se transformaram em casa museu ou em fundações, e que mantêm, nos espaços da casa, as coleções, preservando o arranjo e a ordem dada por seu colecionador. Podemos relacionar algumas dessas casas: Fundação Raymundo Ottoni de Castro Maya (Chácara do Céu e Museu do Açude), Fundação Eva Klabin, no Rio de Janeiro e Fundação Ema Klabin e Fundação Maria Luisa e Oscar Americano em São Paulo.

Não pretendemos, nesse momento, esgotar esse assunto, as coleções e casas museus relacionadas são as mais conhecidas e, em sua grande maioria estabelecidas no eixo Rio de Janeiro e São Paulo. O assunto demandaria um estudo mais prolongado e com certeza iríamos encontrar grandes colecionadores espalhados por todo o nosso país.

⁴⁸⁶ Maria Isabel M. R.B. Ribeiro, em sua pesquisa estudou os catálogos de leilão disponível nos inventários e testamentos de pessoas ilustre da cidade de São Paulo, nas primeiras décadas do século XX. RIBEIRO, Maria Isabel R.B. Op. cit. p.116-7

3.7. Objetos testemunha

“Coisa estranha, quanto mais exíguo se torna o espaço próprio, mais ele é entulhado de aparelhos e objetos. Diríamos que é preciso densificar este lugar pessoal, material e afetivamente, para tornar-se o território onde se enraíza o microcosmos familiar, o lugar privado e caro”
 Michael Certeau⁴⁸⁷

Os objetos testemunha são exemplares únicos, lembrança de um passado histórico que não deve ser esquecido, assinalando assim um local, um personagem ou um acontecimento de relevância para a história local ou nacional que deverá fazer parte da memória coletiva, passando de geração à geração.

Sabemos que a memória não está aprisionada nos objetos, porém o objeto é um fragmento, capaz de despertar lembranças, proporcionando a identificação objeto x memória x personagem. Assim, objetos testemunhas trazem vestígios que podem formar um todo, fornecendo novos rumos, proporcionando conhecimento e possibilitando estudos de um cotidiano sócio-histórico-cultural do passado.

A memória será usada como alavanca para sua resignificação, pois sua exposição não ensina os modos como ele era utilizado nas atividades cotidianas de uma determinada época ou local. É a bagagem afetiva, as tradições e as práticas de fazer, aliadas ao emprego da memória, que serão responsáveis por reconstruir sua utilização cotidiana. As maneiras de fazer estão registradas na memória do cotidiano de todos nós, são passadas de geração a geração, conjunto de normas e procedimentos que não foram escritos, ações que nascem do procedimento da cultura estabelecida, tradição oral, formalidades da prática.⁴⁸⁸ Essas lembranças das “coisas” são despertadas pela imagem do objeto testemunha, aliada à narrativa histórica e

⁴⁸⁷ CERTEAU, Michael de. **A invenção do cotidiano: Morar, cozinhar/** Michael Certeau, Luce Girard e Pierre Mayol. 6.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2005. v.2, p.213

⁴⁸⁸ GIARD, Luce. Cozinhar. In: CERTEAU, Michael de, 2005.Op. cit. p.213.

ao ambiente re-significado, que se propõe a esclarecer os laços afetivos que o ligam a seu proprietário.

Para Pomian *“nenhum objeto é ao mesmo tempo e para um mesmo observador uma “coisa” e um semióforo”*⁴⁸⁹, ele só é “coisa” quando é um objeto utilitário e passa a ser simbólico, semióforo quando perde suas funções originais e passa a ser um objeto de coleção, investido de significado.

Os objetos testemunhas trazem a marca do uso, marcas dos atos e processos das operações de que participaram, no dia a dia da casa morada. Essas marcas devem ser preservadas, pois representam o “modos operante” do qual foram cúmplices, construindo assim a história do cotidiano. Segundo Braudrillard *“...é o campo privado da habitação que reúne a quase totalidade de nossos objetos cotidianos”*⁴⁹⁰. Assim, no ambiente de uma Casa Museu eles são de extrema importância, pois quanto mais marcas eles possuírem, mais representativos serão, no momento de se reconstruir as táticas do cotidiano da casa morada.

A narrativa que acompanha o objeto irá provocar novos significados em que vê ou ouve, criando relações com a memória cultural do visitante. Levando-se em conta que o observador possua um conhecimento pré-adquirido da história do personagem, ali homenageado, ou do tempo sócio-cultural que se pretende significar, uma memória comum. Segundo Jerusa *“A transformação do mundo dos objetos em mundo dos signos funda-se na pressuposição ontológica de que é possível fazer réplicas: que a imagem refletida de uma coisa recorta-se de suas associações práticas”*.⁴⁹¹ Desse modo às informações que acompanham o objeto e que deveram repassar o conhecimento que se quer fixar deve estar baseada na história verossímil.

⁴⁸⁹ POMIAN, K., Op. cit., p. 72.

⁴⁹⁰ BAUDRILLARD, Jean. **O sistema de objetos**. São Paulo: Perspectivas, 2004. p. 73

⁴⁹¹ FERREIRA, Jerusa Pires. **Armadilhas da memória**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. p. 83.

3.8. A Casa Museu e o objeto testemunha

“...os espaços de uma casa devem ser avaliados mediante gestos, práticas e relatos [...] habitar é narrativizar. Fomentar ou restaurar esta narratividade é portanto uma tarefa de restauração. É preciso despertar as histórias que dormem.. Michael de Certeau.”⁴⁹²

A casa museu é um lugar de memória que se mantém como local onde o personagem⁴⁹³ está representado, através de um cenário montado, baseado na história oficial e não oficial, onde o passado é reformulado no presente, re-significado, montado para dar veracidade à biografia do homenageado. Ali o tempo é permanente, o personagem pode ser lembrado e reverenciado todas as vezes que se visitar o local. Um local onde não há necessidade de se fazer esforço para iniciar o processo de rememoração, é necessário apenas o desejo de compartilhar as memórias que se tem do personagem, com as marcas concretas da sua trajetória de vida ali expostas.

A casa museu será um elemento de ligação entre o mundo dos vivos e dos mortos. O mundo invisível que se quer visível, capturado através dos objetos, das imagens, tendo como mediador a narrativa que irá traduzir ao visitante a sua função, o seu lugar na história do cotidiano que se quer retratar. Sabemos que toda imagem possibilita várias interpretações, portanto precisaremos da narrativa histórica para traduzir o cenário, com toda a sua extensão e complexidade.

Para Ecléa Bosi, *“o corpo, interposto entre objetos que agem sobre ele e o influenciam através da percepção, é capaz, através da memória de misturar dados do presente com o passado, criando uma relação presente/passado interferindo no processo atual de representação, despertando nosso conhecimento subjetivo das coisas.”*⁴⁹⁴

⁴⁹² CERTEAU, Michel de. Op. cit. v.2.p.201

⁴⁹³ Usaremos personagem sempre que nos referimos ao proprietário de uma Casa Museu. Entendendo personagem como pessoa notável, eminente ou de destaque que foi homenageado, tendo sua casa morada transformada em Casa Museu.

⁴⁹⁴ BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Edusp, 1987. p. 361

Para haver essa interação é necessário que haja o reconhecimento, pois a rememoração só é possível quando estamos familiarizados com os elementos tradicionais e culturais que compõem o ambiente. Portanto, para que possamos lembrar, é necessário que o local, os objetos e o personagem sejam de alguma forma conhecidos, façam parte do meio cultural e social no qual estamos inseridos.

Assim, a casa museu, espaço de vida contendo um conjunto de objetos testemunhas exemplares de um passado que não se quer esquecer, servirá de elo de ligação da história social e do patrimônio edificado, sendo um lugar de interação e elaboração de conhecimento. Seu papel fundamental será criar e preservar os laços de pertencimento com as comunidades locais e regionais, através dos espaços históricos ali representados e que deverão fazer parte da memória coletiva, passando de geração à geração.

Tomando emprestado da casa morada todos os elementos, como sua arquitetura, seus espaços, seus móveis e objetos, sua ambientação, a casa museu se propõe a reconstruir um cenário permanente, montado para dar veracidade à biografia de seu proprietário, através da experiência de morar, mostrando aos visitantes o “jeito de vivenciar” um determinado modo de vida, dando assim materialidade à memória.

Esse espaço/tempo atualizado se valida no campo das recordações, da memória, está presente pela ausência de seu personagem, carregado de associações e composições, que não ambicionam representar algo concreto, mas buscam despertar situações vividas, experimentadas, provocadoras de vivência. A memória do ausente corresponderá à memória viva, não permitindo assim que o tempo apague sua presença na comunidade, pois sua casa morada se transformará em um documento monumento, digno de reconhecimento e preservação.

Desta forma, o objeto testemunha em uma casa museu tem a função de significar um tempo, ele não será visto apenas como utilitário ou decorativo, sua funcionalidade e praticidade não irão contar. Ele estará presente para narrar o tempo passado, fazer parte de um “retrato pessoal ou

familiar” que se quer representado, ser indício cultural de uma comunidade ou de uma época. Para Baudrillard *“Na medida que se integra no sistema cultural atual, o objeto antigo vem, do fundo do passado, significar no presente a dimensão vazia do tempo. [...] O simples fato de que um objeto ter pertencido a alguém celebre, poderoso, confere-lhe valor, autenticidade.”*⁴⁹⁵

Porém, a escolha de um objeto simbólico⁴⁹⁶ deve ser feita baseada em fatos históricos, sociais e culturais, não pode ser feita aleatoriamente pois só assim é possível criar laços significantes com a história real. Isto não significa que ele deva ter ligações “fechadas” ou “transparentes” com a história real, mas com ela deve manter um diálogo, criando palavras novas e significantes para a sociedade em que está inserido. Segundo Castoriades: *“o simbolismo se crava no natural e se crava no histórico (ao que já estava); participa, enfim do racional”*⁴⁹⁷ Assim a transformação de um objeto cotidiano em um objeto símbolo não pode se dar através da neutralidade e nem se pode buscar significado em qualquer lugar, ele tem que fazer parte de algo que já exista, tem que conter em si um teor de referência do real.

A linguagem criada para significar o simbólico deve ser construída com o intuito de dominar o sujeito, porém não pode ser uma narrativa absoluta. O sujeito vai se apoderar dela e construir novas relações, que vão se adequar ao objeto testemunha, inclusive possibilitando o questionamento da relação do símbolo com a história cultural e social ali representada.

O espaço social da casa morada, transformada em casa museu, procurará despertar no visitante a memória involuntária usando como suporte os objetos testemunhas, aliados a cheiros, sons e imagens, re-significando assim os espaços, hoje encenados. Essas representações darão vida aos espaços, marcando assim suas funções e ordenando suas vivências. A história cotidiana do personagem e da sua família, ali representada, procuram

⁴⁹⁵ BAUDRILLARD, Jean. 2004. Op. cit. p.84

⁴⁹⁶ Estamos considerando que todo objeto testemunha carrega em si valores simbólicos, significantes e representativos que criam um elo de ligação com a sociedade ou o grupo no qual está inserido.

⁴⁹⁷ CASTORIADES, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. 3.ed. Rio de Janeiro: paz e Terra, 1982. p. 152.

despertar o encantamento, dessa forma reforçando ou criando o mito de seu proprietário

A casa, como lugar de memória, será capaz de revelar os mistérios de seu proprietário, tão cuidadosamente arrumados e conservados em seu interior. Visitá-la é penetrar nesse mundo particular, como um intruso pairando sob seu cotidiano íntimo.

Portanto, os objetos testemunhas selecionados para fazerem parte do acervo de uma casa museu são recortes de memória, fragmentos, que servem para dar sentido à memória do personagem que se pretende homenagear, sua escolha deve estar norteadas por fatos históricos, pesquisados em documentos escritos e orais, aliados à sensibilidade e ética de seu organizador. Esses fatores são imprescindíveis para a escolha adequada e por tornar o cenário da casa moradia um lugar de memória.

Segundo Castoriades: *“a unidade de uma sociedade [...] só pode ser analisada em relações entre sujeitos mediatizados por coisas, já que toda relação entre sujeitos é relação social com objetos sociais, e os sujeitos, coisas e relação só são aqui o que são, e tais como são, porque são assim instituídos pela sociedade geral”*⁴⁹⁸

Sabemos que ao selecionar e eleger objetos simbólicos e construir cenários representativos estamos, de certa forma, usando Bordieu *“servindo interesses de grupos ou idéias pré-estabelecidas”*,⁴⁹⁹ pois esses instrumentos de conhecimento baseados em história e fatos sócio-cultural, partem da seleção e escolha temporal, porém são recortes de uma realidade maior, um microcosmo produzido e legitimado por princípios de hierarquia escolhidos para ressaltar características que se quer seja lembrada, que se quer ressaltada como parte da memória coletiva de um grupo, comunidade, cidade ou nação, produzindo ou reforçando um mito.

No caso especial da Casa Museu Rui Barbosa, notamos que o personagem está sim muito bem representado enquanto colecionador de

⁴⁹⁸ CASTORIADES, Cornelius. Op. cit. p. 213

⁴⁹⁹ BORDIEU, Pierre. Op. cit, p. 12.

livros, sua Biblioteca reina hoje absoluta na casa, entrando em lugares como vão de escadas, corredores, gabinetes de trabalho, quarto de vestir (fig.47-48). E conjecturamos em tantos outros lugares que deveriam ter livros, quando seu proprietário pairava sobre sua coleção, sempre acrescentando só mais um livro. Hoje temos um cenário crível, podemos dizer que, parafraseando Homero Pires *“uma casa de livros”*. Notamos apenas a falta de uma narrativa histórica capaz de levar o visitante a fazer a ligação homem-mito-casa-livros.



Fig.47. Estantes de livros no corredor, 2009



Fig.48. Estantes de livros no vão da escada, 2009

Capítulo 4 – Da casa morada a Casa Museu

“A casa, o domicílio, é a única barreira contra o horror do caos, da noite e da origem obscura, encerra em suas paredes tudo que a humanidade pacientemente recolheu ao longo dos séculos, opõe-se a evasão, à perda, à ausência, pois organiza sua ordem interna, sua civilidade, sua paixão.” Kant⁵⁰⁰

4.1. A casa: lugar de vida privada

Procurando fundamentos na historiografia para entender o interesse histórico do estudo de uma casa morada, chegamos ao campo da história da vida privada, do cotidiano, do espaço da memória social e cultural, partindo do princípio que o mundo da casa é o mundo privado.

Segundo Duby, há diferenças entre o mundo privado e o mundo cotidiano, “...*A vida privada é portanto a vida de família, não individual, mas de convívio, é fundada na confiança mútua*”⁵⁰¹.

Para ele, a vida privada é o espaço doméstico, familiar que não é regido pelas leis e sim pelos costumes. Seus membros fazem parte da vida pública, mas no mundo privado são ligados pelo afeto, amizade e tradição. Então, o espaço da casa não refletiria a vida cotidiana como um todo, seria apenas um fragmento da história social de um tempo, uma amostra de cultura material. Opõe-se ao público por ser um espaço próprio, reservado, íntimo.

Entretanto, para Ariès, a visão da casa é elemento fundamental não só para o estudo da vida privada, mas também da história do cotidiano, pois reflete as mudanças ocorridas na sociedade, através dos arranjos externos

⁵⁰⁰ Kant apud Perrot. In: Perrot, Michelle. Maneiras de Morar In: **História da vida privada**, 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra/ sob a direção de Michelle Perrot, et.al. São Paulo: Cia. Das Letras, 1991.p. 308

⁵⁰¹ DUBY, Georges. Poder público, poder privado. In: Perrot, Michelle et al. **História da vida privada**, 2: da Europa Feudal a Renascença/ sob a direção de Michelle Perrot, et.al. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.p.23.

e internos, materiais e arquitetônicos, em busca de maior conforto, embelezamento e modernidades.⁵⁰²

O espaço da casa, traz inserido nele a vida de seu proprietário e de seus familiares que ali viveram por tempo longo ou curto e construíram um espaço com usos e significados próprios. Abrange também às teias extra familiares composta de amigos, vizinhos, negócios e empregados. Seus hábitos culturais e intelectuais, alimentares e de higiene, religiosos e de lazer, formando um conjunto de relações que servem de ponte entre o público e o privado. Podemos dizer que a casa articula o privado e o público, de acordo com o tempo ou interesse de seu proprietário.

A casa, enquanto espaço sociológico é capaz de despertar emoções, reações, orações, músicas e imagens. Da Matta afirma que usamos a casa tanto para definir um espaço íntimo e privado como o quarto, quanto um espaço máximo e público, quando nos referimos à casa como um país, um estado ou uma cidade, onde ela está localizada.⁵⁰³

Para Kant “...*estar em casa é reconhecer a lentidão da vida e o prazer da meditação imóvel [...]. A identidade do homem é portanto domiciliar...*”.⁵⁰⁴ Portanto nos referimos a casa sempre que necessitamos localizar um lugar de origem, o lugar de formação da identidade.

Por sua vez, para Gilberto Freyre, a casa e suas relações com a pessoa que a possui e as relações com o ambiente social, no qual está inserida, permite vários estudos interdisciplinares: antropológicos, históricos e sociológicos. Partindo dessas noções, podemos estudar o homem em seu universo particular examinando sua casa e os objetos que a compõem, tomando-a como ponto de partida para a compreensão do nosso sistema

⁵⁰² ARIÉS, Philippe. Por uma história da vida privada. In: PERROT, Michelle et al. **História da vida privada**, 3. da Renascença ao século das luzes/ sob direção de Michelle Perrot et.al. São Paulo: Cia. das Letras, 1991. p.7-20.

⁵⁰³ DA MATA, Roberto. **A Casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1987. p.15

⁵⁰⁴ Kant apud Perrot. PERROT, Michelle. Maneiras de Morar. In: PERROT, Michelle et al, 1991. Op. cit., v.4. p. 308

histórico, social e cultural, pois o brasileiro “...*gosta da rua, mas a sombra da casa o acompanha...*”.⁵⁰⁵

Os ritos públicos, de aspectos legais controlados pelo Estado, e morais, controlados pela Igreja, vêm da rua para o interior da casa. Dentro da casa, em seu espaço privado, seguimos a orientação que vêm da família e da tradição. Compartilhamos esse espaço privado,⁵⁰⁶ doméstico, regido pela tradição com o público quando das cerimônias domésticas, como aniversários, casamentos, batismo, funerais, etc. Nesse momento as relações familiares são legitimadas no espaço social.

Perrot acredita que “*o privado é uma experiência de nosso tempo*”⁵⁰⁷ e nesse mundo privado criamos cenários através da forma de ocupação dos espaços. As atividades desenvolvidas no interior de uma casa acontecem nesses cenários que não incluem apenas o edifício, mas todo o espaço ao seu redor, onde esses cenários são inventados e institucionalizados pelo homem. Eles são compostos de objetos, coisas e pessoas, cada qual carregando sua própria história, ligados pela teia familiar, articulando-se no cotidiano, com linguagens sociais e corporais próprias.

A forma como ele se apropria desses espaços, criando os cenários com móveis, equipamentos e objetos, revelam sua visão do mundo externo, seus gostos, suas pequenas/grandes coleções, seu nível intelectual e suas relações políticas e sociais. Um olhar sobre sua vestimenta e seus adornos pessoais pode identificar seu comportamento entre o mundo social e o doméstico. Citando Perrot “*As maneiras de comer, de se lavar, de amar – e*

⁵⁰⁵ “FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mucambos**: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento urbano. São Paulo: Global, 2004. p.36.

⁵⁰⁶ A questão de privacidade que usamos hoje não era colocada, as famílias dividiam os espaços da residência com toda sorte de pessoas, familiares, agregados, escravos da casa, caixeiros viajantes, padre, etc., além dos animais domésticos e de consumo. Era na casa que se realizavam muitos trabalhos manuais, de moagem e os depósitos de alimentos. A busca do isolamento e privacidade acontece apenas no final do século XIX. FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e senzala**. 41.ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

⁵⁰⁷ PERROT, Michelle. Introdução. In: PERROT, Michelle et al, 1991. Op. cit., v.4. p. 9.

*portanto, de morar- se modificam de acordo com a autoconsciência que passa pela intimidade do corpo.*⁵⁰⁸

Assim, a maneira de morar revela o espírito de seu morador e o momento histórico no qual está inserido. Dentro da casa morada, rodeado pelos objetos e equipamentos do cotidiano de seu proprietário, podemos adquirir conhecimento sobre ele e suas práticas culturais e sociais.

*“Os interiores levemente pomposos do séc XIX também refletiam modos de vestir, cadeiras com saias e cortina drapeadas imitavam os detalhes de como os tecidos eram usados em saias e vestidos, o papel de parede imitava os padrões usados nos tecidos. A riqueza dos móveis espelhavam os trajes luxuosos de seus donos”*⁵⁰⁹ Assim fica claro a relação que existe entre os modos de morar e de vestir, a decoração interna refletindo um “estilo de vida”.

A casa, espaço da vida privada, será o palco onde estão contidos os cenários, que possibilitarão o estudo da história do cotidiano. Pensando nela não nos prendemos somente aos aspectos materiais que a compõem, mas às ações que ali aconteceram e acontecem.

Para que essas ações aconteçam é necessário ter em mãos objetos, mobiliário, equipamentos que ajudam a realizar as tarefas cotidianas, dentro do universo da família. O objeto, no sentido mais amplo, adquire sentido, interagindo com o morador, com outros objetos, no cenário da história cotidiana. Para Ecléa Bosi *“Quanto mais voltados ao uso do cotidiano, mais expressivos são os objetos: os metais se arredondam, se ovalam, os cabos de madeira brilham pelo contato com as mãos, tudo perde as arestas e se abrandam”*⁵¹⁰

Nesse sentido, o objeto do cotidiano, será capaz de atualizar as lembranças, estimulando a vivência, adquirindo sentido, desde que esteja devidamente ambientado no cenário de uma determinada época.

⁵⁰⁸ PERROT, Michelle. Introdução. In: PERROT, Michelle et al, 1991. Op. cit., v.4. p.10

⁵⁰⁹ RYBCZYNSKI, Wiltold. **Casa: pequena história de uma idéia**. Rio de Janeiro: Record, 1996. p.19

⁵¹⁰ BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Edusp, 1987. p. 360.

Estudaremos a casa como parte da memória individual de todos os indivíduos, inserida na memória de um grupo, bairro, cidade ou nação, presa à tradição, espaço de memória coletiva. A casa como objeto cultural capaz de articular a memória individual, cenário cotidiano, presente na lembrança de todos os indivíduos, segundo Ecléa Bosi: *“A casa, como objeto cultural, coloca-se como um dos recursos possíveis no universo individual e coletivo, por estar presente no universo individual e coletivo e por se mostrar como um fragmento dentro do cabedal infinito que é a memória.”*⁵¹¹

Como vimos, podemos através da casa morada e dos objetos que a compõem fazer vários estudos, construindo leituras no campo da história, da cultura material e imaterial e da história social. Ver o objeto não como utilitário, de arte ou de adorno, mas compreender seus vários usos no interior da residência, seu significado para o proprietário, dentro de seu mundo privado. Tomamos por base Ecléa Bosi que afirma que os objetos nos falam, porém é preciso um olhar atento para se dialogar com eles *“Temos com a casa e com a paisagem que a rodeia uma comunicação silenciosa que marca nossas relações mais profundas. As coisas nos falam sim, e porque exigir palavras de uma comunicação tão perfeita ?”*⁵¹²

O presente estudo pretende entender essa comunicação silenciosa que existe dentro do espaço doméstico e levá-la para dentro das Casas Museus. Estudar a re-construção desse espaço doméstico e a transformação de objetos cotidianos em objetos testemunhos, que são eleitos para homenagear e re-significar a vivência de um personagem histórico, transformando a casa residência em monumento histórico. Para tanto começamos por tentar desvendar a materialidade arquitetônica e as transformações ocorridas na casa brasileira, tanto no aspecto construtivo como na organização dos espaços internos e na funcionalidade da casa. Pois, a casa é como uma roupagem, que deve servir, abrigar das

⁵¹¹BOSI, Ecléa. Op.cit. p.39.

⁵¹² Idem. p. 361.

intempéries e proporcionar conforto, levando em conta hábitos pessoais e familiares, tornando-se assim um lar.⁵¹³

Pretendemos fazer a leitura da casa morada, tomando por base documentos, depoimentos orais e fotografias que nos ajudarão a traçar um espaço de vivência doméstica e a designação e ocupação dos espaços internos e seus equipamentos, enfim, nos introduzirão no espaço da vida privada de seu morador congelando os cenários.

Para Walter Benjamin, segundo Bolle, esse “congelamento alegórico”⁵¹⁴ consegue contextualizar no presente o cotidiano cultural de um determinado período, pois o passado é um saber não consciente que para se manifestar no presente, precisa ser lembrado. Em uma casa museu espera-se encontrar esse ambiente re-significado, no qual cada detalhe servirá de base para a lembrança e a rememoração. Por meio das imagens captadas e da narrativa histórica, o ser humano consegue imprimir na memória referências, que o leva a re-construir um tempo social e cultural, uma vivência e uma mentalidade.

4.2. A materialidade arquitetônica⁵¹⁵

“Uma casa, seja ela qual for, dura e não para de testemunhar a lentidão das civilizações, de culturas obstinadas em conservar, em manter, em repetir.”

Braudel⁵¹⁶

A arquitetura da casa é um testemunho da formação da memória histórica dos povos, assim sendo, a casa e a cidade são símbolos concretos de uma sociedade pois refletem seus valores, transformando-se em

⁵¹³ Entendemos lar como um lugar físico e fixo, casa e família, moradia e abrigo, propriedade e afeição. RYBCZYNSKI, Wiltold. Op. cit. p. 73..

⁵¹⁴ BOLLE, Willi. **Fisiognomia da metrópole moderna**: representação da história em Walter Benjamin. São Paulo: Edusp, 2000. p. 311

⁵¹⁵ Iremos estudar as modificações que ocorrem dentro e fora da casa até as primeiras décadas do séc. XX.

⁵¹⁶ BRAUDEL, Fernand. **Civilização material, economia e capitalismo**, séc. XV-XVIII Lisboa: Teorema, 1992. p. 230. tomo I

produtos culturais. Trazem intrínsecos os valores de quem a desenhou e a construiu, como também dos que ali viveram e se apropriaram de seus espaços.

Podemos dizer que a arquitetura é uma categoria antropológica, porque demonstra um modelo de comportamento humano, que envolve organização social, aplicação de técnicas, intervenção no ambiente ao redor e significados afetivos e simbólicos.⁵¹⁷ Ao optar por morar em um determinado local, o cidadão sofre a influência desse lugar, na maneira construtiva e na distribuição dos espaços internos.⁵¹⁸

O homem precisa organizar os espaços internos de sua casa procurando melhor desenvolver suas atividades biológicas, culturais e mecânicas. Sua liberdade e criatividade são exercidas no momento em que ele toma posse dos espaços, é quando ele transforma uma casa em lar, dando a ela “sua cara”, instituindo novos modos e usos, recheando os ambientes com seus pertences, suas lembranças e memórias, transformando o local em lugar único.

As mudanças são constantes, pois as atividades que ali se desenvolvem e os equipamentos usados para desenvolvê-las passam por vários processos de mutação, vindos através do desenvolvimento industrial e tecnológico e da modernização. A modernização insere no cotidiano do indivíduo, um conjunto de novas sensações e expressões no modo de agir, sentir e morar, produzindo novas formas de fazer, criando uma nova ordem e novas maneiras de viver. Na casa está presente a técnica e a nova tecnologia e o “saber fazer” que é próprio de uma comunidade.⁵¹⁹

Ao estudar uma casa, construímos uma história que envolve arquitetura, métodos construtivos, modos de produção, classes sociais, desenvolvimentos industriais, econômicos e políticos, não nos esquecendo que o principal ator é o proprietário, seguido de seus familiares. Eles são os

⁵¹⁷ OLIVEIRA, Adriana Mara Vaz. **Uma ponte para o mundo goiano do século XIX**: um estudo da casa meia-pontense. Goiânia: Agência de Cultura, 2001. p. 48.

⁵¹⁸ CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: Artes de fazer. Rio de Janeiro: Vozes, 1996. v.1.p. 23

⁵¹⁹ LEMOS, Carlos. **História da casa brasileira**: a casa colonial, casas urbanas e rurais, a habitação burguesa. São Paulo: Contexto, 1996. p. 8

elementos que darão vida ao patrimônio, que irão traçar o uso social da casa e construir a história cotidiana. O espaço da casa confunde-se com a ordem social e sem entender os valores sociais do período em que a casa foi construída e ocupada, fica muito difícil retraçar e re-significar sua ocupação, organizando as experiências e vivências que ali se desenvolveram, pois o ato de morar repousa na história cultural e social.

As formas de morar que encontramos em móveis e acessórios, refletem um passado que traz referências aos lares dos ancestrais, a domesticidade sólida que, quando não existe, é inventada por uma comunidade em busca de referências que lhes desenvolvam o sentimento de pertencimento e empoderamento com o local habitado.

Para Gilberto Freyre, a casa brasileira do século XVI ao século XIX dividia-se em casa grande rural ou semi rural, casa térrea de porta e janela ou ainda pequenos sobrados com área residencial na parte superior. Para a população mais pobre palhoças, ranchos e cabanas.⁵²⁰

Antes disso, no Brasil havia as residências dos índios: ocas ou malocas. Segundo Catharino⁵²¹ “...os índios tinham residência, e não domicílio”,⁵²² pois sendo nômades, trocavam periodicamente de local em busca de água ou caça. Essas habitações coletivas, em geral em madeira cobertas de palhas⁵²³, sem nenhuma repartição interna serviam como abrigo, dormitório e lugar de refeição. Para Sérgio Buarque de Holanda “...a vida desenrolava-se em seu interior no sentido mais pleno possível”. No centro das malocas ficava o fogo usado para aquecimento e para cozinhar,

⁵²⁰ FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mucambos**: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento urbano. Rio de Janeiro: J.Olympio, 1985. p. LXVI

⁵²¹ CATHARINO, José Martins. **Trabalho índio em terras da Vera ou Santa Cruz do Brasil**: tentativa de resgate ergonômico. Rio de Janeiro: Salamandra, 1995.p.80.

⁵²² Buscando a diferença entre residência e domicílio, conseguimos levantar que é considerado residência “lugar onde alguém habita por um determinado período”, e domicílio “ lugar que a pessoa habita com disposição de lá permanecer”. **DICIONÁRIO contemporâneo da língua portuguesa Caldas Aulete**. Rio de Janeiro: Delta, 1980. í

⁵²³ As ocas eram cobertas além das palhas por folhas de pindoba ou sapé. RODRIGUES, José Wasth. A casa de moradia no Brasil antigo. **Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Rio de Janeiro, n.9, 1945. p. 159-97. p. 170.

ao redor dele aconteciam às reuniões para compartilhar as experiências cotidianas.⁵²⁴

Aliás o fogo, desde os tempos remotos, é considerado símbolo de vida em família, união do homem com a mulher, lugar de aproximação dos seres, por seu calor e sua luz, lugar onde se prepara o alimento; na Europa a lareira é considerada o centro da vida familiar.⁵²⁵ Ainda hoje dizemos que a cozinha é o coração da casa, pois é em volta do fogão e da mesa que se reúne a família. Assim, o conceito de lar é anterior ao conceito de casa, pois tomando o princípio de que lar é o lugar do fogo, podemos afirmar que nossos antepassados, reunidos dentro das cavernas, tendo o fogo posto, conseguiram transformar o espaço de abrigo, em lar.

Os primeiros ranchos construídos pelos portugueses seguiram a técnica construtiva dos índios, casas pequenas construídas em taipa⁵²⁶, revestidas de palha e sapé, tendo como diferencial janelas e repartições internas, que separavam as atividades cotidianas desenvolvidas em seu interior.⁵²⁷

As casas existentes no período colonial brasileiro, mantêm os maneirismos portugueses que já carregavam em si outras técnicas aprendidas e assimiladas de outras culturas⁵²⁸. Construídas em taipa de pilão e mais tarde em taipa de mão, eram revestidas com uma argamassa a base de cal para protegê-las da ação das águas⁵²⁹. Sua arquitetura urbana é de linhas retas, volumes quadrangulares, grandes cheios nas fachadas e pequenas janelas com folhas de escuro, não havendo a preocupação com a

⁵²⁴ HOLANDA, Sérgio Buarque de; CAMPOS, Pedro Moacyr. **História geral da civilização brasileira**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1989. v.1.p.74

⁵²⁵ CHEVALIER, Jean; CHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.p.536.

⁵²⁶ Taipa – técnica que empregava o barro para a construção, típica de regiões onde havia escassez de material como pedra e cal. GUERRA, José Wilton. Introdução. In: ACAYABA, Marlene M. coord.. geral. **Equipamentos, usos e costumes da casa brasileira**: construção. São Paulo: Museu da Casa Brasileira, 2001.v.2. p. 11

⁵²⁷ GUERRA, José Wilton. . In: ACAYABA, Marlene M. coord.. geral. Op. cit., v. 2. p. 10.

⁵²⁸ Segundo Rodrigues a “casa portuguesa”, ao chegar ao Brasil, vem com um “maneirismo cristalizado onde se mistura o latino, o visigodo, o árabe”. RODRIGUES, José W. Op. cit. p. 161.

⁵²⁹ O cal não era encontrado com facilidade em todas as regiões do Brasil, assim em alguns lugares se utilizava a tabatinga para esse fim. GUERRA, José Wilton. Introdução. In: ACAYABA, Marlene M. coord.. geral. Op. cit. v.2. p. 12

simetria na distribuição de portas e janelas. Embora a arquitetura pernambucana deste período receba também a influência dos holandeses na construção de seus grandes sobrados de dois ou três andares.⁵³⁰

Os sobrados deste período eram feitos para uso comercial, no térreo o comércio e os escravos⁵³¹, na parte de cima receber e morar. O espaço destinado para receber possuía janelas que se abriam para a rua, porém os quartos, pequenas alcovas⁵³² sem janelas, eram protegidos do olhar dos curiosos e da contaminação que a rua podia trazer. As paredes eram caiadas ou revestidas de terra branqueada com tabatinga⁵³³, os sobrados de pessoas abastadas recebiam revestimento de azulejos portugueses, muitas vezes só nas paredes de cima do sobrado, onde ficava o lugar de morada. Os balcões eram individuais ou corridos, fechados por treliça de madeira.

As casas de fazendas também receberam a influência portuguesa, pois mesmo sendo maiores que as urbanas, mantinham as linhas retas e a simplicidade característica da época, a arquitetura doméstica era sóbria. As casas não forneciam aos seus moradores muita privacidade⁵³⁴, pois além dos escravos, sempre presentes, ela abrigava também agregados, viajantes, vendedores, religiosos, doentes, etc. A palavra “casa” indicava qualquer aposento da moradia: “*casa de banho*”, “*casa de dormir*”, “*casa de moagem*”, “*casa de farinha*”, “*casa dos negros*”, como era conhecida a senzala.

O alpendre, na casa rural, era o principal espaço social, ali se recebia e selecionava quem iria ou não entrar na casa. Para ele se voltavam várias portas do interior da residência, a da Capela, da varanda, e dos quartos destinado a receber os viajantes. Também era da varanda que se observava

⁵³⁰ GUERRA, José Wilton, Op.cit., p. 11

⁵³¹ Havia também sobrados onde na parte baixa, térreo, possuíam dependências para agregados e depósito de alimentos e materiais, havendo sempre comunicação com os fundos da residência. RODRIGUES, José W. Op. cit. p.171.

⁵³² Segundo Jean-Baptiste Drebet, alcova é uma palavra árabe que significa tenda fechada ou armário onde se dorme, tradição perfeitamente aplicada aqui no Brasil. . ACAYABA, Marlene M. coord.. geral. Op. cit.. v.2. p. 83.

⁵³³ Tabatinga é um tipo de terra argilosa, conhecida pelos índios como barro branco. FREYRE, Gilberto, 1985. p. 31

⁵³⁴ No Brasil, no período colonial, o conceito de morar era outro, a questão de privacidade que usamos hoje não era colocado, como vimos anteriormente à busca do isolamento e privacidade acontece apenas no final do século XIX.

o andamento dos trabalhos no campo, sua função arquitetônica era “*trazer sombra ao exterior da residência, conseqüentemente refrescando seu interior.*”⁵³⁵

Até o séc. XVI, as capelas eram construções separadas da casa principal e a partir do séc. XVII, passaram a interligadas, a fazer parte do corpo da casa rural.⁵³⁶

As mudanças na forma de morar e no uso da casa começaram a se alterar ao longo do século XVIII, pois a casa passa a ter uma nova subdivisão interna, para que haja uma maior privacidade entre seus membros. Nesse período, acontece de forma definitiva a transição da casa enquanto morada pública composta de parentes, empregados e agregados, para dar lugar a uma casa íntima, familiar, privada. “*O senso de intimidade doméstica que estava surgindo foi uma invenção humana, assim como todos os implementos tecnológicos.*”⁵³⁷

As casas construídas no período colonial, eram divididas em três setores: área frontal trabalho e social; área do meio ou assobradada espaço íntimo; área do fundo destinadas aos serviços. Essa característica estava presente nas casas dos mais abastados como das pessoas mais simples, o que levou o engenheiro Louis Vauthier a afirmar “*quem viu uma casa brasileira, viu quasi todas.*”⁵³⁸

No Brasil, começamos a alterar mais intensamente as formas de morar a partir da chegada da família imperial em 1808. As mudanças começaram a ocorrer e não pararam mais, acompanhando todos os movimentos políticos e econômicas de nosso país: Independência e República, o maior poder econômico advindo do dinheiro do cultivo da cana de açúcar e do café. Com o enriquecimento dos fazendeiros, seus filhos foram mandados às capitais para estudar, lá eles receberam a influência européia e voltaram para suas

⁵³⁵ GUERRA, José Wilton. Introdução. In: ACAYABA, Marlene M. coord.. geral. Op. cit. p. 13.

⁵³⁶ MENDES, Francisco; VERISSIMO, Francisco; BITTAR, William. **Arquitetura no Brasil:** de Cabral a Dom João VI. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2007. p. 125.

⁵³⁷ RYBCZYNSKI, W. Op. cit. p. 61

⁵³⁸ VAUTHIER, L.L. **Casas de residência no Brasil.** In: Arquitetura civil I: textos escolhidos. São Paulo: FAU-USP/MEC/IPHAN, 1978.

regiões de origem com uma educação muito diferente da rude formação de seus pais. Foram eles os responsáveis pela introdução dos livros e revistas na maioria das casas, trouxeram na mala os novos hábitos que aos poucos foram se misturando aos costumes tradicionais.

Sabemos que vários fatores contribuíram para o processo de modernização, porém, acreditamos que a maior modernização chegou pela influência da Estrada de Ferro, que trazia, de forma mais rápida, os jornais e magazines que continham os anúncios do que havia de mais moderno no Rio de Janeiro, além dos catálogos de lojas exportadoras de artigos de vários países da Europa que, a partir de 1850, passam a ter relações comerciais com o Brasil. As propagandas, feitas para vender, mostravam um mundo idealizado, evocavam imagens informais e confortáveis, ambientes feitos para conquistar, transformar em belos cenários os ambientes cotidianos.

Assim, os vagões de trem, utilizados para transportar a modernidade, eram os mesmos que levavam as sacas de café para o porto e de lá traziam, além dos materiais construtivos, os equipamentos (móveis, louças, adornos, vestimentas, etc.) que juntos transformaram a vida cotidiana, criando novos hábitos de viver e de morar. Para Maria Cecília *“O trem de ferro veio assimilar o aumento de consumo, devido à intensificação das importações e da abertura das casas comerciais”*⁵³⁹ Porém as novidades trazidas da Europa, em materiais construtivos, adornos e equipamentos arquitetônicos eram, em sua grande maioria desconhecidas, criando a necessidade de se importar também os mestres artesão para realizar e auxiliar nos novos tipos de construção, e para ensinar a nova forma de morar as governantas, perceptoras e pajens estrangeiras.

O fim do século XVIII e o século XIX foram marcados por alterações na ordem pública e privada. Essas mudanças foram mais sentidas na Corte do Rio de Janeiro e nas cidades próximas pois morar na cidade passou a ter valor, não mais se vinha só em dias festivos, as famílias aos poucos, foram

⁵³⁹ HOMEM, Maria Cecília Naclério. . **O palacete paulistano e outras formas urbanas de morar da elite cafeeira.** São Paulo: Martins Fontes, 1996. p. 56

se transferindo para a cidade, segundo Maria Isaura *“viver na cidade se confundia com viver na corte, em contato com os grandes e poderosos”*⁵⁴⁰.

Nas cidades e regiões mais distantes, as mudanças demoraram mais para chegar, pois a população com tradições mais enraizadas foi lentamente assimilando as mudanças. Elas começaram a ocorrer no momento da passagem da economia mercantil-escravista para a economia cafeeira, quando há um aumento no consumo de bens e equipamentos. Porém, o aburguesamento⁵⁴¹ das famílias aconteceu primeiramente nas áreas urbanas, através da assimilação e cópia dos hábitos europeus. Para Maria Isaura, o Brasil foi aos pouco deixando se ser *“um imenso país rural e a vida na corte ia-se caracterizando cada vez mais pelo modo de ser de sua burguesia, que se refina em comparação com a existência rústica das fazendas”*⁵⁴².

Nas residências do século XVIII o espaço considerado o coração da residência era a varanda, espaço intermediário entre a área íntima e a de serviço. Era voltado para o interior das residências, quintal, pomar ou jardim interno e destinado para as refeições, repouso rápido nas redes e realização de trabalhos manuais ou dos afazeres femininos, local onde só podiam entrar “os da casa”⁵⁴³ ou as visitas próximas. Seu mobiliário era modesto, possuía uma grande mesa em madeira com amplos bancos. Esse espaço, muitas vezes, era utilizado também para cozinhar e aqui se reunia a família, os agregados, os escravos, lugar de nenhuma privacidade, onde se passava a maior parte do dia.

Com as mudanças ocorridas nos espaços internos da casa, os homens ganharam lugar para os negócios e para a política: a “sala dos

⁵⁴⁰ Queiroz, Maria Isaura Pereira de. Dialética do rural e do urbano: exemplos brasileiros. In: BLAY, Eva A, org. **A luta pelo espaço: textos de sociologia urbana**. Petrópolis: Vozes, 1978. p. 40

⁵⁴¹ Entende-se por aburguesamento como camadas recém enriquecidas pela expansão agrária, principalmente ligada ao café, e por atividades comerciais, que adotaram modos de ver, agir e pensar diferenciado, absorvendo a nova cultura urbana, de cunho europeu, se diferenciando da cultura tradicional mais rústica. SINSOM, Olga R. M. **A burguesia se diverte no reinado do momo: 60 anos de evolução do carnaval na cidade de São Paulo**. (Dissertação) USP-FFLCH, 1984. p. 67

⁵⁴² Queiroz, Maria Isaura Pereira de. Op. cit. p. 55.

⁵⁴³ Eram considerados “os de casa” familiares, agregados ou empregados.

homens”. Nesta sala eles se reuniam para fumar, beber e conversar. As mulheres ganharam a “sala das mulheres”, espaço de convivência onde se reuniam para realizarem os trabalhos manuais de agulha ou de tear e as leituras que antes eram feitas na “varanda”. Outro espaço novo foi a “sala de visitas”, espaço nobre voltado para a rua, onde se recebiam os amigos, conhecidos e partidários. A parte superior da residência, ou interna nas residências térreas, foi destinada exclusivamente à família, aos dormitórios, sendo portanto a área íntima. Os dormitórios de hóspedes ficavam no piso inferior nos sobrados, ou logo após a sala de visitas, nas casas térreas.⁵⁴⁴

As casas ganharam duas cozinhas: a interna considerada seca que ficava no fundo da residência podendo ser acessada por vendedores e entregadores por um corredor lateral, e a segunda cozinha, que era construída em um espaço anexo a cozinha seca, local aberto ou fechado, uma espécie de “puxado” onde eram preparadas as carnes, os quitutes em forno de barro, o sabão de cinza, o ralador de mandioca, o moedor do milho, etc. Os quintais eram área de circulação e distribuição para os serviçais, as mulheres distribuíam as tarefas, dando ordens à criadagem para realização dos serviços domésticos, era um eterno ir e vir com água, mantimentos, grãos, animais mortos e vivos, roupas sujas e limpas, etc.

As instalações sanitárias ficavam em uma construção anexa à casa, no quintal e não eram usadas para o banho. Os banhos podiam ser realizados no dormitório ou em um quarto próprio, em gamelões⁵⁴⁵, bacias de folhas de flandres ou caixas de madeira. A maioria das construções eram secas e as atividades com água eram feitas em área externa ou em bacias. Houve grandes adaptações com a chegada das tubulações que levaram a água ao interior das residências. A água trouxe a mecanização dos serviços, distribuir a água pura, drenar as águas servidas para longe das residências,

⁵⁴⁴ LEMOS, Carlos, **A república ensina a morar (melhor)**. São Paulo: Hucitec, 1999. p. 138

⁵⁴⁵ As gamelas, em madeira, podiam ser de formatos diferentes redonda, retangular ou ainda um tronco de árvore comprido e vazado. ACAYABA, Marlene M. (Coord.).Op. cit.. v.4, p. 207.

trazer conforto, instituir novas práticas, enfim consolidar os bons hábitos, tão em voga no fim do séc. XIX e início do séc. XX.⁵⁴⁶

Após a primeira década do séc. XIX, com o barateamento dos vidros, as residências ganharam grandes janelas, guilhotinas envidraçadas⁵⁴⁷ para a entrada de luz natural. Elas substituíram aos poucos as gelosias⁵⁴⁸, as rótulas⁵⁴⁹ e os muxarabis⁵⁵⁰, que serviam também para proteger o interior das casas do olhar curioso da rua, principalmente as mulheres, que através delas, podiam ver sem ser vistas⁵⁵¹.

Essa substituição foi feita, primeiro, por vontade própria dos proprietários e depois através dos códigos de posturas municipais que alegaram que a retirada desses artefatos era obrigatória por motivos “*higiênicos, estéticos e de segurança publica*”⁵⁵². Assim as janelas foram abertas com novas linhas mais leves e elegantes, com espaços destinados a receber o vidro. Segundo Braudrillard “*O vidro materializa de forma externa a ambigüidade fundamental da ambiência: a de ser a um só tempo proximidade e distância, intimidade e recusa de intimidade, comunicação e não comunicação.*”⁵⁵³ Porém, para que a privacidade fosse mantida as janelas guilhotinas receberam na sua parte inferior rendas e cortinas.

A presença do vidro também passou a ser sentida nos armários, principalmente nos fixos, que ganharam portas envidraçadas, dando vistas

⁵⁴⁶ BEGUIN, François. As maquinarias inglesas do conforto. In: **Espaço & Debates**: Revista de Estudos Regionais e Urbanos, São Paulo, v.11, n. 34, 1991.p.39-54.

⁵⁴⁷ Janela composta de dois meio-caixilhos verticais e paralelos próximos um do outro, com venezianas e/ou 10 ou 12 vidros em cada folha. RODRIGUES, José Wasth. Op. cit. p. 171.

⁵⁴⁸ Trama de ripas de madeira com pequenas aberturas utilizada em balcões e janelas, pintadas de amarelo, vermelho ou branco. GUERRA, José Wilton. Introdução. In: ACAYABA, Marlene M. coord.. geral. Op. cit. v.2. p. 14.

⁵⁴⁹ Formadas por uma trama feitas por ripas de madeira cruzadas diagonalmente formando uma espinha, colocadas em porta, janelas sacadas e em alguma varandas, em geral pintadas de azul ou verde. GUERRA, José Wilton. Introdução. In: ACAYABA, Marlene M. coord.. geral. Op. cit. v.2. p.14

⁵⁵⁰ Treliças de madeira quadriculares ou em xadrez, abriam de baixo para cima, haviam casa em que o muxarabi protegia toda a fachada. Todas as três modalidades eram utilizadas para filtrar o calor e a luminosidade, permitindo uma ventilação mais adequada no interior da residência e proporcionar intimidade. GUERRA, José Wilton. Introdução. In: ACAYABA, Marlene M. coord.. geral. Op. cit, v. 2. p.14.

⁵⁵¹ Para saber mais ver: MARINS, Paulo C. Garcez. **Através da rótula**: sociedade e arquitetura urbana no Brasil, séculos XVII a XX. São Paulo: Humanitas, 2001.

⁵⁵² GUERRA, José Wilton. Introdução. In: ACAYABA, Marlene M. coord.. geral. Op. cit. v.2. p.15

⁵⁵³ BAUDRILLARD, Jean. **O sistema dos objetos**. São Paulo: perspectiva, 2004. p.48

aos objetos que continham. O hábito do colecionismo doméstico se expande, pois porcelanas e cristais passam a ficar exposta ao olhar do visitante.

As portas internas das residências, visando uma melhor iluminação e areação, foram serradas e ganharam bandeiras⁵⁵⁴ em vidro ou ferro, adaptando-se aos novos tempos. A iluminação vai, aos poucos, entrando e modificando a vida cotidiana: das velas de sebo ou cera passamos a candeia de óleo de mamona ou óleo de peixe e a lamparinas de querosene que foram, por sua vez, aposentadas quando chegaram os lampiões de combustores a gás⁵⁵⁵, os quais deixaram de existir com a chegada da luz elétrica. A iluminação mudou a convivência cotidiana, a luz trouxe novos horários, segundo Lemos “*Não mais se dormia com as galinhas*”.⁵⁵⁶

A partir da primeira década do séc. XX, muitos projetos arquitetônicos foram encomendados para arquitetos estrangeiros que, vindos da Europa, traziam na bagagem um álbum com fotos de fachadas de casas de seus países, para servir de modelo e todos os equipamentos decorativos necessários para a construção de residências.⁵⁵⁷ Esses novos técnicos, construtores e artesões imigrantes europeus, trouxeram o saber instituído de seus países de origem, sendo muito disputados no momento de se modernizar a casa. Eles introduziram na casa novas sub-divisões internas procurando dar aos seus proprietários privacidade e conforto. Também incluíram, nas fachadas, novos arranjos decorativos, onde houve a substituição dos balcões de madeira pelos de ferro, das gelosias pelas

⁵⁵⁴ As portas internas e em alguns casos também externas receberam um caixilho envidraçado ou de ferro geralmente, fixo, que serve para dar claridade e levar ventilação aos aposentos.

⁵⁵⁵ No Rio de Janeiro foi em 1854 que a Companhia de Iluminação a Gás começou a fornecer gás canalizado as residências, porém só a partir de 1870 é que ocorreu a expansão desse serviço para outras cidades brasileiras. **HISTÓRIA do gás canalizado no Rio de Janeiro.** Disponível em <http://www.cedae.rj.gov.br>. Acesso em 20.02.2008.

⁵⁵⁶ LEMOS, Carlos. **A morada paulista**. São Paulo: Perspectiva, 1995. p. 134

⁵⁵⁷ Idem. p. 211.

grandes janelas de vidro⁵⁵⁸, foram colocadas as platibandas de cerâmicas do Porto e os revestimentos de azulejos decorados.⁵⁵⁹

Como vimos, a modernização nos sistemas construtivos e o progresso trouxeram à nova casa domesticidade⁵⁶⁰. Foi criada uma nova forma de viver e de morar, modificando também as necessidades de ordem pessoal, social e cultural. Para Lemos, *“A casa carrega em si símbolos criados pelo homem que variam no tempo e no espaço e que retratam sua forma de usufruí-los.”*⁵⁶¹ Estudando seu interior podemos constatar todas essas mudanças, pois o homem partiu em busca de maior conforto doméstico, que envolve conveniência, eficiência, lazer, bem-estar, prazer, domesticidade e privacidade.⁵⁶²

As funções dessa nova casa eram: o estar e o lazer; o repouso, o sono e o banho; e a área destinada aos serviços. Os novos ambientes ficaram assim distribuídos: o ambiente social, logo na entrada da casa, com amplas janelas envidraçadas voltadas para a rua. No centro da residência ou no andar superior, os espaços íntimos, longe do olhar de estranhos; no fundo da residência os espaços de serviço, ligados à rua pelos corredores laterais e separado do resto da casa por largas portas.⁵⁶³ Por esses corredores laterais, transitavam animais, vendedores, entregadores, empregados e servia de ligação entre a casa e a rua.

A tendência foi de se construírem casas amplas, arejadas e iluminadas, com cômodos grandes e de destinação certa, pois a casa passou a ser vista como símbolo de poder econômico e social. Podemos dizer que elas são o resultado do processo civilizatório que ocorre a partir de meados do século XIX. Maria Cecília acredita que a mudança social acontece antes

⁵⁵⁸ LEMOS, Carlos, 1995. Op.cit. p.210

⁵⁵⁹ Desde meados do séc. XIX o azulejo decorado fazia parte das fachadas das residências em Pernambuco, Maranhão, Bahia, Rio de Janeiro e em menor escala São Paulo, principalmente nas casas assobradadas. No séc. XX eles se popularizaram a partir do barateamento de preço, sendo encontrado em todo tipo de residência, em fachadas, banheiros, ou painéis internos. RODRIGUES, José Wasth. Op. cit. p.183

⁵⁶⁰ Entendemos por domesticidade um conjunto de emoções relacionadas à família, intimidade, arranjos internos, lar, a casa incorporando a personalidade de seus proprietários. RYBCZYNSKI, W. Op. cit. p 85.

⁵⁶¹ LEMOS, Carlos, 1999.Op. cit. p.22

⁵⁶² RYBCZYNSKI, W. Op. cit. p.236

⁵⁶³ OLIVEIRA, Adriana Mara Vaz, 2001. Op.cit. p.263.

da mudança espacial *“porém para que se construísse um novo espaço, foi necessário que se alterasse primeiro o modo de vida, o qual, no entanto, ocorreria de forma independente do espaço”*⁵⁶⁴

Os novos hábitos na maneira de morar também foram incentivados pelos médicos e engenheiros sanitaristas que, a partir da metade do século XIX, enfatizaram a necessidade de iluminação natural e ventilação nas residências. Também houve, por parte das autoridades, a preocupação em tornar as residências menos insalubres, assim temos os Códigos de Posturas Municipais, que procuraram impor aos proprietários novas regras construtivas, que vão desde a altura das casas, até o compromisso de trocar as folhas de escuro e gelosias por janelas venezianas com bandeiras para melhorar a ventilação e iluminação.⁵⁶⁵

Os velhos mestres de obras foram sendo substituídos pelos novos técnicos, construtores e artesões. Foram os imigrantes que trouxeram na bagagem o saber instituído de seus países de origem, sendo muito disputados no momento de se modernizar a casa.

Porém, a partir da terceira década do século XX, com o mundo em guerra e a recessão econômica, houve a proposta de uma arquitetura mais simples. As novas técnicas construtivas e novos materiais, mais leves, resistentes e baratos, deram à casa uma aparência de limpeza, beleza e saúde, grandes janelas abertas, livres das cortinas pesadas, permitindo a entrada da luz e do ar puro, divisões funcionais, fluxos livres e pequenos jardins decorativos. A organização dos espaços internos passou a ser feita de acordo com a necessidade de seus moradores, *“deixe-se guiar pela conveniência e não pela tradição...leve em consideração as personalidades e os hábitos de sua família, inclusive os seus”*,⁵⁶⁶ aconselhava Lílian Gilbret em sua revista voltada para o público feminino.

⁵⁶⁴ HOMEM, Maria Cecília Naclério. Op. cit. p.16

⁵⁶⁵ As grandes cidades incentivadas pelos novos códigos sanitaristas e preocupados com a disseminação das doenças procuram através das leis incutir novos hábitos na população instituindo os Códigos de Postura. FREYRE, Gilberto. Casas de residência no Brasil. **Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Rio de Janeiro, n.7, 1943. 99-127. p. 106.

⁵⁶⁶ RYBCZYNSKI, W. Op. cit. p. 198.

Houve redução dos espaços internos, obrigando o morador a adotar um novo mobiliário, cuja principal característica era a praticidade e funcionalidade, visando um equilíbrio entre o novo e as tradições, uma casa útil e eficiente. Decorações simples com móveis de linhas retas com poucos adornos. As grandes casas foram dando lugar a pequenas casas ou ainda aos apartamentos, sem perder a característica de lar⁵⁶⁷. Assim, consideraremos todos os tipos de casa como patrimônio edificado, lugar de memória, carregado de valores e significados.

Em 1931, no I Congresso de Habitação, realizado em São Paulo, foram apresentados projetos que falavam do papel social e higienista da nova casa. Foi apresentada uma receita para se morar da forma adequada aos novos tempos e exigências sanitaristas e sociais, estimulando a criação de novos hábitos. Essa receita apresentava ao indivíduo a forma construtiva correta e a maneira de se usar cada cômodo da casa e o mobiliário a ser adquirido, ensinava a morar nos tempos modernos.⁵⁶⁸

Concluimos que a materialidade da casa, cenário da memória, tem a beleza arquitetônica expressa através do planejamento, edificação, simetria e delicadeza de suas formas, mas principalmente pela posse de seu proprietário, de usos e costumes que ali foram construídos e vividos. Para Novais *“Ao percorrer os espaços domésticos, vamos observar a consagração do indivíduo e a exaltação de suas marcas de distinção. Por meio de um sistema de convenções e ritos precisos vão se estabelecendo oposições entre o formal e o informal, entre a solenidade e a privacidade, que repercutiram nas estratégias de aparências e na conformação e decoração dos ambientes”*⁵⁶⁹

Em uma casa museu, vemos esse mundo privado através das lentes do presente, re-paginado e transformado em informação histórica e cultural. Estudaremos a casa como um lugar de memória, procurando juntar todos os

⁵⁶⁷ Consideramos lar o lugar de vivência familiar onde fica o núcleo da família.

⁵⁶⁸ Imagens do conforto: a casa operária. In: Bresciani, Estela. **Imagens da cidade** século IX e XX. São Paulo: Marco Zero, 1994. p.

⁵⁶⁹ NOVAIS, Fernando, coord. **História da vida privada no Brasil**: republica, da belle époque à era do rádio. . São Paulo: Cia das letras, 1998. v.3. p. 489.

fios que a compõem: a arquitetura, a distribuição dos ambientes, os móveis e equipamentos de uso doméstico, a apropriação do espaço, por parte de seus moradores, a simbologia do cotidiano e o uso social e cultural, e em alguns casos também, os usos políticos e comerciais, que se faziam da residência.



Fig.49. Fachada da Casa Museu Rui Barbosa, 2009.

Na Casa Museu de Rui Barbosa (fig.49), uma residência que apresenta em sua forma arquitetônica, todos os padrões utilizados a partir de meados do séc. XIX até início do séc XX, pois ao longos dos anos, encomendado por seu proprietário, passa por uma série de adequações visando maior conforto familiar.

Sua arquitetura de inspirações neoclássicas possui elementos decorativos de clara inspiração européia: o frontão triangular, as pilastras, as portas e janelas em arco pleno, platibandas cheias e esculturas coroando os seus vértices. Uma casa cercada de românticos jardins, onde se fazem presente não só plantas e árvores decorativas, mas também um grande pomar e uma horta.

4.3. Os novos equipamentos⁵⁷⁰

“Mais que um sentimento estético ou de utilidade, os objetos nos dão um assentimento à nossa posição no mundo, a nossa identidade”
Bosi⁵⁷¹

Podemos considerar a casa como um cenário da vida familiar e cotidiana, onde se desenvolvem as privacidades, reduto de gostos e costumes, que muitas vezes refletem a sociedade maior. Local onde a tradição familiar é mantida e simbolizada por objetos materiais e os fazeres dão as pistas para a tradição imaterial. Através deles conseguimos retrair os hábitos cotidianos individuais e familiares, e reconstruir um ambiente perdido na memória temporal.

Segundo Eunice Durham, *“...os homens organizam sua conduta coletiva através de sistemas simbólicos, que criam e transmitem sob a forma de regras. Produz-se assim, uma forma específica de adaptação e utilização do ambiente que envolve tanto a produção do conhecimentos, como a de técnicas, isto é, comportamentos padronizados, que são aprendidos e transformados por cada geração [...] assim constrói um ambiente artificial no qual vive e o qual está continuamente transformando.”*⁵⁷² Esse ambiente produzido faz do interior das residências um rico acervo, reflexo da história cotidiana, social e cultural. Símbolo de um tempo e de uma sociedade, de códigos e comportamentos, de normas e atitudes de um indivíduo e de sua família.

Ao se mobiliar uma residência, muito de nós transparece em forma de móveis, utensílios, objetos de arte e decorativos. Mesmo quando se segue a tendência e a modernidade, ou quando há necessidade de se mostrar o poder aquisitivo, os traços de personalidade de cada um aparece nos detalhes que vão se acrescentando no dia a dia, à medida que nos

⁵⁷⁰ Estudaremos os novos equipamentos que estiveram presentes na casa brasileira até meados do séc. XX.

⁵⁷¹ BOSI, Ecléa. Op. cit., p. 360

⁵⁷² ARANTES, Antonio Augusto. (org) **Produzindo o passado: estratégias de construção do patrimônio cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1984. p.26

apropriamos do espaço. Lembranças de viagens, presentes, coleções ou ajuntamentos, objetos herdados de gerações anteriores, etc. são marcas pessoais que se acrescentam no interior de uma residência. Segundo Fernando Novais *“Nesses territórios entulhados de objetos decorativos e aparelhos funcionais que introduziam uma noção de conforto civilizado, se esboçava uma encenação destinada a produzir uma certa auto-imagem”*⁵⁷³

Esses objetos, traços e fragmentos, nos darão subsídios para montarmos uma Casa Museu, pois eles forneceram à residência eleita histórica os significados que a transformaram aos olhos do visitante em casa morada. Pois a recomposição e reconstrução da história e das lembranças só é possível através do estudo do espaço construído e dos objetos que o compõem.

As atividades desenvolvidas em uma casa morada, acontecem em ambientes diversos que podemos considerar como cenários, nos quais encontramos não só o edifício, elemento fixo, mas tudo ao seu redor, incluindo a paisagem externa e o ambiente interno, com os objetos utilitários e decorativos. Esses cenários cotidianos são definidos através da cultura e da tradição, pois, como vimos o uso que fazemos da casa é baseado na tradição cultural e social transmitida de geração para geração.

Vamos considerar os móveis e utensílios, adornos, objetos de arte e religiosidade como elementos semi fixos, e as atividades desenvolvidas dentro desses ambientes por seus moradores como elementos não fixos.⁵⁷⁴. À medida que se altera a composição dos elementos fixos, o edifício, e dos elementos semi-fixos, criam-se novos cenários e há modificações no comportamentos e uso pelos elementos não fixos, seus moradores. Todo esse movimento cria novas tradições compartilhadas, à medida em que se adotam novos usos e inserem-se novos elementos no cenário doméstico e cultural.

⁵⁷³ NOVAIS, Fernando, coord. Op. cit. v.3.p. 494

⁵⁷⁴ OLIVEIRA, Adriana Mara Vaz. **A casa como universo de fronteira**. Tese (Doutorado) IFCH-UNICAMP, 2004. p. 102

Vamos então aos elementos semi fixos e às modificações ocorridas no interior da residência com a chegada da modernidade, pois as mudanças ocorreram de dentro para fora, causando inúmeras alterações. A modernidade trouxe uma nova ordem social e cultural ameaçando os valores estabelecidos, ao mesmo tempo, ela seduzia por trazer mudanças no modo de agir, sentir e morar, trazia um novo imaginário social partindo dos costumes europeus.

Devemos à mulher portuguesa a civilidade da vida doméstica que conhecemos hoje, foi ela que, no período de colonização, trouxe consigo conforto, higiene, conhecimentos culinários, móveis e equipamentos para dentro das residências⁵⁷⁵. A mulher foi responsável por transformar a casa no *“asilo sagrado, um pequeno mundo à parte”*.⁵⁷⁶ No século XVI, segundo relato do Padre Cardim, as residências em Pernambuco eram administradas no estilo mais nobre de Portugal.⁵⁷⁷

Podemos dizer que, a partir do último quartel do século XIX, os jornais, as revistas ilustradas e os romances importados que descreviam detalhadamente os ambientes, juntamente com a Estrada de Ferro, foram os grandes responsáveis pela divulgação e instalação dos novos equipamentos em nossas moradias. Os anúncios eram ilustrados com desenhos e acompanhados de uma descrição minuciosa que permitia ao consumidor uma visão clara do produto e as vantagens de seu uso⁵⁷⁸. Mostravam vestimentas, móveis, equipamentos, adornos de forma a conquistar o leitor e a tornar-se objeto de desejo.

Os pedidos podiam ser feitos através dos catálogos ou através dos comerciantes locais, e chegavam ao Brasil de navio a vapor, mensalmente. Dali seguiam para as cidades mais distantes, pela Estrada de Ferro e/ou no

⁵⁷⁵ FREYRE, Gilberto, 1985. Op. cit. p. 33

⁵⁷⁶ FREYRE, Gilberto, Casas de residências no Brasil: carta I, L.L.Vauthier. . **Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Rio de Janeiro, n.7, 1943. 128-150. p. 137.

⁵⁷⁷ Para saber mais: CARDIM, Fernão. **Tratados da terra e gente do Brasil**. Citado por FREYRE, Gilberto, 1985, Op. cit. p. 33

⁵⁷⁸ NOVAIS, Fernando. **HISTÓRIA da vida privada no Brasil: Império**. São Paulo: Cia. das Letras, 1997. v.2. p. 202.

lombo dos burros.⁵⁷⁹ Também sugeriam novos critérios para o gerenciamento das atividades cotidianas, designando as funções para cada cômodo da casa buscando mais conforto⁵⁸⁰, e aplicando os novos preceitos sanitaristas e higiênicos, recomendando novas formas de morar⁵⁸¹

Para colocar em prática as novas formas de morar, houve necessidade como já dissemos, de se importar às governantas, perceptoras e pajens estrangeiras que vieram para ensinar essas novas práticas sociais e o uso dos equipamentos domésticos. Elas ensinavam além de música, literatura, dança, artes plásticas e língua estrangeira, os modernos hábitos higiênicos e de etiqueta. Também ensinaram, principalmente aos homens, a arte do lazer boêmio, trazendo da Europa práticas e produtos até então desconhecidos (danças e músicas consideradas mundanas, o carnaval veneziano, comidas sofisticadas, bebidas, etc)⁵⁸²

É consenso entre alguns autores que a modernidade trouxe com ela o fútil, pois trocamos muitos objetos utilitários, simples e fortes, por peças mais leves e rebuscadas.⁵⁸³ Acrescentamos vários adornos e enfeites, sem função prática ou utilitária, apenas pelo prazer de olhá-los, tê-los e para mostrá-los aos visitantes. Colocamos esses objetos em pontos estratégicos, lugares de receber, para serem vistos. Lindas cristaleiras, com vidros trabalhados e espelhos de cristais, passaram a guardar a louça importada e os cristais, vitrines símbolos de posse e elevação cultural e social.

O primeiro espaço a ser modificado foram os espaços sociais, as salas de visitas ou salões⁵⁸⁴, espaço privado ligado ao público, conhecido na França como “*zona de representação*”⁵⁸⁵. De acordo com interesses econômicos, políticos ou sociais, esse espaço era aberto ao convívio de

⁵⁷⁹ NOVAIS, Fernando Op. cit., v. 2. p. 38.

⁵⁸⁰ A palavra conforto adquiri a conotação que a utilizamos hoje a partir do século XVIII, como bem estar físico, motivo de satisfação e prazer pessoal. RYBCZYNSKI, W. Op. cit. p.34

⁵⁸¹ LEMOS, Carlos, 1999. Op. cit. p.133.

⁵⁸² SIMSON, Olga R.M. A burguesia se diverte no reinado do momo: 60 anos de evolução do carnaval na cidade de São Paulo. (Dissertação) USP-FFLCH, 1984. p. 35

⁵⁸³ Idem. p.134.

⁵⁸⁴ Sala grande destinada a reuniões e recepções sociais.

⁵⁸⁵ Segundo Roger-Henri Guérant é nesse local que se exibe a riqueza, a educação, e o apuro cultural e social. GUERRANT, Roger-Henri. Espaços privados. . In: PERROT, Michelle et al. Op.cit. .4. p.332

estranhos⁵⁸⁶, local de reuniões, festas e saraus, ele deveria ser o melhor lugar da casa, ostentar luxo e elegância, celebrar a modernidade.

Foram introduzidos os objetos decorativos, espelhos bisotados ou jateados com molduras douradas, bibelôs de porcelana, escarradeiras em porcelana ou prata, lustres e candelabros em cristal, toalhas adameadas ou de veludo, cortinas de renda, seda ou veludo, relógios de parede grande de pêndulo ou relógio pequeno em madeira e bronze, vasos de opalina, pianos, caixas de música. O mobiliário simples foi trocado pelo de luxo, Luís XV ou XVI, conjuntos ingleses da Casa Mapla ou móveis Thonet de palhinha.⁵⁸⁷ Nas paredes tapeçarias Gobelins e Aubussins, obras de arte de pintores ilustres europeus e brasileiros, quadros com paisagens ou retratos dos descendentes e dos donos da casa, gravuras, litogravuras e oleogravuras. Também havia lugar reservado para as recordações de viagens, objetos decorativos ou objetos recebidos como herança cultural de outras gerações.

A sala de visitas, lugar de encontro de homens e mulheres, celebrava seus moradores através dos móveis e objetos decorativos, muito iluminado, sempre com vasos contendo flores. Nesse espaço, ficavam guardados e expostos aos visitantes os melhores tesouros da casa, as coleções herdadas ou reunidas pelos proprietários. Não era um ambiente utilizado nas atividades do dia a dia, eram espaços destinados a receber socialmente e para o lazer.

Até os jardins passaram por amplas modificações, as plantas tropicais nativas foram arrancadas e passou-se a cultivar as plantas européias. Nos anúncios dos jornais de época eram oferecidas mudas de rosas, camélias, magnólias, jasmim, lírios, narcisos e outras. Para o pomar eram oferecido pereiras, ameixeiras, damasqueiros, amendoeiras e vinhas “*das melhores espécies da França*”.⁵⁸⁸, entre outros. Com tão grande

⁵⁸⁶ Estamos considerando como estranho todas as pessoas que não fazem parte do núcleo familiar morador da casa.

⁵⁸⁷ LEMOS, Carlos, 1999. Op. cit. p.134

⁵⁸⁸ FREYRE, Gilberto, 2004. p. 255.

variedade a disposição, tornou-se chique ostentar jardins e pomares ao lado ou à frente das casas. Nas casas simples, de população com menor poder aquisitivo, continuaram a ser cultivadas as plantas nativas juntamente com as consideradas medicinais: poejo, malva cheirosa, alecrim, manjerição, cânfora entre outras. Não podemos nos esquecer do anil, usado para clarear roupas e para pintar portas e janelas.

Em meados do século XIX os costumes ingleses tomavam conta das casas brasileiras, as louças eram inglesas os móveis em jacarandá, foi aposentado o violão e adquirido o piano, e as mocinhas tocavam para aos visitantes músicas inglesas e francesas, sendo o hábito do chá da tarde incorporado às tradições urbanas. A introdução do piano, objeto de desejo das famílias mais abastadas, abriu as portas das residências à sociabilidade: saraus, bailes e serões musicais passaram a fazer parte da vida da burguesia e da aristocracia brasileira.

As residências brasileiras, no começo do século XX, possuíam um amontoado de objetos de estilos e padrões muito diferenciados. Havia peças chinesas de várias dinastias, peças Luis XV e XVI, Henrique II, de estilo renascença, mourisco e manuelino chegando à art-nouveau, tudo isso misturado a peças produzidas por artistas e artesões da terra. Segundo Monteiro Lobato, *“o interior das nossas casas é um perfeito prato de frios dum hotel de segunda. A sala de visitas só pede azeite, sal e vinagre para virar uma salada completa”*.⁵⁸⁹

As poltronas, sofás, pufes e os canapés estavam dispostos de maneira a favorecer o diálogo, constituíam um suporte para o exercício da sociabilidade. Ainda hoje, a sala é o lugar de receber as visitas, os que estão de passagem, os poucos íntimos. Essa sala vai receber a televisão a partir do início da década de 50 do século XX, trazendo consigo os sofás cama. A partir dessa união, sofá cama e televisão, passamos a ter nas casas contemporâneas as salas de televisão, separadas da sala de estar ou de visitas.

⁵⁸⁹ LOBATO, Monteiro. **Idéias de Jeca**. São Paulo: Revista do Brasil, 1919. p. 40.

A “sala de homens” foi substituída no início do século XX, pelo gabinete e/ou sala de jogos, onde o anfitrião podia receber familiares, amigos, correligionários ou mesmo ficar sozinho para ler, escrever ou cuidar dos negócios ou das atividades de ordem pública. Ela recebia uma decoração sóbria, com mobiliário escuro e pesado, um “bureau ministre” ou escrivaninha americana, cadeiras, poltronas, abajures, tapetes, cortinas e equipamento completo para fumantes. Abrigava também a biblioteca, pois possuir livros era símbolo de cultura e erudição. Os livros ricamente encadernados, podiam receber no dorso o monograma de seu proprietário em dourado. Neste espaço, eram discutidos além dos negócios, literatura e política. O lazer ficava restrito ao jogo de cartas ou de xadrez.

Esta sala era por excelência, o lugar de convívio e a sociabilidade dos homens. Segundo Maria Cecília *“Na ausência de pontos de encontro da elite e de academias científicas e literárias, formaram-se no palacete pequenas cortes e salões onde se cultivaram o luxo, a moda, a etiqueta, as formas de cortesia e as atividades artísticas como teatro e a música, abrindo caminho para as vanguardas artísticas da década de 20” (do século XX)*⁵⁹⁰

As novas “salas das mulheres”, criada em fins do século XIX, ficavam a meio caminho da sala de jantar e da cozinha. Ali as mulheres passavam a maior parte do dia, organizando as atividades da casa, distribuindo tarefas aos empregados e, nas horas vagas, conversando, lendo ou realizando trabalhos manuais.⁵⁹¹ Nas paredes as pinturas e gravuras eram quase sempre sentimentais, de flores ou de animais de estimação.⁵⁹² As atividades de lazer femininas, diferentemente das masculinas, eram misturadas com as obrigações domésticas, a mulher continuava no comando da casa, era ela quem cuidava para que todas as atividades do dia a dia fossem realizadas a contento.

⁵⁹⁰ HOMEM, Maria Cecília Naclério. Op.cit. p. 18

⁵⁹¹ NOVAIS, Fernando, coord., 1998, Op. cit. v.3, p. 506.

⁵⁹² RIBEIRO, Maria Isabel M. Reis Branco. **O museu doméstico**: São Paulo, 1890-1920. Dissertação (Mestrado) ECA-USP, São Paulo, 1992. p.126

Foram criadas as “salas de jantar”, com grandes mesas em jacarandá ou madeira de lei entalhadas com assento para doze pessoas, sofás de palhinha, estilo Thonet, aparadores, bufês e console abarrotadas de porcelanas européias e/ou chinesas, baixelas e talheres em prata, copos e taças de cristais. Essas louças especiais ficavam guardadas em cristaleiras ou guarda louças, com estrutura em madeira com vidros marchetados e espelho ao fundo, para que os visitantes pudessem admirar os utensílios ali expostos. Esses utensílios só eram utilizados nas festas e jantares como símbolo de riqueza. Se examinarmos atentamente nossos hábitos cotidianos, verificamos que muito restou em nós dessa tradição, pois ainda guardamos as melhores louças e utensílios para as datas especiais ou festivas. Nas paredes, ficavam os pratos decorativos, medalhões em faiança e bronze, tendo como tema aves, peixes ou frutas, oleografias, aquarelas, gravuras ou pinturas com o tema de naturezas mortas, flores ou a ceia de Cristo.⁵⁹³

A chegada de uma iluminação melhor, em meados do século XIX, muito beneficiou esse tipo de convivência social. Vale dizer que ela chegou primeiro nas teatros e cafés, ruas e praças para depois alcançar os casarões. As velas deram lugar aos lampiões de querosene, com mechas circulares em volta dos queimadores perfurados de fácil oxigenação da chama, conhecidos como belgas e depois foi a vez dos candeeiros de gaz⁵⁹⁴ que forneciam uma melhor iluminação e não tinham cheiro⁵⁹⁵. Porém a chegada da luz elétrica trouxe maior conforto e comodidade às residências.

Uma marca do aburguesamento dos costumes, foram os monogramas⁵⁹⁶, que não tinham só função decorativa, eles serviam para individualizar a peça e passaram a fazer parte dos ritos da vida

⁵⁹³ RIBEIRO, Maria Isabel M. Reis Branco. Op. cit. p 125.

⁵⁹⁴ Vaso de formato variado em que se coloca gás inflamado para iluminação. ACAYABA, Marlene M. coord.. geral, 2001. Op. cit v.2. p.198.

⁵⁹⁵ FREYRE, Gilberto, 2004. Op. cit., p. 254.

⁵⁹⁶ Iniciais do nome próprio ou de família, entrelaçados formando uma cifra ou um sinal. SÉGUIER, Jayme de. **Diccionario práctico ilustrado**. Porto: Liv. Chardron, 1931.

doméstica⁵⁹⁷. De diferentes estilos e materiais, os monogramas, eram usados nas bandeiras de portas e janelas, em ferro ou madeira e no mobiliário em geral como decoração. Nas vestimentas e equipamentos domésticos, louças e talheres, toalhas e guardanapos, lençóis e fronhas, toalhas de banho e rosto, etc. E nos adornos, broches, prendedores de gravatas, botons, fivelas de cintos, etc. Mesmo nas residências mais simples era comum encontrar monogramas, bordados em roupas destinadas ao uso doméstico, adornos e vestimenta.

As varandas tinham um mobiliário mais modesto que da sala de jantar e ela geralmente possuía uma ampla mesa em madeira com grandes bancos de ambos os lados. Mesmo com a criação da sala de jantar, já no século XIX esse espaço foi conservado, sofrendo poucas modificações. Os utensílios, pratos, talheres e copos, utilizados no dia a dia, eram simples. Hoje, guardando as devidas proporções, acreditamos que poderíamos comparar as varandas com as copas das cozinhas modernas, pois ambos os espaços são ligados à cozinha, e é lá que mantemos a tradição de reunir a família no cotidiano e os amigos e familiares nas ocasiões festivas e, ainda hoje, são consideradas o coração da casa.

A cozinha foi o espaço que mais prontamente aderiu às modernizações. A cozinha moderna higienizada deveria ser ladrilhada, possuir água encanada, fogão a gás ou elétrico, paineleiros com painéis de alumínio e boa iluminação. Surgiram as caixas de gelo, que eram abastecidas pelos navios vindos de Nova Iorque⁵⁹⁸ e, posteriormente, junto com a eletricidade, as geladeiras. O fogão caipira, à lenha feito em alvenaria, logo foi substituído pelos novos fogões econômicos⁵⁹⁹, porém até a meados do século XX, ele foi utilizado, mesmo nas grandes cidades, onde já havia dificuldade para se adquirir a lenha. Fogão a gás, um dos símbolos da modernidade, era visto como sinal de bom gosto e prestígio, porém eram

⁵⁹⁷ NOVAIS, Fernando, coord., 1998, Op. cit. v.3, p. 490.

⁵⁹⁸ NOVAIS, Fernando, coord., 1997.v.2. p.48

⁵⁹⁹ Os fogões econômicos eram feitos em ferro e utilizavam carvão vegetal.

inúmeras as residências que apesar de mantê-los em suas cozinhas, no dia a dia continuaram com o fogão de lenha ou carvão.

As panelas e utensílios usados para cozinhar, as pesadas panelas de ferro e barro foram aos poucos sendo substituídas por panelas de alumínio mais leves, moringas de barro para manter a água fresca, armários de guarda-comida com telas de respiro para os alimentos, mesas com gavetas para a guarda de talheres e utensílios, sendo que os bancos foram sendo substituídos pelas cadeiras para proporcionar melhor conforto. A água encanada chegou à casa morada no fim do séc. XIX⁶⁰⁰, os canos eram caros pois, a princípio, eram de ferro importado. Isso explica a localização dos banheiros internos, construídos ao lado das cozinhas, com a finalidade de facilitar a tubulação e economizar encanamentos.⁶⁰¹

No anexo da cozinha, a despensa, aberta ou fechada, passou a abrigar o fogão à lenha, e prateleiras onde se guardava a carne salgada e os grãos, além do tanque. A cozinha foi o primeiro lugar da casa que se mecanizou, recebendo novos utensílios como as máquinas de moer carne, mandioca e milho. A mecanização da casa trouxe, como vantagem, a economia de tempo e esforço, pois permitia que as tarefas diárias fossem realizadas com menor esforço e em menos tempo.

As alcovas, espaços pequenos e sem janelas, decorados modestamente, apenas com uma cama, uma arca, baú ou caixa (onde se guardavam as roupas), um pequeno oratório, um quadro ou gravura do Santo de devoção, foram substituídas por quartos grandes, com janelas amplas, camas largas inglesas, Thonet ou Patente, guarda roupa, camiseiros e penteadeira. No quarto das mulheres, cômodas de tamanhos diversos, mesa de cabeceira ou criado mudo, em madeira e mármore, que servia para a guarda do penico ou urinol, de ágata ou prata, além do

⁶⁰⁰ No Rio de Janeiro a água encanada começa a ser distribuída a partir de 1876, quando o engenheiro Antonio Gabrielli iniciou a construção da rede de abastecimento de água. **HISTÓRIA do abastecimento de água no Rio de Janeiro**. Disponível em <http://www.cedae.rj.gov.br>. Acesso em 20.02.2008.

⁶⁰¹ LEMOS, Carlos. 1999. Op.cit. p. 66.

psichê⁶⁰² e da poltrona. A higiene pessoal continuou a ser feita dentro do quarto nos lavatórios em bacias de cobre, latão, ágata, prata ou porcelana e baldes para a água servida, para o banho gamelas de madeira. Ao final do século XIX e na primeira década do século XX⁶⁰³ a modernização trouxe os banheiros internos, com banheiras de pés de leão, bidês, pia, louças sanitárias inglesas ou americanas, sendo as paredes revestidas de azulejos decorados.

Os novos dormitórios claros e amplos possuíam tapetes, cortinas, abajures e objetos decorativos, as camas contavam com travesseiros e algumas vezes almofadas da Índia ou China. A religiosidade continuava presente através de oratório, imagens de santos ou pinturas sacras. Os santos sempre estiveram presentes na casa brasileira, independente da condição social de seu morador, podiam ser belas imagens trazidas da Europa, toscas estatuetas de barro ou madeira ou na forma de gravuras ou litogravuras fixadas nas paredes, junto às imagens devocionais, ficavam emoldurados os atestados de batismo, crisma e primeira comunhão. Em muitas casas foram construídos altares de madeira, bastantes decorados, que ganharam lugar de destaque visando à devoção doméstica e, em alguns casos, apenas como objeto de decoração. A Capela não mais fazia parte do corpo da casa na área rural, elas foram substituídas pelos altares, ou passaram a ser construídas independente da casa morada.

Quase todas as casas possuíam corredor interno servindo de ligação entre ambientes, além do externo servindo de ligação da casa com a rua. O corredor interno possuía portas que protegiam a parte íntima da casa da parte social. Nas paredes muitos deles possuíam graciosas pinturas ou gravuras com cenas narrativas.⁶⁰⁴ As casas mais abastadas possuíam também o vestíbulo, lugar de passagem, pequenos ambientes que continham o porta chapéu, o porta bengala e o aparador para o cartão de

⁶⁰² Móvel contendo um grande espelho, móvel e inclinável, usado para toailete feminina. **DICIONÁRIO DO ANTIQUARIATO.** Buenos Aires: Editora Codex, 1968.

⁶⁰³ OLIVEIRA, Adriana Mara, 2001. Op. cit. p. 220

⁶⁰⁴ RIBEIRO, Maria Isabel M. Reis Branco. Op. cit. p. 128

visitas e pequenas poltronas estilo Thonet. Era nesse espaço que o visitante ficava aguardando ser recebido pelo proprietário.⁶⁰⁵

A grande mudança ocorrida na casa no século XIX foi à introdução do conceito de privacidade, principalmente nas atividades pessoais e familiares: necessidade fisiológicas, relações sexuais, afetividade, religiosidades e convívio familiar.⁶⁰⁶ As mudanças ocorridas nos elementos semi-fixos, pouco alteraram a distribuição dos ambientes internos fixos, que continuaram assim distribuídos, social (para receber); íntimo e familiar e o de serviços. A porta de entrada, nesse novo mundo urbano, passou a representar o vínculo entre o mundo privado e a rua, entre o pessoal e o social: só é aberta para quem é bem-vindo, sendo permitido sair por ela e participar do mundo social e cultural, mas, ao primeiro sinal de perigo, nos recolhemos, transformando a casa numa fortaleza, assim que fechamos a porta. Assim a casa, lugar de morada, traz inserida nela a segurança do lar e da família.

Há uma grande valorização do interior das residências no final do século XIX e início do século XX, até paredes internas passaram por transformações. Foram colocados papéis de paredes decorados com flores e folhas, ou pinturas ornamentais nas paredes, forros, folha de janelas e portas. Os forros das casas nobres passaram a receber entalhes grandes ou pequenos, dourados ou pintados com cenas, paisagens ou flores⁶⁰⁷. Adquire-se tapetes, cortinas, espelhos e obras de arte visando o embelezamento, conforto o doméstico e a harmonia.

Essas modificações produziram novas formas de viver a vida social e cultural, modificando tradições e alterando para sempre comportamentos. A água encanada, e com ela o banheiro interno, trouxeram novos hábitos higiênicos e sanitários, a luz elétrica abriu as portas para o convívio noturno, seja de natureza cultural ou social. Porém vale ressaltar que todas as modificações aconteceram lentamente, primeiro os que moravam mais próximo da Corte, com uma população mais abastada e intelectualmente de

⁶⁰⁵ Idem p. 123

⁶⁰⁶ HOMEM, Maria Cecília Naclério. Op. cit., p. 23

⁶⁰⁷ Vigamento a vista só era encontrado em casa muito simples. RODRIGUES, José Wasth. Op. cit. p. 172.

nível mais elevado. Esses cidadãos ávidos de novidade e em sintonia com os costumes europeus aderiram rapidamente às modernidades e aos novos equipamentos.

Depois, as novidades nos elementos semi fixos chegaram aos lugares mais distantes através das Estradas de Ferro, sendo muito bem recebidas nas cidades economicamente desenvolvidas, pois possuíam uma população de maior poder aquisitivo, preocupada em se civilizar, segundo os novos costumes. A modernidade, como toda mudança, trouxe também muitos conflitos ao se deparar com os hábitos e costumes tradicionais enraizados, causando muitas controvérsias familiares, pois a parcela da população adulta e idosa teve muitas dificuldades em assimilar os novos hábitos de morar e de viver.⁶⁰⁸

Assim, as casas continuaram evoluindo, arejadas e iluminadas, cercadas de jardins e flores, tornaram-se mais alegres. Pela influência do cinema americano, as dependências da casa ganharam nomes ingleses, hall, WC, living, play ground, etc. As reuniões de família, aos domingos, passaram a ser feitas ao som do piano e do fonógrafo, a música clássica e as marchinhas invadiram a casa morada.⁶⁰⁹ As novas palavras de ordem para as cidades eram: educação, cultura, bons costumes e elegância.

No período entre as grandes guerras, o estilo decorativo rebuscado, foi sendo substituído por um estilo mais limpo, baseado em um triângulo que continha três ângulos: limpeza, saúde e beleza. As casas deveriam ser ensolaradas, assim as pesadas cortinas e os grandes tapetes foram sendo retirados, a nova ordem higienista era recolher tudo o que possibilitava o acúmulo de poeira. Segundo Adolf Loos,⁶¹⁰ *“o que havia sido necessário no passado, não era mais apropriado a um mundo industrializado”*. O mobiliário passou a ter linhas retas, planos ortogonais, superfícies chapadas, pois a

⁶⁰⁸NOVAES, Fernando, coord., 1998. Op. cit.v.3. p. 403

⁶⁰⁹ Idem, p. 418.

⁶¹⁰ Adolf Loos, arquiteto vienense, publica em 1908 um estudo recomendando que os interiores das casas fossem “limpas dos adornos em excesso”. RYBCZYNSKI, W. Op. cit. p.206

industrialização trouxe o metal, os cromados e o plástico, usados em móveis e decoração.⁶¹¹

Em 1925, na Exposition Internationale des Arts Decoratifs it Industrielles Modernes de Paris, Le Corbusier⁶¹², introduz nas cozinhas os armários de aço e os móveis de ferro fundido nas varandas, trouxe também utensílios em vidro barato em substituição aos cristais, e difundiu os novos equipamentos elétricos, procurando fazer da casa “*uma máquina de morar, útil e eficiente*”.⁶¹³

As novas casas, agora menores, práticas e funcionais vieram em substituição aos casarões que eram feitos para durar, para servirem de abrigo a várias gerações com seu mobiliário em madeira maciça, que durariam toda uma vida e que traziam em si o símbolo da permanência e durabilidade, da passagem do tempo, mas que embora sendo feitos para serem eternizados, foram substituídos por móveis mais leves e descartáveis. Os móveis não eram mais utilizados como símbolos de luxo e distinção, mas sim como símbolo de modernidade.

A modernidade, aliada à industrialização, introduziu novas formas e ritmos, materiais e cores, praticidade e leveza. Mudou a visão de mundo, tudo passou a ser construído para não se eternizar, para ser trocado, ser substituído, a partir dos novos lançamentos, por um utensílio ou objeto mais moderno, mais leve, mais prático. A ênfase, agora, era dada à praticidade. As famílias já não se preocupavam com a preservação de um objeto, de um móvel, de um imóvel, tudo podia ser substituído, reformado para melhor atender às novidades. Segundo Cresswell “...*certos inventos provocam outros inventos. Fazer evoluir um utensílio significa fazer com que essa evolução se repercuta em todos os outros utensílios...*”⁶¹⁴. A indústria e o comércio desenvolveram-se, surgindo novos objetos e utensílios, criando assim novas necessidades.

⁶¹¹ NOVAES, Fernando, coord., 1988. Op. cit, v.3. p.576

⁶¹² RYBCZYNSKI, W. Op. cit. p. 198

⁶¹³ Idem. p.198

⁶¹⁴ CRESSWELL, Robert. **Utensílios**. In ENCICLOPÉDIA Einaudi. Lisboa: Imprensa Nacional, 1989. v.1.p.327.

A preocupação com a preservação passou a englobar só os objetos afetivos ou de coleção, coleção própria ou herança cultural, coleção de memória ou lembranças, souvenir de viagens distantes, objetos testemunha de um fato, ato ou conquista, enfim memória afetiva.

Os novos móveis, antes símbolo de posse e poder, deixaram de ser objeto-função⁶¹⁵ para ser objeto-jogo⁶¹⁶; monta-se o aposento de acordo com a imaginação, necessidade e conveniência. Seu valor passou de simbólico à praticidade, não mais reforçando o status social, pois sua relação, à priori, é objetiva, prática e tática. Estão ali para serem usados, devem proporcionar conforto, ser bonitos e flexíveis, funcionais.⁶¹⁷

A popularização da fotografia, no início do século XX, trouxe o hábito de se deixar fotografar. Fotografar a casa, os espaços íntimos cuidadosamente escolhidos e arrumados para eternizar o momento. A imagem fotográfica era usada como recurso de posse e representação social, mostrando só o aspecto belo e positivo, sendo a memória construída no presente. Seus personagens procuravam registrar para o futuro a imagem do presente cuidadosamente trabalhada como símbolo de elegância e modernidade. *“O gesto, a expressão facial, a direção do olhar, assim como objetos pessoais, vestimentas e penteados eram calculados para produzir uma imagem condizente com os símbolos da classe social com a qual a pessoa gostaria de ser identificada”*⁶¹⁸

A fotografia eternizando o momento, é uma representação simbólica que nos fornecerá um rico material que nos ajudará na reconstituição do cenário do passado, esboço da vivência doméstica com a designação e ocupação dos espaços e seus equipamentos de adornos e utilitários devidamente registrados. Para Novais *“Os cenários passam a ditar os estilos,*

⁶¹⁵ Entendemos que objeto função é aquele móvel ou utensílio que é feito para desenvolver uma função pré determinada.

⁶¹⁶ Entendemos que objeto-jogo é aquele que você usa para seu melhor conforto e conveniência, sem se importar se ele foi feito para aquela determinada função.

⁶¹⁷ BAUDRILLARD, Jean, 2004, op. cit. p. 27

⁶¹⁸ MUAZE, Mariana. **As memórias da Viscondessa**: família e poder no Brasil império. Rio de Janeiro: Zahar; Faperj, 2008. p. 149.

*objetos e arranjos obrigatórios para o interior das casas [...] exibindo novos materiais, objetos utilitários e equipamentos de conforto e decoração*⁶¹⁹

O cinema trouxe os sonhos e os novos estilos da arquitetura, da decoração, do vestuário, tornando-se uma vitrine da modernidade. O rádio febre nas casas brasileiras a partir da década de 20 (séc. XX), foi responsável pela propagação dos novos equipamentos e por inserir no ambiente doméstico novos hábitos.

Passamos a ter na casa moderna objetos protocolares⁶²⁰ televisão, geladeira, fogão, liquidificador, etc. que não foram feitos para criar raízes, para serem preservados. Objetos que têm vida definida pela economia de mercado, ali permanecendo só até sair um mais moderno e eficiente. Para Braudrillard *“A publicidade nos quer fazer crer que o homem moderno, no fundo, não tem mais necessidade de seus objetos e que lhe basta operar entre eles como um inteligente técnico de comunicações.”*⁶²¹

As casas passaram a ter o mesmo formato e os mesmos equipamentos, seus espaços internos seguiram a moda ditada pela publicidade, pelo rádio, pelo cinema e mais tarde pela televisão, que propagava os novos produtos, em meio aos dramas e comédias por eles veiculados. Passou-se a dar mais valor à funcionalidade do que à estética, à praticidade do que à beleza, o novo substituindo o velho, o passado devidamente descartado. Os mobiliários, antes herança familiar e cultural, hoje fazem parte dos símbolos sociais de seu tempo. Mesmo os rituais familiares tradicionais, reuniões familiares em datas festivas, quando havia grandes almoços e/ou jantares reunindo todos os membros da família, foram se alterando e com isso alterando também os espaços internos que, antes eram reservados para socialização familiar e hoje não passam de lugares de passagem.

⁶¹⁹ NOVAES, Fernando, coord. 1998. Op. cit.v.3. p. 602

⁶²⁰ Para Ecléa Bosi os objetos protocolares são os encontrados em quase todas as casas e que nelas não criam raízes, se deterioram rápido. BOSI, Ecléa, Op. cit. p.360

⁶²¹ BAUDRILLARD, Jean, 2004, op. cit. p. 33

A casa morada de Rui Barbosa, que não fugiu da influência recebida através dos magazines e cinemas da época, era uma residência onde o luxo, a elegância e a modernidade de seus moradores se faziam presente através do mobiliário, dos adornos e de novos utensílios, muitos dos quais fazem parte da exposição permanente da Casa Museu.

Os novos equipamentos construtivos também estão presentes nos canos de cobre dos banheiros e cozinha, os azulejos e louças importadas, da Inglaterra e da França, nas clarabóias em ferro e vidro colorido, nas janelas e portas de vidro transparentes. Suas salas sociais estão revestidas de papel de parede ou pintadas com pinturas parietais de inspiração romana, musicais e florais (fig.50-51).



Fig.50. Pintura parietal, estilo pompeano, 2009.



Fig.51. Clarabóia no Hall de acesso ao Sótão, 2009.

Podemos considerar que Rui sofreu a influência do moderno, do consumo, e com isso foi adaptando e modernizando os espaços de sua casa morada, buscando praticidade, conforto e elegância. A suntuosidade de seus espaços sociais, são retratados e comentados, nos periódicos de época do Rio de Janeiro.

Selecionando, adquirindo e preservando os objetos de sua residência, objetos de coleção ou recordação, de adorno ou utilitário, ele e sua família se cercaram de bens simbólicos que faziam parte da linguagem silenciosa de sua casa. Analisando hoje seus ambientes, acreditamos que eles não fugiam dos padrões imposto na forma de morar pela sociedade abastada do Rio de Janeiro da época. Sua casa morada, transmutada em Casa Museu, é um patrimônio cultural digno de ser preservado.

4.4. A casa como lugar de representação

A casa “é o centro geométrico do mundo [...] tudo é tão penetrado de afetos, móveis, cantos, portas e desvãos que mudar é perder uma parte de si mesmo, é deixar para trás lembranças que precisam desse ambiente para reviver” Bosi⁶²²

A casa faz parte da memória de todas as pessoas, está presente em todos os lugares e nos mais diversos meios sociais, carrega em si cenários de nossa privacidade. Esses cenários domésticos são compostos de elementos diversos, objetos e pessoas, com temporalidades específicas, inseridas na sua própria história social e cultural de quem a produziu e de quem ali morou, fazendo parte da memória coletiva. A casa como representação é um lugar de memória, uma fronteira entre o mundo público e o privado.

Considerada o centro do mundo, a partir dela traçamos nossos perfis, nossa memória é marcada pelo tempo passado na casa morada, nascimento, casamento, formatura, morte, etc. Mesmo nosso tempo social é formado nela, é lá que foi determinado o tempo de dormir e acordar, de comer e de brincar, de ir a escola ou ao trabalho, criamos raízes com a casa e lá construímos nosso passado sonhando com nosso futuro.

⁶²² BOSI, Ecléa, 1987. Op. cit. p.357

O espaço da casa é formado por preferências, laços, simpatias, lealdade pessoais, compensações, bondades ou maldades, que fazem parte do cotidiano das pessoas que ali viveram ou compartilharam de um tempo cíclico, no qual as transformações acontecem lentamente e são transmitidas de geração a geração. A decoração segue um “discurso poético”⁶²³ onde os objetos se comunicam em uma linguagem íntima, quase secreta com seus moradores.

Ao estudarmos uma casa podemos relacionar sua história, as práticas culturais e sociais, a cultura material e imaterial, através de seus móveis e objetos, e da vida cotidiana de quem ali morou e sonhou, sua ideologia e suas crenças. Para Baudrillard *“Os móveis se contemplam, se oprimem, se enredam em uma unidade que é menos espacial do que moral [...] Neste espaço, cada móvel, cada cômodo por sua vez interioriza sua função e reveste-lhe a dignidade simbólica: completando a casa inteira a integração das relações pessoais no grupo semi-fechado da família”*⁶²⁴

A transformação de uma casa moradia em uma casa memória é feita através de sua representatividade e dos valores a ela atribuídos por uma comunidade. A re-visitação de seus espaços tem a capacidade de estabilizar o tempo, despertar emoções, relembrar situações escondidas no fundo da memória individual ou coletiva de uma família, organização, sociedade ou nação, pois o imaginário produz conhecimento e multiplica significados, através do processo associativo.⁶²⁵

O modo de lembrar é individual, tanto quanto social, o grupo transmite, retém e reforça as lembranças, mas o recordador⁶²⁶ vai

⁶²³ Segundo Baudrillard o discurso poético se dá entre o tradicional, móveis e objetos, e o belo, segundo orientações de seu proprietário no momento de compor o ambiente. É ele que dita as regras de decoração e funcionalidade seguindo orientação de seu tempo social. BRAUDRILLARD, Jean, **O sistema dos objetos**. São Paulo: Perspectiva, 2004. p. 31

⁶²⁴ BAUDRILLAD, Jean. 2004. Op. cit. p. 22

⁶²⁵ FERRARA, Lucrecia d’Alessio. Cidade, imagem e imaginário. In: SOUZA, Célia Ferraz; PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Imagens urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002. p. 103.

⁶²⁶ Estamos considerando como recordadores as pessoas envolvidas na montagem do cenário de uma casa museu, pois ele(s), juntamente com a comunidade embasados na história oficial e não oficial, nos

trabalhando os objetos que servirão como detonadores dessas lembranças, individualizando a memória coletiva, re-significando os espaços, selecionando o que lembrar e como lembrar, criando assim os apoios da memória, como diz Ecléa Bosi *“faz com que fique o que signifique”*.⁶²⁷ Ao fazer essa seleção e registro dos objetos, fragmentos, que serviram para reconstruir um tempo e/ou prestar homenagem a um personagem, cria-se à relação com o ausente, no presente, significando as lembranças e assim compartilhando memórias. Pois, segundo Ecléa Bosi *“Cada um desses objetos representa uma experiência vivida. Penetrar na casa em que estão é conhecer as aventuras afetivas de seus moradores.”*⁶²⁸

Assim, ao fazermos novas perguntas sob o mesmo tema poderemos reviver as lembranças dos envolvidos nessa construção e descobrir novos aspectos de um personagem ou fato, criando novas interpretações no imaginário⁶²⁹. Sabemos que o passado é estático não muda, porém o presente é uma constante mudança, e cada mudança produz um novo olhar ao passado, recriando-o. Em uma Casa Museu somos meros observadores e tentamos, através de fragmentos e vestígios, construir um cotidiano, um mundo presumido, um simulacro. Para Bourdieu *“A casa, memória silenciosa e determinante, estabelece a metáfora do habitus, fornecendo um referencial, uma aparência da realidade.”*⁶³⁰

Através das pesquisas documental, imagética e dos objetos que fazem parte do acervo da casa morada iremos construir as narrativas que tecem a teia que irão fazê-la falar com o visitante, desvendando os silêncios e recriando a ambientação, a experiência e a história de vida de seu proprietário transformando assim uma casa morada em uma casa memória.

depoimento de familiares e de ex-frequentedores da casa morada, irão eleger os objetos testemunhas que serão usados para resignificar os espaços da casa, transformando-a em lugar de memória.

⁶²⁷BOSI, Ecléa. Op.cit. p. 21

⁶²⁸Idem. p. 360.

⁶²⁹ SOUZA, Célia Ferraz. Construindo o espaço de representação ou o urbanismo de representação. In: In: SOUZA, Célia Ferraz; PESAVENTO, Sandra Jatahy. Op. cit.. p.109.

⁶³⁰ Usaremos habitus como um conjunto de padrões adquiridos de pensamento, comportamento, gosto, etc., elo entre as estruturas sociais abstratas e a prática social concreta. BOURDIEU, citado por CERTEAU, Michel de. v.1. Op. cit. p. 127.

O visitante de uma Casa Museu tem necessidade de entender essa re-significação, essa relação entre o ambiente arquitetônico, o objeto e seu proprietário, levando-o a tecer o processo associativo, atribuindo-lhe sentido, criando, através do imaginário social, novas leituras e conhecimentos tornando-se capaz de multiplicar os significados. Quando essas imagens não conseguem alcançá-lo elas perdem as características e passam a ser apenas uma casa, um espaço, sem capacidade de despertar a memória afetiva, incapaz de despertar lembranças que fazem parte da memória coletiva. Pois, para haver interação entre o objeto, o ambiente e o visitante é necessário que ele reconheça e identifique o cenário ali representado.

A recepção da imagem representada é uma função que supõe participação, interação e experiência compartilhada, que permita comparação com sua vivência e memória individual, produzindo assim novos conhecimentos. Os objetos e a ambientação vão garantir a permanência, serão signos, representação de um cotidiano particular que se quer preservar, parte da história biográfica do personagem, ponto de referência para os cidadãos, lugar de memória, parte do imaginário social e cultural de uma comunidade, região ou cidade.

A narrativa construída para dar vida à ambientação deve partir o mais fielmente possível dos fatos históricos ali acontecidos, transformando o real em um testemunho do passado, objeto de admiração e desejo, coerente com seu tempo histórico. Então, a narrativa histórica deve ter como componentes a história, a biografia e o folclore, pois elas serão contadas e recontadas, sendo permanentemente recriadas, com a função de se construir e manter como um mito, o personagem que se quer homenagear.

O mito de seu personagem (proprietário da casa) só se sustenta quando há uma tradição que o mantenha, quando há a preocupação de uma comunidade ou de um grupo social de lembrá-lo e repassá-lo para a próxima geração. A história irá, através do trabalho de pesquisa, analisar e construir um discurso que norteará a memória, porém só será memória

quando esta for capaz de restabelecer os laços, entre o passado e o presente, e que o ligaram à memória coletiva.

A casa elemento de representação social, quando se transforma em Casa Museu, faz com que seja agregado a ela também o valor de patrimônio e de representação cultural. Passa a ser um monumento histórico, marco de uma identidade cultural, parte da memória coletiva de um local, cidade ou região, construindo um sentimento de pertencimento. Para Augé *“O lugar é a construção concreta e simbólica do espaço, sendo ele, simultaneamente, um princípio de sentido para aqueles que o habitam e de inteligibilidade para quem observa. Além de histórico, o lugar antropológico pretende-se identitário e relacional, pois filia-se ao todo social e espacial.”*⁶³¹

⁶³¹ AUGÉ, Marc **Não lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus, 1994. p. 54

Capítulo 5. A Casa Museu Rui Barbosa

“Nunca podemos recuperar totalmente o que foi esquecido. E talvez seja bom assim. O choque do resgate do passado seria tão destrutivo que, no exato momento, forçosamente, deixaríamos de compreender nossa saudades” W. Benjamin⁶³²

5.1. A casa: espaço de vida cotidiana

Iremos analisar se a Casa Museu Rui Barbosa cumpre a função de manter viva a memória de seu homenageado, objetivo maior de uma Casa Museu, e se um visitante através do roteiro de visita⁶³³ proposto é capaz de apropriar-se dos espaços transmutando-o para um lugar afetivo capaz de despertar vivências e transmitir conhecimento.

Não podemos esquecer que hoje está muito em pauta o “turismo de memória”, lugares de memória destinados a homenagear personagens históricos ou artísticos que fazem parte do roteiro turístico de grandes e pequenas cidades, e que através da divulgação desses espaços pretendem atrair o público, entrando de vez no que conhecemos como indústria do patrimônio cultural.

Nossas Casas Museus devem procurar integrar-se com a comunidade dos locais onde se estabelecem e criar, com os lugares, vínculos que possam desenvolver ações como instrumento de divulgação e legitimação estabelecendo políticas culturais compartilhadas, pois *“uma política cultural se define pelas escolhas e empreendimentos, no entanto, se depara com uma variedade de concepções. [...] Tratar a coisa morta como uma coisa viva, partilhável, permite a reiteração dos traços mnésicos que se confundem com os acontecimentos presentes. [...] reafirmando o museu como um canal de comunicação e conhecimento”*.⁶³⁴

⁶³² BENJAMIN, Walter. Infância em Berlim. In: _____. **Rua de mão única**. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 135.

⁶³³ Encontramos referências sobre um Guia de visita⁶³³, proposto por Regina M. Real conservadora e chefe da Seção Técnica da Casa e publicada pela Casa de Rui Barbosa, Esse Guia da Casa Museu foi publicado provavelmente no fim da década de 40, do século passado, porém não conseguimos encontrá-lo.. FUNDAÇÃO Casa de Rui Barbosa. Rui, sua casa e seus livros. Rio de Janeiro: FCRB, 1980. p.179.

⁶³⁴ RODRIGUES, Débora de Almeida. **O museu como instituição-memória**. (texto) p. 2.

Não podemos nos esquecer da importância da preservação do patrimônio, pois como já vimos o patrimônio para ser respeitado e preservado precisa ser conhecido, assim a busca de identificação com a comunidade é essencial para a preservação do monumento, visto no sentido mais amplo do termo onde estão incluídos não só o arquitetônico, mas tudo o que está dentro e ao redor. Devemos assim imbuir de valores o bem patrimonial que se quer preservado, seja ele artístico, simbólico, histórico, econômico, político ou científico, ressaltando sua importância e ligação afetiva e cognitiva com a comunidade, salvando-o da destruição e esquecimento⁶³⁵.

5.2. Os ambientes internos e externos: enquanto morada, enquanto museu

“Não que o passado lance a sua luz sobre o presente ou que o presente lance luz sobre o passado, mas “imagem” é, aí, aquilo em que o pretérito se junta, de modo fulgurante, com o agora, em uma constelação”
W. Benjamin⁶³⁶

Estudaremos os ambientes internos e externos da Casa Museu Rui Barbosa, baseados nas fotográficas antigas, no levantamento fotográfico atual e também através da iconografia impressa em periódicos da época em que ele e sua família moravam na casa, levando-se em conta que essas imagens são valiosas para a reconstrução da ambientação e da vivência do personagem e de seus familiares. *“Imagens são especialmente valiosas na reconstrução da cultura cotidiana de pessoas comuns...”*⁶³⁷

As mais antigas, datam de 1918-1923, período em que seu proprietário e familiares ali moravam dando vida às atividades cotidianas e sociais em seus espaços funcionais. São fotos que se encontram disponíveis no Arquivo da Fundação Casa de Rui Barbosa e também retiradas de revistas e jornais de época.

⁶³⁵ CHAGAS, Mário de Souza. Casas e portas da memória e do patrimônio. **Em questão**. v. 13, n. 2, p. 1-10, 2007. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/seermigrando/ojs/index.php>. Acesso em 22 04 2008. p. 3.

⁶³⁶ Apud MESQUITA, Zilá; SILVA, Valeria P. da. Lugar e imagem: desvelando significados. **Estudos Históricos**, CPDOC, Rio de Janeiro, n.34, 2004. p.1

⁶³⁷ BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: história e imagens. Bauru: Edusc, 2004. p. 99

As segundas são fotografias de Cristiano Mascaro⁶³⁸ e datam de 1999, quando os espaços já haviam sido transformados em casa museu, estando museograficamente arrumado, salientando que este fotógrafo não fotografou todos os ambientes. Usaremos também fotografias atuais que se encontram disponível no site da Fundação Casa de Rui.

As imagens fotográficas cumprem aqui a função de estimular nossas memórias individuais e coletivas, nos transportando para o tempo em que a família Rui Barbosa a ocupava, com a elegância e suntuosidade de uma época, que pode ser verificado através das fotografias. *“No caso de imagens de interiores de casas, o “efeito realidade” é ainda mais forte [...] o passado quase pode ser sentido e tocado, bem como visualizado”*....

Utilizaremos as imagens dentro de uma narrativa histórica e biográfica de seu personagem que organizamos, não esquecendo que o espaço arquitetônico interno e externo da residência foi adaptado segundo os gostos e necessidades de seus ocupantes, levando-nos, em alguns momentos, a questionar se determinado espaço foi originalmente construído para esse ou aquele fim específico. Porém, como vimos nos capítulos anteriores o morador ao tomar posse de uma casa o faz de maneira funcional e afetiva, delineando em seus cantos os arranjos e objetos necessários para seu conforto próprio e familiar.

A interpretação da fotografia buscará mostrar a ocupação do espaço, de um monumento arquitetônico do século XIX, um lar, um lugar afetivo, uma casa morada. A materialidade expressa nas imagens procuraram despertar no imaginário a representação de um espaço cotidiano íntimo, familiar e social que deverá estar representado e re-significado dentro da Casa Museu.

*“O testemunho de imagens é ainda mais valioso porque revelam não apenas o artefato do passado (que em alguns casos foram preservados e podem ser diretamente examinados) mas também sua organização...”*⁶³⁹

Partiremos da premissa de que a fotografia é uma interpretação *“...a fotografia é, antes de tudo, um olhar que recorta, seleciona; um olhar subjetivo cheio de emoção e de uma idéia de mundo: um olhar que interpreta”*⁶⁴⁰

⁶³⁸ Imagens iconografias publicadas na obra: LAMOUNIER, Bolívar. **Rui Barbosa**; fotografias de Cristiano Mascaro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

⁶³⁹ BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: história e imagens. Bauru: Edusc, 2004. p.121

⁶⁴⁰ PINHEIRO, 2000. Apud MESQUITA, Zilá; SILVA, Valeria P. da. Lugar e imagem: desvelando significados. **Estudos Históricos**, CPDOC, Rio de Janeiro, n.34, 2004. p.3

É necessário que elas sejam recolocadas no contexto histórico no qual foram produzidas, pois sabemos que nesse período histórico estava embutido nelas, entre outras coisas, o status social de ser fotografado, de se perpetuar através da fotografia. De mostrar a família, a casa, o ambiente congelado para a sociedade, os ambientes preparados, as posições encenadas para perpetuar o melhor ângulo, o espaço mais nobre, os objetos mais significativos socialmente.

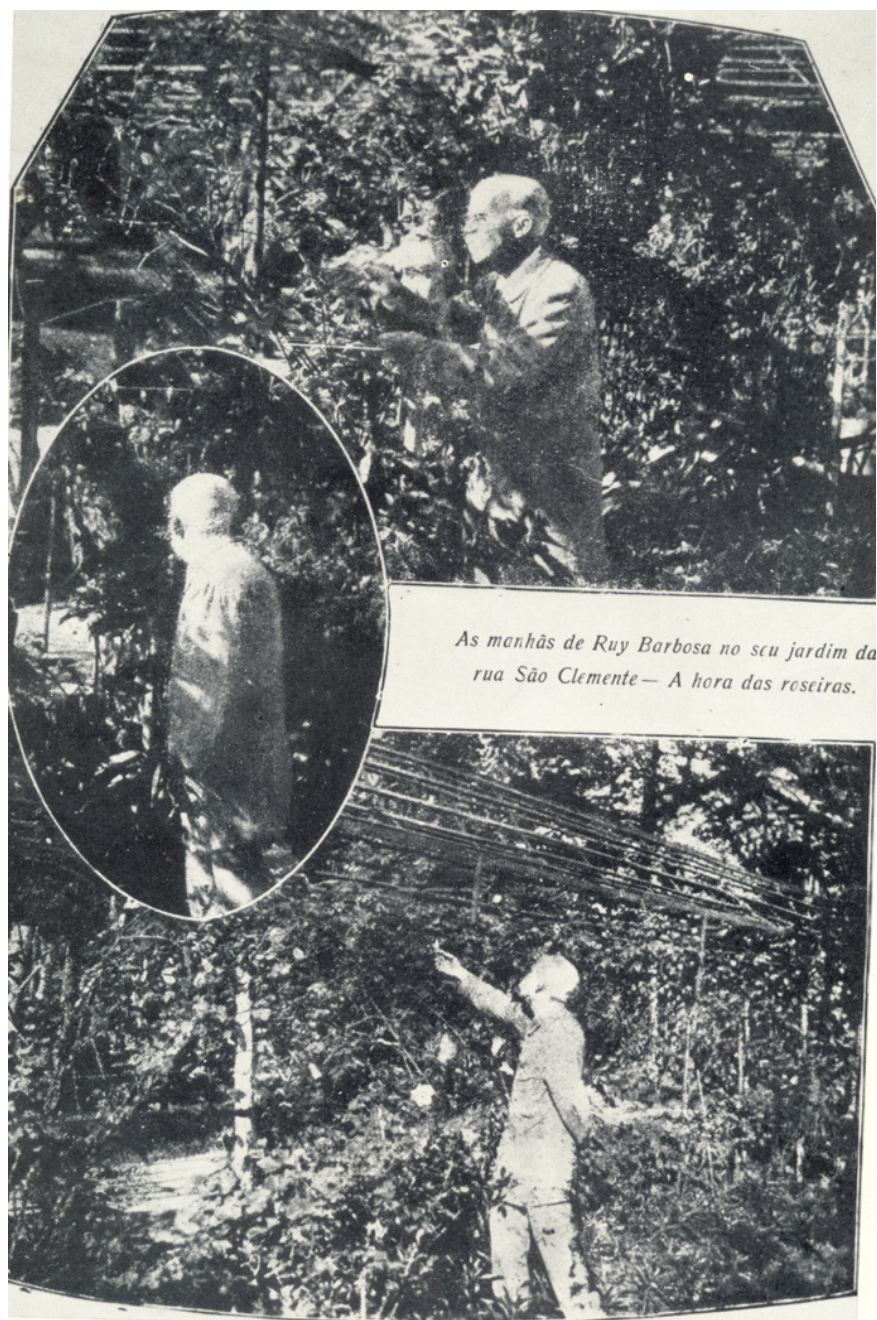


Fig.52. Rui e seu canteiro de rosas na residência da São Clemente. c1918.



Fig.53. Rui em um dos seus Gabinetes, c1910

Assim, essas fotografias não serão utilizadas como verdade absoluta, mas como um documento norteador para a análise da ambientação da Casa Museu, enquanto espaço verossímil da casa morada relacionando-se com a documentação levantada do período: documentos manuscritos, documentos impressos, plantas da residência datada de 1966, depoimentos de familiares, amigos, empregados e freqüentadores da casa, assim como depoimentos de funcionários da Casa Museu Rui Barbosa.

Podemos especular se Rui deixava-se retratar em sua casa com o objetivo de passar uma imagem de bom homem, pai de família, com raízes na comunidade, levando-se em conta que: “... *em todas as épocas, aqueles que governam sempre utilizaram pinturas e imagens para melhor inspirar as pessoas com os sentimentos, que lhes deixavam dar...*”.⁶⁴¹

⁶⁴¹ BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: história e imagens. Bauru: Edusc, 2004. p. 74

A BIBLIOTHECA DE RUY



2205E

O grande e rico salão da bibliotheca de Ruy Barbosa, que é, das particulares, uma das mais notaveis do mundo.



2206E

Divan que se encontra na bibliotheca do grande brasileiro, em que elle costumava descansar das fadigas da leitura.



2207E

O illustre homem de pensamento meditando, certa manhã, na banca de trabalho do famoso gabinete gothico de sua bibliotheca.

Vice 2208E

Fig.54. Fotos de sua Biblioteca e de seus Gabinetes, 1923.



Fig.55. Interior da residência da Rua São Clemente, 1923.

Examinando as imagens da casa de Rui, publicadas em revistas com cunho social de época: *Revista Fon-Fon*, *Revista Paratodos*, *Revista da Semana*, a partir de 1918 até a sua morte em 1923, podemos dizer que essas imagens estavam carregadas de valores, com a nítida intenção de reforçar o mito. Podemos vê-lo já idoso, vestindo um pijama listado, sentando em um banco no jardim interno da casa, ou mesmo na atividade que mais lhe dava prazer na velhice, cuidando de suas preciosas rosas (fig.52) ou elegantemente vestido, pronto para um embate político, na Biblioteca de sua residência (fig.53).

Vemos também o ambiente luxuoso de sua residência (fig.54-55), principalmente nos espaços sociais e de trabalho, devidamente ordenados para serem fotografados, e chegam, através do periódico, nas mãos dos muitos seguidores e admiradores, que poderiam através delas adentrar no cotidiano do homem público, figura referência da cultura, sócio e politicamente.

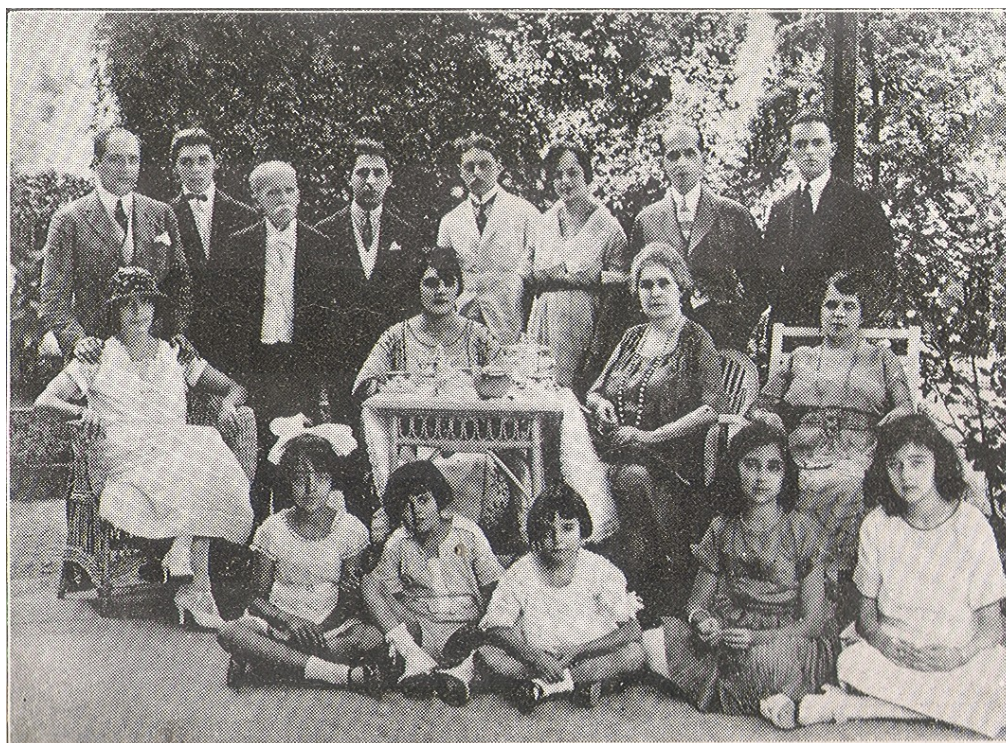


Fig.56. Rui e familiares na residência de Petrópolis, jan.1923

Usaremos não só essas fotografias, montadas e arrumadas para circularem fora do círculo familiar, mas procuraremos também utilizar fotos familiares, pois essas, acreditamos eram tiradas com o objetivo de registrar um momento, um acontecimento, testemunha da existência de pessoas, de lugares, prova da veracidade da memória que se quer passar para as gerações futuras. Essas fotos

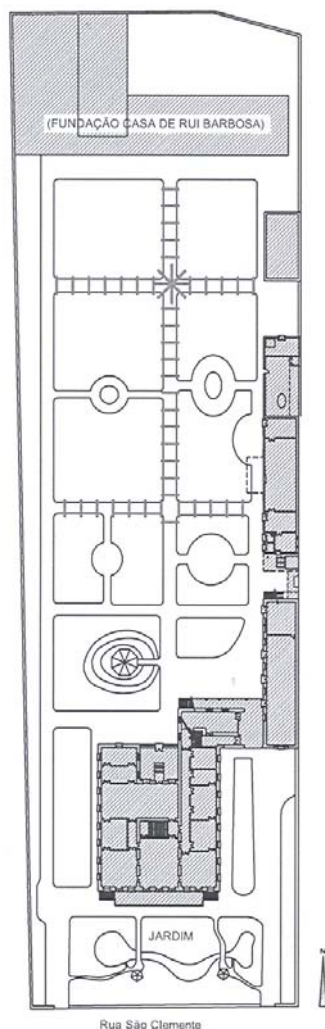
documento podem se tornar foto emblema⁶⁴², e serem distribuídas para uma grande gama de familiares, pois estarão cristalizando um momento que se espera, dentro do mundo familiar (fig.56), passível de narrativas que despertem emoções e sentimentos.

Partindo desses fragmentos de histórias ambicionamos entender o ambiente sagrado da família de Rui Barbosa, tendo a casa como representação do espaço familiar, partindo da premissa de que todos os objetos que fazem parte da foto fazem parte integrante da história familiar, ali representada, registrando também a sua presença não como objetos aleatórios, mas como cenário que se quis apresentar.

Não perdendo de vista a premissa de que *“A vida não se reduz aos papéis sociais que são desempenhados no dia a dia. Cada indivíduo é bem mais que isso: parte de uma vida mais longa, é um elo na cadeia da história que o contém e lhe dá transcendência, da qual as fotografias são a prova irrefutável.”*⁶⁴³

⁶⁴² BARROS, Myriam M. Luis. Memória e família. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, n.3, 1989. p. 29-42. p. 39.

⁶⁴³ BARROS, Myriam M. Luis. Op.cit. p.. 41.



LOCAL

CASA DE RUI BARBOSA

Rua São Clemente, 134, Botafogo, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

IDENTIFICAÇÃO

Baseada na Planta Baixa do 1º Pavimento, 18 dez. 1967, Fundação Casa de Rui Barbosa, Arquivo

ESCALA

DATA

S/Escala

280709

TÍTULO

IMPLANTAÇÃO (1º Pavimento e Térreo)

www.casaruibarbosa.gov.brUNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
IFCH - H - PPGH - ÁREA PMC

MESTRADO EM HISTÓRIA

LUGAR DE MORADA COMO LUGAR DE MEMÓRIA: a construção de uma casa museu, a Casa de Rui Barbosa - RJ.

ROSAELENA SCARPELINE
RA: 050825

5.3. Com licença Sr. Rui: vamos transpor os portões

Vamos tomar a liberdade de utilizar a descrição da casa feita por Edgard Baptista Pereira⁶⁴⁴, antigo freqüentador da época em que Rui morava nela:

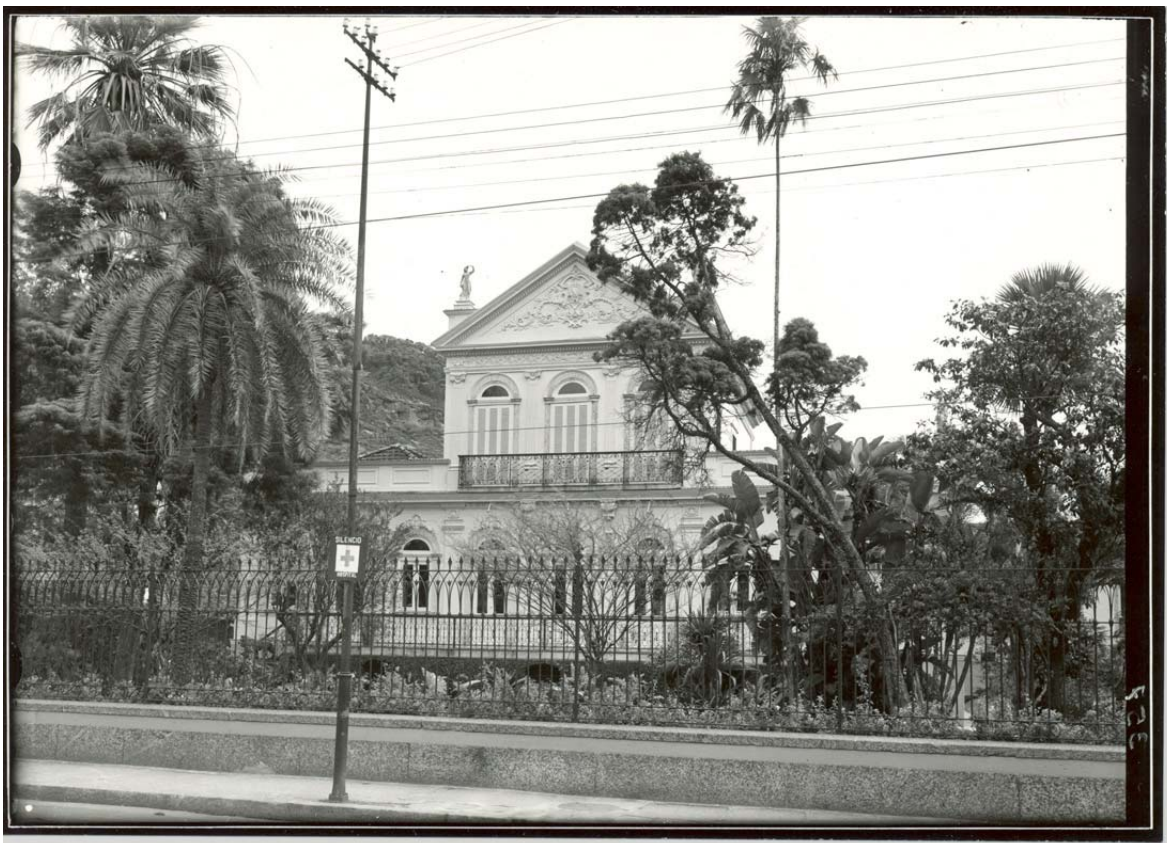


Fig.57. Fachada da casa da Rua São Clemente, c1923

“Dois portões dão acesso à Vila Maria Augusta: um, quase sempre fechado, abrindo para um caminho de paralelepípedos, que costeia o edifício e vai até o fundo do Parque, outro, em cujo portal se encontra uma placa, primeiro com o nº 104, depois com o nº 134, que até hoje conserva, dando para uma rua asfaltada que vai até o arco, de onde sai à porta gradeada, a porta de todos os dias, que dá para o interior da mansão “

“A casa(fig.57) de Rui compõe-se de duas alas, ligadas por um arco, a cuja esquerda se abre à porta de entrada quotidiana. A ala esquerda começa a uns 10 metros da grade exterior tendo-se-lhe acesso por uma escadaria de dois lances ligados por um passadiço para o qual abrem os

⁶⁴⁴. Descrição da casa feita por Edgard Baptista Pereira, freqüentador da casa morada PEREIRA, Edgard Baptista. **A Casa de São Clemente**. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1949. p. 13

*três amplos salões de recepção, sendo o do centro maior que os outros dois.*⁶⁴⁵

“Do primeiro salão a leste nasce um corredor, tendo de um lado três peças e uma sala de banhos, que são as acomodações do casal Rui Barbosa e de sua filha Maria Luísa e do lado oposto, o grande salão da biblioteca e três gabinetes anexos. Ao lado da biblioteca, uma escada vai ter ao andar superior, constituído por três peças de dimensões regulares, que são os aposentos do casal Antônio Batista Pereira. No fundo do corredor, uma escadinha nos leva à sala de conversa, ao salão de jantar e à sala de almoço. Esta já faz parte da outra ala, constituída, em cima, de copa, cozinha, despensa e dois quartos e, em baixo, de um escritório e dependências da criadagem. A cocheira, depois transformada em garagem, está separada da casa.”



Fig.58. Vista do jardim frontal, 2009.

“Um jardim onde as roseiras predominam, cerca a vivenda. Na frente cortado por duas pontezinhas (fig.58), um lago ingênuo sobre o qual se debruça uma estátua despretensiosa, em bronze: uma águia dominando uma serpente. Rui encontrou-a ao comprar a vivenda”

⁶⁴⁵ PEREIRA, Edgard Baptista. Op. cit. p. 14.



Fig.59. Fachada da Casa de Rui, 2009.

européu, como o frontão triangular, pilares de seção retangular semi-embutidos nas paredes, janelas e portas arrematadas com vergas em arco pleno, platibandas cheias com esculturas coroando os seus vértices.

Vamos então transpor os portões e, atravessando o jardim frontal, chegamos à entrada social da casa que era feita através da varanda frontal, tendo-se acesso pelas duplas escadarias, adornadas com um par de leões (fig.60) em ferro fundido⁶⁴⁷ em pedestal de granito.

Escadas de mármore branco com cinco degraus possuem seu balaústre em ferro

Podemos, por meio dessa descrição ter idéia da composição e distribuição espacial da moradia de Rui e de sua família, uma casa ampla, cercada de jardins floridos e lagos artificiais que provocava a admiração de seus freqüentadores.

A casa é um edifício neoclássico⁶⁴⁶, construído no centro do terreno, afastada dos alinhamentos de divisa, cercado com um amplo jardim de mais de 9.000.00m². Sua fachada de proporções equilibradas (fig.59) é composta de vários elementos característicos do neoclassicismo

Fig.60. Leões na escada frontal, 2009



⁶⁴⁶ CZAJKOWSKI, Jorge. **Guia da arquitetura colonial, neoclássica e romântica no Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2000. p. 48

⁶⁴⁷ Os leões foram fundidos na Fundição Val d'Osne, a figura do leão eram as preferidas para a entrada dos palacetes, pois evocava nobreza e distinção ao proprietário. Fundação Casa de Rui Barbosa. www.casaruibarbosa.gov.br. Acesso em 03/03/2009

ornado com flor de Liz, o corrimão é de madeira. A sacada externa possui piso hidráulico nas cores areia, bege e vermelho, as paredes têm acabamento em pintura na cor rosa⁶⁴⁸. Por ela se tem acesso aos três ambientes sociais da residência: Sala de Recepção, Salão de Festas e Sala de Música.



Fig. 61. Fachada onde está incrustada na alvenaria Vila Maria Augusta, 2009

Faremos o percurso da entrada dos portões até a Recepção da Casa Museu, que era o mesmo utilizado pela família em seu cotidiano, assim iremos acessar a porta de entrada da residência que existe através da Entrada dos Arcos, onde podemos ler incrustada na parede de alvenaria *Vila Maria Augusta* (fig.61), chegando à porta de entrada utilizada cotidianamente pela família quando casa morada e onde hoje fica a recepção da Casa Museu. Não sem antes sermos recebido pelo próprio Rui Barbosa (fig.62), que nos espera logo na entrada, fachada leste da casa, na forma de um busto em mármore branco sob um pedestal de granito⁶⁴⁹. Dali ele recebe todos os visitantes.

⁶⁴⁸ No momento de nossa visita estava sendo realizado um trabalho de manutenção da fachada da Casa Museu.

⁶⁴⁹ O referido busto é cópia do busto em bronze que se encontra no Saguão da Biblioteca Nacional e que foi inaugurado por ocasião das comemorações do Jubilei Cívico de Rui Barbosa, em 12 de agosto de 1918, feita pelo escultor português Rodolfo Pinto de Couto. A que se encontra no jardim foi oferecida a Casa pelo

Fig. 62. Busto de Rui Barbosa, 2009.



O percurso de visitação que iremos seguir é o que consta no folder distribuído aos visitantes⁶⁵⁰, proposto pelos gestores da Casa Museu. As visitas são sempre acompanhadas, por um monitor ou na falta dele, por um guarda da Casa Museu.

O visitante munido do folder percorre os ambientes. Em todos os ambientes abertos para a visitação há uma legenda do ambiente, logo na entrada, em um pedestal, onde constam algumas poucas informações sobre o mesmo: esclarecimento sob o nome atribuído na sua da inauguração, e informações sobre alguns objetos mais significativos.

No folder, existe também um pequeno histórico da casa, informações sobre os acervos e o jardim. Assim, começaremos a visita seguindo o roteiro sugerido, não sem antes salientarmos que o folder não contempla todos os pavimentos existentes, assim como a área externa, o andar térreo e o prédio da Fundação construído no fundo do terreno. Vamos incluir alguns desses ambientes, não pontuados pelo folder, mas que fazem parte do percurso e dividiremos por pavimento para um melhor entendimento do leitor. Seguiremos por:

Pavimento térreo:

Entrada dos Arcos

Recepção

1º Pavimento

Corredor principal

interventor baiano Juraci Magalhães, em 11 de agosto de 1933. REIS, Cláudia Barbosa. 2000. Op. cit. p. 16.

⁶⁵⁰Brasil, Ministério da Cultura. **Museu Casa do Rui Barbosa**. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura/FCRB, [2009]. folder

1. Sala de Haia (Quarto da filha – Gabinete Holandês)

Banheiro

2. Sala Hábeas Corpus (Quarto do casal)
3. Sala Maria Augusta (Quarto de Vestir de Maria Augusta)
4. Sala Pró Aliados (Sala de visitas)
5. Sala da Federação (Salão de festas)
6. Sala Buenos Aires (Sala de música)
7. Sala Civista (Gabinete Gótico)
8. Sala da Constituição (Biblioteca)
9. Sala do Casamento Civil (Quarto de vestir de Rui Barbosa)
10. Sala do Código Civil (Quarto particular de Rui Barbosa)

Sótão

Hall de acesso ao 3º Pavimento

11. Sala Abolição Quarto do casal Pereira Batista
12. Sala do Estado de Sitio (Quarto das netas)
13. Sala da Instrução Pública (Hall do sótão)

1º Pavimento

14. Sala João Barbosa (Sala de conversa)
15. Sala Bahia (Sala de jantar)
16. Sala Questão Religiosa (Sala de almoço)

Copa

Sacada e escada de acesso ao Jardim Interno

Corredor de serviço

Banheiro

18. Sala Queda do Império (Quarto da Babá)

20. Cozinha

Pavimento térreo

Entrada de Serviço da residência

Garagem e cocheira

Na da inauguração da Casa Museu, o então Presidente da República Washington Luis, procurando homenagear o personagem e reforçar o mito “Águia de Haia”, nomeou cada um de seus ambientes com um nome que lembrasse a atuação de Rui na política, na jurisprudência, na advocacia e na vida familiar. Vamos

respeitar os nome que eles têm na atualidade, e ao lado iremos nomeando cada um deles quando então casa morada.



Fig.63. Escultura da águia do jardim frontal, 2009

Entrada dos Arcos – Pavimento Térreo



Fig.64. Entrada dos Arcos, 2009.



Fig.65. Porta de entrada da Casa Museu, 2009.

Localização: Entrando pelo portão de ferro de acesso da Rua São Clemente, atravessando o jardim frontal, pela alameda asfaltada, à leste da casa, abaixo do arco onde está incrustada na alvenaria “Vila Maria Augusta” (fig.64), encontramos a entrada de acesso ao primeiro andar da casa. O piso é hidráulico, as paredes são revestidas a meia parede de azulejos em dois tons de verde, formando um desenho geométrico, com barra de flores verdes, acima até o forro é azulejado de branco com a mesma barra de flores verdes rente ao forro de madeira. Essa entrada possui uma porta de duas folhas⁶⁵¹ de ferro ornado (fig.65), que era fechada, à

⁶⁵¹ Um par de portas de abrir com dobradiças em cada ombreira, que se juntam no centro.

BURDEN,Ernest. **Dicionário ilustrado de arquitetura**. 2.ed. Porto Alegre: Buokman, 2006. p. 274.

noite, para proteção da família e também possui uma porta de madeira de duas folhas que dá acesso à sala de guarda volumes. Fez parte das “pequenas reformas” encomendadas por Rui e Maria Augusta, ao adquirirem a casa o trabalho de alvenaria para nomear a casa com o nome de sua esposa, prestando assim uma homenagem à sua amada “Cota”.

Função original: Entrada cotidiana da família, os carros estacionavam abaixo dos arcos dessa entrada para que as pessoas desembarcassem.

Função Casa Museu: Entrada de acesso à Casa Museu.



Fig.66-67. Placas incrustadas na parede da entrada da CMRB, 2009.

Análise: Esse ambiente apresenta-se hoje como uma recepção para a entrada de acesso à Casa Museu. Há incrustado nas paredes várias placas em bronze (fig.66-67), colocadas em diferentes épocas, prestando homenagem ao personagem Rui Barbosa. Elas aludem a feitos e datas comemorativos, reforçando seu papel na vida política e educacional no Brasil: três delas o homenageiam como sendo o “Percussor da Educação Física no Brasil”; “Sesquicentenário do nascimento de Rui” “Da inauguração de Casa de Rui Barbosa” e outras.

Recepção – Pavimento térreo



Fig.68. Segunda porta de entrada da CMRB, 2009.



Fig.69. Escada de acesso ao 1º Pavimento, 2009.

Localização: Após transpormos a porta de ferro chegamos à porta de entrada da casa morada, que era utilizada cotidianamente pela família Rui Barbosa. Uma porta de duas folhas, em madeira e vidro opaco com desenho de flores (fig.68). O piso é hidráulico e as paredes do ambiente são revestidas de madeira entalhada, para amenizar os efeitos da umidade⁶⁵², seu forro é em estuque com barrado. Uma escada⁶⁵³, em madeira, com dez degraus revestidos de tapete vermelho (fig.69), leva ao Hall do andar superior e seu balaústre é em madeira torneada. Logo na entrada, há um busto em bronze⁶⁵⁴ de Rui Barbosa mais uma vez recepcionando seus visitantes.

Função original: Entrada cotidiana da família

⁶⁵² FUNDAÇÃO Casa de Rui Barbosa. **Rui, sua casa e seus livros**. Rio de Janeiro: FCRB, 1980. p. 167.

⁶⁵³ O primeiro degrau dessa escada é em pedra.

⁶⁵⁴ Este busto, originalmente em gesso, é de autoria de Vicente do Rego Monteiro, foi presenteado a Rui por um grupo de alunos da Escola de Belas-Artes do Rio de Janeiro. Em 1949, e comemoração ao centenário de nascimento de Rui ele foi fundido em bronze, pela Fundação Zani, que fez além dessa que se encontra no Recepção da Casa Museu, várias outras que foram enviadas a instituições relevantes. REIS, Cláudia Barbosa, 200. Op. cit. p. 17.

Função Casa Museu: Entrada de acesso a Casa Museu, onde fica o balcão de recepção.

Análise: Esse ambiente é a recepção da Casa Museu, aqui encontramos informações sobre o funcionamento da casa, recebemos o folder, assinamos o livro de visitas e recebemos o acompanhamento para a visita orientada.

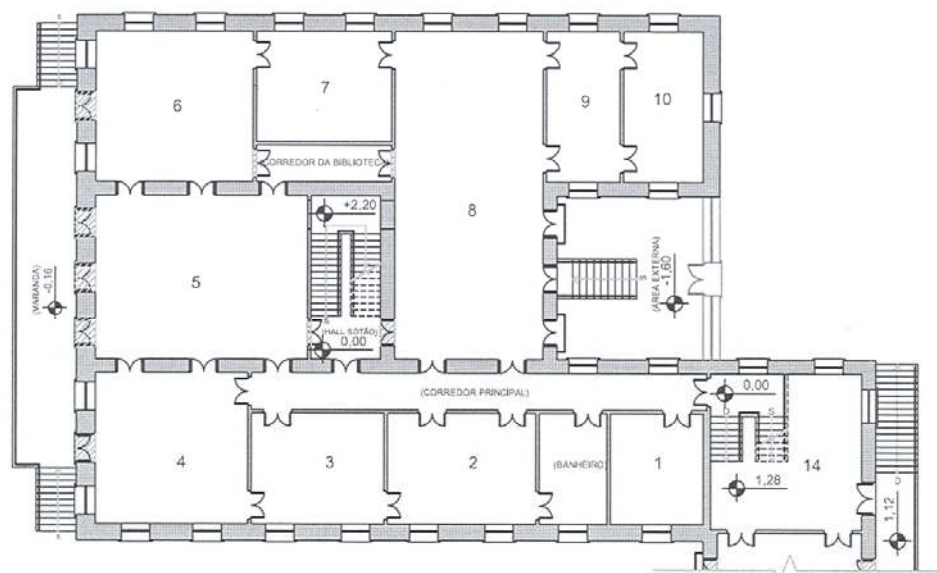
Uma sala em anexo é utilizada para visitantes guardarem seus pertences, nela há um balcão e atrás dele existe um grande painel (fig.70) com fotos de Rui e sua esposa em diferentes períodos da vida e algumas frases do próprio Rui⁶⁵⁵. Porém, não sendo uma passagem obrigatória, ele acaba passando despercebido pela maioria dos visitantes.



Fig.70. Painel com fotos de Rui e sua família, e algumas frases dele. 2009.

Acreditamos ser necessário apresentar um panorama familiar de Rui Barbosa para começar a ambientar o visitante à Casa Museu, mostrando todos os membros da família que residiram ali através de fotos, nomes e data de nascimento

⁶⁵⁵ O visitante só tem ir a esse ambiente quando for necessário utilizar o armário para guardar os pertences, do contrario ele tem acesso direto as escadas para o andar superior.



PLANTA 1º PAV. - BLOCO SUL

Ambientes

- 1 - Sala de Haia (Quarto da filha)
- 2 - Sala Hábeas Corpus (Quarto do casal)
- 3 - Sala Maria Augusta (Quarto de vestir de Maria Augusta)
- 4 - Sala Pró Aliados (Sala de visitas)
- 5 - Sala da Federação (Salão de festas)
- 6 - Sala Buenos Aires (Sala de música)
- 7 - Sala Civista (Gabinete Gótico)
- 8 - Sala da Constituição (Biblioteca)
- 9 - Sala do Casamento Civil (Quarto de vestir de Rui Barbosa)
- 10 - Sala do Código Civil (Quarto particular de Rui Barbosa)
- 14 - Sala João Barbosa (Sala de conversa)



Legenda

acesso ao público não permitido

LOCAL

CASA DE RUI BARBOSA

Rua São Clemente, 134, Botafogo, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

IDENTIFICAÇÃO

Baseada na Planta Baixa do 1º Pavimento, 18 dez. 1967. Fundação Casa de Rui Barbosa. Arquivo

ESCALA

1:250

DATA

280709

TÍTULO

PLANTA 1º PAV. - BLOCO SUL

www.casaruibarbosa.gov.br

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
IFCH - H - PPGH - ÁREA PMC

MESTRADO EM HISTÓRIA

LUGAR DE MORADA COMO LUGAR DE MEMÓRIA: a construção de uma casa museu, a Casa de Rui Barbosa - RJ.

ROSAELENA SCARPELINE
RA: 050825

Corredor principal - 1º Pavimento – Bloco Sul



Fig.71. Corredor principal, 2009.



Fig.72. Clarabóia do corredor principal, 2009.

Localização – O acesso a esse ambiente é feito a partir do Hall de entrada, primeiro pavimento, seguindo pelo corredor principal da casa. O corredor (fig.71-72) é um ambiente de 19.5m² que possui duas janelas na fachada oeste e dez portas, assim distribuídas: uma de acesso para o Gabinete Holandês, uma de acesso para o Banheiro do casal, duas de acesso para o Quarto do Casal, uma de acesso para o Quarto de Vestir de Maria Augusta, uma de acesso para a Sala de Recepção, uma de acesso para o Salão de Festas, uma de acesso para o Hall do sótão, e duas de acesso para a Biblioteca. Todas as portas são de duas folhas em madeira com bandeira de vidro transparente. Seu piso é de soalho de madeira larga, suas paredes são revestidas em papel de parede branco, tom sobre tom formando desenhos, seu forro é em estuque pintado com um barrado de flores e há uma clarabóia em vidro fosco, branco e verde, para melhor iluminação. Há três arandelas a gás, mantida pela família mesmo após a introdução da luz elétrica.

1. Sala de Haia (Quarto da filha - Gabinete Holandês) - 1º Pavimento – Bloco Sul



Fig.73. Sala de Haia, c.1925

Localização: O Gabinete Holandês (fig.73), primeiro ambiente a ser visitado, é um quarto de 18,33m², com apenas uma janela para a fachada leste, Entrada dos Arcos, e uma porta de duas folhas, em madeira com bandeira de vidro de acesso para o corredor principal. Seu piso é de soalho madeira larga, a parede revestida de papel de parede verde com pequenas bolas brancas e seu forro é de madeira. Possui cortinas na janela, na cor bege, e um tapete estampado na extensão da sala.

Origem do nome: Em homenagem à atuação de Rui na Segunda Conferência Internacional da Paz, em Haia, Holanda em 1907, onde defendeu o princípio de igualdade entre as nações.

Função original: Quarto da filha caçula Baby, Maria Vitória Rui Barbosa, que enquanto morou com os pais ocupava esse aposento. Não encontramos registro de como o ambiente se configurava nesse período.



Fig.74. Gabinete holandês, em Petrópolis, c.1923

Função Casa Museu: Simulacro do escritório de Rui na casa de Petrópolis (fig.74), os móveis foram adquiridos pelo governo brasileiro e transferidos para a casa da Rua São Clemente. Os móveis que fazem parte desse escritório, foram adquiridos por Rui na Holanda em fins de 1907, na Casa Pander & Zonen.⁶⁵⁶ Feitos em madeira castanheiro e carvalho com elementos decorativos entalhados estilo renascença,⁶⁵⁷ vieram da Europa por navio, seguindo direto para a casa de Petrópolis⁶⁵⁸. Conhecido como Gabinete Holandês, nome dado por seu proprietário devido a seus móveis terem sido adquiridos na Holanda. Ao observamos a foto de 1923, notamos que há uma pequena diferença no que tange aos objetos encontrados nessa sala.⁶⁵⁹

⁶⁵⁶ Quando os adquiriu Rui, mandou instalá-los no Hotel Schwvningen, onde estava hospedado durante a Conferência de Haia. REIS, Claudia Barbosa. **Álbum de objetos decorativos**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1997.p. 18

⁶⁵⁷ Idem.p. 18

⁶⁵⁸ BANDEIRA, Carlos Viana. Op. cit. p. 267.

⁶⁵⁹ Objetos que compõem o escritório de Petrópolis: uma secretária em madeira empalhada; três cadeiras com assento e encosto de couro; uma estante de três corpos fechada com vidro transparente, com três gavetas e três portas inferiores; um relógio de mesa com uma caixa quadrada em madeira e uma cúpula com alça; dois relógios de mesa, formatos diferenciados; lâmpada de mesa, com base e armação de metal, cúpula móvel de vidro sépia fosco; mata borrão; tinteiro; vaso; jarra; vaso solitário em cristal; par de



Fig.75. Sala de Haia, foto do site da FCRB, 2009.

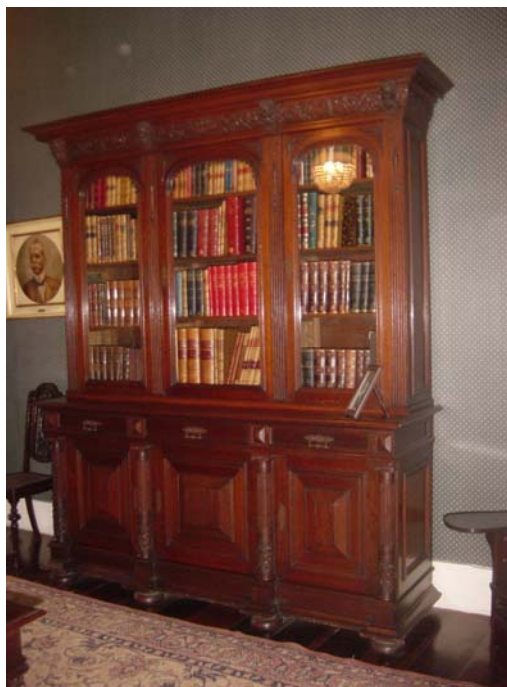


Fig.76. Estante de livros da Sala Haia, 2009.



Fig.77. Escrivania de Rui, 2009.

Objetos que fazem parte da exposição permanente (fig.75):

- Uma secretária em madeira empalhada (fig.77)
- Duas cadeiras com assento e encosto de couro
- Uma cadeira de braço com assento e encosto de couro

esculturas de camponês, figura masculina e feminina; lixeira; potiche em porcelana; duas fotos emolduradas, pendurada na parede; tapete em toda extensão da sala; cortinas de renda e veludo

- Duas cadeiras com assento de palhinha e encosto torneado e vazado.
- Uma espreguiçadeira em madeira
- Uma estante de três corpos fechada com vidro transparente, com três gavetas e três portas inferiores.(fig.76)
- Medalhão de cerâmica com o retrato de Rui, marca Joost Thooft, de Oosteider, Delft-Holanda, 1907.⁶⁶⁰
- Retrato a óleo de Pedro Peres
- Porta retrato da filha Baby, quando menina.
- Armário em madeira e vidro com três prateleiras, onde estão expostos: carimbador em metal; caneta de pena em metal com corpo decoração de uma serpente em metal amarelo; lupa em metal decorada por madrepérolas; tinteiro em cristal, formato trapezoidal com tampa em prata; caneta de pena, corpo em prata e tartaruga; porta penas em metal dourado; caneta de pena em madeira envernizada; pasta em couro granulado marrom com a seguinte inscrição Ruy Barbosa, Advogado, Rua do Rosário, 74; espátula em marfim, utilizada para abrir páginas dos livros.⁶⁶¹
- Luminária de mesa, com base e armação de metal, cúpula móvel de vidro sépia fosco, marca Tiffany's, 1913⁶⁶²
- Tapete com estampa na extensão da sala
- Quatro fotos emolduradas lembrando atuação de Rui em Haia

Análise: Do quarto original, da filha Baby, não há nenhum vestígio pois o ambiente foi transformado em mais um dos escritórios de Rui. Julgamos interessante preservar-se esse mobiliário tão precioso, adquirido por seu proprietário especialmente para a casa de Petrópolis. Porém, é necessário esclarecer e situar a casa de veraneio no ambiente, lembrando que esse ambiente pretende ser um simulacro do ambiente de Petrópolis, a pequena legenda do ambiente traz as algumas poucas informações sobre isso. Esse ambiente sóbrio e ao mesmo tempo simples traz a presença de seu proprietário por meio das várias fotos que relatam sua atuação em Haia. Julgamos apenas ser necessário rever as legendas que acompanham as imagens e os objetos, dando mais informação ao visitante.

⁶⁶⁰ Oferecido a Rui por Filinto E. R. Viana de Abreu, diplomata, no verso há a seguinte inscrição: Á inteligência insuperável, ao brasileiro mais notável, à alma sublime e portentosa, o Conselheiro Rui Barbosa, Paris, 23 de novembro de 1907. REIS, Cláudia Barbosa. **Homenagens**. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2000. Op. cit. p. 21

⁶⁶¹ Essa descrição dos objetos faz parte da legenda que acompanha o armário de exposição na Casa Museu.

⁶⁶² REIS, Cláudia Barbosa, 1997. Op. cit.,p. 19

Banheiro - 1º Pavimento – Bloco Sul



Fig.78. Banheiro, foto site da FCRB, 2009.

Localização: Seguindo pelo corredor principal, segunda porta a esquerda. Acredita-se que esse cômodo não faça parte da construção original e foi acrescentado na



Fig.79. Pia em mármore bege e biombo, 2009.

primeira reforma feita por Rui. Ambiente de 13,39m², uma janela voltada para a fachada leste, Entrada dos Arcos, possui duas portas de duas folhas em madeira com bandeira de vidro transparente, uma de acesso para o corredor principal e uma de acesso diretamente para o quarto do casal. Seu piso é de azulejos brancos com rodapés ornados com desenho geométrico azul. Ele recebeu uma pavimentação embutida de chumbo para vedação, encomendada por Rui⁶⁶³, possui barrado de azulejo até a metade do pé direito na cor

⁶⁶³ Essa reforma foi feita em fevereiro de 1900, nessa ocasião foi mandado instalar um chuveiro, que não faz parte hoje da exposição permanente. BANDERIA, Carlos Viana. Lado a lado de Rui: 1876-1923. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1960. p. 224.

branca com barra, seu forro é de madeira. O chuveiro foi mandado instalar por Rui, as louças e ferragens são de origem inglesas.⁶⁶⁴

Função original: Banheiro (fig.78)

Função Casa Museu: Banheiro (fig.79-80)

Objetos que fazem parte da exposição permanente:

- Porta toalha térmica, séc. XIX, aquecido por meio de circulação de água quente em seu interior.⁶⁶⁵
- Arandela a gás, de metal amarelo e opalina branca, séc. XIX⁶⁶⁶
- Espelho de cristal emoldurado em madeira trabalhada
- Pia em mármore bege com duas bacias, pés em ferro, duas torneiras em bronze
- Banheira com pés de leão
- Duas cadeiras em palhinha com assento e encosto em palhinha
- Jarro de ágata para banho
- Balde de porcelana para águas servidas
- Biombo de três partes em madeira, vidro e tecido bege florido
- Cortina bege



Fig.80. Banheira em louça branca com pés de leão, 2009.

⁶⁶⁴ Foram encontradas informações anteriores que conflitam com a informação encontrada na legenda do ambiente, onde é atribuída a reforma do banheiro ao segundo proprietário da casa Comendador Albino de Oliveira Guimarães. REIS, Cláudia Barbosa. **Saúde, higiene e toalete**. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2002. p. 25.

⁶⁶⁵ Os canos de cobre conduziam a água através do fogão de lenha localizado na cozinha, onde era aquecida por meio de uma serpentina que chegava até o porta toalha no banheiro. Fundação Casa de Rui Barbosa. www.casaruibarbosa.gov.br. Acesso em 03/03/2009

⁶⁶⁶ Fundação Casa de Rui Barbosa. www.casaruibarbosa.gov.br. Acesso em 03/03/2009

Análise: Acreditamos que seria interessante chamar a atenção do visitante sobre como esse ambiente era moderno para a época em que Rui e sua família se utilizavam dele: a água encanada, que já existia quando Rui adquiriu a casa, a louça inglesa importada, a forração de chumbo no piso para melhor vedação, os bicos de gás que foram mantidos mesmo com a chegada da luz elétrica e explicar o funcionamento do porta toalha térmico, muito utilizado por eles. Também é interessante chamar a atenção pela ausência do chuveiro, e falar sobre a presença do biombo, para esconder o vaso sanitário.

2. Sala de Hábeas Corpus (Quarto do casal) - 1º Pavimento – Bloco Sul



Fig.81. Quarto do casal, c1923

Localização – Seguindo pelo corredor principal, a terceira porta à esquerda, ao lado do banheiro do casal. Ambiente de 29,61m² possui duas janelas para a fachada leste, Entrada dos Arcos, com quatro portas de duas folhas, em madeira com bandeira de vidro transparente, duas de acesso para o corredor principal, uma de acesso para o quarto de vestir de Da. Maria Augusta e uma de acesso para o banheiro do casal. Seu piso é de soalho de madeira larga, as paredes são revestidas de papel de parede listado nas cores bege, marrom, vinho e azul, seu forro é de madeira. A cama do casal está instalada acima do piso em um tablado de madeira, revestido com tapete bege.

Origem do nome: Rui foi o advogado que primeiro requereu, junto ao Supremo Tribunal Federal da República, o *habeas-corpus* sobre matéria política em favor de presos políticos, em 18 de abril de 1892.⁶⁶⁷

Função original: Quarto do casal (fig.81)

Função Casa Museu: Quarto do casal (fig.82)



Fig.82. Quarto do casal, 2009.

Objetos que fazem parte da exposição permanente⁶⁶⁸:

- Cama de casal de metal amarelo com meio dossel, de origem inglesa, adquirida em 1894.
- Guarda-roupa em madeira, com duas gavetas e três portas, com espelho em cristal⁶⁶⁹
- Cômoda penteadeira com cinco gavetas e duas portas laterais, tampo de mármore bege, espelho de cristal emoldurado em madeira com duas partes móveis.(fig.83)
- Penteadeira com cinco gavetas, tampo de vidro transparente e espelho de cristal emoldurado
- Par de criados mudos com uma gaveta e um compartimento fechado com espelho emoldurado e tampa de mármore bege
- Genuflexório de madeira entalhada, séc. XIX⁶⁷⁰ (fig.84)

⁶⁶⁷ **RUI Barbosa:** cronologia da vida e da obra. 2.ed. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1999. p. 99.

⁶⁶⁸ Objetos que estavam presentes no Quarto do Casal em c1923 e que não fazem parte da exposição permanente: Relógio pequeno de mesa; Dois pequenos porta retratos emoldurados; Castiçal em prata para uma vela; Passadeira florida; Dois tapetes pequenos ao redor da cama; Um tapete aos pés da cama.

⁶⁶⁹ Os móveis desse aposento são em estilo francês, séc. XX, exceto a cama. Fundação Casa de Rui Barbosa. www.casaruibarbosa.gov.br. Acesso em 03/03/2009.

- Bacia e jarro de prata francesa, estilo rococó, com monograma MARB, marca Ferry e Baccarat, França, séc. XIX- XX⁶⁷¹
- Par de apliques para bico de gás de cristal, recortado e gravado
- Abajur de metal prateado, em estilo art-nouveau, marca Kayser, Alemanha, início séc. XX
- Par de abajures de mesa de prata laminada, vazada, marca Mappin & Webb/Gorhan & Co. Sheffield, Inglaterra, 1902⁶⁷²
- Duas cadeiras com assento em palhinha e encosto estofado em cetim estampado com flores
- Divã bege estampado com flores
- Par de apliques para bico de gás de cristal, recortado e gravado
- Um retrato emoldurado de Maria Augusta
- Virgem com o rosário, óleo sobre tela, c. 1894, autor anônimo, cópia do original de Murillo.⁶⁷³
- Crucifixo em madeira
- Colcha de cetim bege acompanha duas almofadas do mesmo tecido



Fig. 83. Cômoda penteadeira, 2009.



Fig. 84. Genuflexório, 2009.

⁶⁷⁰ Móvel em que se ajoelha para rezar com apoio para os braços. SÉGUIER, Jayme de. **Dicionário prático ilustrado**. Porto: Liv. Chardron, 1931. p.529

⁶⁷¹ Faz parte desse conjunto: dois frascos para perfume, porta-esponja, porta pó de arroz, porta pentes, púcaro para pó de arroz e saboneteira. REIS, Cláudia Barbosa. 1997. Op. cit. p. 23

⁶⁷² REIS, Cláudia Barbosa. 1997. Op. cit. p. 21

⁶⁷³ A original dessa pintura se encontra no Museu Prado em Madri, ela foi adquirida por Rui quando no exílio a caminho da Inglaterra. Fundação Casa de Rui Barbosa. www.casaruibarbosa.gov.br. Acesso em 03/03/2009

Análise: Esse ambiente está muito bem preservado, a inclusão de algumas fotos do casal traria o personagem e sua esposa para dentro do quarto. Também acreditamos que seria interessante ressaltar a presença do genuflexório no aposento, pois segundo depoimento de Da. Maria Augusta “*Rui nunca se deitou sem rezar de joelhos, e quando casou, recomendou-lhe que fizesse o mesmo*”⁶⁷⁴.

Dar destaque para esse objeto, não como objeto de decoração, mas de devoção de toda uma vida.

⁶⁷⁴ Depoimento de Américo Jacobina Lacombe Apud MAGALHÃES, Rejane M.M. de Almeida. Op. cit. 93

**3. Sala Maria Augusta (Quarto de vestir de Maria Augusta) - 1º Pavimento
– Bloco Sul**



Fig.85.Quarto de vestir de Maria Augusta, c1923



Fig.86. Quarto de vestir Maria Augusta, foto site da FCRB, 2009.

Localização: O ambiente encontra-se no corredor principal, pela terceira porta, ao lado do quarto do casal. Ambiente de 26,32m² possui duas janelas para a fachada leste, Entrada dos Arcos, com três portas assim distribuídas: uma de acesso para o corredor principal, outra de acesso para o quarto de dormir do casal e a terceira de acesso para a sala de recepção, todas as portas de duas folhas, em madeira com bandeira de vidro transparente. Seu piso é soalho de madeira larga, as paredes possuem pintura parietal em rosa pastel emolduradas com flores, o forro é de estuque com uma delicada pintura de anjos e flores (fig.87) que torna assim o ambiente bastante feminino.



Fig.87. Detalhe do forro decorado, 2009.

Origem do nome: Uma homenagem a sua esposa, Maria Augusta, companheira de 46 anos de vida em comum.⁶⁷⁵ Os móveis desse ambiente foram feitos pela Casa Leandro Martins.

Função original: Quarto de vestir de Maria Augusta (fig.85).

Função Casa Museu: Quarto de vestir de Maria Augusta (fig.86)

Objetos que fazem parte da exposição permanente⁶⁷⁶:

- Penteadeira em madeira com espelho em cristal, tendo um recipiente em prata para flores.

⁶⁷⁵ Fundação Casa de Rui Barbosa. www.casaruibarbosa.gov.br. Acesso em 03/03/2009

⁶⁷⁶ Objetos que estavam presentes no Quarto de Vestir de Maria Augusta e que não fazem parte da exposição permanente: Duas cadeiras, em madeira arredondada, com braços de madeira vazada; Retrato de Maria Augusta, ovalado emoldurado em madeira; Retrato de Rui, ovalado emoldurado em madeira; Retrato de Rui em porta retrato pequeno; Retrato de uma menina, emoldurado em madeira; Três pinturas emolduradas: sendo duas pequenas e uma grande; Três almofadas, sendo: duas quadradas e uma redonda; Par de vasos solitários; Vaso em faiança; Cachepô; Duas Santas; Um biscuit; Par de vasos pequeno; Um relógio de mesa pequeno; cinzeiro; Porta guarda sol em prata; Tapete estampado em toda a extensão do aposento.

- Penteadeira com três espelhos em cristal, sendo dois móveis, com cinco gavetas e tampo de vidro transparente.
- Guarda-roupa em madeira, com duas portas com espelhos de cristal, tendo no centro quatro gavetas e um compartimento fechado com vidro, tampo de mármore bege. (fig. 88)
- Guarda roupa de três portas com espelhos em cristal na porta central, duas gavetas laterais.
- Mesa redonda em madeira
- Uma secretária⁶⁷⁷ em madeira com três gavetas
- Mesa de canto redonda em madeira
- Duas cadeiras, em madeira com acento em palhinha e encosto entalhado e vazado
- Marquesa em madeira com assento em palhinha
- Canapé em madeira com assento em palhinha e encosto em madeira vazada
- Abajur montado em vaso, família Mandarin, China, séc. XIX⁶⁷⁸
- Abajur em pasta de vidro e pé de metal, c.1900
- Porta guarda sol em porcelana decorado com palmeiras azuis
- Porta guarda sol em prata
- Leque de pluma de avestruz
- Foto emoldurada da casa onde Rui nasceu em Salvador
- Retrato de Maria Augusta, pastel, 1922, pintado por Gustave Brisgand (fig.89)



Fig.88. Guarda roupa com espelho, 2009.



Fig.89. Retrato de Maria Augusta, 2009.

⁶⁷⁷ Móvel armário com um corpo superior provido de portinholas ou prateleiras, mesa onde se escreve e onde se guardam documentos importantes. Dicionário do antiquariato. Buenos Aires: Codex, 1968. p. 98

⁶⁷⁸ A informação sobre a marca e procedência desse objeto faz parte da legenda do ambiente.

Análise: Os móveis desse ambiente permaneceram, em sua totalidade, como pudemos comparar por meio da fotografia de c1923. Notamos que era um ambiente essencialmente feminino, com muitos vasos e flores, bem a gosto de sua proprietária, a religiosidade se faz presente os Santos de devoção. As toalhas de crochê e as almofadas espalhada nas cadeiras e no chão dão mais um toque feminino esse aposento.

No ambiente atual, notamos a falta desse toque feminino pois é um ambiente sem a complexidade de objetos e adornos. Uma narrativa histórica descrevendo a elegância de Maria Augusta, seu gosto por chapéus e adornos, sua habilidade com a costura e algumas fotos dela em diferentes ocasiões, poderiam induzir o visitante a se conectar com a personagem ali representada. Também alguns adornos no próprio ambiente como toalhas, almofadas e flores poderiam despertar a lembrança afetiva do visitante e trazer a mulher forte e elegante que existia por traz do homem frágil e inteligente.

4. Sala Pró Aliados (Sala de Visitas) - 1º Pavimento – Bloco Sul



Fig.90. Sala de visitas, c1923



Fig.91. Sala de visitas, 1999



Fig.92. Sala de visitas. Foto site da FCRB, 2009.

Localização: Seguindo pelo corredor principal temos acesso direto a essa sala, sua entrada fica no fim do corredor. Se entrarmos pela escada social da casa, esse é o primeiro ambiente que encontraremos. Um ambiente de 40,96m² possui quatro janelas, duas para a fachada principal (fachada sul) e duas para a fachada leste, Entrada dos Arcos, possui cinco portas, assim distribuídas: uma de acesso para a varanda frontal com duas folhas em madeira e vidro com bandeira de vidro transparente, duas de acesso para o Salão de Festas, uma de acesso para o corredor principal e uma de acesso para o Quarto de Vestir de Da. Maria Augusta, todas com duas folhas, de madeira com bandeira de vidro colorido. Seu piso é em soalho de madeira larga, a parede é revestida de papel de parede branco, tom sobre tom, seu forro é em estuque ornamentado e pintado com motivos florais. O papel de parede⁶⁷⁹ não é o mesmo que aparece nas fotos de 1923, mas não conseguimos informações se essa troca foi feita pela família. Essa sala era utilizada como a entrada principal da residência para visitas, sociais ou oficiais e permanecia fechada no cotidiano.

⁶⁷⁹ Pela análise da fotografia de c1923, vemos que o papel de parede que existia possuía estampas, o atual é branco. Não encontramos dados de quando foi feita a troca.

Origem do nome: É uma homenagem à atuação de Rui enquanto presidente da Liga Brasileira pelos Aliados, quando condenou as atrocidades cometidas pela Alemanha na primeira Guerra Mundial sobre a Bélgica e Luxemburgo.⁶⁸⁰

Função original: Sala de recepção para visitas(fig.90).

Função Casa Museu: Sala de visitas (fig.91-92)



Fig. 93. Cadeiras estilo D. José I, 2009.



Fig. 94. Portas de acesso às salas sociais, 2009.

Objetos que fazem parte da exposição permanente⁶⁸¹:

- Seis cadeiras em estilo D. José I, de madeira com encosto em madeira vazada, assento estofado na cor rosa.⁶⁸²(fig.93)
- Canapé, estilo D. José I, estofado na cor rosa.⁶⁸³

⁶⁸⁰ Fundação Casa de Rui Barbosa. www.casaruibarbosa.gov.br. Acesso em 03/03/2009.

⁶⁸¹ Objetos que estavam presentes na Sala de Recepção e que hoje não se encontram na exposição permanente: Biombo em madeira escura decorado com motivos florais, de quatro painéis, que escondia a porta do corredor; Sofá de dois lugares estofado e estampado; Armário em madeira com duas portas com respiros; Abajur de cúpula de tecido; Figura de Cristo emoldurada em madeira; Tapete com motivos florais em toda a extensão da sala; Almofada em formato de meia lua; Cortina branca rendada nas portas de acesso ao salão de festas; Cortina de tecido estampado na porta de acesso ao corredor

⁶⁸² Esse conjunto de cadeiras foi presente de Antonio Batista Pereira a Rui, ele as adquiriu à Sé de São Paulo. REIS, Cláudia Barbosa. Álbum de objetos decorativos. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1997. p.28

- Seis cadeiras em madeira castanho, assentos forrados de tecido na cor rosa, e encosto de madeira entalhada e vazada estilo Império.⁶⁸⁴
- Duas cadeiras de braços de madeira castanho, assento, encosto e braço forrados de tecido na cor rosa
- Cachepô de porcelana inglesa, séc. XIX
- Perfumador de ambientes de porcelana alemão, séc. XIX, marca Messen, Alemanha
- Cachê-pot em porcelana amarelo com flores em vermelho, marca Palm, de origem inglesa, séc. XIX⁶⁸⁵
- Pintura representando uma figura feminina com uma criança
- Três pinturas com motivos náuticos
- Pintura representando o interior de uma Igreja
- Pintura representando três mulheres a passeio
- Mesa de canto redonda em madeira entalhada
- Mesa de canto redonda em madeira
- Pedestal redondo em madeira entalhada
- Pedestal em mármore
- Escultura em bronze, figura feminina
- Escultura em bronze, casal de figuras alegóricas, autor Jean Baptiste Germain, séc. XX⁶⁸⁶
- Tapete vinho e rosa



Fig.44. Sala de Visita, 2009.

⁶⁸³ REIS, Cláudia Barbosa. Álbum de objetos decorativos. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1997. p.28

⁶⁸⁴ Idem. p.28.

⁶⁸⁵ Informação que consta da legenda da sala.

⁶⁸⁶ Oferecida a Rui pelo Correio da Manhã, em 1914, pelos artigos que escreveu em oposição ao governo de Hermes da Fonseca em favor do habeas-corpus. REIS, Cláudia Barbosa. Homenagens. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2000. p. 18

Análise: Essa sala possuía o requinte das Salas de Recepção/Visitas do final do séc.XIX e início do séc.XX, seus objetos estavam ali para representar a posição social de seus proprietários. A religiosidade se fazia presente com a imagem de Cristo, um grande quadro pintado emoldurado, talvez para calar o boato que circulava de que Rui, por ter boas relações com os maçons e com as idéias pregadas na maçonaria, seria ateu. Sua convicção religiosa, sempre foi atacada por seus adversários.

Essa suntuosidade não é possível encontrar no ambiente que visitamos hoje, uma sala simples, com alguns móveis posicionados no centro da sala em disposição para estimular a conversa, que mais lembram os ambientes do séc. XIX.

Por essa sala passaram grandes nomes da história, da política e da literatura de nosso país e muitos visitantes e delegações estrangeiras, assim era o primeiro ambiente social da casa morada, de luxo e elegância. Algumas fotografias espalhadas pela sala, amparadas pela narrativa histórica poderiam dar ao visitante uma idéia da utilização dessa sala, lugar de receber, de deixar entrar a vida social, política e publica no mundo íntimo de seus proprietários.

O Cristo (fig.96), que antes estava presente nessa sala, hoje se encontra meio escondido, pendurado em cima da porta de acesso a ela, no corredor principal.

Fig.96. Pintura de Cristo, 2009.



5. Sala da Federação (Salão de festas e recepções) - 1º Pavimento – Bloco Sul



Fig.97. Salão de festas, c1923



Localização: Entrando pela escada frontal da casa é a segunda porta que de acesso para o interior da residência. O ambiente possui 60,30m² não possui janela, tendo onze portas de acesso assim distribuídas: três portas duplas de madeira e vidro transparente com bandeira de vidro que dão acesso

Fig. 98. Salão de Festas, 1999

para a sacada frontal, duas portas dão acesso para a Sala de Recepção, duas portas dão acesso para a Sala de Música, uma porta dá acesso para o corredor principal, uma porta dá acesso para o corredor de acesso à Biblioteca, uma porta dá acesso ao Hall que leva ao sótão. Todas as portas internas são de madeira duas folhas e possuem bandeira de vidro colorido. No tempo da casa morada, algumas dessas portas eram decoradas com motivos florais, ainda restam os puxadores de porcelana com flores. Seu piso é em soalho de madeira larga, as paredes são revestidas em papel de parede nas cores verde e vinho, de textura aveludada com molduras douradas, seu forro é em estuque ornamentado e pintado com motivos florais e pássaros. O lustre em bronze era a gás e foi adaptado para receber a luz elétrica.⁶⁸⁷

Origem do nome: Em 01 de maio de 1889 Rui apresenta ao Congresso do Partido Liberal seu projeto de reforma do governo unitário por uma Monarquia Federativa, da eleição dos presidentes das províncias e da secularização do ensino, mas sua proposta não foi aceita.⁶⁸⁸

Função original: Salão de festas (fig.97)

Função Casa Museu: Sala de festas (fig.98-99)

Objetos que fazem parte da exposição permanente⁶⁸⁹:

- Sofá para quatro lugares e duas poltronas com pés de leão, estofados em cetim na cor vinho estampado, acompanha quatro almofadas do mesmo tecido
- Sofá para três lugares e duas poltronas estofados, em cetim na cor rosa estampado
- Quatro cadeiras de madeira, com assento estofado em cetim na cor rosa, com encosto vazado
- Duas cadeiras de madeira com braços, assento estofado em cetim na cor rosa com encosto vazado
- Quatro mesas de canto redonda em madeira
- Espelhos à moda veneziana

⁶⁸⁷ Fundação Casa de Rui Barbosa. www.casaruibarbosa.gov.br. Acesso em 03/03/2009

⁶⁸⁸ RUI Barbosa: cronologia da vida e da obra. Op. cit. p. 71.

⁶⁸⁹ Objetos que estavam presentes no Salão de Festas e que não se encontram na exposição permanente: Duas almofadas redondas; Uma luminária de chão com pés de madeira torneada e cúpula de vidro colorido formando desenhos com motivos florais; Pote em porcelana; Dois bancos quadrados estofados com pés de madeira

- Tapeçaria Gobelin, séc. XVIII, com desenho de François Boucher, tema campestre, na parede⁶⁹⁰
- Par de jarrões de faiança decorada com esmalte policromados, com partes em relevo, séc. XIX, marca Manufatura Satsuma, Japão.⁶⁹¹
- Par de jarrões esmaltados com cloisoné e champlevé.
- Par de vasos de porcelana com ornatos em esmalte e bronze dourado, cinzelado e gravado, séc. XIX
- Cachepô e peanha de faiança, séc. XIX, autor Delphin Massier, França⁶⁹² (proveniente da Sala de recepção)
- Duas esculturas em bronze
- Dois pedestais em mármore
- Marquesa em madeira com assento em palhinha
- Tapete estampado, único original da casa



Fig.99. Salão de Festas, 2009.

⁶⁹⁰ REIS, Cláudia Barbosa. 1997. Op.cit.p.30.

⁶⁹¹ Esses jarrões foram presenteados a Rui por José Augusto de Freitas em nome da bancada baiana no Senado Federal, em 05 de novembro de 1906. REIS, Claudia Barbosa. 1997. Op. cit. p.16

⁶⁹² Fundação Casa de Rui Barbosa. www.casaruibarbosa.gov.br. Acesso em 03/03/2009



Fig.100.Esculturas em bronze e jarrões, 2009.

Análise: Esse ambiente considerado o lugar nobre da casa brasileira burguesa, aberto só em ocasiões solenes e festas, lugar para ser admirado,

Fig.101.Lustre adaptado para luz elétrica, 2009.

que deveria retratar o requinte e bom gosto de seus proprietários. Analisando as fotos do período que a família ali residiu⁶⁹³, podemos notar que estavam em sintonia com os costumes e modernidades da sua época. Nesse período, final do séc. XIX e início do séc. XX, como vimos anteriormente, esse era um ambiente bastante eclético onde conviviam, nem sempre em harmonia, peças chinesas e japonesas de várias dinastias, peças inglesas e francesas, chegando à art-nouveau.



⁶⁹³ A foto analisada é de c1923.

Essa exuberância pode ser admirada nos dias atuais, desde as paredes revestidas em papel de parede aveludado, sua magnífica ornamentação da forração, a mobília ali representada, os jarrões e a tapeçaria, uma pequena amostra do como essa sala apresentava-se em seu tempo. Ela foi palco de grandes festas, principalmente no aniversário de Maria Augusta e de casamento do casal, quando seu proprietário fazia questão de encher de flores esse ambiente. Suas festas eram famosas e repercutiam nas revistas sociais da época. *“Rui era um perfeito dono-de-casa: recebia muito bem as visitas, prestava atenção se estavam conversando, se estavam à vontade...”*⁶⁹⁴ Aqui também foi realizado o baile do casamento de suas filhas Francisca, em 1900 e, Maria Adélia, em 1908.⁶⁹⁵

Acreditamos que seria necessário, além de fotografias de época, onde o ambiente se mostre em todo seu esplendor, uma narrativa baseada nas reportagens de periódicos de época e de depoimento de freqüentadores das recepções e bailes que ali se realizaram, pois somente a visita ao ambiente não traz a presença tão significativa do convívio social da família.

⁶⁹⁴ Depoimento de Américo Jacobina Lacombe, em 21.04.1976. MAGALHÃES, Rejane M.M. de Almeida. Op.cit., p. 138

⁶⁹⁵ Dados retirados da legenda do ambiente

6. Sala Buenos Aires (Sala de música) - 1º Pavimento – Bloco Sul



Fig.102. Sala de Música, c1923



Fig.103. Sala de Música, 1999

Localização: Entrando pela escada frontal da residência, é a última porta de acesso ao interior da residência (fachada sul), seu acesso pelo interior pode ser feito de três maneiras: através do Salão de Festas, pelo Gabinete Gótico ou pelo corredor da Biblioteca. Ambiente de 40,96m², possui quatro janelas, assim distribuídas: duas para a varanda frontal (fachada sul) e duas na fachada oeste. Possui cinco portas de acesso: uma porta de duas folhas, em madeira e vidro transparente com bandeira de vidro para a varanda frontal, duas de acesso para o Salão de Festas, uma de acesso para o Gabinete Gótico e uma de acesso para o corredor de circulação da Biblioteca, todas as portas internas são de duas folhas, em madeira com bandeira de vidro colorido. Seu piso é soalho de madeira larga, as paredes são revestidas em papel de parede na cor bege e seu forro é de estuque ornamentado e pintado com motivos florais (fig.104). Parte de sua mobília foi adquirida por Rui na Inglaterra.⁶⁹⁶



Fig.104. Detalhe do forro em estuque, 2009.

Origem do nome: Em 10 de junho de 1906, Rui é nomeado embaixador extraordinário e plenipotenciário para representar o Brasil no 1º Centenário da Independência da Argentina, ocasião em que recebe várias homenagens por parte do governo Argentino e pronuncia a *conferência “O dever dos neutros”*.⁶⁹⁷

Função original: Sala de música (fig.102)

Função Casa Museu: Sala de Música (fig.103)

⁶⁹⁶ Fundação Casa de Rui Barbosa. www.casaruibarbosa.gov.br. Acesso em 03/03/2009.

⁶⁹⁷ Conferência pronunciada contra a neutralidade impassível entre o direito e o crime e erigindo como princípio verdadeiro o da neutralidade vigilante e judicativa. MAGALHÃES, Rejane Mendes Moreira de Almeida. Rui Barbosa na Vila Maria Augusta. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1994. p. 23



Fig.105. Decoração da Sala de Música, 2009.



Fig.106. Cadeiras dispostas ao redor do piano, 2009

Objeto que fazem para da exposição permanente⁶⁹⁸:

- Piano de meia cauda, marca C. Bechstein, séc. XIX, Alemanha
- Banqueta de piano, com assento em couro pirogravado por Baby⁶⁹⁹
- Cinco cadeiras em estilo Queen Anne, assento de tapeçaria original, encosto vazado, Inglaterra.
- Conjunto de sofá e duas cadeiras com braço assento estofado em veludo estampado, encosto em madeira vazada, séc.XIX, Inglaterra
- Estante para partituras musicais, em mogno com porta decorada, com estampa colorida, Inglaterra, séc. XIX,⁷⁰⁰
- Dois vasos de porcelana e bronze, decorados com cenas das batalhas das guerras napoleônicas, estilo império, marca Imperial de Sèvres, séc. IX, França.
- Consolo em madeira com aplicações em bronze, tampo em mármore cinza, com espelho em cristal emoldurado, estilo regência.⁷⁰¹
- Relógio de mesa modelo “Madalaine” em mármore negro com ornamento em bronze dourado, marca Thieri, Inglaterra, c1894.⁷⁰²
- Retrato emoldurado da mãe de Rui

⁶⁹⁸ Objetos que estavam presentes na Sala de Música e que não se encontram na exposição permanente: Biombo de madeira escura decorado com motivos florais, de três painéis; Pedestal com uma escultura representando um menino e o passarinho; Cortinas de renda e tecido; Tapete estampado com motivos florais na extensão da sala.

⁶⁹⁹ Fundação Casa de Rui Barbosa. www.casaruibarbosa.gov.br. Acesso em 03/03/2009

⁷⁰⁰ A estampa que decora a porta dessa estante para partitura é assinada por Laura Thereza Alma Taderma e se chama “The Carol”. REIS, Claudia Barbosa. 1997. Op. cit. p. 29.

⁷⁰¹ As informações sobre estilo e procedência dos móveis e objetos fazem parte da legenda do ambiente.

⁷⁰² REIS, Cláudia Barbosa. 1997. Op. cit., p. 18.

- Retrato emoldurado do pai de Rui
- Um retrato a óleo figura masculina
- Retrato emoldurado de Rui
- Retrato emoldurado de Maria Augusta
- Uma pintura a óleo cena campestre
- Uma pintura a óleo cena cotidiana séc. XIX
- Duas mesas de canto em madeira redondas com pés torneados
- Tapete vinho na extensão da sala



Fig.107. Piano que pertenceu a Maria Augusta, 2009.

Análise: A introdução do piano nas residências brasileiras abriu as portas das residências à sociabilidade: saraus, bailes e serões musicais passaram a fazer parte da vida da burguesia e da aristocracia brasileira. Sabemos que Maria Augusta foi quem introduziu o piano em sua residência (fig.107), um presente de Rui para ela quando residiam na casa do Flamengo. Ela e suas filhas tocavam para convidados e para os familiares. Há relatos que, antes do almoço de domingo, Maria Augusta sentava-se ao piano e tocava *“Home, sweet home”*.⁷⁰³

Mais uma vez a casa de Rui não se diferenciava de outras casa de sua época, seus salões eram muito disputados, pois além de se ouvir uma boa música eram nessas reuniões informais que ocorriam, nos bastidores, muitos acertos políticos.

⁷⁰³ MAGALHÃES, Rejane Mendes de Almeida . Op. cit, p. 173

Segundo depoimento de Maria Augusta *“Artista, com um ouvido exigente, entusiasmava-se quando ouvia um perfeito cantor. Para satisfazê-lo, organizavam-se concertos em nossa casa do Botafogo, o que lhe dava muita satisfação.”*⁷⁰⁴

Muitos se apresentaram nesse salão, porém Rui tinha preferência por Catulo da Paixão Cearense, gostava de vê-lo cantar e declamar seus versos⁷⁰⁵, sempre que podia convidava-o para sua casa. Pela Sala de Música passaram grandes nomes da época Giuseppe Soldi, Bebê Lima Castro, Laura Pimentel, Alice Ortigão, Germana Barbosa, Judite Imbassaí de Melo, Guiomar Novaes, Cláudia Muzzio, Antonieta Rudge, Magdalena Tagliaferro entre outros.

Acreditamos que uma narrativa histórica onde se dê destaque para o gosto afinado de seus proprietários e para as personagens que ali se apresentaram despertaria no visitante a memória afetiva e poderia levá-lo a sonhar com os grandes saraos oferecido por Rui e sua esposa. Fotografias de época dos diversos artistas e literatos que nele se apresentavam ajudariam a despertar a memória coletiva. Em algumas ocasiões, poder-se-ia recorrer também à música para trazer ao visitante um pouco desse ambiente alegre e festivo.

⁷⁰⁴ **Ruy Barbosa íntimo.** depoimento da Sra. Maria Augusta Rui Barbosa. In: **BAHIA ilustrada**, Rio de Janeiro, v., n.1, 1933. p. 16

⁷⁰⁵ COSTA, Antonio Joaquim da. Op. Cit. p. 52

7. Sala Civista (Gabinete Gótico) - 1º Pavimento – Bloco Sul



Fig.108. Gabinete Gótico, c1923

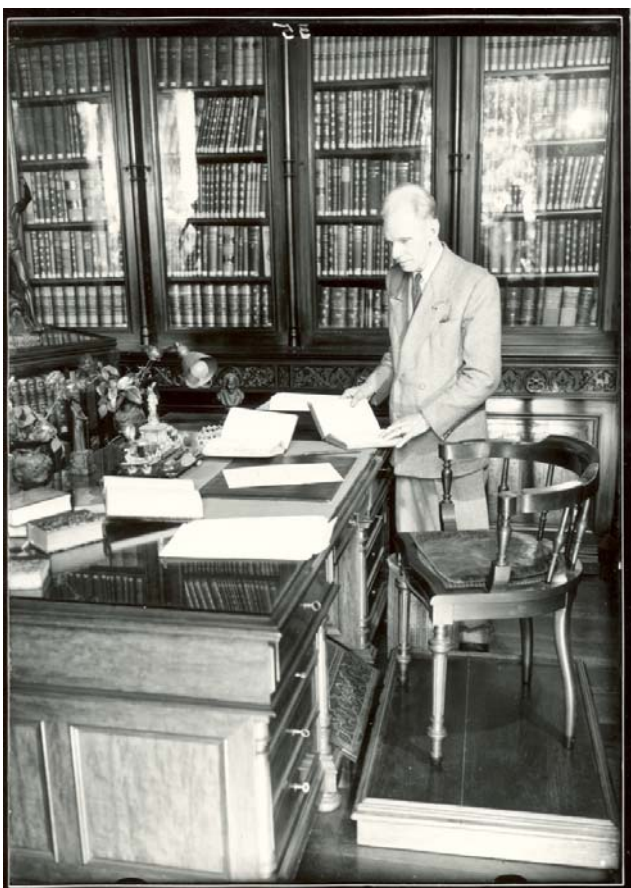


Fig.109. Antonio Joaquim da Costa, mordomo de Rui, 1949



Fig.110. Gabinete Gótico. Foto site FCRB, 2009.

Localização – Para se adentrar no escritório de Rui é necessário passar pela Sala de Música ou pela Biblioteca, pelo trajeto proposto pela Casa Museu iremos através da Sala de Música. Ambiente de 26,79m², possui duas janelas para a fachada oeste, possui duas portas de duas folhas em madeira com bandeira de vidro, uma de acesso para a Sala de Música e outra de acesso para a Biblioteca. Seu piso é de soalho de madeira larga, suas paredes são revestidas de papel de parede listado na cor branco, azul e vermelho, seu forro é de madeira. A cadeira que acompanha a escrivaninha fica em cima de um tablado com um apoio para os pés.

Origem do nome: A partir de outubro de 1909 até 01 de março 1910, Rui foi pela segunda vez, candidato a Presidente da República, campanha que disputou com o Marechal Hermes da Fonseca e foi derrotado. Essa campanha se chamou Campanha Civista.⁷⁰⁶

Função original: Escritório de Rui (fig.108-109) onde ele passava boa parte de seu dia, era nessa sala que todas as manhãs lia e recortava dos jornais diários as notícias de seu interesse, aqui permanecia trancado até a hora do almoço pesquisando ou redigindo seus pareceres jurídicos, discursos ou artigos para os

⁷⁰⁶ **RUI Barbosa:** cronologia da vida e da obra. Op. cit. p.172

jornais. Recebeu esse nome por seu proprietário, Gabinete Gótico devido aos arremates das estantes, em estilo gótico.⁷⁰⁷ Neste Gabinete ficavam guardadas as coleções de Direito Internacional e de Educação⁷⁰⁸

Função Casa Museu: Escritório de Rui (fig.110)

Fig.111. Detalhe das estantes do Gabinete Gótico, 2009.



Objetos que fazem parte da exposição permanente⁷⁰⁹:

- Uma escrivaninha de madeira com nove gavetas e tampo de vidro
- uma cadeira de madeira com assento de palhinha, encosto vazado e arredondado, com uma almofada de couro em relevo feita por Baby⁷¹⁰
- uma poltrona em madeira com braço, possui um almofadado em toda extensão
- uma estante papelreira de carvalho
- papelreira de madeira de mesa com porta
- Três estantes quadradas, em madeira, com portas de vidro nos quatro lados, altura mediana giratórias com pés de rodinhas
- Uma estante quadrada, em madeira, com portas de vidro nos quatro lados, alta giratórias com pés de rodinhas
- Estantes de madeira de três corpos com portas de vidro, duas gaveta e armário de duas portas, em estilo gótico, contornando a sala (fig.111)

⁷⁰⁷ MAGALHÃES, Rejane M.A.M. Op. cit. p. 23.

⁷⁰⁸ COSTA, Antonio Joaquim da. **Rui Barbosa na intimidade**. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1949 p. 39.

⁷⁰⁹ Objetos que estavam presentes no Gabinete Gótico e que não se encontram na exposição permanente: um tinteiro em prata; uma luminária de mesa; Busto de Homero; Par de vasos pequenos; escada.

⁷¹⁰ Fundação Casa de Rui Barbosa. www.casaruibarbosa.gov.br. Acesso em 03/03/2009

- Duas estatueta em bronze com figura masculina
- Herma de mulher “Bohème Orientale”, França, 1888.⁷¹¹

Análise: Os gabinetes foram inseridos nas casas brasileiras em substituição a Sala dos Homens⁷¹², lugar de encontros, de discussões culturais e políticas, de se fumar e jogar. Porém, pelo que pudemos apurar Rui sempre o utilizou como um escritório de trabalho. Esse ambiente está praticamente igual a quando Rui o utilizava, ele faz parte hoje da grande Biblioteca, o acervo de livros que ali se encontra está devidamente catalogado e a disposição para consulta no catálogo da Biblioteca.

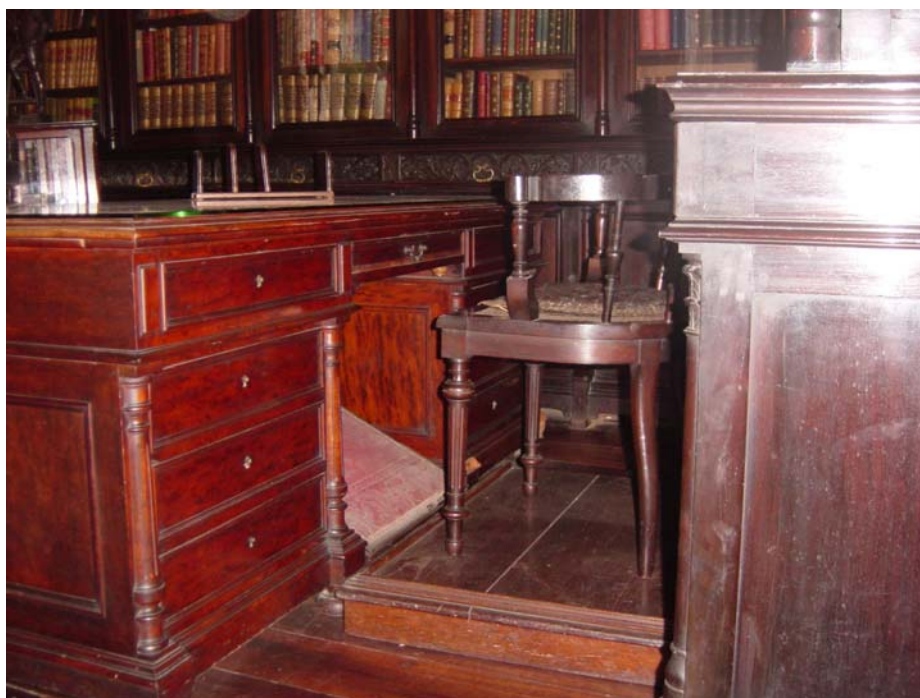


Fig.112. Detalhe da escrivaninha de Rui, 2009.

Acreditamos que uma narrativa histórica daria conta de trazer seu proprietário para dentro dele, destacando que era ali que ele passava a maior parte do dia. Em depoimento Maria Augusta relata “*O lugar da casa, preferido por elle, era o Gabinete Gótico, hoje Sala Civista, sempre que não estava entre nós, estava ali*”.⁷¹³

Dar destaque que debruçado nessa mesa, ele desenvolveu a maioria de seus artigos e pareceres e, também muito da política de nosso país foi ali engatilhado. Esse é um dos ambientes, onde o mito deve ser reforçado, misturando-se com a história de nosso país.

⁷¹¹ REIS, Cláudia Barbosa. 1997. Op. cit. p. 41

⁷¹² LEMOS, Carlos, **A república ensina a morar (melhor)**. São Paulo: Hucitec, 1999. p. 138

⁷¹³ RUY Barbosa intimo, depoimento da Sra. Maria Augusta Rui Barbosa. In: **BAHIA ilustrada**, Rio de Janeiro, v., n.1, 1933. p. 16.

8. Sala da Constituição (Biblioteca) - 1º Pavimento – Bloco Sul

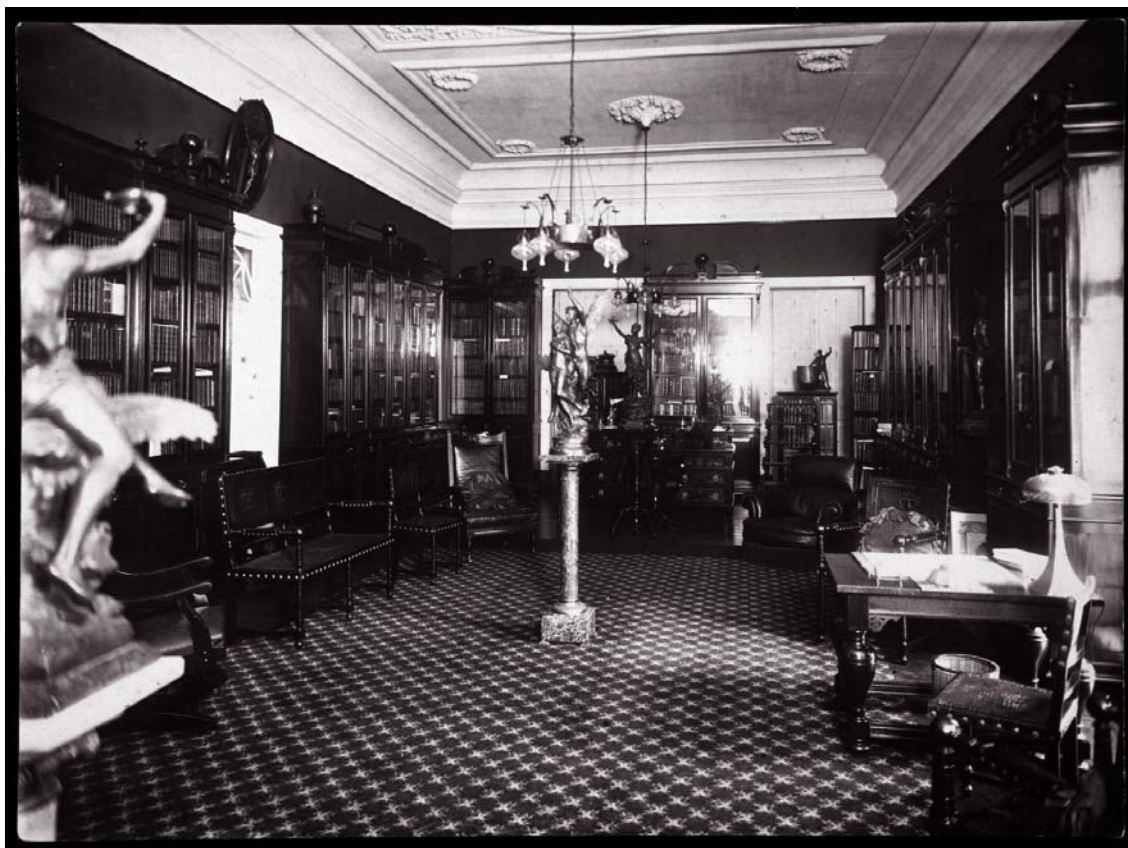


Fig.113. Salão da Biblioteca de Rui, c1923



Fig.114. Biblioteca, 1999

Localização: O acesso a Biblioteca será feito, pelo roteiro proposto através do Gabinete Gótico. No cotidiano familiar o acesso também, era feito pelas portas que dão ao corredor principal da casa ou, quando se vinha do jardim interno, pela porta de acesso a uma área externa, no interior da residência (fachada norte) cercada por muros e grades de ferro (fig.115).

Para se ter acesso, ao interior da Biblioteca, vindo do jardim interno, há uma escada de mármore de 10 degraus, com corrimão em ferro fundido ornamentado, no início da mesma há duas luminárias em bronze, representando uma figura feminina, a base é em tijolos.

Fig.115. Porta de entrada da Biblioteca, vindo-se do jardim interno, 2009.



Também, era possível se adentrar na Biblioteca, percorrendo o pequeno corredor⁷¹⁴ que liga diretamente a Sala de Música à esse ambiente.

⁷¹⁴ Para facilitar a identificação iremos chamá-lo de Corredor da Biblioteca

Fig.116. Corredor da Biblioteca, 2009.



O Corredor da Biblioteca (fig.116) é um ambiente de 5.5m, não possui janelas e suas portas, além das duas que já descrevemos, há mais uma de acesso ao Salão de Festa, no momento fechada por estantes. Seu piso é soalho de madeira larga, as paredes são de estuque e seu forro é de madeira.

No momento atual, não está aberto a visitação, pois ali se encontra parte do acervo de livros em estantes de madeira com portas de vidro dobrável com seis prateleiras.

A Biblioteca é um ambiente de 88,26m², possui quatro janelas assim distribuídas: duas janelas para a fachada oeste e duas janelas para a fachada norte. Possui oito portas com duas folhas, de madeira com bandeira de vidro, assim distribuídas: uma de acesso para o Gabinete Gótico, uma de acesso para o corredor da Biblioteca, duas de acesso para o corredor principal, duas de acesso para o quarto de vestir de Rui, uma de acesso para o Hall de acesso ao sótão. A porta de acesso para a área externa(fachada norte) é em madeira e vidro transparente com bandeira de vidro. Seu piso é de soalho de madeira larga, as paredes possuem acabamento em pintura na cor vermelha, ao redor dá sala encontramos estantes de madeira, seu forro é de estuque ornamentado.

Origem do nome: Homenagem à atuação de Rui na primeira constituição Republicana, de 24 de fevereiro de 1891, quando ele, então Ministro da Fazenda do Governo Provisório, foi encarregado de rever o projeto constitucional.⁷¹⁵

⁷¹⁵MAGALHÃES, Rejane M.M..Almeida. Op. cit. p. 23

Função original: Biblioteca (fig.113)

Função Casa Museu: Biblioteca (fig. 114)



Fig.117. Biblioteca, salão principal, 2009.

Objetos que fazem parte da exposição permanente⁷¹⁶:

- Estantes de madeira imbuia, com cinco prateleiras, portas duplas em vidro, duas gavetas e duas portas, feitas por encomenda no Rio de Janeiro⁷¹⁷
- Uma estante quadrada, em madeira, com portas de vidro nos quatro lados, altura mediana giratórias com pés de rodinhas
- Duas estantes quadradas, em madeira, com portas de vidro nos quatro lados, alta giratórias com pés de rodinhas
- Canapé em couro gravado, com pés com rodinhas
- Duas cadeiras com braço, em couro gravado, com pés com rodinhas
- Uma cadeira com assento em palhinha e encosto arredondado e vazado, com rodinhas
- Uma mesa de madeira com uma gaveta e com tampo de veludo bege
- Um conjunto de mesa de madeira preta, com tampo desenhado, acompanha seis cadeiras com assento e encosto em couro gravado

⁷¹⁶ Objetos que estavam presentes na Biblioteca e que não se encontram na exposição permanente: uma poltrona em couro; uma poltrona de carvalho estofada; Tapete estampado em toda a extensão do ambiente; Duas almofadas redondas bordadas

⁷¹⁷ A maior das estantes traz o monograma RB incrustado na madeira, ao centro(fig.69).

- Uma escrivaninha, de madeira jacarandá, estilo neogótico (fig.119), com sete gavetas e tampo em couro⁷¹⁸
- Uma mesa de madeira com os pés torneados
- Quatro cadeiras de espaldar alto, assento e encosto de couro gravado⁷¹⁹
- Uma cadeira de balanço de espaldar alto em couro preto gravado com braço
- Tinteiro em bronze, da linha “Zodiac”, de formato hexagonal, marca Tiffany’s Studios, Estado Unidos, 1910-20.⁷²⁰
- Luminária e mesa, em bronze
- Escultura em bronze “*Devoir Civique*”, de autoria de Eugène Marioton, França, 1904⁷²¹
- Escultura em bronze, figura masculina
- Um Crucifixo em bronze, vindo da Bahia
- Retrato a óleo de Rui
- Uma escada de ferro e madeira, com seis
- Uma escada de madeira, com cinco degraus
- Uma escada cadeira em madeira, com assento de palhinha e encosto vazado, com cinco degraus, feita na Bahia.⁷²²
- Dois pilares em mármore



Fig.118. Mesa onde Rui trabalhava



Fig.119. Escrivaninha de Rui na Biblioteca, 2009.

⁷¹⁸ Segundo a legenda desse ambiente foi nessa escrivaninha que Rui fez a revisão do projeto da Constituição, em 1891, ela veio na mudança da casa do Flamengo.

⁷¹⁹ O estilo dessas cadeiras é nacional português, começaram a ser fabricadas no Brasil séc. XVIII. REIS, Cláudia Barbosa. 1997. Op. cit. p. 31

⁷²⁰ REIS, Claudia Barbosa. 1997. Op. cit. p. 20.

⁷²¹ Essa escultura foi oferecida a Rui pelo Estado da Baía, por sua participação na Conferência de Haia. Idem, p. 40.

⁷²² COSTA, Antonio Joaquim. **Rui Barbosa na intimidade**. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1949. p 26-7.

Análise: Sua Biblioteca, maior herança cultural deixada por ele, para as próximas gerações, só ela, dentro da magnitude de seus 35 mil volumes, já serviriam de justificativa para se preservar e divulgar essa casa. Porém, ela é apenas mais uma das razões dentro desse universo da casa morada. Sobre a Biblioteca e seus livros podemos dizer, usando as palavras de uma especialista em obras raras brasileiras, que *“seus livros não eram troféus, e ainda hoje, configuram o esforço contínuo de aperfeiçoamento de uma leitura sistemática e disciplinada [...] não há na biblioteca um só disparate absoluto, não há livro que não tenha sido previsto, conferindo a biblioteca o sentido simultâneo de finitude e infinitude”*⁷²³.

Fig.120. Monograma de Rui incrustado na madeira, 2009.



Seu proprietário não está presente, porém, sua presença pode ser sentida nesse ambiente quase sagrado, suas idéias estão ali, devidamente anotadas nas margens dos inúmeros livros com frases grifadas, lidos e relidos. Leituras feitas talvez, para serem utilizadas como um

argumento, para completar ou reforçar uma teoria, ou quem sabe, apenas para matar a curiosidade insaciável desse grande pensador. Assim, a biblioteca se sobrepõe ao homem que sendo finito, se foi, ela permanece ali, disponível, para quem quiser desvendar seus tesouros.

Ao adentrar nela, o visitante, caminha manso, conversa quase aos sussurros, como se sua voz pudesse perturbar a paz de seu proprietário, sempre a pensar, nesse espaço de saber, como se ele permanecesse ali, sentado em sua mesa predileta, que permanece estrategicamente colocada, em frente à janela para o jardim interno (fig.118).

⁷²³ PINHEIRO, Ana Virginia. Rui, para sempre e em todo lugar. In: FUNDAÇÃO Casa de Rui Barbosa. Catálogo da Biblioteca de Rui Barbosa. Rio de Janeiro: FCRB, 2007. p. 17.

Analisando esse ambiente, diríamos que mais uma vez falta à narrativa histórica que fará com que o visitante, envolvido pelo ambiente, consiga tecer a teia que ligará a casa, os livros, o homem ao mito.

9. Sala do Casamento Civil (Quarto de vestir de Rui) - 1º Pavimento – Bloco Sul



Fig.121. Quarto de vestir de Rui, c1923



Fig.122. Quarto de Vestir de Rui, foto site FCRB, 2009.

Localização: O acesso a esse ambiente é feito apenas através da Biblioteca. Ambiente de 19,84m², possui duas janelas, uma para a fachada oeste e, a outra para a fachada norte. Possui quatro portas de duas folhas, de madeira com bandeira de vidro assim distribuídas: duas de acesso para a Biblioteca e, duas de acesso para o Quarto de Vestir de Rui. Seu piso é de soalho de madeira larga, as paredes são revestidas de papel de parede branco com listas, tom sobre tom, com

barrado florido, rente ao forro, seu forro é de madeira.

Origem do nome: Rui fez intensa campanha, enquanto membro do Senado, pela obrigatoriedade do casamento civil.⁷²⁴

Fig.123. Sanitários de louça portáteis, 2009.



Função original: Quarto de vestir de Rui (fig.121) Tendo o hábito de levantar-se muito cedo, Rui utilizava-se dessa sala para procedimentos de higiene íntima, era aqui que ele lavava-se todas as manhãs e, fazia a barba com seu barbeiro, instalado em sua cadeira de barbeiro.⁷²⁵ Há na sala sanitários de

louça portáteis (fig.123). Os livros que ficavam nas estantes dessa sala, eram sobre o casamento e o divórcio.⁷²⁶

Função Casa Museu: Quarto de vestir de Rui (fig.122)

- **Objetos que fazem parte da exposição permanente**⁷²⁷:
- Uma estante, de madeira, com quatro portas de vidro, quatro gavetas e quatro portas de madeira (fig.124)
- Cômoda papeleira, com três gavetas, séc. XIX⁷²⁸
- Uma cômoda penteadeira (fig.125), com três gavetas grandes e duas gavetas pequenas, tampo em mármore cinza, espelho em cristal emoldurado em madeira⁷²⁹

⁷²⁴ Fundação Casa de Rui Barbosa. www.casaruibarbosa.gov.br. Acesso em 03/03/2009.

⁷²⁵ Segundo depoimento de seu mordomo essa cadeira foi oferecida a Rui por João de Assis Lopes Martins. COSTA, Antonio Joaquim da. Op. cit. p. 24

⁷²⁶ Idem.

⁷²⁷ Objetos que estavam presentes no Quarto de Vestir de Rui e que não se encontram na exposição permanente: uma estante arquivo; duas estatuetas oferecidas pelo Diário de Notícias; uma cadeira de barbeiro; um cofre da marca “Minerva”; um relógio de mesa; um quadro com foto emoldurada da casa de seus pais na Bahia; diploma de médico do pai. COSTA, Antonio Joaquim. Rui Barbosa na intimidade. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1949. p. 24

⁷²⁸ Fundação Casa de Rui Barbosa. www.casaruibarbosa.gov.br. Acesso em 03/03/2009.

⁷²⁹ Esse móvel faz parte da mobília do casamento de Rui e Maria Augusta, foi adquirido na Bahia no ano de 1876. REIS, Cláudia Barbosa. 2002. Op. cit. p. 37.

- Um armário, de madeira, com porta de vidro transparente, guarda casaca
- Um armário, de madeira, com porta de vidro transparente e uma gaveta
- Jogo de toalete de metal prateado, séc. XIX, marca Christofle, França⁷³⁰
- Banheiro portátil, composto de vaso sanitário e bidê de louça branca, rajada com estrutura em madeira, séc. XIX⁷³¹
- Uma estante, em madeira, com portas de vidro dobrável com seis prateleiras
- Uma estante quadrada, em madeira, com portas de vidro nos quatro lados, alta giratórias com pés de rodinhas
- Um armário estante, em madeira, com quatro prateleiras, portas de vidro, duas gavetas e duas portas de madeira
- Um cabideiro, em madeira
- Uma poltrona em palhinha, com braços
- Um biombo de quatro painéis, em madeira e tecido estampado em marrom e bege
- Um jogo de porta frascos, em madeira, com frascos de vidro
- Retrato pintado de Rui
- Caricatura de Rui Barbosa feita com objetos, autor Geraldo Noce, 1949



Fig.124. Estantes do Quarto de Vestir de Rui, 2009



Fig.125. Cômoda penteadeira, 2009.

⁷³⁰ Faz parte desse jogo: bacia, gomil, copo, bacia para barbear, porta escovas e saboneteira, todos os objetos se encontram em exposição nesse ambiente. São da marca Christofle, França, séc. XIX. REIS, Cláudia Barbosa. 1997. Op. cit. p. 24.

⁷³¹ Essas louças sanitárias trazem a marca Amaral Guimarães e Cia, fabricantes e importadores. REIS, Cláudia Barbosa. 2002. Op. cit. p. 34

Análise: Esse era um ambiente bastante íntimo, já que aqui Rui fazia sua higiene íntima pela manhã, os aparelhos sanitários portáteis ainda hoje, encontram-se embaixo da janela, ocultos pelo biombo. Ao analisarmos esse hábitomatinal, podemos concluir, que é um tanto estranho, já que a casa possuía dois banheiros, com água corrente e aparelhos sanitários.

Atualmente, nesse ambiente, ficam em exposição um traje, botinas, bengala e objetos de uso pessoal (fig.126-127) que pertenceram a Rui, porém não há uma narrativa que explique, quais hábitos cotidianos, eram realizados nessa sala. No site, da Fundação Casa de Rui Barbosa, esse ambiente é apresentado como sendo um ambiente de trabalho, o que é um equívoco, levando-se em conta as atividades realizadas, por seu proprietário, nesse ambiente.



Fig.126. Objetos de uso pessoal de Rui, 2009.



Fig.127. Botinas e bengala de Rui, 2009.

10. Sala do Código civil (Quarto particular de Rui – Gabinete Branco) - 1º Pavimento – Bloco Sul



Fig.128. Quarto particular de Rui, conhecido como Gabinete Branco, c1949.



Fig. 129. Quarto particular de Rui. Foto site FCRB, 2009.

Localização: O acesso a esse ambiente, é feito apenas através do Quarto de Vestir de Rui. Ambiente de 21,47m², possui três janelas, uma para a fachada oeste e, duas para a fachada norte. Possui duas portas duas folhas, de madeira com bandeira, que levam ao Quarto de Vestir de Rui. Seu piso é de soalho de madeira

larga, as paredes são revestidas de papel de parede na cor bege com motivos florais, o forro é em madeira.

Origem do nome: Rui foi designado como relator da Comissão Especial do Senado, para examinar o Projeto do Código Civil, apresentou um parecer com mais de mil emendas à linguagem do texto, que fora revisto por seu antigo professor, Ernesto Carneiro Ribeiro.⁷³²



Fig.130. Chaise-longue de Rui, 2009.

Função original: Quarto particular de Rui, utilizado como Gabinete de Trabalho (fig.128), era também conhecido por Gabinete Branco. Aqui, quando adoentado ou quando cansado das lutas cotidianas, ele se acomodava na chaise-longue:⁷³³ para descansar, enquanto aguardava o almoço ou o jantar⁷³⁴. Nesse ambiente, tomava seu chá sozinho, quando Maria Augusta, estava recebendo amigas para o chá.

Função Casa Museu: Parte da Biblioteca (fig.129), clássicos portugueses e espanhóis.⁷³⁵

⁷³² A polémica entre os dois, resultou em um trabalho de Rui, a “Réplica”. MAGALHÃES, Rejane M.M..Almeida. Op. cit. p. 23.

⁷³³ No momento de nossa visita a Casa Museu passava por manutenção periódica, e esse ambiente, por causa de um vazamento de água, estava fechado para visitação. A chaise-longue (fig.130) que normalmente fica nessa sala estava, visando sua preservação, em um dos ambientes do sótão.

⁷³⁴ PEREIRA, Edgard Baptista. **A casa de São Clemente**. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1949. p.31

⁷³⁵ FUNDAÇÃO Casa de Rui Barbosa. **Rui, sua casa e seus livros**. Rio de Janeiro: FCRB, 1980. p. 150.



Fig.131. Estantes de livros, 2009.

Objetos que fazem parte da exposição permanente⁷³⁶:

- Papeleira de estrutura retangular, em madeira escura, com duas portas inclinadas, gaveta, e na parte interna cinco escaninhos.
- Oito estantes duplas, em madeira, com portas de vidro com seis prateleiras
- Uma estante quadrada, em madeira, com portas de vidro nos quatro lados, pequena giratória com pés de rodinhas
- Duas estantes, em madeira com seis prateleiras
- Mesa retangular em madeira, com três prateleiras acima de seu tampo⁷³⁷.
- Uma escrivaninha, em madeira, com quatro gavetas

- Uma cadeira, em madeira, com assento em palhinha e encosto arredondado e vazado
- Uma poltrona em couro preto gravado
- Vaso de bronze fundido, China, séc. XIX⁷³⁸
- Fotografias emolduradas de Rui e Maria Augusta

Análise: Nessa ambiente, anexo ao seu Quarto de Vestir e situado muito próximo a Biblioteca, segundo depoimentos, Rui se recolhia para trabalhar, descansar e às vezes tomar seu chá da tarde. Era um ambiente o qual ele utilizava como mais um Gabinete de Trabalho (fig.131), suas mesas ficavam sempre repletas de livros e de

⁷³⁶ Não foram encontradas fotos antigas desse ambiente, estamos nos baseando no depoimento de seu mordomo para descrever os objetos que faziam parte desse ambiente e na imagem que faz parte de seu livro. Objetos que estavam presentes no Gabinete Branco, e que não se encontra na exposição permanente: Relógio de mesa em ônix; Duas bandejas portuguesas de porcelana; Medalhão de bronze “Gambeta”; Tinteiro de cristal e prata; Um porta cartões de cobre; Um jogo de madeira para segurar livros; Uma cadeira de balanço forrada de couro; Chaise-longue. COSTA, Antonio Joaquim da. Op. cit. p.21-2

⁷³⁷ Consta que foi nessa mesa que Rui fez a revisão do Código Civil. Fundação Casa de Rui Barbosa. www.casaruibarbosa.gov.br. Acesso em 03/03/2009

⁷³⁸ REIS, Cláudia Barbosa. 1997. Op.cit. p. 15

periódicos estrangeiros recém adquiridos⁷³⁹. Quando acometido de algum mal estar era aqui que se recolhia, junto aos seus amados livros, até se recuperar. Nesse ambiente se misturaram o homem frágil e o homem mito, o público e o privado. Fotos de seu proprietário nesse ambiente e também uma narrativa histórica de como ele foi utilizado, dariam conta de despertar no visitante a ligação do homem e o mito.

⁷³⁹ PEREIRA, Edgard Baptista. **A casa de São Clemente**. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1949. p.31

Hall para o Sótão – 1º Pavimento - Bloco Sul

Fig.132. Escada de acesso ao sótão, 2009.



Localização: O sótão, da maioria das casas urbanas nesse período era habitável, para se acessar a esse pavimento devemos passar pelo hall, que dá acesso as escadas existentes atrás do Salão de Festas. Esse Hall, é um ambiente de 19.25m², sem janelas, possui quatro portas, duas portas de acesso para o Salão de Festas, uma porta de acesso para a Biblioteca e uma porta de acesso para o corredor principal, todas duas folhas, em madeira com bandeira de vidro. Seu piso é soalho em madeira larga, as paredes possuem pinturas

parietais com o tema de flores e música e, seu forro em estuque pintado com flores. Possui uma clarabóia em forma de cúpula para iluminação. As escadas são em madeira com balaústres também em madeira torneadas.

Existe um pequeno corredor ladeando essa escada, no primeiro pavimento, onde podemos encontrar parte do acervo de livros, dispostos em: seis estantes, de madeira com duas portas de vidro, com seis bandejas; Uma estante quadrada, em madeira, com portas de vidro nos quatro lados, alta giratória, com pés de rodinhas. Aqui, também encontramos, a caixa de força dessa ala da casa.

A clarabóia (fig.133) desse ambiente, tem uma tecnologia importada avançada para o período, sua estrutura é em ferro e, os vidros são transparentes e coloridos. Vale destacar as belas pinturas parietais das paredes, diferentes entre si, todas com temas musicais, nesse ambiente encontramos três janelas, uma interna para o Quarto das Netas de Rui (fig.134) e duas para a fachada norte.



Fig.133. Janela do Quarto das Netas de Rui, 2009.



Fig.134. Clarabóia do Hall de acesso ao Sótão, 2009.



PLANTA SOBRADO (SÓTÃO)

Ambientes

- 11 - Sala Abolição (Quarto do casal Pereira Batista)
 12 - Sala do Estado de Sítio (Quarto das netas)
 13 - Sala da Instrução Pública (Hall do sótão)



Legenda

 acesso ao público não permitido

LOCAL		UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS IFCH — H — PPGH — ÁREA PMC	
CASA DE RUI BARBOSA Rua São Clemente, 134, Botafogo, Rio de Janeiro, RJ, Brasil			
IDENTIFICAÇÃO Baseada na Planta Baixa do 1º Pavimento, 14 dez. 1967, Fundação Casa de Rui Barbosa. Arquivo	ESCALA 1:250	DATA 28/07/09	MESTRADO EM HISTÓRIA LUGAR DE MORADA COMO LUGAR DE MEMÓRIA: a construção de uma casa museu, a Casa de Rui Barbosa — RJ.
TÍTULO PLANTA SOBRADO (SÓTÃO)	www.casaruibarbosa.gov.br		ROSAELINA SCARPELINE RA: 050825

11. Sala da Abolição (Quarto do casal Maria Adélia e Antonio Batista Pereira) – Sótão - – Bloco Sul



Fig.135. Quarto do casal Batista Pereira, foto site FCRB, 2009

Localização: Ambiente de 31.50m², possui três janelas para a fachada sul, uma janela para a fachada leste e uma para a fachada oeste. Possui duas portas de duas folhas, de madeira com bandeira de vidro, uma de acesso para o quarto das filhas e, outra de acesso para o Hall do pavimento. Seu piso é de soalho de madeira larga, a parede é revestida de papel de parede bege com rosas cor de rosa, seu forro é de madeira.

Origem do nome: Rui fez intensa campanha contra a escravidão em nosso país, desde 1870, quando ainda estudante em São Paulo.⁷⁴⁰ Ele foi o redator da Lei dos Sexagenários.

Função original: Foi usado em primeiro lugar como quarto dos filhos de Rui. A partir de 1908, passou a ser o quarto do casal Batista Pereira. Desses ambientes não há nenhum registro, nem fotográfico e nem descritivo.

⁷⁴⁰ REAL, Regina Monteiro. Casa de Rui Barbosa: resumo histórico de suas atividades. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1957. p. 57

Função Casa Museu:—Quarto do casal Batista Pereira⁷⁴¹



Fig.136.Guarda roupa em madeira, 2009.



Fig.137. Penteadeira, 2009.

Objetos que compõem a exposição permanente:

- Cama de casal, em madeira entalhada, com adornos em bronze
- Dois criados mudos, em madeira, com espaldar alto, uma gaveta e compartimento fechado, tampo de mármore cinza
- Uma penteadeira, em madeira, com seis gavetas, dois armários na fachada do espelho com portas de vidro e espelho cristal, emoldurado em madeira entalhada, tampo de mármore cinza (fig.137)
- Um guarda roupa, em madeira, com três gavetas e três portas, sendo a central com espelho de cristal (fig.136)

⁷⁴¹ No momento que realizamos a visita, não havia nesse ambiente a legenda do ambiente, talvez porque estivesse, nessa semana, fora do roteiro de visita.

- Uma cômoda penteadeira, em madeira, com quatro gavetas, espelho de cristal emoldurado e tampo de mármore cinza
- Uma cadeira de balanço, em madeira, com braços, estofada em bege
- Um jogo de lavatório em prata
- Um abajur de mesa, em porcelana decorada

Análise: Originalmente utilizado como quarto dos filhos de Rui, após o casamento de Maria Adélia, em 1908, foi adaptado para receber o casal. De nenhum dos ambientes citados há fotos e nem descrição, tornando-se difícil re-ambientá-lo enquanto casa morada. O mobiliário, que encontramos na exposição permanente, fazia parte da casa de Petrópolis. O mobiliário utilizado pelo casal Batista Pereira, foi retirado quando da venda da casa.

Acreditamos ser necessária uma narrativa histórica, que mostre toda as ocupações que ocorreram nesse ambiente, enquanto a família residia nela e, também, situar o mobiliário existente na casa de Petrópolis, para que se possam fazer ligações, com a família do personagem que se quer homenagear. Fotos dos últimos ocupantes dariam aos visitantes rostos para serem ligados ao nome. As fotos que hoje, se encontram no ambiente não dão conta disso, sem uma narrativa apropriada.

12. Sala Estado de Sítio (Quarto das netas de Rui) – Sótão - – Bloco Sul



Fig. 138. Quarto das Netas de Rui. 2009.



Fig. 139. Cadeiras aguardando restauro, 2009.

Localização: No sótão da casa, ambiente de 16.36m², que possui uma janela para a fachada oeste e, uma janela para o vão da escada de acesso. Possui duas portas de duas folhas, em madeira com bandeira de vidro, uma de acesso para o quarto do casal Batista Pereira e outra de acesso para o Hall do pavimento. Seu piso é soalho de madeira larga, a parede é revestida de papel de parede listado de rosa e bege seu forro é de madeira.

Origem do nome: Rui estudou profundamente a doutrina do Estado de Sítio, seus estudos muito tem colaborado para estudantes de várias áreas.⁷⁴²

Função original: Foi usado em primeiro lugar como quarto dos filhos de Rui. Posteriormente quartos de suas netas filhas do casal Batista Pereira.

⁷⁴² MAGALHÃES, Rejane M.M.de Almeida. Op. cit. p.23

Função Casa Museu: Abriga o mobiliário que pertenceu à residência de Rui, em Petrópolis (fig.138).

Objetos que o compõem:⁷⁴³

- Um relógio de parede redondo, emoldurado em madeira
- Uma mesa, em madeira, quadrada de canto
- Uma marquesa de dois lugares, com assento de palhinha e encosto de madeira
- Duas cadeiras de braço com assento de palhinha e encosto de madeira
- Uma cadeira de balanço com braço com assento e encosto de palhinha
- Um pote em porcelana amarela com alça, decorado com motivos geométricos
- Um retrato pintado a óleo, figura feminina
- Tapete estampado em toda a extensão da sala

Análise: Do ambiente original, enquanto quarto dos filhos ou das netas, nada se sabe. O ambiente atual, não possui legenda do ambiente, possivelmente por não estar aberto à visitação, no momento. Acreditamos, que fotos das netas de Rui e uma narrativa histórica, da ocupação do quarto pela família, iriam dar ao visitante, uma idéia de como esses aposentos eram utilizados pela família.

⁷⁴³ No momento, é um ambiente que não está aberto à visitação, assim há várias cadeiras guardadas nele. Porém, os móveis e objetos, que fazem parte da exposição permanente, continuam ali.

13. Sala da Instrução Pública – (Hall do Sótão) - Sótão – Bloco Sul

Localização: No sótão da casa, encontramos um ambiente de 12.75m², que possui uma janela para a fachada leste e, três portas de duas faces, em madeira com bandeira de vidro, assim distribuídas: uma de acesso para a escada de acesso, uma de acesso para o Quarto do casal Batista Pereira e, outra de acesso para o Quarto das Netas de Rui. Seu piso é soalho de madeira larga, a parede é revestida de papel de parede listrados de rosa e bege, seu forro é de madeira.



Fig.140. Patamar de acesso ao Hall, 2009.



Fig.141. Hall do Sotão, 2009.

Origem do nome: Rui, foi redator da Comissão de Instrução Pública e apresentou a Câmara dos Deputados, pareceres e projetos de reforma do ensino primário, secundário e superior. Foi em retribuição a esses trabalhos que, recebeu de D.Pedro II o título de Conselheiro.⁷⁴⁴

⁷⁴⁴ MAGALHÃES, Rejane M.M.de Almeida. Op. cit. p.23

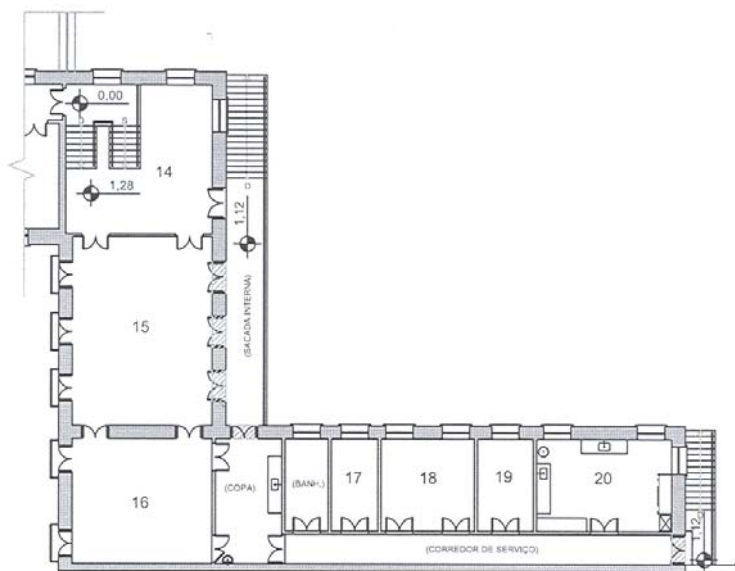
Função original: Ambiente utilizado como uma ante sala pela família Batista Pereira.

Função Casa Museu: Hall de acesso aos dormitórios do sótão, todos os móveis vieram da casa de Rui de Petrópolis (fig.141)

Objetos que o compõem:

- Duas cadeiras em madeira com assento em palhinha e encosto vazada, dobráveis
- Uma escrivaninha papelaria em madeira com trabalho de marchetaria no tampo
- Uma estante de canto quadrada de madeira com quatro prateleiras de azulejos decorados com motivos florais
- Mesa de bambu com tampo estampado de motivos japoneses com vidro transparente
- Uma mesa de madeira quadrada de canto
- Um abajur de porcelana japonesa na cor creme com craquelê de malha miúda creme, Japão, séc. XIX-XX.
- Foto emoldurada dos filhos de Rui

Análise: Esse ambiente não possui uma legenda, assim fica a primeira vista, desconectado com o resto da casa. Acreditamos ser necessário uma narrativa, onde se esclareça que, nesse ambiente moraram os filhos do casal Rui e Maria Augusta. Há no ambiente uma foto emoldurada com o retrato de todos os filhos do casal, mais de seu genro, Batista Pereira, porém sem uma narrativa fica difícil, ao visitante, ligar o ambiente aos personagens ali retratados.



PLANTA 1º PAV. - BLOCO NORTE

Ambientes

- 14 - Sala João Barbosa (Sala de conversa)
- 15 - Sala Bahia (Sala de jantar)
- 16 - Sala Questão Religiosa (Sala de almoço)
- 18 - Sala Queda do Império (Quarto da Babá)
- 17 - Sala de Exposições Temporárias
- 20 - Cozinha



Legenda

acesso ao público não permitido

LOCAL		UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS	
CASA DE RUI BARBOSA		IFCH - H - PPGH - ÁREA PMC	
Rua São Clemente, 134, Botafogo, Rio de Janeiro, RJ, Brasil		MESTRADO EM HISTÓRIA	
IDENTIFICAÇÃO		LUGAR DE MORADA COMO LUGAR DE MEMÓRIA: a construção de uma casa museu, a Casa de Rui Barbosa - RJ.	
Baseada na Planta Baixa do 1º Pavimento, 18 dez. 1967. Fundação Casa de Rui Barbosa. Arquivo		ROSAELENA SCARPELINE	
TÍTULO		RA: 050825	
PLANTA 1º PAV. - BLOCO NORTE		www.casaruibarbosa.gov.br	
ESCALA		DATA	
1:250		280709	

14. Sala João Barbosa (Sala Íntima) - 1º Pavimento – Bloco Norte



Fig.142. Sala Íntima, c1923.



Fig.143. Sala Íntima, 1999



Fig.144. Sala Íntima, foto site FCRB, 2009.

Localização: Pelo acesso das escadas da Entrada dos Arcos, após a passagem pelo Hall que dá para o corredor principal da casa, subindo mais um lance de escada, chega-se a esse ambiente. Ele também pode ser acessado diretamente pela sacada do jardim interno.

Ambiente em L de 30.21m², possui três janelas, duas para a fachada oeste e, uma para a fachada norte. Possui três portas assim distribuídas: duas portas de duas folhas, de madeira envernizadas e vidro com bandeiras de vidro, que dão acesso a Sala de Jantar, uma porta de duas folhas, em madeira e vidro transparente com bandeira de vidro de acesso para a varanda. Seu piso é de soalho de madeira largo, os balaústres da escada são madeira torneada e envernizada, as paredes dessa sala, em 1889, foram decoradas com pinturas parietais, em estilo pompeano, inspirado na Casa de La Picola Fontana, Pompéia, Itália⁷⁴⁵, seu teto é em estuque. Quando da compra da casa pelo governo brasileiro, essas paredes estavam pintadas de branco encobrendo as pinturas, em uma das restaurações que a casa passou elas foram encontradas.

⁷⁴⁵ Fundação Casa de Rui Barbosa. www.casaruibarbosa.gov.br. Acesso em 03/03/2009

Origem do nome: Homenagem ao pai de Rui, João José Barbosa de Oliveira, que era médico e foi Diretor Geral do Ensino da Bahia e Deputado Federal pela Bahia.

Função original – Sala de Conversa ou Sala Intima (fig.142), utilizada para o chá da tarde de Da. Maria Augusta e suas amigas⁷⁴⁶ ou, após o jantar quando Rui acompanhado da esposa ficava em conversa com os filhos, netos e amigos mais próximos. Essas conversas não se estendiam até muito tarde, pois Rui costumava se recolher cedo para ler ou trabalhar mais um pouco antes de dormir.

Função Casa Museu – Sala Intima (fig.143-144)

Objetos que fazem parte da exposição permanente⁷⁴⁷:

- Escrivadinha de mogno e jacarandá, Casa Leandro Martins, séc. XIX
- 02 Mesas para chá, com tampo de metal dourado, séc. XIX
- Conjunto de sofá de dois lugares e duas poltronas em couro
- Luminária de mesa em ferro, com três cúpulas de vidro que pedem da copa vazada⁷⁴⁸
- Luminária de mesa, art nouveau, séc. XX⁷⁴⁹
- Cachepô faiança, decoração do gênero pompeano, nas cores amarelo e preto⁷⁵⁰
- Jardineira, em cerâmica decorada em relevo, França, séc. XIX.

Análise: Do ambiente original, restaram alguns móveis e objetos: o conjunto de sofá com as poltronas em couro, o cachepô em faiança com peanha. Os outros objetos que compõem o ambiente, fazem parte do acervo que pertenceu à família, porém encontravam-se em outro ambiente da casa.

⁷⁴⁶ Eram freqüentadoras assíduas para o “*chá das cinco*” as amigas Iaiá Mangabeira, Sinhá Azeredo, esposa de Antonio Azeredo e Maricota Gordilho. MAGALHÃES, Rejane M.M. de Almeida. Op. cit. p. 138.

⁷⁴⁷ Objetos que estavam presentes na Sala de Conversa e que não se encontram na exposição permanente: Espelho em cristal, emoldurado em madeira entalhada; Cadeira, estilo Thonet, em madeira com palhinha no assento e encosto; Duas passadeiras estampadas, contornando a sala; Par de vasos com peanha; Mesa de canto em madeira coberta com toalha de crochê; Vaso em faiança; Pintura emoldurada representando uma mulher tendo nos braços uma criança; Suporte em madeira entalhada em forma de uma flor; Suporte em madeira para guardar guarda-chuva.

⁷⁴⁸ A copa vazada dessa luminária possui um recipiente solto próprio para queima de incenso, assinado por Edgard W. Brandt, é de origem francesa, séc. XX. REIS, Cláudia Barbosa. 1997. Op. cit. p. 24

⁷⁴⁹ Fundação Casa de Rui Barbosa. www.casaruibarbosa.gov.br. Acesso em 03/03/2009

⁷⁵⁰ Esse cachê-pot tem como estilo decorativo greco-romano Júpiter, Hélios e as sacerdotisas, marca Royal Doulton, Inglaterra, séc. XIX-XX. REIS, Cláudia Barbosa. 1997. Op. cit. p. 36



Fig.145. Porta de acesso a Sala de Jantar, 2009.



Fig.146. Porta de acesso a sacada interna, 2009

Para melhor situar o personagem nessa sala, uma narrativa histórica se faz necessária, pois era nesse ambiente íntimo, que a família se reunia para conversas descontraídas. Podemos notar que os diversos assentos desse ambiente, eram colocados de forma a facilitar o dialogo entre os grupos.

Às tardes, Maria Augusta, recebia as amigas para o chá e era nesse ambiente, que Rui, nas reuniões noturnas, Rui *“estando exausto pelas labutas diária ficava reclinado no sofá de canto, parecendo mergulhar em suas meditações”* ou, comentava com entusiasmo suas tardes no cinema, descrevendo, segundo depoimento de se cunhado Carlito e de Edgar Baptista Pereira, suas cenas prediletas do filme, que tinha assistido a tarde.⁷⁵¹

Para representar o personagem nesse ambiente íntimo e descontraído sugerimos que, fosse colocado referências sobre sua predileção por cinema. Através de cartazes de filmes e, propagandas de jornais de época, sobre os filmes em cartaz ou, de fotos de fachada dos cinemas que ele freqüentava. Assim, ficaria marcado um de seus lazeres prediletos: as tardes nos cinemas. Acreditamos que seria

⁷⁵¹PEREIRA, Edgard Baptista. **A casa de São Clemente**. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1949. p.40

também interessante, se falar do ritual de se receber para o chá da tarde, que aqui aconteciam sempre às 16hs, hábito muito em pauta no período.

15. Sala Bahia (Sala de Jantar) - 1º Pavimento – Bloco Norte



Fig.147. Sala de Jantar, c1923.



Fig.148. Sala de Jantar, 1999

Localização: O acesso a esse ambiente se faz, pelo roteiro implantado através da Sala de Conversa, pelo que pudemos apurar essa sala não era utilizada no dia a dia, porém, servia de passagem para a Sala de Almoço. Ambiente de 50,93m², possui três janelas com sacada, que se localizam bem em cima da Entrada dos Arcos, na fachada leste. Possui sete portas assim distribuídas: duas portas de duas folhas, em madeira envernizada e vidro transparente com bandeira de vidro, de acesso para a Sala de Conversa; três portas de duas folhas, em madeira e vidro transparente com bandeira de vidro, de acesso para a sacada interna da casa; duas portas de duas folhas em madeira envernizada e vidro com bandeira de vidro, de acesso para a Sala de Almoço. Seu piso é de soalho de madeira larga, suas paredes são revestidas de papel de parede na cor bege com flores em marrom, seu forro é de madeira.

Origem do nome: Homenagem à terra natal de Rui Barbosa.⁷⁵²

Função original: Sala de jantar (fig.147) aberta apenas para jantares especiais ou em ocasiões festivas, nessas ocasiões Maria Augusta colocava a vista toda a sua coleção de utensílios em cristais, porcelana ou prata. A mobília foi trazida de Londres em 1895, exceto as cadeiras que foram mandadas fazer aqui no Brasil.⁷⁵³

Função Casa Museu: Sala de jantar(fig.148)

Objetos que fazem parte da exposição permanente⁷⁵⁴:

- Mesa de madeira retangular, com pés torneados e com rodinhas, estilo inglês, séc. XIX, adquirido na Oetzamann e Co. Londres.⁷⁵⁵
- 12 cadeiras, com assento estofado em marrom com encosto vazado e entalhado
- 11 cadeiras com assento em palhinha encosto vazado e entalhado
- 03 cristaleiras⁷⁵⁶, em madeira entalhada, com duas portas de vidro e espelho de cristal ao fundo.⁷⁵⁷

⁷⁵² Fundação Casa de Rui Barbosa. www.casaruibarbosa.gov.br. Acesso em 03/03/2009.

⁷⁵³ MAGALHÃES, Rejane M.M..Almeida. Op. cit. p. 24

⁷⁵⁴ Objetos que estavam presentes na Sala de Jantar e que não se apresentam na exposição permanente: Tapete florido; Toalha de mesa em crochê

⁷⁵⁵ Fundação Casa de Rui Barbosa. www.casaruibarbosa.gov.br. Acesso em 03/03/2009.

⁷⁵⁶ Pela análise da foto de 1923 percebe-se que há nas cristaleira muitos objetos, em porcelana, cristal e prata, seguindo a tradição da época, objetos para serem utilizados em festas. Sabemos que Rui pessoalmente adquiria essas louças, em geral importadas, Maria Augusta era uma colecionadora de

- Um guarda louça, em madeira, com três gavetas, duas portas de madeira entalhada, tampo em mármore em sobreposto um armário de fechado com vidro e ao fundo espelho de cristal, duas estantes laterais.
- Par de poltrona, em madeira, com braços estofada de cor de rosa, pés de rodinhas (fig.149)
- Duas mesas laterais redonda em madeira
- Potiche de porcelana, Japão, séc. XX
- Dois aparadores, de madeira, com tampo de mármore marrom e espelhos de cristal emoldurados em madeira trabalhada
- Par de vasos com peanha de faiança policromada, em estilo renascença, marca Rorstrand/Marienberg, Suécia, XIX⁷⁵⁸
- Par de vasos, de cristal e bronze na cor verde (fig.150)
- Par de vasos, em faiança na cor verde claro
- Floreira de prata, estilo art nouveau, marca Mappin & Webb, Inglaterra, séc. XX⁷⁵⁹
- Cálices em cristal
- Jarras para água, em cristal e vidro
- Par de fruteiras, em cristal e bronze, marca Baccarat, França, séc. XIX
- Leiteira e bule de chá, em porcelana, marca Cariton Ware, Inglaterra, séc. XIX
- Bule de café, em porcelana, marca Rosenthal, Bavária, séc. XX
- Par de vasos, em bronze, manufatura japonesa, c1900
- Bule de chá e açucareiro, em metal prateado, marca Reed & Barton, séc. XIX
- Copos, em cristal lapidado, marca Heinrich Sieber, Petrópolis
- Sineta, em metal e madeira'
- Vaso em cristal, marca Val Saint Lambert, séc. XIX
- Pratos, em porcelana decorados
- Taças para sorvete, marca Limoges, França, séc. XIX
- Cinzeiro, de cerâmica esmaltada, c.1900
- Prato, de porcelana decorado, marca Caze Miler, França, séc. XIX
- Fruteira e pratos para frutas, em faiança, manufatura portuguesa, séc. XIX
- Talheres de metal com cabos de marfim, marca Lockwood Brothers Sheffield, Inglaterra, séc. XIX
- Talheres de prata, marca Reedn & Barton, Inglaterra, séc. XIX
- Vaso de porcelana, marca Zsolnay Pecs, séc. XIX
- Garrafa de cristal, marca Mappin & Webb, séc. XX⁷⁶⁰
- Tapete na cor bege extensão da sala
- Toalha de mesa, em veludo na cor marrom, com pompons brancos nas bordas

objetos em cristais, que só apresentava em dias festivos. VIANA FILHO, Luiz. **A vida de Ruy Barbosa**. 2. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1952. p. 295

⁷⁵⁷ Dentro das cristaleira, atualmente, há vários objetos decorativos, em porcelana e copos e taças em cristais, objetos em prata que também foram relacionados. Nem todos os objetos pertenceram diretamente a Rui e Maria Augusta, alguns pertenceram a sua filha Maria Adélia, também moradora na casa.

⁷⁵⁸ REIS, Cláudia Barbosa. 1997. Op. cit. p. 37

⁷⁵⁹ Idem, p. 21

⁷⁶⁰ Todos os objetos utilitários descritos fazem parte da exposição permanente dentro das cristaleiras, as marcas e procedências foram retiradas das legendas que as acompanham.



Fig.149. Poltrona em madeira, 2009.



Fig.150. Vaso de cristal e bronze na cor verde, 2009.

Análise: Essa sala (fig.151), reflete a suntuosidade das melhores residências de época do Rio de Janeiro, um ambiente refinado, com três cristaleira repletas de cristais, porcelanas e prataria. Não um ambiente de convívio familiar, mas de convívio social, aberto para grandes festas, recepções e eventos, quando a casa se enfeitava para receber os convidados, o mundo privado, arrumado e lustrado para receber o mundo público.

Acreditamos que para melhor situar seu proprietário e sua esposa nesse ambiente, é necessário uma narrativa que descreva as festas, principalmente os aniversários de ambos, quando Rui, pessoalmente cuidava da decoração e dos arranjos de flores. Algumas fotos serviriam para despertar, no visitante, a memória dos grandes eventos sociais do início do séc.XIX e XX, quando a aristocracia abria seus casarões, realizando grandes jantares, servindo as melhores bebidas e comidas. Ambientes refinados, onde a elegância de seus convidados se fazia vislumbrar, através dos trajes e das jóias, símbolos de status social. As pessoas deixavam-se fotografar para as colunas sociais, dos periódicos de época. Essas imagens poderiam ser mostradas aos visitantes, para que houvesse reconhecimento e, fosse despertada a memória coletiva, pois esse hábito continua em pauta nos dias de hoje.



Fig.151. Sala de Jantar, 2009.

16. Sala Questão Religiosa (Sala de almoço) - 1º Pavimento – Bloco Norte



Fig.152. Sala de Almoço, c1923.



Fig.153. Sala de Almoço, 1999



Fig.154. Sala de Almoço, foto site FCRB, 2009.

Localização: O acesso a esse ambiente é feito, pelo roteiro proposto através da Sala de Jantar. Ambiente de 33,55m², possui duas janelas com sacada em cima da Entrada dos Arcos, fachada leste. Possui quatro portas assim distribuídas, duas portas de duas folhas, em madeira envernizada e vidro transparente com bandeira de vidro de acesso para a Sala de Jantar; duas portas de duas folhas, em madeira com bandeira de vidro de acesso para a cozinha. O piso é soalho de madeira larga, paredes com acabamento em pintura branca, em uma delas encontramos vestígio da barra de papel de parede de fabricação inglesa, com motivos semelhantes às tapeçarias de Gobelin (podem ser vistas na fig.154). Por problemas estruturais do prédio foram retiradas, em uma das reformas, seu forro é de madeira.⁷⁶¹ Em duas paredes da sala há um friso de madeira envernizada próprio para se colocar pratos decorativos.

Origem do nome: Rui, enquanto jornalista na Bahia escreveu no “*Diário da Bahia*” vários artigos, a favor da liberdade de crença e, lançou as sementes da separação da Igreja do Estado.⁷⁶²

⁷⁶¹ Fundação Casa de Rui Barbosa. www.casaruibarbosa.gov.br. Acesso em 03/03/2009.

⁷⁶² Fundação Casa de Rui Barbosa. www.casaruibarbosa.gov.br. Acesso em 03/03/2009.

Função original: Local onde se realizavam todas as refeições cotidianas (fig.152), sempre com Maria Augusta sentada da cabeceira da mesa e Rui ao seu lado direito, os filhos só lhe fizeram companhia à mesa, quando adultos. Os horários das refeições eram estipulados por Rui e, raramente essa rotina era alterada: 7hs. café da manhã; 12hs. almoço; 16hs. chá da tarde e às 19hs. era servido o jantar.⁷⁶³ O casal gostava de ter sempre vasos com flores recém colhidas decorando a mesa.⁷⁶⁴ Haviam sempre convidados, familiares e amigos mais próximos, para o almoço ou jantar.

Função Casa Museu: Sala de almoço (fig.153-154)

Objetos que fazem parte da exposição permanente⁷⁶⁵ :

- Mesa oval, em madeira, com pés torneados
- Oito cadeiras, em madeira, com assento de palhinha e encosto em madeira vazada.
- Duas cadeiras, em madeira, com braços, assento em palhinha e encosto em madeira vazada
- Duas mesas de canto, em madeira quadrada
- Guarda-louça, em madeira entalhada com motivos inspirados em cenas de caça com portas e laterais em vidro, cinco prateleiras
- Escultura em bronze pintado “Lê Duo”, assinada pelo belga Van der Straeten, Paris, 1883.⁷⁶⁶
- Fruteira, em prata e cristal
- Garrafa, em cristal azul
- Conjunto de bule para café e chá, acompanha xícara em porcelana
- Dois pratos, em porcelana decorados
- Par de floreiras de biscuit, decorados por figuras femininas, marca Volkstedt Rudolstadt, Áustria, séc. XVIII
- Bandeja, em prata em formato oval
- Par de cachepô, em porcelana branca com ornamentos florais
- Azeitoneira de porcelana em formato oval, marca Roenthal, Alemanha, séc. XIX

⁷⁶³ BANDEIRA, Carlos Viana. Op. cit. p. 65

⁷⁶⁴ COSTA, Antonio Joaquim da. Op. cit. p. 45

⁷⁶⁵ Objetos que estavam presentes na Sala de Almoço e que não se encontram na exposição permanente: Cantoneira em madeira; Aparador em madeira entalhada com espelho e tampo em mármore, com quatro gavetas e quatro portas; Cristaleira em madeira com portas de vidro e espelho de cristal ao fundo; Três pratos de parede com motivos chineses; Par de vasos em porcelana; Par de licoreiras em cristal; Par de vasos em porcelana com motivos chineses; Cachepô em porcelana; Par de jarras em prata; Fruteira de três andares em cristal; Cesta de pães em prata; Duas estatuetas; Tapete na extensão da sala. Pela análise da fotografia de 1923 podemos notar que a cristaleira está repleta de copos e taças de cristais, xícaras de porcelana e outros objetos.

⁷⁶⁶ REIS, Cláudia Barbosa. 1997. Op. cit. p. 42

- Quadro de azulejos com a reprodução da tela “O grande touro” de Paul Potter, marca Joost Thooft, Ooseidet, Delft, Holanda, c.1904⁷⁶⁷
- Dois quadros de azulejos que reproduzem paisagens da Holanda
- Luminária de altura regulável, estilo art nouveau, Holanda, séc. XIX⁷⁶⁸
- Vaso em bronze com decoração em relevo, séc. XIX, China⁷⁶⁹
- Toalha de mesa, em veludo bege com pompons em toda extensão
- Tapete na cor bege e marrom em toda extensão da sala



Fig. 155. Sala de Almoço, 2009.

Análise: O jantar e o almoço eram servidos francesa⁷⁷⁰. Apesar de Rui gostar muito de comida baiana, geralmente não podia comê-la, por problemas de saúde. Suas refeições eram simples, canja, galinha ensopada com batatas, legumes cozido, arroz na manteiga, frango ao molho pardo, etc. Seu paladar era apurado, por isso era muito exigente com a comida, “*Chegava ao ponto de conhecer, na mesa, que a*

⁷⁶⁷ Esse quadro foi adquirido por Rui em Haia, 1907. REIS, Cláudia Barbosa. 1997. Op. cit. p. 39

⁷⁶⁸ MAGALHÃES, Rejane Mendes M. De Almeida. Op. cit. p. 53.

⁷⁶⁹ REIS, Cláudia Barbosa. 1997. Op. cit. p.15

⁷⁷⁰ Fundação Casa de Rui Barbosa. www.casaruibarbosa.gov.br. Acesso em 03/03/2009

*cebola não era partida naquele dia*⁷⁷¹. As refeições ocorriam em um ambiente tranqüilo, acompanhados de amigos e parentes.

Segundo depoimento de Maria Augusta *“Rui comia pouco, mas conversava muito. E sobe tudo, elle tinha um comentário justo, e, ás vezes, uma critica irônica”*⁷⁷².

Nesse ambiente, tão igual a tantas e tantas casas brasileiras, acreditamos que seria necessária uma narrativa, que contasse dos hábitos simples e metódicos cotidianos do casal à mesa: seu gosto por flores frescas adornando os vasos, suas comidas prediletas, a constante companhia de parentes e amigos, procurando tecer assim os laços possíveis de despertar no visitante o reconhecimento.

⁷⁷¹ Depoimento de sua filha Baby, em 10.abr.1975. Apud MMAGALHÃES, Rejane Mendes M. De Almeida. Op. cit. p.53

⁷⁷² **Ruy Barbosa íntimo**. Op. cit. p. 16

Copa - 1º Pavimento – Bloco Norte



Fig.156. Copa, foto site FCRB, 2009.

Localização: Seguindo o roteiro proposto, o acesso à copa se faz através da Sala de Almoço. Ambiente de 15,93m², não possui nenhuma janela. Possui quatro portas assim distribuídas: duas portas de duas folhas, em madeira com bandeira de vidro de acesso para a cozinha; uma porta de duas folhas em madeira e vidro transparente, de acesso para a sacada interna da residência, ela possui folha de escuro para vedação e segurança; uma porta duas folhas, em madeira de com bandeira de vidro de acesso para o corredor de serviço. Seu piso é hidráulico nas cores cinza, azul, roxo e branco, suas paredes possuem um barrado, até a metade do pé direito, de azulejos decorados de origem francesa nas cores branco e marrom, seu forro é de madeira. A pia é de mármore branco, com pés de madeira torneada e, possui duas torneiras em bronze, onde está escrito quente e fria.

Função original: Copa, onde ficavam armazenadas as refeições prontas para serem servidas na sala de almoço.

Função Casa Museu: Copa (fig.156)⁷⁷³

⁷⁷³ No folder com o roteiro de visitação não está apontado esse ambiente, porém faz parte do roteiro que consta no site da Fundação. Ele possui legenda do ambiente e    uma passagem obrigatória para acesso aos ambientes de serviço



Fig.157. Mesa de refeição dos empregados da casa



Fig.158. Porta de acesso a sacada interna, 2009.

Objetos que estavam presentes na Copa: Não há nenhum registro fotográfico desse ambiente enquanto casa morada, os relatos encontrados muito pouco esclarecem sobre o uso desse espaço, um deles dá conta que é aqui que ficava a geladeira da família, localizada ao lado da pia. Rui tinha conta mensal na Fabrica de gelo.⁷⁷⁴

Objetos que fazem parte da exposição permanente:

- Suporte de pia, em madeira, laqueada de branco com duas gavetas, com os pés torneados
- Pia de porcelana branca, de lavabo, com torneira de bronze⁷⁷⁵.
- Relógio de parede de pêndulo, marca Ten Boon den Haag, Holanda
- Quadro de campainhas para chamar os empregados.⁷⁷⁶
- Uma talha em barro, séc. XIX⁷⁷⁷ (fig.159)
- Mesa retangular, em madeira, com duas gavetas⁷⁷⁸ (fig.157)

⁷⁷⁴ BANDEIRA, Carlo Viana. Op. cit. p. 297

⁷⁷⁵ Essa pia de lavabo está instalada atrás de uma das portas que dá acesso a Sala de Almoço.

⁷⁷⁶ Adquirido na Casa Ao Telephone de Ouro. Fundação Casa de Rui Barbosa.

www.casaruibarbosa.gov.br. Acesso em 03/03/2009

⁷⁷⁷ Essa talha não pertenceu a casa ela foi fabricado para as escolas públicas do Estado de São Paulo.

Fundação Casa de Rui Barbosa. www.casaruibarbosa.gov.br. Acesso em 03/03/2009

⁷⁷⁸ Originalmente essa mesa ficava na Sala de Refeição dos empregados, no andar térreo. Fundação Casa de Rui Barbosa. www.casaruibarbosa.gov.br. Acesso em 03/03/2009

- Cache-pot em porcelana, com alça, decorado com flores e pássaros.
- Pintura, em madeira, representando um tucano, assinado por Isa Belita



Fig.159. Pia de mármore cinza, com suporte em madeira, 2009.

Análise: Não conseguimos informações de como a família utilizava esse ambiente em seu cotidiano. Todos os relatos são sobre os objetos que existiam aqui ou, informações de como era utilizado, quando havia recepções. Nessas ocasiões era contratado o Buffet da Confeitaria Pascoal, que se instalava na copa e, circulava para a Sala de Jantar, através da Sacada interna⁷⁷⁹ (fig.158).

Acreditamos que um relato, sobre como era utilizada a copa, na maioria das casas abastadas do Rio de Janeiro, no período, local onde não se preparava a refeição, sendo utilizado apenas para armazená-la e, também, através da culinária, com uma descrição dos pratos prediletos dos seus antigos moradores, levaria o visitante a rememorar e, fazer a ligação necessária com sua memória individual, não só afetiva, mas também sensitiva.

⁷⁷⁹ Fundação Casa de Rui Barbosa. www.casaruibarbosa.gov.br. Acesso em 03/03/2009

Sacada e escada de acesso ao jardim interno - 1º Pavimento – Bloco Norte⁷⁸⁰



Fig. 160. Escada de acesso a sacada interna, 1999

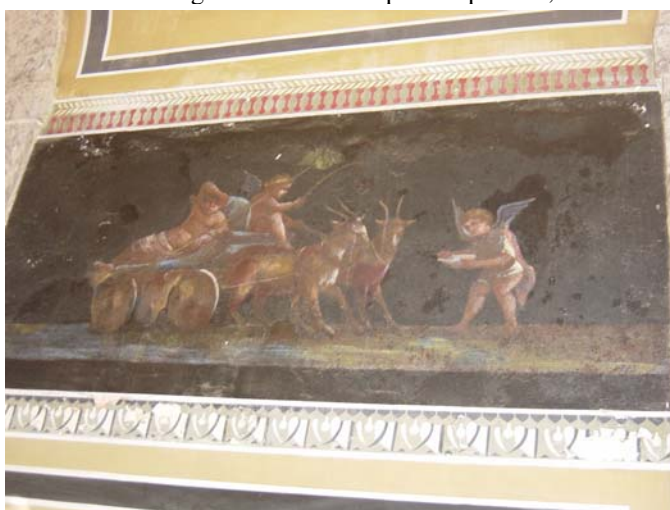
Através dela se tem acesso ao primeiro andar da casa, possui cinco portas assim distribuídas: três portas de duas folhas, em madeira e vidro com bandeira de vidro em arco de acesso para a Sala de Jantar; uma porta de madeira e vidro com bandeira de vidro em arco de acesso para a Sala de Conversa e, uma porta de madeira e vidro de acesso para a copa.

Localização: Sacada interna da casa, a qual se tem acesso através de uma escada de mármore com dezoito degraus, com balaústre em ferro ornado (fig.160). Para se chegar a essa escada é necessário seguir através da Entrada dos Arcos, até o jardim interno, virando a esquerda, seguindo as alamedas de pedra.

Ambiente externo para a fachada norte, a sacada elevada tem seu piso sustentado por abobadilhas composta de arcos, possui colunas metálicas ornamentadas, paraqueto de serralheria decorada e lambrequins de ferro ornado.

Seu piso é hidráulico nas cores cinza, bege e branco, suas paredes possuem pinturas parietais de estilo pompeano (fig.110), seu forro é de madeira.

Fig.161. Detalhe da pintura parietal, 2009.



⁷⁸⁰ Esse ambiente não faz parte do roteiro de visitação da Casa Museu, mas faz parte do conjunto sendo passagem para diversos ambientes.

Função original: Escada de acesso ao jardim interno. Muito utilizada por Rui, quando cansado das visitas noturnas, saía silenciosamente por ela para um pretense passeio noturno nos jardim, entrando em seguida pela porta externa da Biblioteca, de acesso pelo jardim interno, recolhendo-se em seu gabinete.

Função Casa Museu: Escada de acesso à sacada interna. Para proteção das pinturas parietais e do piso foi instalado um toldo de lona de rolo na cor bege (fig.162).



Fig.162. Sacada interna da residência, 2009.



Fig.163. Fachada interna da residência, 2009.



Fig.164. Interior da Sacada interna, 2009.

Análise: Até onde pudemos levantar esse era um ambiente de passagem, utilizado pelos moradores e pelos empregados, que por ele tinham acesso aos ambientes sociais e privados da casa (fig.164). Em dias de festas era decorado, pois passava a fazer parte do cenário do jardim interno da residência (fig.163).

Corredor de Serviço - 1º Pavimento – Bloco Norte⁷⁸¹

Fig.165. Corredor de Serviço, 2009.



Localização: O corredor de serviço (fig.165), começa após a porta de acesso a Copa e, se estende até a porta de saída da residência, fachada norte, ambiente de 17m., não possui nenhuma janela, para entrada de luminosidade, há uma clarabóia de estrutura em ferro com vidro transparente. Possui oito portas de duas folhas, em madeira com bandeira de vidro transparente, assim distribuídas: uma de acesso a Copa, uma de acesso ao banheiro, uma de acesso ao Depósito, duas de acesso ao Quarto da Babá, uma

de acesso a Reserva Técnica da Casa Museu, uma de acesso a Cozinha e uma de acesso às escadas que levam ao jardim interno, sendo que essa é em madeira e vidro com bandeira e possui folha de escuro. Seu piso hidráulico, nas cores verdes, azul e bege, as paredes são em estuque nas cores verde e bege com barrado, até a metade do pé direito e, seu foro é de madeira. Neste ambiente existe uma antiga caixa de força, que respondia pela iluminação dessa ala da residência. Não existe nenhum objeto exposto nesse corredor.

⁷⁸¹ Esse corredor, não é apontado como um ambiente de visitação, no roteiro proposto, porém vamos incluí-lo por ser um ambiente de passagem. O nome do ambiente foi atribuído por nós

Banheiro - 1º Pavimento – Bloco Norte⁷⁸²



Fig.166. Banheiro, 2009

Localização: O acesso a esse ambiente se faz através da copa, entrando no Corredor de Serviço, primeira porta a leste.

Ambiente de 7.70m², possui uma janela voltada para a fachada norte, uma porta de duas folhas, de madeira com bandeira de vidro de acesso para o corredor de serviço. Seu piso é hidráulico, sua parede possui um barrado de azulejo decorado de origem francesa⁷⁸³, até a metade do pé direito, na cor azul e branco. As



Fig.167. Pia lavatório em louça decorada, foto site FCRB, 2009.

Fig.168. Mictório em louça decorada, 2009.



⁷⁸² No folder com o roteiro de visitação esse ambiente não está apontado, porém faz parte do roteiro proposto no site da Fundação. Ele possui legenda de ambiente.

⁷⁸³ Os azulejos desse ambiente são da marca Choisy Leroy, séc. XIX.. Fundação Casa de Rui Barbosa. www.casaruibarbosa.gov.br. Acesso em 03/03/2009

louças são de origem inglesas⁷⁸⁴, decoradas com flores e pássaros (fig.116-117), seu forro é de madeira.

Função original: Banheiro familiar

Função Casa Museu: Banheiro (fig.166)

Objetos que estavam presentes no banheiro: Não foram encontradas fotos antigas desse ambiente, os relatos nos levam a acreditar que era um banheiro comum da casa, utilizado pelas crianças da família e pelos empregados.

Objetos que fazem parte da exposição permanente:

- Louças de porcelana branca, decorada com motivos florais e aves, possui porta papel higiênico, são fechadas com tampas de madeira (fig.167)
- Banheira de porcelana branca, com pés de leão
- Quatro cabides, em madeira de parede, para toalhas e roupas.
- Mictório em porcelana branco decorado com motivos florais (fig.168).
- Jarro de água, em porcelana com haste de ferro

Análise: Acreditamos que para introduzir a família e os empregados nesse espaço, será necessário fazer um relato dos empregados da casa e o hábito familiar de manter as crianças afastadas por longo período do dia, sendo cuidadas pelas nurses estrangeiras.

Também, despertaria interesse no visitante, falarmos das louças e canos ingleses e dos azulejos franceses muito usual nas construções do séc. XIX, principalmente na Corte. Há, na legenda do ambiente, um curto relato sobre as louças e azulejos.

⁷⁸⁴ As louças e ferragens desse banheiro, foram importadas da Inglaterra, por Amaral Guimarães & Cia., são da marca Johnsons Brothers/ Hamley Limited. Há, acoplado ao vaso sanitário um porta papel higiênico em louça inglesa. REIS, Cláudia Barbosa. 2002. Op. cit. 26.

18. Sala da Queda do Império⁷⁸⁵ (Quarto da Babá- Quarta dos filhos) - 1º Pavimento – Bloco Norte



Fig.169. Quarto do casal na residência de Petrópolis, c1923



Fig.170. Quarto da Babá, 2009.

⁷⁸⁵ Quando da inauguração da Casa Museu, o ambiente que levava o nome de Sala de Queda do Império, era o utilizado pelo genro de Rui, Batista Pereira, para seu escritório, na entrada da casa. Por sugestão de Américo Jacobina Lacombe, passou a designar o quarto que pertenceu aos filhos de Rui e suas respectivas babás. MAGALHÃES, Rejane M. Moreira de Almeida. Op. cit. p. 24.

Localização: Seguindo o roteiro da Casa Museu, esse é o penúltimo ambiente⁷⁸⁶ a ser visitado, seu acesso se faz através do corredor de serviço. Ambiente de 16m², possui duas janelas para a fachada norte. Possui duas portas de duas folhas, de madeira com bandeira de vidro, de acesso para o corredor de serviço. Seu piso é de madeira larga, as paredes têm acabamento em pintura na cor branca, seu forro é de madeira.

Origem do nome: Rui, como jornalista e redator chefe do jornal “*Diário de Notícias*” escrevia artigos criticando a monarquia, editados sob o título *Queda do Império*.⁷⁸⁷

Função original: Quarto da babá e dos filhos do casal, quando pequenos⁷⁸⁸, João e Baby e suas nurses estrangeiras, que os acompanharam na volta ao Brasil do exílio. Do ambiente original pouco se sabe, encontramos depoimentos que depois das nurses, a governanta ocupou esse aposento.

Função Casa Museu: Quarto de Rui Barbosa (fig.169) da Casa de Petrópolis⁷⁸⁹, o governo brasileiro adquiriu os móveis de Petrópolis em fevereiro de 1929.

Objetos que fazem parte da exposição permanente (fig.170):

- Cama de casal, em metal dourado
- Guarda roupa, em madeira laqueada em azul, com ornamentos em dourado, duas portas
- Guarda roupa, em madeira laqueada em azul, com ornamentos em dourado, uma porta com espelho de cristal
- Uma cômoda penteadeira, em madeira laqueada em azul, com ornamentos em dourado, com cinco gavetas e uma porta, tampo e vidro transparente, espelho de cristal e arandelas ao lado do espelho

⁷⁸⁶ Antes de chegarmos a esse ambiente há uma porta fechada, onde uma legenda explica que, ali ficava a despensa da casa, com um grande armário para guarda de mantimentos. Sua visitação não está aberta, porém consta no folder do roteiro como um local de exposição temporária. Ambiente 17

⁷⁸⁷ MAGALHÃES, Rejane M.M.de Almeida. Op. cit. p.24.

⁷⁸⁸ Na legenda desse ambiente, o nome consta como quarto das crianças.

⁷⁸⁹ Objetos que através de observação da foto de 1923, estavam presente, no quarto do casal de Petrópolis: cama de casal em metal dourado; cadeira de balanço em madeira com encosto arredondado e vazado; cadeira branca estofada com espaldar alto, encosto vazado; criados mudos em madeira ; crucifixo; urinol em ágata; castiçal em prata com dois braços; castiçal em prata de chão; uma luminária de mesa; imagem de Nossa Sra. Aparecida; crucifixo em madeira e prata de parede; imagem do Papa João XXII enquadrado em madeira; uma passadeira florida na extensão do quarto; um tapete estampado aos pés da cadeira de balanço; almofadas quadradas bordadas com monograma na cabeceira da cama.

- Dois criados mudos, em madeira em madeira laqueada em azul, com ornamentos em dourado, com uma gaveta e um compartimento fechado para urinol, tampo em mármore cinza.
- Uma escrivaninha papeleira, em madeira laqueada em azul, com ornamentos em dourado, com uma gaveta
- Uma mesa para encaixe em leito, de estrutura de ferro, com altura regulável e tampo de azulejos.⁷⁹⁰
- Duas fotos, enquadrada em madeira, com imagens da casa de Petrópolis
- Uma imagem de Cristo, enquadrada



Fig.171. Detalhe do Quarto da Babá, 2009.



Fig.172. Penteadeira laqueada em azul, 2009.

Análise: Os móveis que compõem esse ambiente, vieram da casa de Petrópolis, a cama foi a que Rui estava quando faleceu. Os outros móveis (fig.171-172), que compõem o ambiente, foram adquiridos no mesmo momento, porém, não encontramos referências para identificar a que ambiente faziam parte na outra residência.

Acreditamos ser necessária uma narrativa mais bem cuidada, que situe o mobiliário a casa de Petrópolis no ambiente, a cama em especial, pois ela é muito significativa

⁷⁹⁰ Essa mesa foi muito utilizada quando Rui se achava preso ao leito. REIS, Cláudia Barbosa. 2002. Op. cit. p. 41

em relação à morte de seu proprietário. Fotos ampliadas da residência e do quarto de Petrópolis, ajudariam ao visitante, a vislumbrar no presente o significado dessa re-ambientação. Na legenda do ambiente, há fotos de Maria Augusta e dos filhos do casal, pois a denominação do ambiente é quarto das crianças, na verdade o mobiliário que aqui encontramos não está ligado a essa denominação, ou, se está, não está explicado porque.

20. Cozinha - 1º Pavimento – Bloco Norte

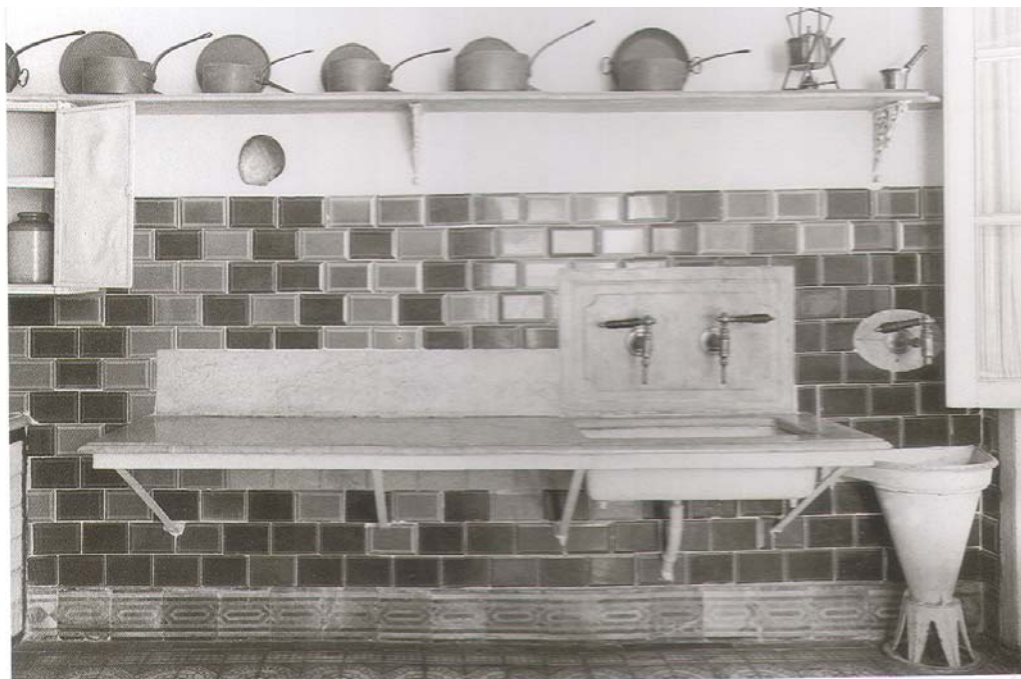


Fig.173. Cozinha, 1999

Localização: Esse é o ultimo ambiente interno⁷⁹¹ a ser visitado, pelo roteiro proposto pela Casa Museu. Ele também pode ser acessado, pela ultima porta do corredor, uma porta de duas folhas, em madeira e vidro, com folha de escuro, que permite o acesso para fora da residência.

Ambiente de 23m2, possui três janelas que se abrem para a fachada norte. Possui uma porta de duas folhas, em madeira com bandeira de vidro, de acesso para o corredor de serviço. Duas pias retangulares em mármore cinza com duas torneiras de bronze onde está escrito quente e fria e, uma em forma de cone para aves e peixes, fogão a lenha revestida de azulejos brancos. Há descrição que aqui havia um elevador monta carga⁷⁹². Seu piso é hidráulico nas cores branco, cinza e azul, as paredes possuem barrado de azulejo na cor vermelho e rosa, até a metade do pé direito, seu forro é de treliça de madeira.

⁷⁹¹ Antes de chegarmos à cozinha, há uma porta fechada com uma legenda explicativa, Refeitório dos empregados, hoje utilizado como reserva técnica da Casa Museu. Não está aberto para visitação, porém no folder do roteiro esse ambiente está pontuado e, recebe o nome de Sala Dreyfus. Ambiente 19.

⁷⁹² Há vestígios do elevador monta carga, que trazia e levava os alimentos do andar térreo. Fundação Casa de Rui Barbosa. www.casaruibarbosa.gov.br. Acesso em 03/03/2009

Função original: Cozinha

Função Casa Museu: Cozinha (fig.173-174)



Fig.174. Cozinha, 2009.

Objetos que compõem a exposição permanente:

- Fogão de lenha, revestido de azulejo branco (fig.175)
- Bancada em alvenaria, revestida de azulejo branco com tampo de mármore cinza
- Prateleira em mármore cinza em L, fixada na parede, para guardar utensílios
- Guarda comida, em madeira laqueada de branco, com uma porta em madeira e com tela de respiro
- Caixa em madeira, própria para guarda lenha
- Jogo de panelas de níquel, adquiridas na Casa Leonardos & Cia., RJ.
- Jogo de assadeiras de níquel, adquiridas na Casa Leonardos & Cia., RJ.⁷⁹³
- Jogo de tachos, em cobre

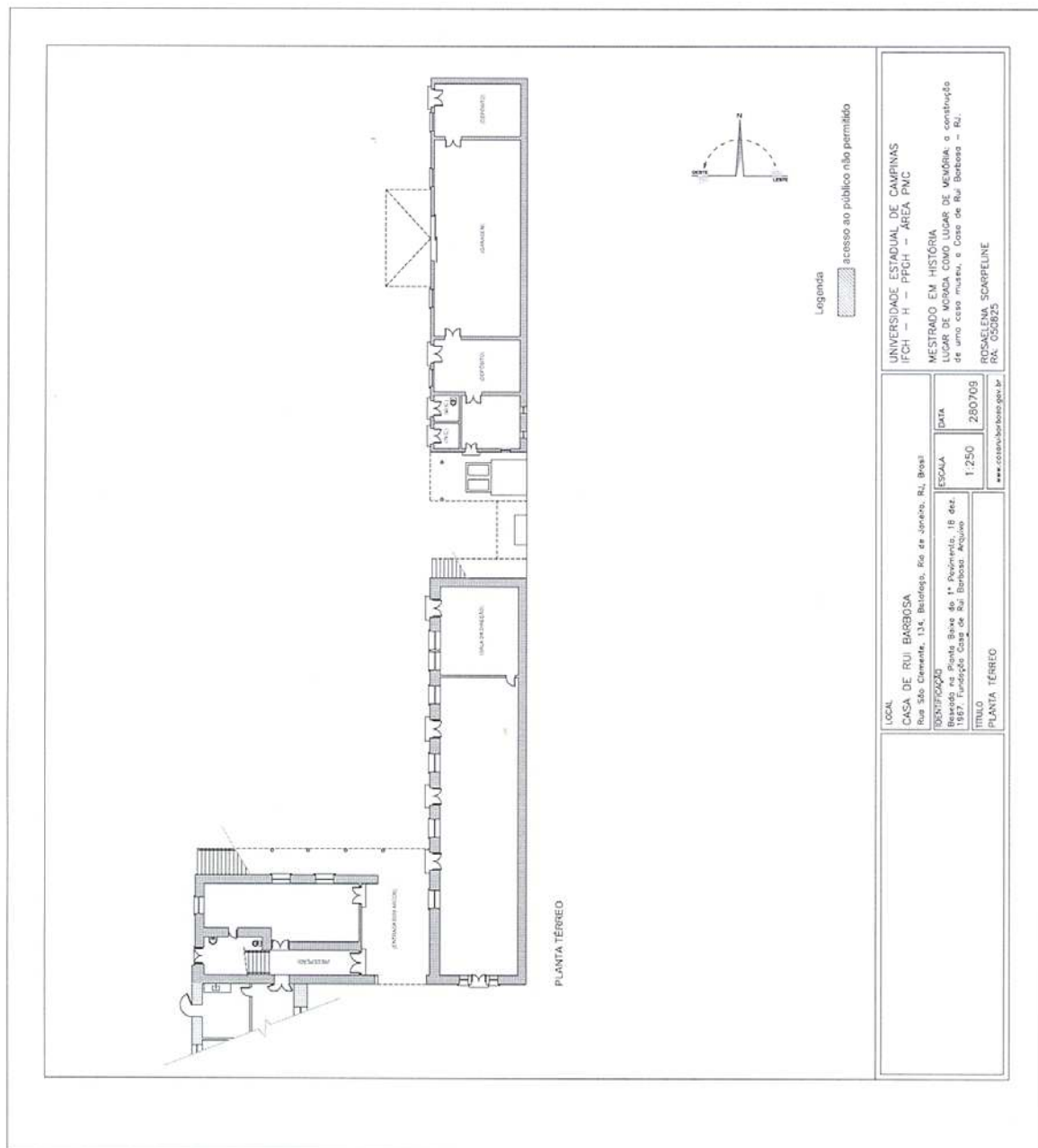
⁷⁹³ As informações sobre a aquisição das panelas e assadeiras estão presentes na legenda do ambiente.



Fig.175. Fogão a lenha, 2009.

Análise: Do ambiente original não conseguimos encontrar fotografias, há poucos depoimentos sobre sua funcionalidade. A cozinha, segundo a legenda do ambiente, foi uma dos pequenos arranjos encomendados por Da. Maria Augusta, quando da reforma da casa, em 1893.

Acreditamos que sendo esse um ambiente comum, a todas as casas moradas, fica mais fácil para o visitante, ser envolvidos com o ambiente, as lembranças da cozinha, seus cheiros e gostos, estão presentes na memória coletiva de todos nós.



Entrada de Serviço da residência – Pavimento Térreo



Fig.176. Entrada dos Arcos, 2009



Fig. 177. Escada de acesso ao Corredor de serviço, 2009.

Localização: Acreditamos que a entrada cotidiana, principalmente de empregados e entregadores, era feita pela escada do fundo da casa, que se tem acesso passando pela Entrada dos Arcos (Fig.176), caminhando pelas alamedas do jardim interno, até chegar à cisterna, que tem ao lado, uma escada de dezoito degraus (fig.177), com balaústre de ferro com adorno, que dá acesso ao Corredor de Serviço e a Cozinha.

Cocheira e Garagem – Pavimento Térreo⁷⁹⁴

Fig.178. Fachada da Garagem, 2009.



Fig.179. Exposição permanente dos carros da família, 2009.



Localização: Entrando pelo portão da rua, à direita da casa, no andar térreo, passando a Entrada dos Arcos, segue-se pelas alamedas até a Garagem. Ambiente

⁷⁹⁴ É opcional a visita a esse espaço de exposição.

de 76.75m², possui duas janelas para a fachada norte e, três portas assim distribuídas: duas portas de duas folhas de madeira, dando acesso para ambientes laterais (direita e esquerda), identificados como depósito e, uma grande porta de correr, em madeira com bandeira de ferro vazado para ventilação, para entrada dos veículos. Seu piso é hidráulico, as paredes com acabamento em pintura amarela e seu forro é de treliça de madeira.

Função original: Era utilizado pela família a princípio como cocheira depois foi adaptado e passou a ser garagem dos carros.

Função Casa Museu: Garagem, onde estão expostos os quatro carros da família.(fig.178-179)

Objetos que compõem a exposição permanente:

- Landau: carro grande puxado por quatro animais
- Cupê: carro menor puxado por dois animais
- Vitória: carro para duas pessoas puxado por dois animais
- Benz: carro a motor fabricado em 1913.

Análise: A Garagem, não fazia parte do roteiro original de visitação da Casa Museu, porém, atualmente, está inserido tanto no roteiro da Casa Museu, como no do Jardim. Acreditamos ser necessário inserir fotografias do cotidiano da família, utilizando os veículos, para ambientar o visitante e, despertar nele a memória de um Rio de Janeiro do final do séc. XIX início do séc. XX. A narrativa histórica, daria a liga necessária para despertar a memória coletiva.

Visitação Opcional

Fig.180. Pérgula do jardim interno, 2009.



São opcionais as visitas aos espaços do jardim frontal, o jardim interno (fig.180) e, o kiosque (fig.181). O espaço do jardim é muito significativo para a comunidade local, que o freqüenta principalmente pela manhã. Crianças e idosos, passeiam pelas

alamedas, parando de quando em quando nos bancos, em conversa animada ou apenas admirando as lindas árvores e flores, ou ainda, ouvindo atentamente o canto dos pássaros.

Fig. 181. Kiosque do jardim interno, 2009.



Também o Kiosque do jardim é um espaço de visitação, l  encontramos alguns pôsteres que contam um pouco sobre o Bairro do Botafogo e, da cidade do Rio de Janeiro na época em que Rui Barbosa e sua família ali viveram.

No andar térreo, abaixo da área de serviço da casa morada, encontramos vários ambientes, que eram utilizados pela família como moradia de seus inúmeros empregados (fig.182), os registros nos mostram que ao todo eram onze pessoas⁷⁹⁵. Logo na entrada da

⁷⁹⁵ Cocheiro, motorista, jardineiro, mordomo, governanta, arrumadeira, cozinheiros e criados de quarto. MAGALHÃES, Rejane M. de Almeida. Op. cit. p. 131

casa, ao lado da Entrada dos Arcos, ficava o escritório do genro de Rui (fig.183), Batista Pereira, também encontramos registro que o filho João, quando solteiro, ocupava um dos aposentos do térreo, o qual chamava de Chateau Misère.⁷⁹⁶

Fig.182. Entrada de serviço, 2009.



Fig. 183. Antigo escritório do genro de Rui, 2009.



⁷⁹⁶ FUNDAÇÃO Casa de Rui Barbosa. **Rui, sua casa e seus livros**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1908. p. 167.

Em 1937, foi construído no local onde existia a estufa de Da. Maria Augusta, a casa do zelador da Casa Museu e, em 1978, foi construído o edifício sede da Fundação Casa de Rui Barbosa.⁷⁹⁷

O horário de funcionamento da Casa Museu é: terças às sextas feiras, das 10 às 17:30hs, aos sábados, domingos e feriados, das 14 às 18hs. Todas às ultimas terças feiras do mês, há possibilidade de se visitar a Casa Museu, também, no período noturno, pois ficam abertos das 10 às 20hs.

A visitação ao Jardim se dá das 8 às 18hs, todos os dias, inclusive aos finais de semana e feriado. É possível agendar a visita, com escolas ou excursões. No caso de escolas, há possibilidade de treinamento anterior, aos professores interessados.

⁷⁹⁷ Fundação Casa de Rui Barbosa. www.casaruibarbosa.gov.br. Acesso em 03/03/2009

Capítulo 6. Considerações finais

“Sem dúvida nós reconstruímos, mas esta reconstrução se faz seguindo as linhas já marcadas e desenhadas por lembranças, nossas ou de outros”
Halbwachs⁷⁹⁸

Como demonstramos, a casa morada possui duplo significado, pois é sem sombra de dúvida, um bem, patrimônio edificado, monumento histórico, sendo também um lugar de representação do mundo privado de seu proprietário e de sua família. Para fazê-la falar com o visitante e contar do tempo social ali desenrolado, trabalhamos com um “mundo presumido”, partindo da pesquisa histórica e promovendo uma repetição, um simulacro do passado.

Para entender esse espaço social que sofre a influência de seu tempo histórico datado, da sociedade em que está inserido, das modificações e modernizações nos equipamentos e materiais construtivos, aliados aos novos modelos arquitetônicos, higienistas e sanitaristas que ocorreram, ao longo da história de nosso país, há necessidade de se acompanhar e pontuar todas essas influências e, a partir delas re-significar e re-ambientar os espaços. *“As noções de tempo e espaço, estruturantes dos quadros sociais da memória, são fundamentais para a rememoração do passado na medida em que as localizações espacial e temporal das lembranças são a essência da memória.”*⁷⁹⁹

Sem nos esquecermos de que o homem, ao tomar posse do espaço da casa, a transforma em lar, criando maneiras próprias de utilizar os ambientes estabelecidos. Assim a história de seu proprietário e familiares são as bases para a criação de um cenário verossímil.

⁷⁹⁸ HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006. p. 65

⁷⁹⁹ BARROS, Myriam Moraes Lins de. Memória e família. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v.2, n.3, p.29-42, 1989.

A casa morada, ao se transformar em Casa Museu, passa a ser considerada um patrimônio cultural, que segundo a definição de Gonçalves⁸⁰⁰ designa o prédio, o lugar histórico, o conjunto de objetos e as atividades e práticas sociais e culturais que ali aconteceram. Esses bens culturais, para serem reconhecidos e apropriados pela comunidade, devem ser identificados, classificados e exibidos e, relacionados a uma narrativa histórica, ganhando assim o status de bens simbólicos, apresentando novos significados em relação à sua materialidade arquitetônica e ao patrimônio móvel, assim, por sua vez são considerados monumentos. *“O caráter e o significado de monumentos não correspondem à estas obras em virtude do seu destino originário, somos nós, sujeitos modernos, quem lhe atribuímos”*⁸⁰¹

A Casa Museu Rui Barbosa, sem dúvida patrimônio de nosso país, traz todos esses preceitos destacados por nossa pesquisa, é um lugar de memória, onde seus ambientes procuram representar seu personagem símbolo, Rui Barbosa. Embora, em alguns momentos, esse personagem não pode ser vislumbrado pela visita aos ambientes, nem ele, nem sua família. Eles ficam escondidos pela materialidade arquitetônica e pela exuberância do mobiliário, que sem uma narrativa histórica cuidadosa, deixam de contar de seus moradores.

As denominações das salas, que esperam reforçar o mito Rui Barbosa e, relembrar seus feitos na história de nosso país, pouco dizem do homem que ali habitava, de suas manias e gostos. De sua amada esposa, tão presente em toda a sua vida, mulher forte que o impulsionava nos momentos difíceis, dos cinco filhos e inúmeros netos. Uma casa que pelos depoimentos encontrados, era viva e pulsante, onde havia sempre presente, familiares e amigos. Lugar de grandes saraos e festa, de comemorações cheias de

⁸⁰⁰ GONÇALVES, José Reginaldo. **A retórica da perda**: os discursos de patrimônio cultural no Brasil. Rio de Janeiro: UFRJ/IPHAN, 1996. p. 62.

⁸⁰¹ Riegls, 1987. Apud PEREIRO, Xerardo. Patrimônio cultural: o casamento entre patrimônio e cultura. . **Actas do I Congresso Internacional de Etnografia**, Póvoa do Varzim, 20-1 maio.2005, p.23-41. p. 28.

significado afetivo, como o aniversário de casamento do casal e de cada um deles, casamento dos filhos, etc.

Analisando o folder de visitação, vemos apenas o homem público, a casa morada fica desconectada, suprimida. Um visitante desprevenido, pouco conhecedor da história de nosso país e do personagem, sairá de lá acreditando ser ali uma casa de estudos, uma casa de livros, onde seu morador passava seus dias estudando, escrevendo e pensando no futuro político de nosso país.

Pois um visitante sem referências próprias para rememorar e, não encontrando documentos que o contextualizem a família nos ambientes, não conseguirá trazê-los para dentro da residência, tornado assim os ambientes verossímeis como uma casa morada. Ou poderá também, sair da visita acreditando que ali é apenas, mais uma casa abastada do Rio de Janeiro, no início séc.XX e, não um espaço consagrado a memória de Rui Barbosa e sua família.

Salientamos também a falta de informação a respeito dos ambientes, que estão localizados no térreo da residência, desde a Entrada dos Arcos, a entrada da Casa Museu e os ambientes que hoje estão ocupados por atividades administrativas, antes lugar de morada de familiares e empregados. Da forma que se apresenta hoje, o folder, só dá destaque a ambientes considerados nobres, sendo que os banheiros e a copa, que fazem parte do roteiro, são desprezados, não conseguindo dar ao visitante a dimensão do que foi esse espaço no todo, enquanto residência da família Rui Barbosa.

Merece um destaque maior a arquitetura neoclássica da casa, com suas paredes internas revestidas de papel de parede, suas belas pinturas parietais temáticas, os forros em estuque ornados e pintados, as louças, azulejos e equipamentos ingleses, os pisos hidráulicos em ótimo estado de conservação. Pois o visitante pode, se não estiver devidamente prevenido, admirá-los, mas não entender que são marcos construtivos de uma época.

Situar também um tempo histórico, final do séc.XIX, início do séc.XX, na cidade do Rio de Janeiro, a qual passa por grandes modificações urbanísticas e de costumes, afetando assim as maneiras de morar e de tomar posse de uma casa, tornando-a ao mesmo tempo elegante, pratica e confortável, em sintonia com os ditames do período. Pois através do imaginário social, podemos fazer, pelo do processo associativo, novas leituras e assim adquirir novos conhecimentos.

O esforço dos administradores da Casa Museu Rui Barbosa é louvável, tanto no que se refere à preservação do patrimônio, arquitetônico e móvel, quando a preocupação com seu entorno. Pois, sendo uma casa de grande escala, se mantém impecável, passando por manutenções periódica. E são desenvolvidos estudos e, implementados projetos, visando sua conservação e preservação, em sintonia com o que há de mais moderno, nas tecnologias disponíveis no mercado.

O jardim, necessita de um cuidado diário, da mesma forma em que acontecia quando Rui ali morava. Funcionários passam os dias a cuidar desse espaço, mesmo sendo interrompidos, a todo o momento, pelos visitantes, que se reconhecem com o ambiente e dão “uns palpites”, no cuidado com as plantas. Mostrando assim a integração, entre os visitantes e o jardim da casa.

A Biblioteca de Rui, imensa biblioteca, que toma conta de quase todos os ambientes, está muito bem cuidada e, preservada. O novo sistema de controle climático implantado mantém estável os ambientes da Biblioteca e dos Gabinetes. Os livros estão ali, se oferecendo aos visitantes. Através do catalogo on-line podemos realizar as pesquisas, tudo está devidamente organizado. Os ambientes primam pela limpeza e cuidado. O trabalho realizado na área de educação é exemplar, tanto com a comunidade do entorno, como especificamente com as crianças, idosos e as escolas da cidade do Rio de Janeiro.

Temos apenas, para concluir acrescentar ser necessário um maior cuidado, na apresentação dos ambientes, revendo as legendas dos

ambientes e o próprio folder. Recomendamos também uma nova proposta museografica que possa espelhar mais o cotidiano de Rui e sua família, mostrando que antes de ser museu, ali era um lar. Pois acreditamos que, uma das principais funções de uma Casa Museu é apresentar ao visitante a intimidade de um homem mito, de um personagem que faz parte de nossa história, de nossa memória coletiva. Devendo mostrar o quão igual era sua vida cotidiana a nossa, partindo de um tempo atemporal, pois atividades como comer, dormir, estudar e tantas outras pequenas coisas, não deixaram de ser realizadas com o passar dos tempos. Encantando assim os visitantes de todas as idades e fazendo-os re-memorar.

Para terminar gostaríamos de ressaltar o prazer que foi realizar essa pesquisa na casa memória de Rui e sua família.

“Com licença Sr. Rui, agradecendo sua atenção, estamos nos retirando”.

Bibliografia

ABREU, Regina. **A fabricação do imortal**: memória, história e estratégias de consagração no Brasil. Rio de Janeiro: Lapa/Rocco, 1996.

_____. Quando o campo é o patrimônio. **CPDOC/FGV**, nov. 2004. Disponível em: www.cpdoc.fgv.br, acesso em 21 ago. 2007.

_____; CHAGAS, SOUZA, Mário de; Santos, Myrian Sepúlveda dos, (Orgs.) **Museus, coleções e patrimônios**: narrativas polifônicas. Rio de Janeiro: IPHAN, 2007.

ACAYABA, Marlene M. (Coord.). **Equipamentos, usos e costumes da casa brasileira**: construção. São Paulo: Museu da Casa Brasileira, 2001. v. 1-4.

AFONSO, Manoela dos Anjos. Xilocidade: memória urbana gravada. (texto) 9p.

ALBERNAZ, Maria Beatriz. Como manter vivo um museu casa. **Revista Eletrônica Jovem Museologia**: estudos sobre museus, museologia e patrimônio. v. 2, n. 3, fev. p. 10, 2007. Disponível em: <http://www.unirio.br/jovemmuseologia>. Acesso em 22 abr. 2008.

_____. **Historiografia das atividades educativas do Museu Casa de Rui Barbosa**, 1930-2005. Trabalho de conclusão de Pesquisa. Rio de Janeiro: FCRB-FAPERJ, 2006-8.

ALVES, Ieda Maria. Contribuição ao estudo do vocabulário da habitação: a palavra casa dos dicionários da língua portuguesa. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 5, jan./dez. 1997.

AMARAL, Aracy. **A hispanidade em São Paulo**. São Paulo: Nobel, 1981.

AMARAL, Eduardo Lúcio Guilherme. Reflexões sobre o papel educativo dos museus. **Revista Humanidades**, Fortaleza, v. 18, n. 1, jan./jun. p. 9-16, 2003.

AMORIM, Alexandre Rômulo A. De. Arruando pelos lugares: as excursões históricas e de educação patrimonial. **Anais do Museu Histórico Nacional**, Rio de Janeiro, v.39, p. 345-61, 2007.

ANCIÃES, Alfredo Ramos. Quando objectos de coleção falam das (tele) comunicações. **Episteme**, Porto Alegre, n.20, jan./jun. p.129-43, 2005.

ANDRADE, Marcos Ferreira de. Casas de vivenda e de morada: estilo de construção e interior das residências da elite escravista sul-mineira, século XIX. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v.12, jan.-dez. 2004.

ARANTES, Antonio Augusto. Documentos históricos, documentos de cultura. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 22, p.48-55, 1987.

"_____. (Org). **Produzindo o passado**: estratégias de construção do patrimônio cultural. São Paulo: Brasiliense/Condephaat, 1984.

ARAÚJO, Maria Lucília Viveiros. Os interiores domésticos após a expansão da economia exportadora paulista. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v.12, jan.-dez., p.129-60, 2004.

AUGÉ, Marc. **Não lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus, 1994.

AZEVEDO, Ana Lúcia. O genocídio cultural do Iraque: saques levaram parte da história da humanidade. **O Globo**, Rio de Janeiro, 19.abr.2003. p. 21.

AZZAN JUNIOR, Celso. **Antropologia e interpretação**: explicação e compreensão nas antropologias de Levi Strauss e Geertz. Campinas: Unicamp, 1993.

BACHELLARD. **A poética do espaço**. São Paulo: Fontes, 1996.

BANDEIRA, Carlos Viana. **Lado a lado com Rui**: 1876-1923. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1960.

BANN, Stephen. **As invenções da história**: ensaios sobre a representação do passado. São Paulo: Ed. Unesp, 1994.

BARBOSA, Alfredo Ruy. Recordando Ruy. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 29.abr.2004. Disponível em Fundação Casa de Rui Barbosa.
www.casaruibarbosa.gov.br. Acesso em 30/06/2009

BARBOSA, Francisco de Assis. **Retratos de família**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1954.

BARBOSA, Maria Augusta. Ruy Barbosa intimo. **Bahia Ilustrada**, Rio de Janeiro, v.1, n.1, 1933. Entrevista.

BARBOSA, Rui. **Cartas à noiva**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa/Civilização Brasileira, 1982.

BARBOSA, Rui. **Queda do Império**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1947.

BARBOSA, Rui. **Mocidade e exílio**. São Paulo: Nacional, 1940.

BARRETO, Margarita. Relações entre visitantes e visitados: um retrospecto dos estudos socioantropológicos. **Conexão, comunicação e cultura**. Caxias do Sul, v. 3, n. 5, 2004.

BARROS, Maria Paes de. **No tempo de dantes**. São Paulo: Brasiliense, 1946.

BARROS, Myriam M. Luis. Memória e família. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, n.3, 1989. p. 29-42.

BAUDRILLARD, Jean. **O sistema dos objetos**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

_____. **Simulacros e simulações**. Lisboa: Relógio d'água, 1991.

BAUER, Letícia. **O arquiteto e o zelador**: patrimônio cultural, história e memória. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/document3807.html>, 02/05/2007. p.1-17.

BAYARDO, Rubens. Museos: entre identidades cristalizadas y mercados transnacionales. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v.13, n.12, jul.-dez., p. 257-74, 2005.

BEGUIN, François. As maquinarias inglesas do conforto. **Espaço & Debates**: Revista de Estudos Regionais e Urbanos, São Paulo, v. 11, n. 34, p. 39-54, 1991.

BENJAMIM, Walter. Ensaio sobre literatura e história da cultura. In: _____. **Magia, técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 222-32.

_____. **Rua de mão única**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____. Textos escolhidos. In: **Os pensadores**: Walter Benjamin, Max Horkheimer, Theodor W. Adorno, Jürgen Habermas. São Paulo: Abril Cultural, 1975. v. 48.

BINZER, Ina von. **Alegrias e tristezas de uma educadora alemã no Brasil**. São Paulo: Anhembi, 1956.

BITTAR, Francisco Salvador Veriso; MALLMANN, William Seba. **500 anos da casa no Brasil**: as transformações da arquitetura e da utilização do espaço moradia. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

BLON, Phillip. **Ter e manter**: uma história íntima de colecionadores e coleções. São Paulo: Record, 2003.

BOLLE, Willi. **Fisiognomia da metrópole moderna**: representação da história em Walter Benjamin. São Paulo: Edusp, 2000.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Edusp, 1987.

BOURDIEU, Pierre. A casa ou o mundo aos avessos. **Textos Didáticos**, n. 46, fev., 2002.

_____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

_____.; SAINT-MARTIN. M. Gostos e classes e estilo de vida. In: _____. Textos escolhidos: sociologia. ORTIZ, Renato, (Org.). São Paulo: Atica, 1983. p. 82-121.

BRANCO, Patrícia M. Castelo. Patrimônio histórico e turismo: uma construção social. (texto) Disponível em: <http://www.iphan.gov.br>. acesso em 07 set. 2005.

BRAUDEL, Fernand. **Civilização material, economia e capitalismo**, séc. XV-XVIII. Lisboa: Teorema, 1992. tomo I

_____. **As estruturas do cotidiano**. São Paulo: Martins Fontes, 1995

BREFE, Ana Cláudia Fonseca. **A cidade inventada**: a paulicéia construída nos relatos memorialistas, 1870-1920. Dissertação (Mestrado)-IFCH-Unicamp, 1993.

BRESCIANI, Estela. **Imagens da cidade**: século IX e XX. São Paulo: Marco Zero, 1994.

_____. **Palavras da cidade**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2001.

BUCAILLE, Richard; PESEZ, Jean Marie. Cultura material. In: **Enciclopédia Einaudi**, v. 16. Lisboa: Imprensa Nacional, 1989. p.11-47.

BURKER, Peter. **Testemunha ocular**: história e imagem. Bauru: Edusc, 2004.

CABRAL, Magaly. **Educação em Museus Casas Históricas** 6p. (texto).

CALABRE, Lia. **Política cultural no Brasil**: um histórico. Trabalho apresentado no I ENECULT, Salvador, Bahia, 2005. Disponível em www.cult.ufba.br/enecult2005/liacalabre.pdf. Acesso em 06.out.2008.

CAMARGO, Adriane et al. **A psicologia dos objetos do dia a dia**. Disponível em: <www.deps.ufs.br>. Acesso em: 22 maio 2006. 12p.

CANCLINI, Nestor García. O patrimônio cultural e a construção imaginária do nacional. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 23, p. 95-105, 1994.

CANTINHO, Maria João. O flâneur e a flânerie na lírica de Baudelaire: a cidade como alegoria da modernidade. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 5, n. 7, jul-dez., p.11-22, 2003.

CARDOSO, Ciro Flamarion. **Representações**: contribuições para um debate transdisciplinar. Campinas, SP: Papirus, 2000.

CARDOSO, Joaquim. Um tipo de casa rural do Distrito Federal e Rio de Janeiro. **Revista SPHAN**, v. 7, 1943.

CARLAN, Claudio Umpierre. Os museus e o patrimônio histórico: uma relação complexa. **História**, Franca, v. 27, n. 2, p. 1-7, 2008.

CARVALHO, Lia de Aquino. **Habitações populares no Rio de Janeiro 1886-1906**. Rio de Janeiro: Prefeitura Municipal, 1995.

CASTORIADADES, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. O espaço turístico também é comunicação. **Conexão, comunicação e cultura**, Caxias do Sul, v. 3, n. 5, 2004.

CATHARINO, José Martins. **Trabalho índio em terras da Vera ou Santa Cruz do Brasil**: tentativa de resgate ergonológico. Rio de Janeiro: Salamandra, 1995.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: Artes de fazer. Rio de Janeiro: Vozes, 1996. v. 1.

_____.; GIARD, Luce; MAYORL, Pierre. **A invenção do cotidiano**: Morar, cozinhar. 6. ed.. Rio de Janeiro: Vozes, 2005. v. 2.

_____. O espaço habitado: segundo Michel de Certeau. **ArtCultura**, Uberlândia, n. 9, jul./dez., 2004.

CHAGAS, Mário de Souza. Casas e portas da memória e do patrimônio. **Em questão**. v. 13, n. 2, p. 1-10, 2007. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/seermigrando/ojs/index.php>. Acesso em 22 04 2008.

_____. **Há uma gota de sangue em cada museu**: a óticas museológica de Mário de Andrade. Chapecó: Argos, 2006.

_____. **Imaginação museal**: museu, memória e poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro. Tese (Doutorado)-UFRJ, Rio de Janeiro, 2003.

_____. Memória e poder: dois movimentos **Cadernos de sociomuseologia**, v.19, p. 35-67, 2002.

_____. Museu, museologia e pensamento social brasileiro. **Cadernos do CEOM**, Chapecó, v. 21, p. 13-43, 2005.

CHARTIER, Roger. **História Cultural**: entre praticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

_____. **A beira da falésia**: a história entre certezas e inquietude. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.

_____. O mundo como representação. In: **Revista de Estudos Avançados USP**, v. 5, n. 11, p.173-91, 1991.

CHEVALIER, Jean; CHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.

CHIAROTTI, Tiziano Mamede. O patrimônio histórico edificado como um artefato arqueológico: uma fonte alternativa de informações. **Habitus**, Goiânia, v. 3, n. 2, jul/dez., p. 301-19, 2005.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade; Edunesp, 2001.

CLARA, Isabel Santa, Coleções. **Episteme**, Porto Alegre, n. 20, jan./jun., p.167-71, 2005.

CONTI, Raquel Felix. Reflexões sobre a memória. **Olhar Crítico**. Disponível em: < www.olhacritico.com.br/olharcritio/ver_artigo.asp>. Acesso: 20 ago. 2007. 4p.

COSTA, Antonio Joaquim. **Rui Barbosa na intimidade**. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1949.

COSTA, Maria Cristina Castilho. O objeto, o colecionador e o museu. **Revista do Núcleo Interdisciplinar do Imaginário e Memória**, São Paulo, n. 2, jan., p.37-45, 1995.

COSTA, Paulo de Freitas. **A coleção Ema Gordon Klabin: uma contribuição ao estudo do colecionismo privado de arte em São Paulo**. Dissertação (Mestrado)-ECA-USP, São Paulo, 2005.

CRESSWELL, Robert. Utensílio. In: **ENCICLOPÉDIA Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1989. v. 1.p. 313-28.

CULTURA, patrimônio e preservação. In: ARANTES, Antonio Augusto, (Org.) **Produzindo o passado: estratégias de construção do patrimônio cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CURY, Marília Xavier. Museologia: marcos referenciais. **Cadernos do CEOM**, Chapecó, v. 21, p. 45-73, 2005.

CZAJKOWSKI, Jorge. **Guia da arquitetura colonial, neoclássica e romântica no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro:Casa da Palavra, 2000. p. 48

DA MATA, Roberto. **A casa e a rua**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1987.

D'ALESSIO, Marcia Mansur. **Intervenções da memória na historiografia: identidades, subjetividades, fragmentos, poderes**. Projeto História, n. 17, nov., p. 97-103, 1998.

_____. Memórias: leituras de M.Halbwaschs e Pierre Nora. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 13, set. 92-ago. 93.

DICIONÁRIO DO ANTIQUARIATO. Buenos Aires: Editora Codex, 1968.

DICIONÁRIO contemporâneo da língua portuguesa Caldas Aulete. Rio de Janeiro: Delta, 1980.

DONATO, Hernani. **História dos usos e costumes do Brasil: 500 anos de vida cotidiana**. São Paulo: Melhoramentos, 2005.

DUFF, E. **Santos e pecadores**: história dos papas. São Paulo: Cosac & Naify, 1988.

DURAND, Jean-Yves. Patrimônios/patrimônios. In: **Encontro Ecomuseologia**: identidade e desenvolvimento em Montalegre, out., 2005, 15p.

ECCO, Humberto. Signo. In: **ENCICLOPÉDIA Einaudi**. Lisboa, Imprensa Nacional, v. 31, 1994. p.11-51.

ELHAJJI, Mohammed. Memória coletiva e espacialidade étnica. **Galáxia**, v.4, p. 177-91, 2002.

ELIAS, Norbert. **Processo civilizador**: a sociedade da corte, Rio de Janeiro: Zahar, 1994. v.1, cap. 2.

ENNES, Elisa Guimarães. **A narrativa a exposição museológica**. (Trabalho de Conclusão de Curso)-Design Pucc Rio Janeiro, 2003. 9p.

FALCON, Francisco. História e representação. In: Cardoso, Ciro Flamarion. **Representações**: contribuição para o debate transdisciplinar. Campinas, SP: Papirus, 2000. p. 46-

_____. **História cultural**: uma visão da sociedade e da cultura. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

FARIA, Sheila Siqueira de Castro. **Fontes textuais e vida material**: observações preliminares sobre casas de moradia nos Campos de Goitacases, século XVII e XIX. In: Anais do Museu Paulista. São Paulo, v. 1, 1993, p. 107-29.

FARIAS, Sandra Martins; FARIAS, Soraia Aparecida M. **Museus e casa de memória**: ações para promoção e difusão do patrimônio cultural. Texto (10p.)

FARRUGIA, Francis. Síndrome narrativo y reconstrucción del pasado. **Historia, Antropología y Fuentes Orales**, v. 2, n. 32, p. 133-50, 2004.

FERRARA, Lucrecia D'Alessio. Cidade: imagem e imaginário. In: SOUZA, Célia Ferraz de; PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Imagens urbanas**: os diversos olhares na formação do imaginário urbano. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. São Paulo: Nova Fronteira, 1995.

FERREIRA, Chrtiane; MORAES, Marco Jacques de. Por uma dialética da metamorfose: o no público e o museu caleidoscópico. **Galáxia**, São Paulo, v.13, p.89-99, jun. 2007.

FERREIRA, Jerusa Pires. **Armadilhas da memória**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

FERREIRA, Manuela. Colecionar, por quê? **Episteme**, Porto Alegre, n. 20, jan./jun., p. 203-5, 2005.

FERREIRA, Maria Letícia Mazzucchi. Patrimônio: discutindo alguns conceitos. In: **Diálogos**, DHI/PPH/UEM, v. 10, n. 3, p. 79-88, 2006.

FIGUEIREDO, Joana Lima. **O papel do patrimônio e da identidade em tempos de globalização**. 12p. Texto.

FIGUEIREDO, Luis Cláudio. Foucault e Heidegger: a ética e as formas históricas do habitar (e do não habitar) **Tempo social**, v. 7, out., p. 136-49, 1995.

FONSECA, Maria Cecília L. **O patrimônio em processo**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2002.

FONSECA, Paulo. Considerações de um colecionador. **Episteme**, Porto Alegre, n. 20, jan./jun. p.181-4, 2005.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**. Lisboa: Ed. 70, 1988.

FREIRE, Laudelino. **Rui**: subsídios para o estudo de sua vida e obra. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1958.

FREYRE, Gilberto. Casas de residência no Brasil. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Rio de Janeiro, v. 7, p. 224-43, 1943.

_____. **Casa grande e senzala**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

_____. **Sobrados e Mucambos**. Rio de Janeiro: J.Olympio, 1985.

_____. **Sobrados e mucambos**: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento urbano. São Paulo: Global, 2004.

FUNARI, Pedro Paulo. Memória histórica e cultura material. **Revista Brasileira de história**, v. 13, n. 25-6, set./ago., p. 17-31, 1993.

_____; PELEGRINI, Sandra C. A. **Patrimônio histórico e cultural**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

_____; PELEGRINI, Sandra C. A. **O que é patrimônio cultural imaterial**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

FUNDAÇÃO Casa de Rui Barbosa. Setor de Biblioteca. **Catalogo da Biblioteca de Rui Barbosa**. Rio de Janeiro: FCRB, 2007.

GADELHA, Paulo. A personagem proprietária do museu casa. In: SEMINÁRIO SOBRE CASAS MUSEUS, 1., 1997, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1997. p. 63-74.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Porque um mundo todo nos detalhes do cotidiano. **Revista da USP, Dossiê Walter Benjamin**, n.15, p. 47-55, 1992.

_____. Memória, história, testemunho. In: BRESCIANI, Estela; Naxara, Márcia. **Memória e (res)sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Ed. Unicamp, 2004. p.85-94.

_____. **7ete aulas sobre linguagem, memória e história** Rio de Janeiro: Imago, 2005.

GASTAL, Susane. O tempo na tecitura pós-moderna: entre o museu-acontecimento e o souvenir-memória. **IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom**, p.2-15.

GINZBURG, Carlo. Representação: a palavra, a idéia, a coisa. In: _____. **Olhos de madeira**: nove reflexões sobre a distância. São Paulo: Cia. das Letras, 2001. p. 85-103.

GLEZER, Raquel. **Tempo e história**. Texto (2p.)

GOMES, Aguinaldo Rodrigues. O Rio dos Marginais: imagens da Belle Époque tropical nas crônicas de João do Rio. **ArtCultura**, v. 1, n. 1, jul., 1999.

_____. Walter Benjamin e João do Rio: leituras do urbano. **ArtCultura**, v. 5, n. 7, jul.-dez., p. 42-51, 2003.

GONÇALVES, João Felipe. **Enterrando Rui Barbosa**: um estudo de caso da construção fúnebre de heróis nacionais na Primeira Republica. 34p. Texto. Disponível em Fundação Casa de Rui Barbosa. www.casaruibarbosa.gov.br. Acesso em 03/03/2009

GONÇALVES, José Reginaldo. **Antropologia dos objetos**: coleções, museus e patrimônios. Rio de Janeiro: IPHAN, 2007.

_____. **A retórica da perda**: os discursos de patrimônio cultural no Brasil. Rio de Janeiro: UFRJ/IPHAN, 1996.

_____. Autenticidade, memória e ideologias nacionais: o problema dos patrimônios culturais. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 264-75, 1988.

GONÇALVES, Lisbeth Rebollo. **Entre cenografias**: o museu e a exposição de arte no século XX. São Paulo: Edusp; Fapesp, 2004.

GUARNIERI, Waldisa R. Museu, museologia, museólogos e formação. In: Revista Museu, v. 1, n. 1, p.7-11, 1989.

HALL, Stuart. A questão da identidade cultural. **Textos didáticos**, IFCH, Campinas, n. 18, dez., 1995.

HARTOG, François. Tempo e patrimônio. **Varia Historia**, Belo Horizonte, v. 22, n. 36, jul./dez., p. 261-73, 2006.

HOLANDA, Sérgio; CAMPOS, Pedro Moacyr. **História geral da civilização brasileira**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1989. v. 1

HOMEM, Maria Cecília Naclério. **O palacete paulistano e outras formas urbanas de morar da elite cafeeira**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

IZQUIERDO, Ivan. **Memória**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

JANEIRA, Ana Luísa. Primórdio do coleccionismo moderno em espaços de produção do saber e do gosto. **Memorandum** v.10, p.65-70, 2001.

JANEIRA, Isabel Maria. As minhas colecções. **Episteme**, Porto Alegre, n. 20, jan./jun., p. 175-80, 2005.

JARDIM, José Maria. A invenção da memória nos arquivos públicos. **Ciência da Informação**, v.25, n.2, p. 2-15, 1995.

KASSAB, Álvaro. Aos 93, José Mindlin celebra a “loucura Mansa” da leitura. **Jornal da Unicamp**, v. 23, n. 371, 10-6 set., p. 6, 2007.

KESSEL, Zilda. **Memória e memória coletiva**. Disponível em www.memoriaeducacao.hpg.ig.com.br. Acesso em: 20 mar. 2007.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. São Paulo: Ática, 1989.

_____. Fotografia e memória. In: SAMAIN, Etienne. **O fotográfico**. São Paulo: Hucitec, 1998. p. 41-7.

_____. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.

KOUTSOUKOS, Sandra Sofia Machado. **A casa e a trastaria: história e iconografia de interiores de moradias da cidade do Rio de Janeiro na primeira metade do século XIX**. Dissertação (Mestrado)-Instituto de Artes Unicamp, 1994.

LACOMBE, Américo Jacobina. A propósito de Rui, o homem e o mito. **Digesto Econômico**, Rio de Janeiro: v. 20, n. 183, maio/jun., 1965.

_____. **A sombra de Rui**. São Paulo: Ed. Nacional; Brasília: INL, 1978.

_____. **A sombra de Rui**. Rio de Janeiro: FCRB, 1984.

LAMOUNIER, Bolívar. **Rui Barbosa**; fotografias de Cristiano Mascaro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

LAWAND, Diógenes Nicolau. A relação memória e história no ensino de história. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA, 17., 2004, Campinas. **Anais...** Campinas, SP, 2004. 9p.

LEAL, Noris Mara Pacheco. Memória e poder: as representações do poder através de uma exposição de longa duração. **Cadernos do CEOM**, Chapecó, v. 21, p. 165-177, 2005.

LE GOFF, Jacques. Antigo/moderno. In: _____. **História e memória**. Campinas, SP: Ed. Unicamp., 2003. p. 173-205.

_____. Documento/monumento. . In: _____. **História e memória**. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2003. p. 525-41.

_____. Memória. In: _____. **História e memória**. Campinas: Ed. Unicamp. 2003. p. 419-523.

_____. Passado/presente. In.: _____. **História e memória**. Campinas: Ed. Unicamp, 2003. p. 207-233.

LEITE, Maria Isabel. Crianças, velhos e museu: memória e descoberta. **Cadernos CEDES**, Campinas, SP, v. 26, n. 68, jan./abr., 9p, 2006.

LEMOS, Carlos. **A morada paulista**. São Paulo: Perspectiva, 1995.

_____. **História da casa brasileira**: a casa colonial, casas urbanas e rurais, a habitação burguesa. São Paulo: Contexto, 1996.

_____. **A casa paulista**. São Paulo: Edusp, 1999.

_____. **Ramos de Azevedo e seu escritório**. São Paulo: Pini, 1933.

_____. **A república ensina a morar (melhor)**. São Paulo: Hucitec, 1999.

LEMOS, Inêz. **Conhecimento, subjetividade e memória**. 10p. Texto.

LIMA, Tânia Andrade. Pratos e mais pratos: louças domésticas, divisões culturais e limites sociais no Rio de Janeiro século XIX. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 3, 1995.

_____; BRUNO; Maria Cristina O.; FONSECA, Marta P. R. da. Sintomas do modo de vida burguês no Vale do Paraíba, séc. XIX: Fazenda São Fernando, Vassouras, RJ. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, n. 1, 1993.

LIMA JUNIOR, Augusto. A casa, o mobiliário, as alfaías. In: _____. **A capitania de Minas Gerais**: suas origens e formação. Lisboa, 1940.

LINGUAGEM, identidade e memória social: novas fronteiras, novas articulações. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

LISSOVSKY, Mauricio. Sobre o vazio entre paredes: a pretexto de Walter Benjamin e dos museus casas. In: SEMINÁRIO SOBRE CASAS MUSEUS, 1., 1997, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1997. p. 17-30.

LOBATO, Monteiro. **Idéias de Jeca**. São Paulo: Revista do Brasil, 1919.

LOURENÇO, Maria Cecília França. **Museus acolhem moderno**. São Paulo: Edusp, 1999.

LOVISOLO, Hugo. A memória e a formação dos homens. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p.16-28, 1989.

LUZ, Guilherme Amaral. A insubordinação da história à retórica: manifesto transdisciplinar. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 9, jul./dez. p. 102-10, 2004.

MACHADO, Mário Brockmann, (Org.). **Rui Barbosa**: fotobiografia. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1999.

_____. **Rui Barbosa**. Texto. Disponíveis em Fundação Casa de Rui Barbosa. www.casaruibarbosa.gov.br. Acesso em 30/06/2009

MACHADO, Tânia Rejanne de Sousa. Cidade e memória: uma breve trajetória. **Olhar Crítico**. Disponível em: www.olhacritico.com.br/olharcritico/ver_artigo.asp, 20 ago.2007.

MAGALHÃES, Rejane Mendes de Almeida. **Rui Barbosa na Vila Maria Augusta**. Rio de Janeiro: FCRB, 1994.

_____. **Trajetória política e jurídica de Rui Barbosa**. Palestra proferida no Grande Oriente do Estado do Rio de Janeiro, 29.out.1999. Disponíveis em Fundação Casa de Rui Barbosa. www.casaruibarbosa.gov.br. Acesso em 30/06/2009

MAGALHÃES JUNIOR. **Rui, o homem e o mito**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

MANGABEIRA, João. Inauguração da “Casa Ruy Barbosa”, **Bahia ilustrada**, Rio de Janeiro, v.1, n.1, 1933. p. 17

MANGABEIRA, João. **Ruy: o estadista da republica**. São Paulo: Martins Fontes, 1960.

MARINS, Paulo César Garcez. **Através da rotula**: sociedade e arquitetura urbana no Brasil: séculos XVII a XX. São Paulo: Humanitas, 2001.

MARSHALL, Francisco. Epistemologías históricas do colecionismo. **Episteme**, Porto Alegre, n. 20, jan./jun., p.13-23, 2005.

MARTINEZ. Cláudia Eliane P.Marques. Objetos do cotidiano e escravidão no século XIX: Bonfim do Paraopeba, Minas Gerais. **Cadernos de História**, Belo Horizonte, v. 8, n. 10, p. 63-88, 2006.

MAUSS, Marcel. **Esboço de uma teoria geral de magia**. Lisboa: Ed.70, 2000.

Melo, J. Soares. **História da Oração aos moços**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1974.

MEIRELES, Cecília. **Rui**: pequena história de uma grande vida. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1949.

MENDES, Francisco; VERISSIMO, Francisco; BITTAR, William. **Arquitetura no Brasil de Cabral a Dom João VI**. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2007.

MENDONZA, Celina A.L. Por que hacemos colecciones? **Episteme**, Porto Alegre, n. 20, jan./jun., p. 217-28, 2005.

MENEZES, Marcos. Quadros parisienses na obra poética de Baudelaire. **ArtCultura**, v. 4, n. 4, jun., p. 107-16, 2002.

_____. Baudelaire: crítico do progresso. **ArtCultura**, v. 2, n. 1, dez. p. 59-64, 2000.

MENEZES, Ulpiano Toledo B. A cidade como bem cultural: áreas envoltória e outros dilemas, equívocos e alcance de preservação do patrimônio ambiental urbano. In: **PATRIMÔNIO**: atualizando o debate. São Paulo: IPHAN, 2007.

_____. O museu na cidade X a cidade no museu. **Revista Brasileira de História**, v. 5, n. 8-9, set. 1984 - abr. 85, p. 197-205.

_____. O museu e o problema do conhecimento. In: SEMINÁRIO SOBRE MUSEUS CASAS: pesquisa e documentação, 4., 2002, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2002. p. 17-39.

_____. A problemática da identidade cultural nos museus: de objeto (de ação) a objeto (de conhecimento). **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, n. 1, p. 207-22, 1993.

_____. A história, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo e ciências sociais. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, v.9, n. 34. **SIM**

_____. Do teatro da memória ao laboratório da história: a exposição museológica e o conhecimento histórico. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, n. 2, jan./dez., p. 9-42, 1994.

MESSENTIER, Leonardo Marques. Patrimônio urbano, construção da memória social e cidadania. 23p. Texto.

MESQUITA, Zilá; SILVA, Valéria Pereira da. Lugar e imagem: desvelando significados. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 34, p. 1-20, 2004.

MINDLIN, José. Memórias esparsas de uma biblioteca: entrevista a Cleber Teixeira e Dorothée de Buchard. São Paulo: Imprensa Oficial, 2004.

MITROVITCH, Caroline. A destruição construtiva da história. **Revista Urutágua**, Maringá, v. 7, ago./nov., 2006.

MOSCA, Antonella. O futuro do museu: suas diversidades. In: SEMINÁRIO PATRIMÔNIO HISTÓRICO, São Paulo, nov. 1997. 4p.

MOTTA, Lia. A. SPHANN em Ouro Preto: uma história de conceitos e critérios. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, v. 22, p. 108-22, 1987.

MUAZE, Mariana. **As memórias da Viscondessa**: família e poder no Brasil império. Rio de Janeiro: Zahar; Faperj, 2008.

NERY, Fernando. **Ruy Barbosa**: ensaio bio-bibliográfico. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1932.

NASCIMENTO, Rosana Dias do. A historicidade na documentação museológica. In: SEMINÁRIO SOBRE MUSEUS CASA: pesquisa e documentação, 4., 2002, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2002. p. 149-55.

NERY, Fernando. **Rui Barbosa**: ensaio biográfico. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1955.

_____. **Ruy Barbosa**: ensaio bio-bibliográfico. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, [1932].

NEVES, Lucília de Almeida. Memória, História e sujeito: substratos da identidade. **História oral**. São Paulo, v. 3. jun., p. 109-115, 2000.

NOGUEIRA, Rubem. **História de Rui Barbosa**. 2. ed. Salvador : Progresso, 1957.

_____. Rui Barbosa, oitenta anos depois. 23.fev.2003. Disponível em: www.migalhas.cm.br/mostra_noticia_articuladas.aspx. Acesso em 30.jun.2009

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, v. 10, dez., p. 7-28, 1993.

NOVAIS, Fernando (Coord.). **História da vida privada no Brasil**: Império.. São Paulo: Cia. das Letras, 1997. v. 2.

_____. **História da vida privada no Brasil**: republica, da belle époque à era do rádio. São Paulo: Cia das Letras, 1998. v. 3

OBRAS completas de Rui Barbosa. Rio de Janeiro: MEC, 1942-1983.

OLIVEIRA, Adriana Mara Vaz. **Uma ponte para o mundo goiano do século XIX**: um estudo da casa meia-pontense. Goiânia: Agência de Cultura, 2001.

_____. Adriana Mara Vaz. **A casa como universo de fronteira**. Tese (Doutorado)-IFCH-UNICAMP, 2004.

_____. **A casa como lugar de memória**: o caso da Fazenda Babilônia. **Estudos**, Goiânia, v. 31, n. 10, p. 1911-33, 2004.

OLIVEIRA, Andréia Machado, et al. As coleções como duração: o colecionador coleciona o quê ?. **Episteme**, Porto Alegre, n. 20, jan./jun., p. 111-9, 2005.

OLIVEIRA, Cecília H. S.; Mattos, Cláudia Valladão de. **O Brado do Ipiranga**. São Paulo: Edusp, 1999.

ORTIGUES, Edmond. Interpretação. In: **Enciclopédia Einaudi**: Oral/escrito, argumentação. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1987. v. 11.

PAOLI, Maria Célia; ALMEIDA, Marco Antonio de. Memória, cidadania, cultura popular. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, v.24, p.185-93, 1996.

PEARCE, Susan M. Pensando sobre objetos. In: GRANATO, Marcus; SANTOS, Claudia Penha dos (Org.) **Museus instituição de pesquisa**. Rio de Janeiro: MAST, 2005. p. 11-22.

PENNA, Jane; GAYESKI, Miguel. Oficina de lembranças: uma experiência em Nova Santa Rita. **Biblos**, Rio Grande, v. 13, p. 39-50, 2003.

PEREIRA, Edgard Baptista. **A casa de São Clemente**. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1949.

PEREIRA, Ligia Maria Leite. Reflexões sobre história de vida, biografias e autobiografias. **História oral**. São Paulo, v. 3, jun., p. 117-27, 2000.

PEREIRA, Pilar. Coleção versus biblioteca? **Episteme**, Porto Alegre, n. 20, jan./jun., p. 83-92, 2005.

PEREIRO, Xerardo. Apuntes de antropologia y memória. In: O Fiadeiro: el filandor, n.15. disponível em: www.bajoduro.org. 11p. Acesso em 25 out. 2007.

_____. Globalização e museus: relações transfronteiriças. **Actas da XIV Jornadas sobre a função social do Museu**. MINOM. Montalegre, Câmara Municipal, 2006. p. 31-40.

_____. Patrimônio cultural: o casamento entre patrimônio e cultura. **Actas do I Congresso Internacional de Etnografia**, Póvoa do Varzim, 20-1 maio.2005, p.23-41.

_____; SILVA, Pedro. A re-elaboração da história como recurso estratégico na construção das identidades: historiografias e fronteiras. **Actas do VI Congresso de Antropologia de Iberoamérica**, Salamanca, 8-12.maio.2000. p.85-96.

PERINELLI NETO, Humberto. No coração de Narciso: objetos históricos, historiadores, lugar social e construção do conhecimento. **Dialogus**, Ribeirão Preto-SP, v. 1, n. 1, p. 51-75, 2005.

PERRONE, Cláudia Maria; ENGELMAN, Selda. O colecionador de memórias. **Episteme**, Porto Alegre, n. 20, jan./jun., p.83-92, 2005.

PERROT, Michelle (Dir.). **História da vida privada, 2:** da Europa Feudal a renascença. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

_____. **História da vida privada, 3,** da Renascença ao século das luzes. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.

_____. **História da vida privada, 4:** da Revolução francesa à primeira guerra. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.

PESAVENTO, Sandra J. **O espetáculo da rua:** memória do mundo. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1996.

_____. **O imaginário da cidade:** visões literárias do urbano. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.

_____. Memória, história e cidade: lugares no tempo, momentos no espaço. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 4, n. 4, jun., p. 23-35, 2002.

_____. **História & literatura:** uma velha-nova história. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/document1560.html> 8p.. Acesso em: 12 maio 2006.

PINTO FILHO, Júlio César Pimentel. Memória e textualidade: alguns itinerários borgeanos. **Projeto História**, São Paulo, v. 14, fev., p. 129-43 1997.

PIRES, Homero. **Rui Barbosa e os livros**. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1949.

POLLAK, Michel. Memória, esquecimento e silêncio. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989.

POMIAN, K. Coleção. In: **ENCICLOPÉDIA Einaudi**. Lisboa, Imprensa Nacional, 1984. v. 1. p. 3-15.

_____. Tempo e temporalidade. In: **ENCICLOPÉDIA Einaudi**. Lisboa, Imprensa Nacional, 1984. v. p.129-43 29.

POSSATI, José Antonio. Turismo e educação patrimonial. 9p. Texto.

PRIOSTI, Odalice Miranda. Passados presentes: valores e instrumentos para uma nova sociedade em construção. In ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA, 2006. Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...**, Rio de Janeiro: ANPHU, 2006. Disponível em <www.quarteirão.com.br> 9p. Acesso em: 21 ago. 2007.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Dialética do rural e do urbano: exemplos brasileiros. In: BLAY, Eva Alterman, (Org.). **A luta pelo espaço:** textos de sociologia urbana. Petrópolis: Vozes, 1971. p. 21-74.

RABINOVICH, Eliane Pereira. A casa como tempo. **Revista de Psicologia Ciência e Profissão**, Brasília, v. 17, n. 3, p. 2-11. 1997.

RAGO, Margareth. As marcas da pantera: Foucault para historiadores. **Resgate**, Campinas, SP, v. 5, 1993.

REAL, Regina Monteiro. **Casa de Rui Barbosa**: resumo histórico de suas atividades. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1957.

REDE, Marcelo. História a partir de coisas: tendências nos estudos de cultural material. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 4, jan/dez., p. 265-82, 1996.

REIS, Claudia Barbosa. **Álbum de objetos decorativos**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1997.

_____. **Homenagens**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2000.

_____. **Indumentária**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1999.

_____. **Memória de um jardim**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2007.

_____. **Saúde, higiene e toalete**. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2002.

_____. **Viaturas**. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2005.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro da arquitetura no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1997.

RIBEIRO, Agostinho. Novas estruturas/novos museus. **Cadernos de museologia**, v.1, p.7-11, 1993.

RIBEIRO, Maria Isabel M. Reis Branco. **O museu doméstico**: São Paulo, 1890-1920. Dissertação (Mestrado)-ECA-USP, São Paulo, 1992.

RICCEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Ed. Unicamp. 2007.

RIEGL, Alois. Monumentos: valores atribuídos e sua evolução histórica. **Revista Museo**, v. 1, n. 1, p.17-23, 1989.

ROCHA, Oswaldo Porto. **A era das demolições cidade do Rio de Janeiro, 1870-1920**. Rio de Janeiro: Prefeitura Municipal, 1995.

RODRIGUES, Débora de Almeida. **O museu como instituição memória**. 7p. Texto.

RODRIGUES, José. Wash. Casa de moradia no Brasil antigo. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Rio de Janeiro: v. 9, p.159-97, 1945.

_____. Mobiliário, vestuário, joias e alfaías dos tempos coloniais: notas para uma nomenclatura baseada em documentos coeso. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Rio de Janeiro: v. 4, p. 159-7, 1940.

_____. Moveis antigos em Minas Gerais. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Rio de Janeiro: v. 6, p. 179-94, 1943.

RODRIGUES, José Julio. A figura, a casa e o meio de Rui Barbosa. In: _____. **Silhuetas e visões**. Rio de Janeiro: Editor Armelim Cacina, s.d.

RODRIGUES, José Honório. De quem é o patrimônio? **Revista do Patrimônio**, Rio de Janeiro, n. 24, 1996.

RODRIGUES, Sérgio. Ruy, a Águia de Haya. Texto. Disponíveis em Fundação Casa de Rui Barbosa. www.casaruibarbosa.gov.br. Acesso em 30/06/2009

ROMERO, Fanny Longa. Reflexões sobre o museu e suas mediações. In. Congresso Virtual de Antropologia, 4. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <www.naya.org.ar> 11p. Acesso em: 23 mar. 2007.

ROQUETE, J. I. **Código do Bom-tom, ou, regras da civilidade e de bem viver no século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

RUBINO, Silvana. **As fachadas da história**: os antecedentes, a criação e os trabalhos do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1937-1968. Dissertação (Mestrado)—Unicamp, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 1992.

RUI sua casa e seus livros: edição comemorativa do cinquentenário de inauguração da Casa de Rui Barbosa, 1930-1908. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1980.

RUI Barbosa: cronologia da vida e da obra. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: FCBR, 1999.

RYBCZYNSKI, Wiltold. **Casa**: pequena história de uma idéia. Rio de Janeiro: Record, 1996.

SÁ, Paulo. Museu transversal e cidade estratégica. In: ENCONTRO Regional De América Latina e Caribe Sobre Casas Museus, 1. **Anais**. 3p.

SAIA, Luiz. **Morada paulista**. São Paulo: Perspectiva, 1995.

SALIBA, Elias Thomé. A sombra do imortal: reflexões sobre a nação e a memória. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 4, jan./dez., p.309-16 1996.

SANTOS, Fausto Henrique dos. **Metodologia aplicada em Museus**. São Paulo: Mackenzie, 2000.

SANTOS, Maria Célia T. Moura. Museu e comunidade: ma relação necessária. **XIII Reunião Anual do Instituto de Biológico**, São Paulo, 6-11 nov.2000. p. 2-19. (texto)

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos Santos. **A escrita do passado em museus históricos**. Rio de Janeiro: Garamond, IPHAN, DEMU, 2006.

_____. O pesadelo da amnésia coletiva: um estudo sobre os conceitos de memória, tradição e traços do passado. **Cadernos de Sociomuseologia**, v.19, p.121-50, 2002.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **A longa viagem da Biblioteca dos Reis**: do terremoto de Lisboa à Independência do Brasil. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.

SÉGUIER, Jayme de. **Diccionario práctico ilustrado**. Porto: Liv. Chardron, 1931.

SEIXAS, Jacy Alves. Percursos de memória em terras de história: problemática atuais. In: BRESCIANI, Estela; Naxara, Márcia. **Memória e (res)sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Ed. Unicamp, 2004. p.37-58.

SILVA, Daniella Rebouças. Museus: a preservação enquanto instrumento de memória. **Cadernos de Sociomuseologia**, n. 16, p. 39-66, 1999.

_____. As formas de ver as formas: uma tentativa de compreender a linguagem expositiva dos museus. **Cadernos de Sociomuseologia**, n. 16, p. 67-97, 1999.

SILVA, Eduardo. As palavras e as coisas de Rui Barbosa. In: SEMINÁRIO Sobre Museus Casas: pesquisa e documentação, 4.,2002, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2002. p. 59.

SILVA, Elvan. **Matéria, idéia e forma**: uma definição de arquitetura. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1994.

SILVA, Helenic Rodrigues da. Rememoração/comemoração: as utilizações sociais da memória. *Revista Brasileira de História*, v.22, n.44, p. 425-38, 2002.

SILVA, Yuno. **Patrimônio, de quem?**. Disponível em <www.overmund.com.br> 4p. Acesso em: 06 mar. 2006.

SILVEIRA, Flávio L. A., LIMA FILHO, Manuel Ferreira L.. Por uma antropologia do objeto documental: entre a “alma nas coisas” e a coisificação do objeto. **Horizonte Antropológicos**, Porto Alegre, v. 11, n. 23, jan./jun. 2005.

SIMBOLOS e culturas. In: ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos**: ensaio sobre o simbolismo mágico religiosos. São Paulo: Martins Fontes, 1966. p. 172-80.

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes von. **A burguesia se diverte no reinado de momo**: 60 anos de evolução do carnaval na cidade de São Paulo. Dissertação (Mestrado)-USP-FFLCH, 1984.

_____. Imagem e memória. In: SAMAIN, Etienne. **O fotográfico**. São Paulo: Hucitec, 1998. p.21-34.

SOUZA, Célia Ferraz de; PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Imagens urbanas**: os diversos olhares na formação do imaginário urbano. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.

SPADONE, Pierre Louis. Construir un espacio de la memoria. **Historia, Antropología y Fuentes Orales**, v. 2, n. 32, p.151-60, 2004.

SPERLING, David. **Museu contemporâneo**: o espaço do evento como não lugar. 9p Texto.

TERRAS paulista: história, arte, costumes. São Paulo: CENPEC, Imprensa Oficial do Estado, 2004. Modos de vida dos paulistas: identidades, famílias e espaços domésticos.

TEIXEIRA, Lucas Miguel. Coleção de artesanato de palavras. **Episteme**, Porto Alegre, n. 20, jan./jun., p. 196-202, 2005.

TEMPASS, Martín César. Sobre a questão do patrimônio cultural: repensando princípios e fins. **Cadernos de Pesquisa do CDHIS**, v. 19, n. 35, p. 133-44, 2006.

THEODORO, Janice. São Paulo de Ramos de Azevedo: da cidade colonial à cidade romântica. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 4, jan./dez. 1996.

TOLEDO, Roberto Pompeu de. **A capital da solidão**: uma história de São Paulo: das origens a 1900. Rio de Janeiro:Objetiva, 2003.

VAMPRÉ, José. Fato e festas na tradição. **Revista do IHGB de São Paulo**, v. 13. ano, página.

VAUTHIER, Louis. Casa de residência no Brasil. **Revista do SPHAN**, v. 7, 1943.

VIANA FILHO, Luiz. **A vida de Ruy Barbosa**. 2. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1952.

VIEIRA, Ricardo. **História de vida e identidades**. Porto: Afrontamento, 1999.

WASSERMAN, Claudia. Problemas teóricos que envolvem a questão da identidade coletiva e a formação de novas identidades. **Semina: Ciências Humanas e Sociais**, Londrina, v. 23, set. 2002.

WILCKEN, Patrick. **Império à deriva**: a corte portuguesa no Rio de Janeiro, 1808-1821. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

YATES, Frances A. Os tratados sobre a memória. In: _____. **A arte da memória**. Campinas, SP: Ed. Unicamp. 2007.

DOCUMENTOS ORIGINAIS

BRASIL. **Decreto nº 4.789**, 02.jan.1924. DO. 28.jul.1923. Disponível no site do Senado Federal. Subsecretária de informações. www.senado.gov.br

BRASIL. **Decreto nº 16.651**, 23.out.1924. DO.05.jan.1924. Disponível no site do Senado Federal. Subsecretária de informações. www.senado.gov.br

BRASIL. **Decreto nº 17.758**, 04.abr.1927. DO.21.abr.1927. Disponível no site do Senado Federal. Subsecretária de informações. www.senado.gov.br

BRASIL. **Decreto nº 5429**, 09.jan.1928. DO.13.jan.1928. Disponível no site do Senado Federal. Subsecretária de informações. www.senado.gov.br

BRASIL. **Decreto nº 5.566**, 05.nov.1928. DO 07.nov.1928. Disponível no site do Senado Federal. Subsecretária de informações. www.senado.gov.br

BRASIL. **Decreto nº 18.589**, 03.fev.1929. Disponível no site do Senado Federal. Subsecretária de informações. www.senado.gov.br

BRASIL. **Decreto nº 18.767**, 27.maio.1929. Disponível no site do Senado Federal. Subsecretária de informações. www.senado.gov.br

BRASIL. **Decreto nº 19.444**, 01.dez.1930. DO 04.dez.1930. Disponível no site do Senado Federal. Subsecretária de informações. www.senado.gov.br

BRASIL. **Decreto nº 24.688**, 12.jul.1934. DO. 14.jul.1934. Disponível no site do Senado Federal. Subsecretária de informações. www.senado.gov.br

BRASIL. **Decreto Lei nº 25**, 30.nov.1937. Disponível no site do Senado Federal. Subsecretária de informações. www.senado.gov.br

BRASIL. **Decreto Lei nº 3.668**, 30.set.1941. Disponível no site do Senado Federal. Subsecretária de informações. www.senado.gov.br

BRASIL. **Decreto nº 22.168**, 25.nov.1946. DO 27.nov. 1946. Disponível no site do Senado Federal. Subsecretária de informações. www.senado.gov.br

BRASIL. **Decreto nº 30.643**, 20.mar.1952. DO. 22.mar.1952. Disponível no site do Senado Federal. Subsecretária de informações. www.senado.gov.br

BRASIL. **Decreto nº 38.544**, 12.jan.1956. DO.18.jan.1956. Disponível no site do Senado Federal. Subsecretária de informações. www.senado.gov.br

BRASIL. **Decreto nº 59.643**, 02.dez.1966. DO.07.dez.1966. Disponível no site do Senado Federal. Subsecretária de informações. www.senado.gov.br

BRASIL. **Decreto nº 67.099**, 24.ago.1970. Disponível no site do Senado Federal. Subsecretária de informações. www.senado.gov.br

,BRASIL. **Decreto nº 4.812**. 19.ago.2003. Disponível no site do Senado Federal. Subsecretária de informações. www.senado.gov.br

BRASIL. **Decreto nº 5.039**, 07.abr.2004. Disponível no site do Senado Federal. Subsecretária de informações. www.senado.gov.br

BRASIL. **Lei nº 378**. 13.jan.1937. Disponível no site do Senado Federal. Subsecretária de informações. www.senado.gov.br

BRASIL. **Lei nº 4.943**, 06.abr.1966. Disponível no site do Senado Federal. Subsecretária de informações. www.senado.gov.br

BRASIL. **Lei nº 5.579**, 15.maio.1970. Disponível no site do Senado Federal. Subsecretária de informações. www.senado.gov.br

BRASIL. BRASIL. **Lei nº 5.579**, 15.maio.1970. Disponível no site do Senado Federal. Subsecretária de informações. www.senado.gov.br

Brasil. **Projeto nº 221**, de set.1928. DO 15.set.1928. Disponível no site do Senado Federal. Subsecretária de informações. www.senado.gov.br

Escritura datada de 20/02/1940 - Venda da Casa da Rua São Clemente à Fazenda Federal em 08 jan. 1925. Arquivo da Fundação Casa de Rui Barbosa

Escritura de dívida com obrigações e hipoteca que fazem John Roscoe Allen e sua mulher a Cia. Mercantil e Hypothecaria datada de 24 out. 1842 (documento original). Arquivo da Fundação Casa de Rui Barbosa

FUNDAÇÃO Casa de Rui Barbosa. **Regulamento interno**, 1977

_____. **Regulamento interno**, 23 abr. 1966

_____. **Regulamento interno**, 1983.

_____. **Regulamento interno**, 1993.

_____. Relatório de Gestão, 2004. Disponíveis em Fundação Casa de Rui Barbosa. www.casaruibarbosa.gov.br. Acesso em 03/06/2009

_____. **Relatório de Gestão**, 2005. Disponíveis em Fundação Casa de Rui Barbosa. www.casaruibarbosa.gov.br. Acesso em 03/06/2009

_____. **Relatório de Gestão**, 2007. Disponíveis em Fundação Casa de Rui Barbosa. www.casaruibarbosa.gov.br. Acesso em 03/06/2009

_____. **Relatório de Gestão**, 2008. Disponíveis em Fundação Casa de Rui Barbosa. www.casaruibarbosa.gov.br. Acesso em 03/06/2009

Rio 19 out. 1893. **Coleção de cartas de Antonio de Araújo Ferreira Jacobina**. Rio de Janeiro: Arquivo da Fundação Casa de Rui Barbosa.

Rio 07 nov. 1893. **Coleção de cartas de Antonio de Araújo Ferreira Jacobina.**
Rio de Janeiro: Arquivo da Fundação Casa de Rui Barbosa.

Rio 03 dez. 1893. **Coleção de cartas de Antonio de Araújo Ferreira Jacobina.**
Rio de Janeiro: Arquivo da Fundação Casa de Rui Barbosa.

Rio 08 jan. 1894. **Coleção de cartas de Antonio de Araújo Ferreira Jacobina.**
Rio de Janeiro: Arquivo da Fundação Casa de Rui Barbosa.

Rio 01 ago. 1894..**Coleção de cartas de Antonio de Araújo Ferreira Jacobina.**
Rio de Janeiro: Arquivo da Fundação Casa de Rui Barbosa.

Rio, 14 set. 1894. **Coleção de cartas de Antonio de Araújo Ferreira Jacobina.**
Rio de Janeiro: Arquivo da Fundação Casa de Rui Barbosa.

Rio, 23 set. 1894. **Coleção de cartas de Antonio de Araújo Ferreira Jacobina.**
Rio de Janeiro: Arquivo da Fundação Casa de Rui Barbosa.

Rio 10 out. 1894. **Coleção de cartas de Antonio de Araújo Ferreira Jacobina.**
Rio de Janeiro: Arquivo da Fundação Casa de Rui Barbosa.

Rio 04 nov. 1894. **Coleção de cartas de Antonio de Araújo Ferreira Jacobina.**
Rio de Janeiro: Arquivo da Fundação Casa de Rui Barbosa.

Rio 19 nov. 1894. **Coleção de cartas de Antonio de Araújo Ferreira Jacobina.**
Rio de Janeiro: Arquivo da Fundação Casa de Rui Barbosa.

Rio 16 jan. 1895. **Coleção de cartas de Antonio de Araújo Ferreira Jacobina.**
Rio de Janeiro: Arquivo da Fundação Casa de Rui Barbosa.

Rio 27 jan. 1895. **Coleção de cartas de Antonio de Araújo Ferreira Jacobina.**
Rio de Janeiro: Arquivo da Fundação Casa de Rui Barbosa.

Rio 09 fev. 1895. **Coleção de cartas de Antonio de Araújo Ferreira Jacobina.**
Rio de Janeiro: Arquivo da Fundação Casa de Rui Barbosa.

Rio 27 fev. 1895. **Coleção de cartas de Antonio de Araújo Ferreira Jacobina.**
Rio de Janeiro: Arquivo da Fundação Casa de Rui Barbosa.

Rio 14 mar. 1895..**Coleção de cartas de Antonio de Araújo Ferreira Jacobina.**
Rio de Janeiro: Arquivo da Fundação Casa de Rui Barbosa.

Rio 27 mar. 1895. **Coleção de cartas de Antonio de Araújo Ferreira Jacobina.**
Rio de Janeiro: Arquivo da Fundação Casa de Rui Barbosa.

Planta baixa do 1º pavimento. **Coleção de plantas da Casa da Rua São Clemente, 134** – RJ – datada de 14.12.1967. Escala 1:100 – Engenharia Arquitetura Ind. Com. Ltda. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa.

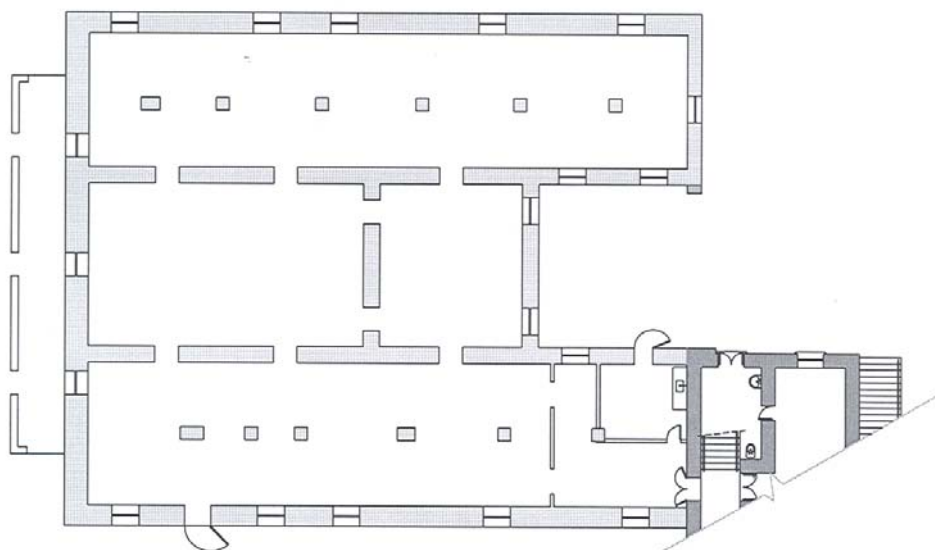
Planta baixa do 2º pavimento. **Coleção de plantas da Casa da Rua São Clemente, 134** – RJ – datada de 14.12.1967. Escala 1:100 – Engenharia Arquitetura Ind. Com. Ltda. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa.

Planta baixa do 3º pavimento. **Coleção de plantas da Casa da Rua São Clemente, 134** – RJ – datada de 14.12.1967. Escala 1:100 – Engenharia Arquitetura Ind. Com. Ltda. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa.

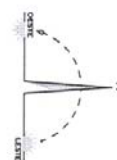
Planta baixa do sub-solo. **Coleção de plantas da Casa da Rua São Clemente, 134** – RJ – datada de 14.12.1967. Escala 1:100 – Engenharia Arquitetura Ind. Com. Ltda. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa.

ANEXOS

- Planta do **Porão elevado**, baseado na Planta Baixo do Sub-Solo, 14.dez.1967. **Fundação Casa de Rui Barbosa. Arquivo.**
- Planta geral da Casa Museu Rui Barbosa da área de visitação, disponível no site da Fundação Casa de Rui Barbosa, para orientar a visita virtual a Casa Museu. Disponível em: **Fundação Casa de Rui Barbosa.** www.casaruibarbosa.gov.br. Acesso em 03/03/2009.
- Folder de visitação do Museu Casa de Rui Barbosa. Rio de Janeiro: FCRB, 2000.



PLANTA PORÃO ELEVADO



Legenda

acesso ao público não permitido

LOCAL

CASA DE RUI BARBOSA

Rua São Clemente, 134, Botafogo, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

IDENTIFICAÇÃO

Baseada na Planta Baixa do 1º Pavimento, 14 dez. 1967. Fundação Casa de Rui Barbosa. Arquivo

ESCALA

1:250

DATA

280709

TÍTULO

PLANTA PORÃO ELEVADO

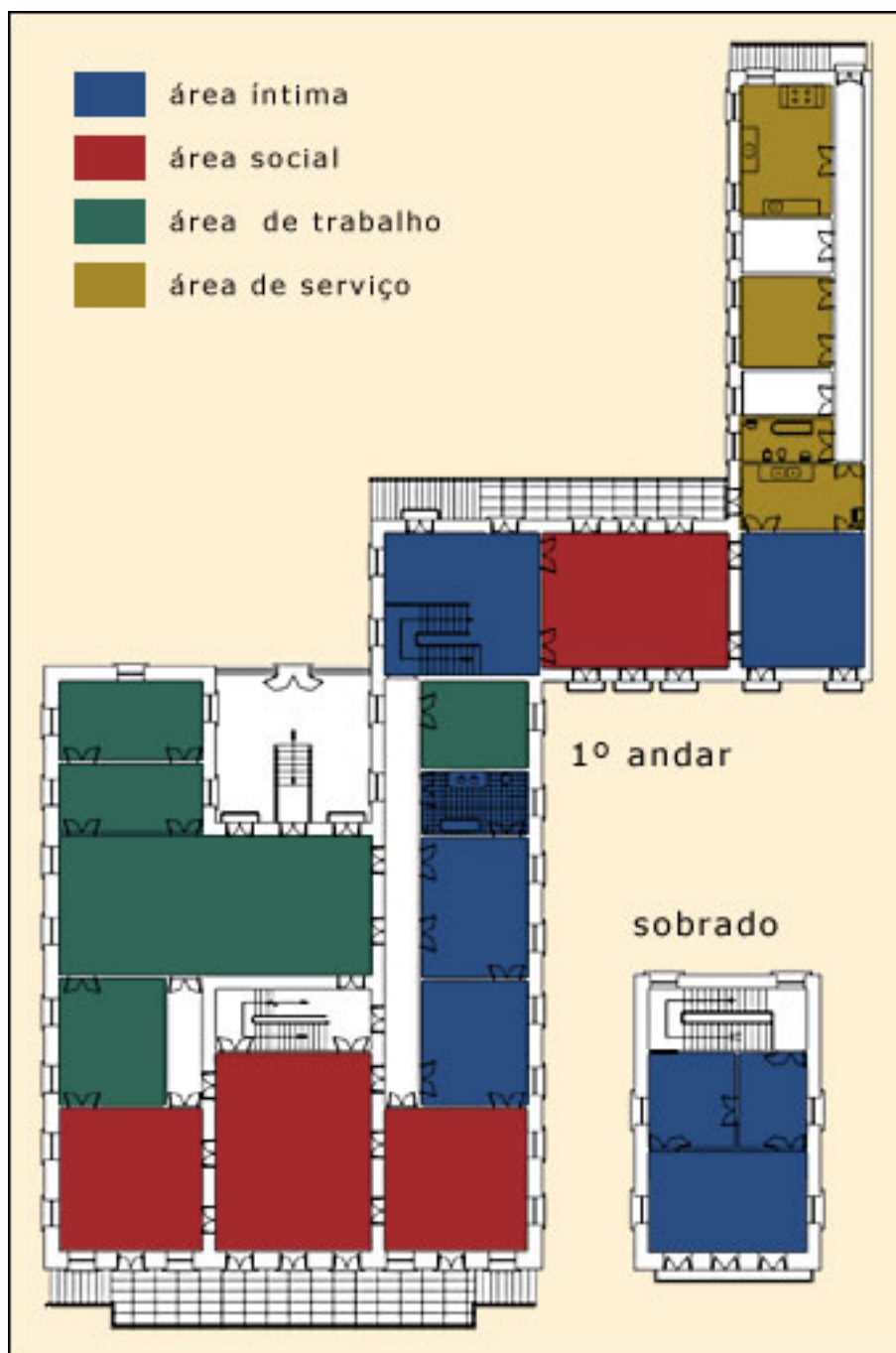
www.casaruibarbosa.gov.br
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
IFCH - H - PPGH - ÁREA PMC

MESTRADO EM HISTÓRIA

LUGAR DE MORADA COMO LUGAR DE MEMÓRIA: a construção de uma casa museu, a Casa de Rui Barbosa - RJ.

ROSAELENA SCARPELINE
RA: 050825

Planta geral da Casa Museu Rui Barbosa da área de visitação, disponível no site da Fundação Casa de Rui Barbosa, para orientar a visita virtual a Casa Museu. 2009.





Casa de Rui Barbosa

Museu

Ministério da Cultura

M e M 220201

Fotografia: Bruno F. Ribeiro, Rui Barbosa Museu e Fundação Rui



Ministério da Cultura
Fundação Casa de Rui Barbosa
Museu Casa de Rui Barbosa

Rua São Clemente, 134 Esplanado
 22260-000 Rio de Janeiro RJ

Tel: (21) 3289-4600 / 3289-4607
 Fax: (21) 3289-4664
museu@cb.gov.br
www.casadeuibarbosa.gov.br

Horário de Funcionamento

Museu

3ª e 4ª feia, das 10 às 17h30

Sábados, domingos e feriados, das 14h às 18h

Toda última terça-feira do mês o museu fica aberto para visitação das 10 às 20h

Jardim

O jardim fica aberto todos os dias das 8 às 18h

Serviços

- estacionamento gratuito
- bilhete
- quiosque multimedial com informações sobre Rui Barbosa e sua época
- treinamento de professores para visita com seus alunos
- atendimento e pesquisadores
- promoção de atividades culturais como cursos, seminários, palestras, exposições temporárias e atividades teatrais dirigidas ao público infanto-juvenil



*"Preservamos, divulgamos, nutrimos estas riquezas culturais. Lutas-
 mos da passado em cada sala, acervo, acervo, a presença de
 um espírito que em nome esforço que dominar a cultura de um
 tempo de um político idealista que serviu como inspiração a sua
 pátria, de um tribuna como nunca se viu."*
 Casa de Rui Barbosa

FCRB
FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA

Casa de Rui Barbosa

Histórico A casa em que nasceu Rui Barbosa nos seus últimos 25 anos de vida faz parte, hoje, como museu, de importante centro cultural, de documentação e de pesquisa: a Fundação Casa de Rui Barbosa.

A casa, construída em 1849 – ano de nascimento de Rui – e concluída em 1855, para o Barão da Laguna, incluí-se entre as remanescentes do Rio modélico, tendo assimilação do cortejo, os elementos de belle époque manifestados na cantaria, na marmoraria, na terracota e na jardinagem. É um belo exemplo de arquitetura urbana do século XIX, cercada de esplêndidos jardins.

Rui Barbosa adquire a casa em 1893 e ocupa-a dois anos depois, ao voltar do exílio na Inglaterra, até a sua morte, em 1922. Adquirida pelo Governo Federal em 1924, foi inaugurada em 1930 como Casa de Rui Barbosa, primeiro Museu Casa no Brasil.

Acervo O acervo que pertenceu a Rui Barbosa compreende, além de sua intensa e preciosa biblioteca com cerca de 37.600 volumes – reunida em seu livro original –, um arquivo documental, até a guarda do Arquivo Histórico da Fundação, peças de mobiliário, objetos decorativos e de uso pessoal e ainda naturezas.



Biblioteca, com elementos para a documentação, até o arquivo pessoal de Rui Barbosa, o Arquivo Histórico da Fundação e o Arquivo do Arquivo Histórico da Fundação.



Detalhe da sala de trabalho de Rui Barbosa.



Sala central, que se abre para o jardim. Ao lado, sala de estar, equipada com uma lareira.



Os ambientes do Museu permanecem basicamente fiéis ao original, com as pinturas, os lustres, tapetes e móveis, oferecendo ao visitante uma visão da residência à época em que era ocupada por seu último proprietário, representante da classe média urbana em formação na sociedade brasileira. A decoração interior revela o ecletismo que dominou as artes no Brasil no final do século XIX e início do XX, como reflexo de uma sociedade em transformação.

Jardim A partir de 1920, o rio de Janeiro, assim como as principais cidades brasileiras da época, recebeu grande impulso no desenvolvimento de jardins particulares. Era um dos meios de afirmação da aristocracia imperial, cujo requinte refletia as influências.

O jardim da Casa de Rui Barbosa, como a maioria dos que datam de meados do século XIX, foi influenciado por forte ecletismo e incorporou diversos elementos estrangeiros.

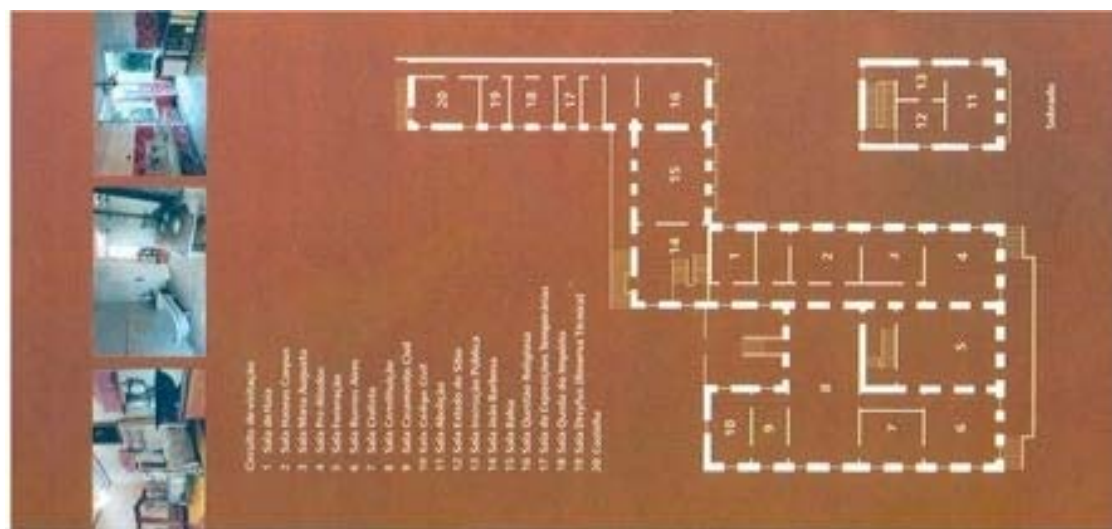
Hoje, o jardim histórico de cerca de 3.000 m², uma das poucas áreas verdes abertas ao público no bairro de Botafogo, representa para as crianças que nele brincam seu primeiro contato com a memória de Rui.



No jardim, entre os caminhos, estão as fontes e o jardim de Rui Barbosa.



O jardim aberto ao público é o jardim de Rui Barbosa.



- Corredor de visitação
1. Sala de estar
 2. Sala de jantar
 3. Sala de jantar
 4. Sala de jantar
 5. Sala de jantar
 6. Sala de jantar
 7. Sala de jantar
 8. Sala de jantar
 9. Sala de jantar
 10. Sala de jantar
 11. Sala de jantar
 12. Sala de jantar
 13. Sala de jantar
 14. Sala de jantar
 15. Sala de jantar
 16. Sala de jantar
 17. Sala de jantar
 18. Sala de jantar
 19. Sala de jantar
 20. Sala de jantar